

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Marta Aparecida de Faria Tanuri Oliveira

A percepção de atitudes em relação ao sotaque de comunidade
caiçara do Litoral Norte de São Paulo

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

São Paulo

2020

Marta Aparecida de Faria Tanuri Oliveira

A percepção de atitudes em relação ao sotaque de comunidade
caiçara do Litoral Norte de São Paulo

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para obtenção
do título de Doutor em Linguística Aplicada e
Estudos da Linguagem sob a orientação da
Profa. Dra. Sandra Madureira.

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES - Código de Financiamento 88887.319925/2019-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 88887.319925/2019-00.

Dedicatória

À minha mãe, Ana Maria de Faria, por toda dedicação que me ofereceu e por me inspirar uma perspectiva sonhadora.

Às minhas filhas lindas, Clarissa Nativa e Cecília Dulce, pela compreensibilidade e apoio durante toda a minha caminhada acadêmica.

Ao meu marido, Admilson Prado de Oliveira, que tanto me apoiou e compartilha esta conquista.

À Elisa Aparecida Santos, minha prima/irmã, que tanto me motivou, me encorajou. Sua história fez a minha trajetória mais feliz. Pessoa que me inspira e me trouxe significado ao valor a minha vida e de minha família.

Agradecimentos

A Deus, por me proporcionar tantas oportunidades de crescimento acadêmico e pessoal e pela vida que me deu.

À Professora Doutora Sandra Madureira, por acreditar no meu potencial e por me despertar para uma nova perspectiva científica, a qual me associei: a sociofonética. Por toda orientação, disposição e incentivo que me foram concedidos.

Aos caiçaras do Litoral Norte de São Paulo pelo empréstimo da voz e pela disponibilidade para contribuir para uma pesquisa sobre sua comunidade.

Em especial, a minha sogra Margarida Prado de Oliveira (caiçara nata), por me aproximar da fala e costumes da comunidade caiçara no meu dia-a-dia.

Às professoras que contribuíram com sugestões para a elaboração deste trabalho durante as bancas de qualificação: Dra. Zuleica Camargo, Dra. Maria Aparecida Caltabiano.

Ao Professor Doutor Mário Augusto Souza Fontes, pelas sugestões a este trabalho e pela valorosa contribuição referente à aplicação do teste estatístico multivariado.

Ao Professor Doutor Mário Madureira Fontes pela construção do *script* para a aplicação do teste de percepção e pela revisão do tutorial para rodagem do *script*.

Aos meus colegas de curso, mestrandos e doutorandos, do LAEL.

Às professoras Mestre Rosa Gonçalves e Mestre Alice Crochiquia pela revisão de texto e das traduções.

A Luiz Felipe Coutinho de Faria, primo querido e de grande projeção acadêmica, pela tarefa de aplicação do teste de percepção a sujeitos do Estado do Rio de Janeiro.

À Professora Mestre Yara Castro pelo apoio nas aplicações do teste de percepção a sujeitos do Estado de São Paulo.

À Professora Doutora Regina Célia Fernandes Cruz pela divulgação do teste de percepção a sujeitos do Estado do Pará.

Ao Prof Doutor Alexsandro Meireles pela divulgação do teste de percepção a sujeitos do Estado do Espírito Santo.

À Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba por todo apoio à pesquisa, principalmente ao professor Pedro Paulo Teixeira Pinto (in memoriam), incentivador e contribuidor da valorização da cultura da comunidade caiçara em Ubatuba.

A Mário Ricardo de Oliveira (Mario Gato) pelas indicações e aproximação aos caiçaras de Ubatuba.

À Maria Lúcia dos Reis, secretária do programa de PEPG em LAEL, por todas as orientações sobre procedimentos e encaminhamentos de processos.

À Fátima de Albuquerque, secretária do Laboratório Integrado de Análise Acústica e Cognição (LIAAC), pelas contribuições prestadas, atenção e apoio.

À Márcia Martins, secretária do CEPRIL, por se mostrar solícita e atenciosa.

À Prefeitura Municipal de Caraguatatuba, por me dispensar das aulas às quartas-feiras para cursar o Doutorado e pelo apoio financeiro de bolsa de estudos durante 36 meses do curso.

“ Senta um cadinho pra mó de abrasá, pédi um café interume i arrepara na tarefa qui nu fim du remate, custemo a chegá, mais qui ficô uma coisa chique que coá. É u palavrório dus nosso tronco, as palavra qui si usava di primêro, i di qui tempo num si usa iscuitá. Num ridicamo na apresentação, i ixpricação tem as guarné. Num picha fora essa chance, i quandu ocê tivé à tôa debarde, bota reparo nessa impreita qui, alá! Num é nenhum cuí. Alá!”

(Texto de contracapa do Livro: O falar
Caiçara- Carlos Rizzo)

RESUMO

As populações que nasceram e vivem em regiões litorâneas, especificamente na região sudeste do litoral do Brasil, são chamadas de caiçaras. Apresentam tipicidade linguística e cultural que se manifesta, entre outros domínios, na fala, na dança, no artesanato, na música e na culinária. Este trabalho tem como objetivo investigar as impressões, causadas pelo falar de sujeitos de comunidade caiçara, em grupos de ouvintes de localidades diversas, por meio da aplicação de um questionário de diferencial semântico, o qual contém descritores referentes a atributos psicológicos, sociais, culturais, físicos e econômicos. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza sociofonética perceptiva que compreende uma tarefa de produção e uma de percepção. O *corpus* da pesquisa compreende gravações de fala semi-espontânea de sujeitos da comunidade caiçara. Os sujeitos da tarefa de produção da fala são 11 homens e 11 mulheres entre 41 e 91 anos, moradores do Litoral Norte do Estado de São Paulo. Os sujeitos da tarefa de percepção, referidos como juízes, são 90 adultos de ambos os sexos, oriundos dos estados de São Paulo (Litoral Norte e capital) e do Rio de Janeiro. Foi realizado um perfil sociolinguístico dos sujeitos da tarefa de produção. Para a aplicação, aos juízes, da tarefa de percepção, que compreendia o questionário de diferencial semântico, foi utilizado um *script* e como método estatístico de investigação foi utilizada a análise multidimensional. A partir dos resultados obtidos na análise de 1980 respostas ao questionário de diferencial semântico aplicado, identificamos atitudes em relação à variedade de fala de comunidade caiçara do Litoral Norte de São Paulo. A fala da comunidade caiçara foi considerada pouco agradável pelos juízes de todas as localidades consideradas e não causou nenhuma estranheza ou incompreensão. Portanto, a fala caiçara foi julgada como pouco agradável, muito compreensível e muito comum. Os resultados da aplicação do teste de análise multidimensional, consideradas as variáveis significativas e com porcentagem de correlação acima de 80%, evidenciaram que os falantes caiçaras foram julgados, a partir da percepção de sua fala, como pessoas que exercem trabalhos manuais, apresentam situação financeira baixa, são mal sucedidos, ingênuos, simplórios e humildes.

Palavras-chave: Sociofonética, Variação linguística, Sotaque, Percepção de fala, Caiçaras do Litoral Norte de São Paulo.

ABSTRACT

Populations born and living in coastal regions, specifically in the southeastern coast of Brazil, are called *caiçaras*. They present linguistic and cultural typicality that manifests itself, among other domains, in speech, dance, handicraft, music and cooking. This paper aims to investigate the impressions of a group of listeners, the research judges, based on the characteristics of the *caiçara* speech accent by means of the application of a semantic differential questionnaire, which contains descriptors referring to psychological, social and cultural physical and economic attributes. It is, therefore, a sociophonetic perceptive study that comprises a production task and a perception task. The research corpus is composed of semi-spontaneous speech recordings of subjects from the *caiçara* community. The subjects of the speech production task are 11 men and 11 women between 41 and 91 years old, residents of the North Coast of São Paulo State. The subjects of the perception task, referred to as judges, are 90 adults of both sexes, originary from the states of São Paulo (North Coast and capital) and Rio de Janeiro. A sociolinguistic profile of the subjects of the production task was performed. For the application to the judges of the perception task, which comprised the semantic differential questionnaire, a script was used and as a statistical method of investigation the multidimensional analysis was applied. From the results obtained from the analysis of 1980 responses to the semantic differential questionnaire applied, we have identified attitudes towards the speech variety of the *caiçara* community of the North Coast of São Paulo. The speech of the *caiçara* community was considered unpleasant by the judges of all places and caused no strangeness or misunderstanding. Therefore, the *caiçara* speech was judged as unpleasant, very understandable and very common. The results of the application of the multidimensional analysis test, considering the significant variables with a correlation percentage above 80%, showed that the *caiçaras* speakers were judged based on the perception of their speech, as people who perform manual work, have a bad financial situation, are unsuccessful, naive, simple and humble.

Keywords: Sociophonetics, Linguistic Variation, Accent, Speech Perception, *Caiçaras* from the North Coast of São Paulo.

Lista de Figuras

Figura 1: Litoral Norte de SP	26
Figura 2: esquema de localização da Fazenda dos Ingleses, s/d	40
Figura 3: Ancoradouro da Fazenda dos Ingleses no curso do Rio Juqueriquerê, s/d	40
Figura 4: Terminal Portuário de São Sebastião, s/d.....	41
Figura 5: Represa de Santa Branca, estrada para Caraguatatuba, 1960.....	43
Figura 6: Construção da SP-99 (ca.1933).....	43
Figura 7: Construção da SP-99 (ca.1970).....	44
Figura 8: Condomínio Costa Verde, Tabatinga, s/d.	46
Figura 9: Turistas em Ubatuba, s/d.....	47
Figura 10: Fluxo de turistas nas descida da Rodovia Tamoios, s/d.	48
Figura 11: Pescador caiçara da praia da Tabatinga, Caraguatatuba, pintando sua canoa de voga	53
Figura 12: Margem do braço do rio Tabatinga, Caraguatatuba. Antes da intervenção. Intervenção na margem feita pelo condomínio. Intervenção pelo caiçara, após denúncia.....	58
Figura 13: Construção tradicional caiçara, s/d.....	64
Figura 14: Casa de pau-a-pique e sapê, s/d.....	64
Figura 15: Segmentação de amostra de fala caiçara	103
Figura 16: Pesquisadora é recebida pela Fundart.....	106
Figura 17: Percurso de barco à praia do Bonete	107
Figura 18: Percurso pela trilha à praia do Bonete.....	107
Figura 19: Campo para inserir juiz.....	109
Figura 20: Formulário para preenchimento do perfil sociolinguístico do ouvinte	110
Figura 21: Primeiro campo do questionário de diferencial semântico para registro de avaliação perceptiva do descritor	110
Figura 22: Último campo de resposta do teste de percepção.....	111
Figura 23: Avaliação do par de descritores "desagradável/agradável"- Estado do Rio de Janeiro	114
Figura 24: Avaliação do par de descritores "confuso/compreensível" - Estado do Rio de Janeiro	114

Figura 25: Avaliação do par de descritores "incomum/comum" - Estado do Rio de Janeiro	115
Figura 26: Avaliação do par de descritores "arrogante/humilde"- Estado do Rio de Janeiro	116
Figura 27: Avaliação do par de descritores "aborrecido/divertido" - Estado do Rio de Janeiro.....	117
Figura 28: Avaliação do par de descritores "rude/gentil" - Estado do Rio de Janeiro	118
Figura 29: Avaliação do par de descritores "ingênuo/esperto" - Estado do Rio de Janeiro	119
Figura 30: Avaliação do par de descritores "simplório/sofisticado"- Estado do Rio de Janeiro.....	120
Figura 31: Avaliação do par de descritores "malsucedido/bem-sucedido" - Estado do Rio de Janeiro	121
Figura 32: Avaliação do par de descritores "preguiçoso/trabalhador"- Estado do Rio de Janeiro	122
Figura 33: Avaliação do par de descritores "jovem/idoso"- Estado do Rio de Janeiro	123
Figura 34: Avaliação do par de descritores "fraco/forte" - Estado do Rio de Janeiro	124
Figura 35: Avaliação do par de descritores "baixo/alto" - Estado do Rio de Janeiro	125
Figura 36: Avaliação do par de descritores "magro/gordo" - Estado do Rio de Janeiro	126
Figura 37: Avaliação da escolaridade - Estado do Rio de Janeiro	127
Figura 38: Avaliação da situação financeira- Estado do Rio de Janeiro	128
Figura 39: Avaliação do tipo de trabalho - Estado do Rio de Janeiro	129
Figura 40: Avaliação da região do falante - Estado do Rio de Janeiro.....	129
Figura 41: Avaliação da nacionalidade- Estado do Rio de Janeiro	130
Figura 42: Avaliação do par de descritores "desagradável/agradável- Estado de São Paulo (capital)	131
Figura 43: Avaliação do par de descritores "confuso/compreensível"- Estado de São Paulo (capital)	132
Figura 44: Avaliação do par de descritores "incomum/comum"- Estado de São	

Paulo (capital).....	132
Figura 45: Avaliação do par de descritores "arrogante/humilde"- Estado de São Paulo (capital).....	133
Figura 46: Avaliação do par de descritores "aborrecido/divertido"- Estado de São Paulo (capital)	134
Figura 47: Avaliação do par de descritores 'rude/gentil"- Estado de São Paulo (capital).....	135
Figura 48: Avaliação do par de descritores "ingênuo/esperto"- Estado de São Paulo (capital).....	136
Figura 49: Avaliação do par de descritores "simplório/sofisticado"- Estado de São Paulo (capital)	137
Figura 50: Avaliação do par de descritores "malsucedido/bem-sucedido"- Estado de São Paulo (capital)	138
Figura 51: Avaliação do par de descritores "preguiçoso/trabalhador"- Estado de São Paulo (capital)	139
Figura 52: Avaliação do par de descritores "jovem/idoso"- Estado de São Paulo (capital).....	140
Figura 53: Avaliação do par de descritores "fraco/forte"- Estado de São Paulo (capital).....	141
Figura 54: Avaliação do par de descritores"baixo/alto"- Estado de São Paulo (capital).....	142
Figura 55: Avaliação do par de descritores"magro/gordo"- Estado de São Paulo (capital).....	143
Figura 56: Avaliação da escolaridade- Estado de São Paulo (capital)	144
Figura 57: Avaliação da situação financeira- Estado de São Paulo (capital)...	145
Figura 58: Avaliação do tipo de trabalho- Estado de São Paulo (capital)	146
Figura 59: Avaliação da região do falante- Estado de São Paulo (capital).....	146
Figura 60: Avaliação da nacionalidade- Estado de São Paulo (capital)	147
Figura 61: Avaliação do par de descritores "desagradável/agradável"- Estado de São Paulo (litoral norte).....	148
Figura 62: Avaliação do par de descritores "confuso/compreensível"- Estado de São Paulo (litoral norte).....	149
Figura 63: Avaliação do par de descritores"incomum/comum"- Estado de São Paulo (litoral norte)	149

Figura 64: Avaliação do par de descritores "arrogante/humilde"- Estado de São Paulo (litoral norte)	150
Figura 65: Avaliação do par de descritores "aborrecido/divertido"- Estado de São Paulo (litoral norte).....	151
Figura 66: Avaliação do par de descritores "rude/gentil"- Estado de São Paulo (litoral norte)	152
Figura 67: Avaliação do par de descritores "ingênuo/esperto"- Estado de São Paulo (litoral norte)	153
Figura 68: Avaliação do par de descritores "simplório/sofisticado"- Estado de São Paulo (litoral norte).....	154
Figura 69: Avaliação do par de descritores "malsucedido/bem-sucedido"- Estado de São Paulo (litoral norte).....	155
Figura 70: Avaliação do par de descritores "preguiçoso/trabalhador"- Estado de São Paulo (litoral norte).....	156
Figura 71: Avaliação do par de descritores "jovem/idoso"- Estado de São Paulo (litoral norte)	157
Figura 72: Avaliação do par de descritores "fraco/forte"- Estado de São Paulo (litoral norte).....	158
Figura 73: Avaliação do par de descritores "baixo/alto"- Estado de São Paulo (litoral norte)	159
Figura 74: Avaliação do par de descritores "magro/gordo"- Estado de São Paulo (litoral norte)	160
Figura 75: Avaliação da escolaridade- Estado de São Paulo (litoral norte).....	161
Figura 76: Avaliação da situação financeira- Estado de São Paulo (litoral norte)	162
Figura 77: Avaliação do tipo de trabalho- Estado de São Paulo (litoral norte)	163
Figura 78: Avaliação da região do falante- Estado de São Paulo (litoral norte)	163
Figura 79: Avaliação da nacionalidade- Estado de São Paulo (litoral norte)...	164
Figura 80: Grupos de variáveis e dimensões onde se projetam.....	168
Figura 81: Distribuição dos grupos de variáveis no espaço vetorial	169
Figura 82: Projeção das variáveis de cada grupo	173
Figura 83: Comparação entre localidades da característica pouco agradável	177
Figura 84: Comparação das características gerais psicológicas	178

Figura 85: Características sociais gerais avaliadas	180
Figura 86: Características físicas gerais avaliadas	182
Figura 87: Características culturais gerais avaliadas	183
Figura 88: Comparação de localidades: avaliação da região do falante	184
Figura 89: Avaliação total do caiçara do litoral norte de São Paulo	186

Lista de tabelas

Tabela 1: Aumento populacional do Litoral Norte de São Paulo	45
Tabela 2: Datas e Leis de criação das Estâncias no Estado de SP.	55
Tabela 3: Valores de Lg referentes a cada grupo de variáveis estudadas	169
Tabela 4: Valores de RV referentes a cada grupo de variáveis estudadas	170
Tabela 5: Valores médios correspondentes aos valores atribuídos a cada descriptor pelos juízes do teste de percepção	171
Tabela 6: Valores referentes às contribuições de cada grupo de variáveis estudadas.....	173
Tabela 7: Variáveis com significância: Dimensão 1	174
Tabela 8: Variáveis com significância: Dimensão 2.....	174

Lista de Quadros

Quadro 1: Total de domicílios segundo tipo de ocupação 2010.....	56
Quadro 2: Amostras de falas e perfis dos falantes do Litoral Norte do Estado de São Paulo.....	99
Quadro 3: Formulário de perfil sociolinguístico dos juízes da tarefa de percepção	101
Quadro 4: Características de fala	104
Quadro 5: Características psicológicas	104
Quadro 6: Características físicas.....	104
Quadro 7: Características sociais.....	105
Quadro 8: Características culturais.....	105
Quadro 9: Comparação de respostas entre localidades de aplicação do teste de percepção	164
Quadro 10: Siglas e descritores concernentes aos grupos de variáveis.....	166

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
2	CAPÍTULO- HISTÓRIA TERRITORIAL DO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO	26
2.1	PAISAGEM VISTA EM SUA ESPACIALIDADE	26
2.2	A PRESENÇA SAMBAQUIEIRA NO LITORAL DE SÃO PAULO E A CHEGADA DE GRUPOS CERAMISTAS.....	29
2.3	OS CONFLITOS ENTRE INDÍGENAS E EUROPEUS NA FAIXA LITORÂNEA	31
2.4	ROTAS DE DESENVOLVIMENTO	34
2.5	CRONOLOGIAS DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO ..	35
2.6	MODIFICAÇÕES NA PAISAGEM TERRITORIAL E NA PAISAGEM HUMANA	39
2.7	O TURISMO NO LITORAL NORTE	47
2.8	O CAIÇARA DO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO	49
3	A ABORDAGEM SOCIOFONÉTICA DA FALA CAIÇARA.....	65
3.1	A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	65
3.2	A VARIAÇÃO DA FALA E O ENFOQUE SOCIOLINGUÍSTICO	67
3.3	A SOCIOFONÉTICA E A IMPORTÂNCIA DA FONÉTICA ACÚSTICA E PERCEPTIVA	74
3.4	TRABALHOS EM SOCIOFONÉTICA ACÚSTICA E PERCEPTIVA.....	85
4	METODOLOGIA	98
4.1	CORPUS.....	98
4.2	SUJEITOS DA PESQUISA	98
4.2.1	<i>Sujeitos da tarefa de produção</i>	<i>99</i>
4.2.1.1	<i>Perfis dos sujeitos da tarefa de produção.....</i>	<i>99</i>
4.2.1.2	<i>Sujeitos da tarefa de percepção</i>	<i>100</i>
4.3	FORMULÁRIOS DOS PERFIS SOCIOLINGUÍSTICOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	100
4.3.1	<i>Formulário de perfil sociolinguístico dos sujeitos da tarefa de produção .</i>	<i>100</i>
4.3.2	<i>Formulário de perfil sociolinguístico dos sujeitos da tarefa de percepção (juízes).....</i>	<i>101</i>
4.4	PROCEDIMENTOS DE GRAVAÇÃO E SEGMENTAÇÃO.....	101
4.4.1	<i>Procedimentos de gravação</i>	<i>102</i>
4.4.2	<i>Procedimentos de segmentação</i>	<i>102</i>
4.5	QUESTIONÁRIO DE DIFERENCIAL SEMÂNTICO	103
4.5.1	<i>Questionário de diferencial semântico</i>	<i>104</i>
4.6	PARCERIA COM A FUNDAÇÃO DE ARTE E CULTURA DE UBATUBA (FUNDART) E COLABORADORES	105
4.7	PESQUISA DE CAMPO E GRAVAÇÕES	106
4.7.1	<i>Visita à Praia Grande do Bonete- Ubatuba.....</i>	<i>106</i>
4.7.2	<i>Visita à Praia da Barra Seca (Colaborador: Mário Gato) - Ubatuba.....</i>	<i>107</i>
4.7.3	<i>Gravações no bairro Sertão da Quina- Ubatuba.....</i>	<i>108</i>
4.7.4	<i>Gravações centro da cidade de Ubatuba.....</i>	<i>108</i>
4.8	APLICAÇÃO DO TESTE DE PERCEPÇÃO	109
4.8.1	<i>Construção do script.....</i>	<i>109</i>
4.8.2	<i>Construção do tutorial para aplicação do teste com o script.....</i>	<i>111</i>
4.9	APLICAÇÃO DO TESTE DE PERCEPÇÃO AOS JUÍZES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.	

4.10	APLICAÇÃO DO TESTE DE PERCEPÇÃO AOS JUÍZES DO LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO (CAPITAL)	112
4.11	APLICAÇÃO DO TESTE DE PERCEPÇÃO AOS JUÍZES DO ESTADO DE SÃO PAULO (LITORAL)	112
4.12	COMITÊ DE ÉTICA	112
5	RESULTADOS	113
5.1	RESPOSTAS AO TESTE DE PERCEPÇÃO PELOS JUÍZES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	113
5.2	RESPOSTAS AO TESTE DE PERCEPÇÃO PELOS JUÍZES DO ESTADO DE SÃO PAULO (CAPITAL)	130
5.3	RESPOSTAS AO TESTE DE PERCEPÇÃO PELOS JUÍZES DO ESTADO DE SÃO PAULO (LITORAL).....	147
5.4	COMPARAÇÕES ENTRE OS RESULTADOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (CAPITAL E LITORAL) E OS RESULTADOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.....	164
5.5	RESULTADOS OBTIDOS PELA APLICAÇÃO DO TESTE ESTATÍSTICO MULTIVARIADO.....	166
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187
8	APÊNDICE.....	195
8.1	QUESTIONÁRIO DE DIFERENCIAL SEMÂNTICO	195
8.2	FORMULÁRIO DO PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DO FALANTE.....	197
8.3	TUTORIAL DESENVOLVIDO PARA APLICAÇÃO DO SCRIPT	197
ANEXOS		203
9.1	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	203
9.2	PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA- PUC/SP	203

1 INTRODUÇÃO

As populações que nasceram e vivem em regiões litorâneas são chamadas de caiçaras. São comunidades que vivem ao longo do litoral dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. Antônio Carlos Diegues, fundador do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras da Universidade Estadual de São Paulo (Nupaub/USP) apresenta a seguinte caracterização dessas comunidades:

“Os caiçaras são uma mistura de povos indígenas já extintos, europeus de diversos países e negros, principalmente quilombolas que após processos de ocupação do interior devido aos diversos ciclos econômicos do Brasil colonial, ficaram relativamente isolados nessa estreita faixa de terra entre o mar e a serra, que se estende do sul do Paraná até o centro do Rio de Janeiro”. (DIEGUES, 2017, n.p.)

As populações caiçaras têm muitas características culturais singulares, em suas manifestações relacionadas, entre outros, ao artesanato, à dança, à música, à culinária, manifestações essas que se refletem no emprego do vocabulário e na maneira de falar. Do ponto de vista linguístico, uma maneira particular constitui um sotaque. Portanto, todas as pessoas falam com sotaque.

A cultura característica das comunidades caiçaras da Região do Litoral Norte do Estado de São Paulo está desaparecendo, e com ela as características de fala das comunidades. Tal constatação tem levado as entidades sociais e as prefeituras das cidades locais a investir em projetos que promovam o resgate da cultura local, englobando música, artesanato, artes plásticas, culinária, história, etc. Apesar de toda a riqueza, a cultura caiçara está seriamente ameaçada em ter o mesmo fim das tribos indígenas que habitavam o litoral brasileiro.

Na década de 1970, o Governo estadual investiu na melhoria das estradas, propiciando à cidade de Ubatuba ligação mais rápida com o Vale do Paraíba e a baixada santista. Desse modo, a região passou a receber moradores de outras regiões e a interação com outras culturas se intensificou.

Segundo Mesquita (2008) antes da abertura da BR-101, rodovia translitorânea que liga o extremo norte ao extremo sul do país e passa pela cidade de Ubatuba, a comunidade caiçara tinha a cultura baseada em crenças religiosas, respeito à natureza e ao próximo e a solidariedade. Em relação aos costumes da comunidade

caiçara, nas palavras de Mesquita (op. cit), temos:

Esses costumes eram expressos por meio da linguagem, da música, das rezas e também pelo artesanato voltado para a pesca, pela preparação da farinha de mandioca e pela confecção de alguns utensílios domésticos. Seus costumes eram transmitidos oralmente, de pai para filhos, e a narração era muito rica. Com o crescimento e com a especulação imobiliária local, a cidade que antes era uma vila de pescadores tornou-se uma estância turística. (MESQUITA, 2008, p. 25).

Em 1988, houve uma fase de transformações regionais e sociais, quando a cidade passou a ser uma atração turística, a especulação imobiliária cresceu e a população aumentou. A especulação imobiliária, o turismo de massa de alto impacto social e ambiental, as restrições ambientais para os nativos praticarem a pesca e o artesanato se tornaram grandes problemas. Em entrevista à revista eletrônica de jornalismo Científico “Com Ciência”, Júlio César Mendes, folclorista e militante caiçara, diz “A realização da estrada trouxe progressos. Antes levávamos horas para chegar até a cidade. Porém nos trouxe uma série de problemas”.

Alguns pesquisadores também vêm tendo a preocupação com esse silenciamento cultural que a região vem sofrendo como aponta Mesquita (2008) sobre as comunidades da cidade de Ubatuba com base na análise de textos de alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Esse silenciamento cultural também é referido por Tanuri (2014), ao retratar as características do discurso produzido pela comunidade caiçara.

O falar caiçara é, muitas vezes estigmatizado, por ser uma linguagem oral que nem sempre se apresenta em consonância com a norma que se aprende na escola. O falante caiçara é visto como quem não sabe usar os recursos linguísticos da norma padrão, a de maior prestígio (Tanuri, 2014).

Diante do silenciamento cultural e do apagamento do sotaque caiçara a motivação desta pesquisa se deve ao interesse em investigar como é percebido o sotaque de uma comunidade caiçara por juízes dos estados de São Paulo (Litoral Norte e capital) e do Rio de Janeiro e promover o conhecimento sobre o falar dessa comunidade, enfocando-o não na perspectiva de desvio da norma padrão, mas como uma forma de falar, rica em estratégias comunicativas, as quais constroem efeitos de sentido adequados à situação de comunicação que envolve o dia a dia dos falantes.

Meu interesse se dá também pelo fato de ser moradora e natural do litoral norte

do Estado de São Paulo, cidade de Ubatuba. Acompanho, no meu dia-a-dia, os efeitos desse silenciamento cultural na vida dos caiçaras. Assim como o lado pessoal me sensibilizou, trilhei minha trajetória científica em estudos de natureza sociofonética.

Em minha dissertação de mestrado (Tanuri, 2014), analisei sob o olhar da análise do discurso, uma entrevista dada por uma caiçara da cidade de Ubatuba, na qual foram observadas e discutidas denúncias de apagamento cultural.

Duas questões de pesquisa norteiam este projeto: Como o falar caiçara influencia as atribuições de características sociais, psicológicas, físicas, culturais e econômicas por ouvintes de diferentes localidades? Há divergência em termos de reação à escuta da fala caiçara entre comunidades de falantes de localidades diversas?

Como hipótese de pesquisa, considero que a avaliação de moradores do Litoral Norte de São Paulo será mais positiva do que a de falantes de outras localidades. Mesmo que as comunidades da região do litoral norte de São Paulo venham sofrendo um apagamento do modo de falar caiçara e de suas características culturais, essas comunidades buscam sempre renovar suas manifestações artísticas e de identidade, demonstrando orgulho por suas raízes sociais e culturais. Quanto aos falantes de outras localidades acredito que a fala caiçara causará estranheza e pouca normalidade, devido às características prosódicas que a fala apresenta.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as impressões causadas pelo falar caiçara em ouvintes de dois estados do Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro, a partir da aplicação de um questionário de diferencial semântico que contém descritores sobre atributos psicológicos, sociais, econômicos, físicos, culturais e econômicos.

No capítulo 1, intitulado “História territorial do Litoral Norte de São Paulo”, são apresentadas questões históricas e as condições atuais dos municípios influenciadas pelas mudanças econômicas da região, do turismo, da exploração imobiliária e do distanciamento do jovem caiçara da cultura tradicional.

A fundamentação teórica desta tese, desenvolvida no capítulo 2, tem como eixo de estudo a sociofonética, abrangendo 4 seções sobre os seguintes tópicos: variação linguística, variação sociolinguística, fonética acústica e perceptiva e, por fim, resenhas de trabalhos em sociofonética acústica e perceptiva.

Na seção 2.1, intitulada “A variação da fala e o enfoque sociolinguístico”, são abordados aspectos de diversificação dos sistemas de uma língua em relação à

variação/mudança. Esse tópico relaciona a flexibilidade da língua a fatores como ambiente geográfico, classe social, sexo, idade e também a questões de estilo que envolvem o falante.

Na seção 2.2, intitulada “A variação da fala e o enfoque sociolinguístico”, são abordados os padrões de comportamento linguístico observados dentro de uma comunidade de fala, tendo como objeto de estudo a variação e a importância social da linguagem e dos grupos socioculturais e suas comunidades.

Na seção 2.3, intitulada “A sociofonética e a importância da fonética acústica e perceptiva”, são abordados aspectos sobre a análise acústica e perceptiva dos sons.

Na seção 2.4, intitulada “Trabalhos em sociofonética acústica e perceptiva”, são resenhados artigos de natureza sociofonética para introduzir o leitor à literatura sociofonética utilizada como fundamentação para esta tese e, também, para possibilitar a reflexão do pesquisador sobre a temática concernida e subsidiar sua análise.

No capítulo 3, são abordados aspectos relacionados aos métodos e materiais de análise. Esses aspectos incluem a escolha do *corpus*, os sujeitos, os procedimentos de gravação e de segmentação, os procedimentos de construção de formulário de perfil sociolinguístico dos sujeitos da tarefa de produção (os caixas) e da tarefa de percepção (os juizes), os procedimentos de construção do teste de diferencial semântico, a aplicação do teste de percepção, o *script* de aplicação do teste de percepção, a construção do tutorial do *script* e a exposição dos dados referentes à aprovação do Comitê de Ética da PUC-SP.

No capítulo 4, intitulado “Análises e interpretações de dados”, são discutidos os resultados do teste de percepção aplicados no Litoral Norte de São Paulo, na capital do Estado de São Paulo e no Estado do Rio de Janeiro. Os resultados da avaliação dos descritores do teste de percepção são comparados por meio de gráficos e percentuais e interpretados.

No capítulo 5, intitulado “Considerações finais”, são retomadas as questões de pesquisa e a hipótese desta tese, e considerados os julgamentos dos juizes do teste de percepção a partir da avaliação da fala dos sujeitos da tarefa de produção: o caixa.

As contribuições desta pesquisa de natureza sociofonética se referem à obtenção de dados sobre as impressões sociais, psicológicas, físicas, econômicas e

culturais a partir da fala do caiçara. Ao eleger a comunidade caiçara, pretendeu-se contribuir para valorizar sua cultura e costumes. Colocando a comunidade caiçara como foco de pesquisa, desdobramentos a favor do respeito às características culturais da comunidade caiçara e da valoração do seu falar são esperados. Cada maneira de falar carrega as características da comunidade de fala e aponta para a efetividade da comunicação entre os membros do grupo social que a utiliza. Todas as formas de falar são de interesse para a análise linguística, a qual não se prende a preconceitos.

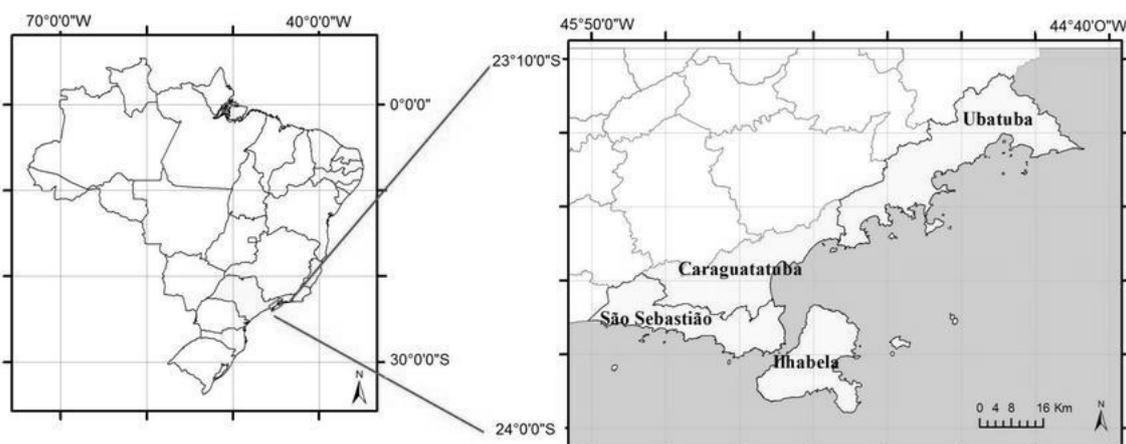
2 CAPÍTULO- História Territorial do Litoral Norte de São Paulo

Neste capítulo são apresentadas as questões históricas que envolvem os municípios do Litoral Norte de São Paulo e que propiciaram uma maneira própria de viver dos habitantes. Além disso, evidenciam-se as condições atuais desses municípios, influenciadas pelas mudanças econômicas da região, do turismo, da exploração imobiliária e do distanciamento do jovem caiçara da cultura tradicional.

2.1 Paisagem vista em sua espacialidade

Os municípios do Litoral Norte de São Paulo pertencentes a este estudo fazem parte da Região Geográfica Intermediária¹ de São José dos Campos e compõem a Região Geográfica Imediata conhecida como Litoral Norte, ilustrada, a seguir, na Figura 1. Este amplo território é dividido administrativamente entre quatro municípios (mapa 01): Caraguatatuba (485,377 km²); Ilhabela (347,537 km²), São Sebastião (400,387 km²) e Ubatuba (710,783 km²), apresentando uma população estimada pelo IBGE (2018) de 331.301 habitantes.

Figura 1: Litoral Norte de SP



Fonte: ARRUDA, GARCIA, DEL LAMA, 2017.

A paisagem física que hoje conhecemos apresenta grande diversidade decorrente de interações ao longo do tempo entre processos geomorfológicos,

¹ Em 2017, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE criou uma nova divisão regional do país levando em consideração vínculos, classificação hierárquica e articulação entre os municípios.

climáticos, biológicos, oceanográficos e antrópicos, tanto na faixa marítima quanto na faixa terrestre, ambas consideradas patrimônio nacional pela constituição de 1988².

No litoral norte do Estado de São Paulo, as praias possuem beleza incomparável, apresentando grande diversidade de paisagens. Atualmente, praias de maior dificuldade de acesso são mais preservadas e vazias, com águas calmas e transparentes em tons azuis esverdeados, repletas de piscinas naturais, conservando areias brancas. Outras são praias de tombo, com ondas fortes. As enseadas e estreitas praias sobressaem-se das bases da crista da Serra do Mar e são entrecortadas por rios de corredeiras. O sopé da Serra, na linha costeira, caracteriza-se por um campo cultivável formado por aluviões terrestres alojados nas reentrâncias de baías e sacos (França, 1951). Integrando serra e mar com patrimônios históricos e ambientais únicos, ilhas, escarpas formando a linha de costa que, atingida pela Serra do Mar em toda sua extensão numa sucessão de pequenas enseadas e planícies costeiras, apresenta a planície litorânea uma paisagem recoberta por estruturas vegetais que compõem a complexa especificidade climático-vegetativa da região:

... as escarpas obstruem a passagem das massas de ar oceânicas que ao se resfriarem têm sua umidade condensada e precipitada na forma de nevoeiro ou de chuva, proporciona à floresta a umidade necessária para sua manutenção e equilíbrio. A floresta então desenvolvida é um mosaico de formações vegetais, por isso chamá-la de Matas Atlânticas, fortemente associadas aos fatores climáticos tropicais de elevadas temperaturas e alta precipitação, bem distribuídas ao longo do ano, inexistindo um período seco (MELO, 2012).

As delimitações político-administrativas, planejadas para o exercício da ação política e que propõem um recorte baseado nas sub-bacias hidrográficas, estão sobrepostas aos processos de espacialização ocorridos em períodos pré-coloniais e àqueles ocorridos mais recentemente na história da região. Os processos de espacialização associados à materialidade da paisagem desta faixa do território brasileiro são a base das relações de herança construídas ao longo dos séculos. Segundo Ab'Sáber, existe:

a ideia de que a paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos

² Constituição Federal de 1988: Capítulo VI – Do Meio Ambiente, art. 225, § 4º: “A Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional, e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais”.

fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades (AB'SÁBER, 2003, pág. 09)

Assim, Panizza nos apresenta o conceito de espacialização e de humanização, formulados por Pinchemel (1997), para a análise do território do litoral norte do estado de São Paulo:

A espacialização entendida como a apropriação, pelas sociedades, da superfície terrestre enquanto extensão, cria centros, distâncias, fluxos entre os centros, povoamentos, etc. intrinsecamente ligada a atuação dos homens, sua história e cultura, a humanização, por sua vez, se apropria dos meios naturais e os transforma para assegurar a reprodução da sociedade. (PANIZZA, 2004, pág. 67)

A ocupação do espaço litorâneo em questão remonta há pelo menos sete milênios antes da presença europeia no continente. O ano de 1500 é oficialmente o marco temporal do descobrimento pelos navegadores portugueses, liderados por Pedro Álvares Cabral, do território que hoje nos reúne a todos no país chamado Brasil. Seriam necessários mais 34 anos para que D. João III, rei de Portugal e Algarves, tomasse a iniciativa de efetivar esforços para a colonização³ das terras descobertas. Quatorze capitanias hereditárias foram criadas e, doadas a doze donatários, passaram a ter seus recursos explorados, ficando a ocupação das terras ocorrendo em paralelo à tarefa de proteger e estabelecer o cultivo da cana de açúcar. Das quatorze capitanias, duas prosperaram, Pernambuco e São Vicente. No entanto, o território descoberto era já habitado por povos indígenas, e o litoral norte do estado de São Paulo, segundo as datações mais recentes, desde 8000 anos AP⁴ por povos

³ “Colonização é a relação entre uma sociedade que se expande e os lugares onde ocorre essa expansão. A colonização em si mesma é conquista territorial. Ninguém fala em colonizar seu próprio espaço. Na verdade, a colonização diz respeito a uma adição de território ao seu patrimônio territorial” (MORAES, 2001, pág. 105)

⁴ “A sigla AP (antes do presente) ou BP (*before present*, antes do presente, em inglês) é uma medida de tempo associada a certas datações em campos científicos como a arqueologia e a geologia, a fim de situar um acontecimento do passado. A referida forma de datar foi estabelecida em 1954, quando se escolheu ao acaso o dia 1º de janeiro de 1950 como ponto de partida para essa escala de tempo em que se calcula a idade radiocarbônica. Esse ano foi a referência para estabelecer as curvas de calibração nas datações com radiocarbono. Foi tomado como referência o valor do carbono 14 de várias amostras de ácido oxálico dihidratado de 1950. Esse ano também marcou a publicação das primeiras datas estabelecidas com radiocarbono em dezembro de 1949. O ano de 1950 foi uma escolha recomendável, uma vez que na segunda metade do século XX os testes nucleares causaram desajustes nas curvas de concentração relativa dos isótopos radioativos que havia na atmosfera”. (Fonte: Beta Analytics, s/d).

dos sambaquis (CALIPPO, 2011) e, por volta do ano 1000 dC a região foi invadida por povos tupis provenientes da Amazônia.

2.2 A presença sambaqueira no litoral de São Paulo e a chegada de grupos ceramistas

Os primeiros vestígios da ocupação humana na extensão da costa brasileira são vinculados aos povos sambaqueiros. Sambaqui⁵ é um tipo de sítio arqueológico pré-histórico, cujas datações mais antigas giram em torno de 8000 AP, construído por grupos humanos pré-agrícolas, pescadores caçador-coletores em processo de sedentarização e adensamento demográfico, grupos estes bastante adaptados ao meio ambiente costeiro. O sambaqui era construído com o intuito de marcar a paisagem com monumentos de caráter cerimonial relacionado ao culto de ancestrais e para realização de atividades funerárias de caráter comunal:

Os sambaquis são o resultado de cultos e rituais funerários coletivos realizados recorrentemente por longos períodos, o que reflete grande estabilidade territorial, econômica e cultural, além de uma significativa expansão demográfica com padrões elaborados, e cada vez mais complexos, de organização social e política (FISH et al 200; DEBLASIS e GASPAR 2008, 2009 apud BENDAZZOLI, 2014, pág. 20).

Conhecidos desde o século XVI, os sambaquis foram descritos por toda a costa brasileira. Porém, o litoral norte do Estado de São Paulo era considerado “um vazio sambaqueiro” (BENDAZZOLI, 2014) por conta da baixa densidade de estruturas se comparadas com o litoral sul do estado, o litoral fluminense ou do estado de Santa Catarina. Somente dois sítios haviam sido identificados no município de Ubatuba (Tenório e Mar Virado):

Ambos os sítios foram alvos de escavações sistemáticas e estudos de coleções entre as décadas de 1970 e 1990, sendo considerados “não sambaquis” devido aos seus tamanhos reduzidos, pacotes rasos e pouca quantidade de conchas (BENDAZZOLI, 2014, pág. 21).

Porém, com o prosseguimento das pesquisas, uma nova abordagem foi proposta sobre os sambaquis do litoral norte. Foram evidenciados outros sítios, como o sambaqui Abrigo do Sul (Ilha da Vitória), cujo início da construção é datado em 2380

⁵ Sambaqui é uma palavra originária da mistura dos termos Tupi, *tamba* (conchas) e *ki* (amontoado).

AP, o sítio Jaraguá 1, identificado no Bairro da Enseada (área continental do município de São Sebastião) e o sambaqui Abrigo Furnas, identificado em 2007 em Ilhabela, evidenciando restos humanos esqueléticos que apresentaram datação de 1920 anos AP (BENDAZZOLI et al, 2009):

Os resultados obtidos com as primeiras investigações dos sambaquis de Ilhabela contrariaram a historiografia colonial que apontava que aquele arquipélago não tinha sido habitado por quaisquer populações humanas até a chegada dos primeiros colonizadores, e também a teoria do suposto isolamento proporcionado pela geografia acidentada da região, refletindo grande desconhecimento existente em relação às populações pré-coloniais do litoral norte paulista. (BENDAZZOLI, 2014, pág. 22).

As datações apontam que a presença de povos sambaquis é interrompida mil anos antes da colonização portuguesa. É possível que no contato com povos ceramistas que migraram da Amazônia e Brasil Central em direção ao litoral, houve colapso das sociedades sambaquieiras a partir da transformação do modo de vida dos pescadores e coletores. Dois grupos agricultores ceramistas prevalecem nas escavações arqueológicas para este momento, os tupinambás, de tronco linguístico Tupi e originários da Amazônia, e os Goitacás, falantes das línguas Macro-Jê, originários do Centro Oeste, ambas as sociedades que se estruturavam a partir da guerra, da antropofagia aos de fora e da disputa corporal, hábitos não integrados às sociedades sambaquieiras. Os Goitacás seriam os mais belicosos e ferozes:

Segundo Jean de Léry, estudioso de teologia que veio para o Brasil em 1557, durante o período de instalação da França Antártica: [...] Uetacá, índios tão ferozes que não podem viver em paz com os outros e se acham sempre em guerra aberta não só contra vizinhos, mas, ainda contra todo os estrangeiros (...) Em suma esses diabólicos Uetacá, invencíveis nessa região, comedores de carne humana, como cães e lobos, e donos de uma linguagem que seus vizinhos não entendem, devem ser tidos entre os mais cruéis e terríveis que se encontram em toda a Índia ocidental." (Léry 1980, pág. 80 apud GASPAR et ali, 2007, pág. 171).

Os Tupinambás teriam mantido distância espacial sendo ativos na região desde os lagos fluminenses até ao litoral sul de São Paulo, de 2000 AP até o período de contato com os colonizadores europeus já no século XVI (GASPAR et ali, 2007). Acredita-se que os Goitacás, diante do contato com os sambaquieiros, estreitaram laços de convivência e incorporaram alguns costumes:

a antiguidade dos sambaquis não representou sua legítima inserção na memória local. Embora o desaparecimento do povo sambaquieiro permaneça inexplicado, é evidente que muitos de seus traços culturais foram incorporados pelos indígenas de tradição ceramista e mesmo pelas populações ribeirinhas. Por exemplo, a habilidade na pesca e coleta de moluscos, a intimidade com o ambiente marítimo fluvial, ou mesmo o hábito de usar os concheiros como plataformas de trabalho ou de morada (CALAZANS, 2013, pág. 100).

2.3 Os conflitos entre indígenas e europeus na faixa litorânea

Ao sul do município de São Sebastião, 35 km mar adentro, existe um arquipélago conhecido como Estação Ecológica Tupinambás.

No ano de 1502, no dia de São Sebastião, 20 de janeiro, chega à costa da região hoje conhecida como litoral norte do estado de São Paulo, Américo Vesúcio que, por este motivo, nomeia as terras tupinambás em homenagem ao santo católico. No entanto, somente por volta de 1532 é que a coroa portuguesa vai empreender esforços para ocupar a colônia, pela implantação de um sistema privado de investimentos, as Capitanias Hereditárias, numa “tentativa de passar para particulares o custo da instalação no Brasil, uma instalação que envolvia a aplicação de capitais vultosos” (MORAES, 2011, pág. 108).

De São Vicente, fundada por Martim Afonso de Sousa na atual baixada santista, uma expedição segue rumo ao planalto, que apresentava as condições necessárias para o cultivo da cana-de-açúcar, vencendo a Serra do Mar e, em 1554 é fundada a Vila de São Paulo de Piratininga pelo jesuíta Manoel da Nóbrega. Com a expansão da lavoura nas regiões de Pernambuco e Bahia, a vila paulista ficou relegada à agricultura de subsistência, possível pelo trabalho de indígenas cativos.

A chegada de viajantes europeus a esta região estabelece novos conflitos socioambientais que derivam da perspectiva de exploração dos recursos naturais, do aprisionamento de indígenas para trabalho escravo e da posse do território. A presença francesa significou forte ameaça para a metrópole, até que no ano de 1540 ocorre a consolidação do domínio português. Segundo Moraes:

A colônia é a internalização do agente externo. E a colônia implica a consolidação desse domínio territorial, a apropriação de terras, a submissão das populações defrontadas e também a exploração dos recursos presentes no território colonial. A expressão que sintetiza tudo isso é a noção de conquista, que traz inclusive o traço de violência

comum em todo processo colonial. (MORAES, 2011, pág. 105)

Assim, os conflitos estabelecidos passam a se alicerçar na resistência ao domínio português por parte dos indígenas que aqui viviam. Conhecidos pelos portugueses desde a chegada ao litoral da Bahia em 1500, os indígenas tupiniquins⁶, em São Paulo, viviam entre Bertioga e Cananéia, já aculturados pela catequese exercida pela Companhia de Jesus. Os portugueses se aproveitam da prática cultural do cunhadismo destes indígenas, pela qual um homem, ao se casar com uma mulher de uma determinada tribo, passava a ser membro dessa mesma tribo, quando João Ramalho, pertencente ao governo de Brás Cubas, governador da Capitania de São Vicente, se casa com uma das filhas tupiniquim. Assim, os tupiniquins se aliam aos portugueses contra os tupinambás, que se aliaram aos franceses.

Os franceses, chamados mairés, e os portugueses, pêros, tendo os mesmos propósitos colonizadores, fomentaram inimizades entre as tribos. Assim, iniciou-se uma desenfreada guerra entre elas. Segundo Oliveira (1977), “Aldeias inteiras foram impiedosamente desbaratadas e inúmeros deles [nativos] aprisionados, foram levados para a escravidão em terras vicentinas”.

O padre jesuíta Manoel da Nóbrega voltou a São Vicente para firmar o tratado “Paz de Iperoig” para findar a guerra. O tratado foi firmado em 14 de setembro de 1563, na mesma época em que Padre José de Anchieta escreveu o famoso poema à Virgem na Praia de Iperoig. Segundo José Oscar Beozzo:

O índio também procurou atrair o branco. Se este dá machado e objetos de metal, o índio ofereceu-lhe algo que este não pode encontrar na nova terra com facilidade: a mulher. Gesto desconcertante, que escandalizou o missionário, mas que para o índio significa atrair e incorporar o branco à sua própria tribo. Gesto quase nunca compreendido pelo vencedor... este foi o gesto de amizade, paz e reciprocidade oferecido ao prisioneiro Hans Staden, ao missionário Anchieta e outros. (BEOZZO, 1980, pág. 55 apud Marcílio, 1986, pág.19).

As lutas duraram de 1556 a 1567, e mesmo com o armistício de Iperoig (1563), o conflito apenas se encerrou com a chegada em 1567 de Mem de Sá ao território do Rio de Janeiro, provocando a derrota dos franceses, o desmonte da França Antártica, e dos tamoios, sendo que os indígenas que lutavam por suas terras foram dizimados por uma epidemia, enfraquecendo o grupo.

⁶ Os tupiniquins viviam ao sul do hoje município de São Sebastião, sendo a Serra da Boiçucanga, a 30 km ao sul, o marco divisório com o dos territórios tupinambás, do Norte.

Nesse momento histórico conflituoso, os tupinambás estiveram em desvantagem, pois tinham o propósito de não se afastarem de suas terras.

... um grupo avançava para o sertão, levando Guaianazes para lutar e capturar índios de outras tribos, enquanto outro, manobrando os tupiniquins, fazia o mesmo, voltando-se aqui para o litoral, com uma vantagem: se no sertão era fácil a fuga dos silvícolas à fúria dos seus perseguidores, no litoral isso não acontecia, devido ao apego dos tupinambás aos seus domínios, onde mantinham vida relativamente organizada, da qual firmava o propósito de não se afastarem. (Oliveira, 1977, pág.19).

Os Tupinambás, que por dois milênios permaneceram na região, desapareceram num arco de 60 anos de contato com o europeu:

Com a invasão europeia, os Tupinambás, que buscavam reproduzir a vida social através da guerra e da morte gloriosa em terreiro inimigo, encontraram como alternativa a fuga para o interior, ou a violência e a morte por doenças, fome ou pela guerra do conquistador. Os guerreiros perderam o direito à vingança que possibilitava a reprodução da vida social, e a sociedade, desestruturada, em consequência, entrou em colapso. (GASPAR et al, 2007, pág. 185).

Em 1580 ocorre a unificação das coroas ibéricas e o Brasil é reivindicado pela cora espanhola. O resultado desse processo é a grande expansão territorial brasileira em direção ao norte, e ao sul e ao oeste para a busca de escravos indígenas.

No entanto, o Concílio de Trento (1545 a 1563) conclui que os indígenas do novo mundo eram realmente “gente” e que, possuindo alma, não poderiam ser escravizados. Criam-se, então, duas imagens referentes aos indígenas: a de que eles eram seres pré-pecado, sendo assim denominados “gentios”, levando-os não à escravidão, mas à servidão; outra, aplicada mais a América portuguesa, a de que os indígenas não amigos, os “índios bravos”, poderiam ser escravizados.

O século XVII é caracterizado pelo fracionamento da soberania portuguesa sobre o território brasileiro e a constante luta para a manutenção do domínio da coroa contra holandeses e os Missioneiros da Ordem Jesuíta. Foi um momento de nossa história impactante para as populações autóctones de nosso território:

Foi a primeira vez na história brasileira que se organizaram expedições que não eram de pacificação nem de aldeamento de índio, eram de extermínio, sob a grande alegação de que os índios eram pró-holandeses, e de que os holandeses teriam armado e adestrado certas

tribos indígenas em práticas militares europeias. (MORAES, 2011, pág. 111).

Na região do litoral norte de São Paulo, são construídos fortes, como o do Farol, e engenhos de cana-de-açúcar como o da Fazenda Sant'Ana, o Engenho d'Água em Ilhabela, o Engenho na Ponta das Canas, e o Engenho da Praia de Feiticeira.

Quando, na última década do século XVII, houve a descoberta do ouro no interior do país, ocorre a interiorização da colônia e a mineração vai atuar como uma atividade urbanizadora, criando cidades para o suporte a essa atividade econômica.

2.4 Rotas de desenvolvimento

As populações indígenas são consideradas por Moraes (2000) como uma via central da colonização. É pelos ancestrais caminhos indígenas trilhados como parte da mobilidade espacial daquelas populações que seguiram as rotas de ocupação e exploração empreendidas pelos portugueses, seguindo o percurso do litoral para o interior por meio das bacias de drenagem. .

Assim, as primeiras cidades são criadas ao redor dos portos mais importantes, que são os locais das trocas de mercadorias, criando uma ocupação pontual, revelando a dependência da colônia ao mercado externo (MORAES, 1999, pág. 36):

Segundo Silva (1975, pág. 18), os portos de São Sebastião e Ubatuba foram os que apresentaram, no passado, maior importância para a vida econômica regional. Este autor afirma que tendo o canal de São Sebastião condições naturais favoráveis, situado entre o continente e a ilha de São Sebastião, o porto ali instalado, já no século XVII, apresentava movimento contínuo de embarcações estimulado pela produção local de açúcar e aguardente. (PANIZZA, pág. 74).

Assim, a ligação entre o litoral norte e o planalto paulista será realizada através da apropriação pelos colonizadores dos milenares caminhos indígenas que já cruzavam a região através do vale do Rio Paraíba do Sul que se constitui num corredor natural de ligação entre as cidades do vale e o litoral, vencendo a barreira de relevo acidentado que a Serra do Mar representa:

O Rio Paraíba do sul é um alinhamento fluvial cercado por dois acidentes geográficos expressivos e condicionantes de importantes caminhos utilizados no período pré-colonial e colonial a partir dos

campos de Piratininga: as Serras do Mar e da Mantiqueira. Essa condição fez com que a região, desde o início de sua ocupação, servisse como meio de ligação entre o planalto paulista e o litoral. Cruzando uma zona hostil, montanhosa e escarpada que se estende para o interior (Serra do Mar à Quebra Cangalha e Bocaina), a presença desse vale favoreceu o trânsito pela serra, e por consequência, o deslocamento de pessoas e ideias desde os tempos pré-coloniais (QUEIRÓZ, 1937 apud BENDAZZOLI, 2004, pág. 29).

Pelo Vale do Paraíba partiram incursões para apresamento de indígenas e bandeiras de povoamento. E mais recentemente, “o transito de muares e produtos ao longo da serra estabeleceu nova relação econômica entre o litoral e o interior que também foi determinante na configuração da paisagem regional que hoje se apresenta” (BENDAZZOLI, 2004, pág. 29).

Já no ciclo do ouro, na região foram construídos portos como o de Ubatuba, para ligação com Taubaté seguindo pela trilha que hoje se denomina Rodovia Oswaldo Cruz até a região de Minas Gerais. Nos séculos XVII e XVIII, após um breve período de reanimação dos portos e da vida econômica da região pela descoberta de ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, a abertura de novos caminhos de ligação entre as áreas de mineração e o Rio de Janeiro, fez com que as atividades portuárias de São Sebastião declinassem, assumindo o “litoral norte paulista uma característica mais coadjuvante no quadro brasileiro em geral, tendo alguma importância no escoamento de minerais, atividade que passou a decair quando esse escoamento foi transferido para o Rio de Janeiro” (RIBEIRO, 2013, pág. 83).

2.5 Cronologias dos municípios da região do Litoral Norte de São Paulo

Ao analisarmos a formação dos municípios que hoje compõem o litoral norte do estado de São Paulo, percebemos que cada um deles possui uma história particular, formalizada por eventos de ordem administrativa. Essa história particular é também direcionada por grandes eventos de ordem econômica, baseados em diretrizes desenvolvimentistas como, por exemplo, a construção do Terminal Marítimo Almirante Barroso/TEBAR em 1936, ou a abertura de rodovias ligando a capital ao litoral, e as demandas de urbanização após a catástrofe de 1967.

De toda forma, os pesquisadores que se debruçaram sobre a história da ocupação do litoral de São Paulo encontraram dificuldades de toda ordem, como os

dados se encontrarem em fundos documentais genéricos, como ofícios e correspondências, e até a dispersão das fontes, como afirmava, em 1934, Antonio Paulino de Almeida:

A história das nossas cidades litorâneas constitui um dos mais sérios problemas, para aqueles que se dedicam a semelhantes investigações, no intuito, aliás louvável, de salvar do olvido e das traças, os raros documentos que ainda, por acaso, possam existir em nossos arquivos, referentes ao assunto, e como elementos comprobatórios não só da pujança de tão legendárias vilas, como, também, do importante papel que por elas foi representado na aurora da vida da antiga Capitania de São Paulo. (ALMEIDA, 1934, pág. 35).

O desenvolvimento econômico, o crescimento da produção agrícola, da pesca e da extração, bem como à sua caracterização como núcleo habitacional e político, aproveitando-se da emancipação político-administrativa de Santos, São Sebastião foi elevado à categoria de município com a mesma denominação atual, em 16 de março de 1636, e entre 1610 e 1670 delimitava-se ao sul com a Vila de Bertioiga e ao norte com a Vila de Ubatuba, até o rio Tabatinga, e compreendendo até 1806 a Vila Bela (Ilhabela) e Caraguatatuba até 1857. Por sua vez, Caraguatatuba será criada como distrito de São Sebastião em 1847 e somente elevada a categoria de vila 10 anos mais tarde, em 20 de abril de 1857.

A emancipação de São Sebastião deveu-se também pela ameaça constante da passagem pela região de corsários ingleses, tais como Edward Fenton e Thomas Cavendish, no final do século XVI, e o francês Duguay-Trouin, na primeira década do século XVII. Os navios de corso⁷ eram autorizados pelos governos a pilhar os navios das nações não contempladas pelo Tratado de Tordesilhas praticando, assim, a transferência material de riquezas.

Já o povoado de Ubatuba foi elevado à Vila em 28 de Outubro de 1637, agora se chamando Vila Nova da Exaltação à Santa Cruz do Salvador de Ubatuba, tendo como fundador Jordão Albernaz Homem da Costa, nobre português das Ilhas dos Açores.

Verifica-se que, no litoral norte, o desenvolvimento, entendido como ocupação e exploração econômica dos recursos naturais, foi oscilante durante os séculos XVII,

⁷ Corso, ou corsário é uma palavra provinda do italiano “*corsaro*”, comandante de navio autorizado a atacar outros navios.

XVIII, XIX e início do século XX.

Até então, a ocupação do território foi realizada quando colonizadores foram direcionados para o litoral norte provindos das vilas de Santos e São Vicente, onde a distribuição das terras já estava saturada. Aqui, estes primeiros colonos passaram a se dedicar a agricultura de subsistência e ao comércio, em terras doadas pelo sistema de sesmarias.

Durante os anos da expansão e declínio da cultura canavieira (1780-1850) as duas leis que obrigam a concentração das exportações na vila de Santos, proibindo a livre exportação (1789 e 1803), exercerão forte impacto sobre o desenvolvimento das vilas de São Sebastião e Ubatuba. Somente em 1820, com o crescimento da lavoura do café, o litoral norte perceberá algum crescimento econômico.

Por volta de 1798, São Sebastião possuía já uma representativa população escrava, se comparada com a vila de Ubatuba:

As transformações ocasionadas pelo auge da economia açucareira na Velha São Sebastião resultam cristalinas ao se comparar a situação de 1798 com a de 1778: verificou-se um grande crescimento no número de escravos (o que aconteceu também com as pessoas livres) e na participação dos domicílios escravistas, que chegaria a representar 43,5% dos fogos em 1798. Houve, simultaneamente, um aumento contínuo das médias de cativos, tanto quando se considera todos os fogos quanto ao se olhar apenas para os escravistas, atingindo-se também o pico para a posse mediana na Velha São Sebastião, que chegou a 15 indivíduos; isso tudo converge para caracterizar uma fase de evidente crescimento da riqueza no município meridional. (GÁRCIA FERNÁNDEZ, apud BASSO, pág. 50).

Dois grandes tratados da coroa portuguesa foram importantes durante este período de tempo, após a estagnação da economia litorânea: a Abertura dos Portos às Nações Amigas, decreto promulgado por D. João VI em 28 de janeiro de 1808, e o Tratado de Aliança e Comércio com a coroa inglesa, em 1810.

No momento da abertura dos portos, ocorre uma pressão sobre a madeira nativa da Mata Atlântica no litoral norte para exportação e o incremento em 1816, da caça a baleia para extração de óleo, empregado na construção civil, na manutenção naval e na iluminação pública e privada, que já existia desde 1734.

O desmatamento e as atividades agrícolas em solo da planície da costa em todo litoral norte, incluindo Ilhabela, transformou a paisagem física. França aponta

que:

a utilização dos recursos da terra, à custa da floresta, em três séculos e meio de agricultura itinerante, resultou na devastação de, aproximadamente, 380 quilômetros quadrados, portanto 4,5 vezes a área correspondente à das planícies e 20% de toda a região (FRANÇA, 1951, pág.55).

O plantio do café no litoral norte é registrado a partir de 1798, liderando a produção agrícola na região até 1820 e substituindo totalmente a produção açucareira, passando a ser responsável por 14,3% da produção do café na província paulista no ano de 1836 (BASSO, 2008). Nesse momento, Ubatuba percebe o crescimento no contingente escravo.

Por volta de 1830, os portos de Ubatuba e São Sebastião interligavam o fluxo marítimo, comercializando uma grande variedade de produtos, com os povoados do planalto e do Vale do Paraíba pela utilização de caminhos que eram percorridos por extensas tropas de mulas, chegando a compreender 300 a 500 animais.

Santos exercerá outro grande impacto no desenvolvimento de São Sebastião, e demais municípios, quando, no final do século XIX, com a passagem da cana de açúcar para a cultura cafeeira, a economia local será prejudicada pela abertura do Porto de Santos. Desse momento em diante a pesca artesanal e a agricultura de subsistência, com pequenas roças de mandioca, feijão, milho e banana, características das comunidades caiçaras isoladas, passam a predominar como atividades econômicas. Outro fator impactante para os portos do litoral norte paulista é a abertura de estradas de ferro ligando São Paulo aos portos de Santos e do Rio de Janeiro para o escoamento da produção cafeeira.

Em Ubatuba, em 1858, a fazenda de engenho Caçandoca, dividida em três núcleos, Caçandoca, Saco da Raposa e Saco da Banana, teve papel importante na formação posterior de um núcleo quilombola, formado por descendentes dos filhos do proprietário, José Antunes de Sá, com as mulheres negras que trabalhavam nas terras:

A fazenda desmembrou-se em 1881. Filhos e netos legítimos do proprietário da fazenda herdaram parte das terras, mas nem todos permaneceram nelas. Uma parte dos ex-escravos mudou-se para outras localidades. Outra permaneceu nas terras da Fazenda Caçandoca, na condição de posseiros, com autorização para administrar seu próprio trabalho. Os filhos bastardos e os ex-escravos

deram origem às principais famílias que hoje formam a comunidade da Caçandoca. Na fazenda produziam-se café e aguardente de cana-de-açúcar. Após o desmembramento, o café foi paulatinamente substituído pela banana e a mandioca. Estes itens eram vendidos pelos moradores da Caçandoca até meados da década de 1970. (CURIOSIDADES DE UBATUBA, s/d).

Quando da abertura da rodovia BR 101 a comunidade quilombola da Caçandoca passa a enfrentar sérios conflitos com empresas imobiliárias que adquiriam as terras para a construção de condomínios de luxo “pé na areia”, resultando por consequência a expulsão de parte da comunidade de suas terras. Hoje estão reconhecidas quatro Comunidades Quilombolas em Ubatuba: Quilombo da Caçandoca, Quilombo do Camburi, Quilombo Fazenda Picinguaba e Quilombo Sertão do Itamambuca. Todos importantes núcleos de moradores tradicionais do território.

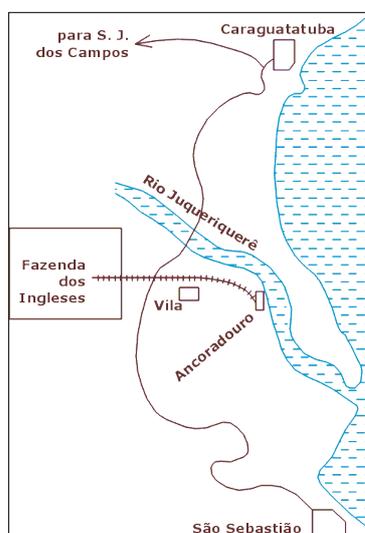
Somente a partir da década de 1930 é que o litoral passará a receber investimentos que implicarão na transformação da paisagem e da paisagem humana local.

2.6 Modificações na paisagem territorial e na paisagem humana

Em 1927 o grupo inglês Lacanshire realiza um representativo investimento comprando terras para a instalação de uma fazenda produtora de cítricos e banana, destinados ao mercado europeu. Durante as décadas seguintes, o trabalho naquela localidade, ilustrada na Figura 2, onde se implantou a Fazenda dos Ingleses constituiu a principal atividade econômica do município, trazendo benefícios como:

O aumento populacional da região e a ativação do comércio local com o pagamento dos salários aos trabalhadores, o que permitiu também a constituição de uma rede prestadora de serviços. Devido à II Guerra Mundial, a fazenda teve de diversificar a produção, utilizando a produção de laranjas para fabricação de um óleo volátil utilizado na indústria bélica, além de produzir novos gêneros de frutas para a venda no mercado interno. (SOUZA, 2010, pág. 39)

Figura 2: esquema de localização da Fazenda dos Ingleses, s/d



Fonte: Arquivo público do município de Caraguatatuba- Arino Sant'ana de Barros.

Na Figura 3, a seguir, o ancoradouro da Fazenda dos Ingleses é retratado.

Figura 3: Ancoradouro da Fazenda dos Ingleses no curso do Rio Juqueriquerê, s/d



Fonte: Arquivo público do município de Caraguatatuba- Arino Sant'ana de Barros.

As décadas de 1930 e 1940 marcam o início da industrialização do país, com intenso processo de "modernização" política e econômica, que vai afetar largamente vários aspectos da vida dos brasileiros. Estas mudanças foram apresentadas à população pelo Governo Vargas como positivas na medida em que a ideia de crescimento estava associada à ideia de desenvolvimento. E é a partir daí que o litoral norte paulista passa a receber investimentos para a ampliação da estrutura portuária

e da infraestrutura de acesso, movimentando a economia local. Coadjuvante a este processo, ocorre a aceleração do ritmo de ocupação e urbanização da planície costeira, impulsionados pelo movimento migratório e pela criação de uma rede de residências secundárias.

O processo de desenvolvimento ligado ao crescimento e expansão urbana acabou por modificar não somente a paisagem humana como também as estruturas da paisagem física do litoral norte paulista, colaborando para a criação e permanência de graves problemas ambientais devido à negligência aos sistemas naturais (desmatamento, drenagem, escorregamentos de solo, ritmos de chuvas e ventos, biodiversidade), revelando um problema de justiça ambiental, de exclusão e segregação (ACSELRAD, 2002; MARANDOLA JR., 2012 apud MARANDOLA JR. et al, 2013,pág. 36).

As crises de congestionamento do Porto de Santos fizeram surgir a necessidade de construção de um porto estruturado em São Sebastião, possível graças à profundidade natural do canal entre a cidade e Ilhabela. Na Figura 4, a seguir, é retratado o terminal portuário de São Sebastião.

Figura 4: Terminal Portuário de São Sebastião, s/d



Fonte: Webportos

O Porto de São Sebastião é aumentado na década de 1960 com a construção do maior terminal de movimentação de petróleo e derivados do país, o Terminal Almirante Barroso/TEBAR da Transpetro, uma subsidiária da Petrobras:

O primeiro (Porto de Santos), cuja origem na história foi responsável por originar a própria cidade, hoje participa de maneira periférica na geografia dos portos brasileiros. (...) Já o segundo (TEBAR), possui posição de destaque e estratégica no quadro nacional e latinoamericano da movimentação de granéis líquidos (óleos e derivados). Ademais, destacam-se para este espaço portuário os projetos (alguns não tão recentes) de expansão de sua dinamicidade econômica, revelados de um lado, pela tentativa do porto público de tornar-se um veículo de desenvolvimento para a região do Vale do Paraíba e, do outro, pelo TEBAR, no sentido de conquistar uma posição-chave no programa de exploração petrolífera da região do pré-sal (Bacia de Santos). (REIS, s/d, pág. 9).

As visões mais positivas sobre o TEBAR afirmam que sua construção “significou não apenas a reinserção do Litoral Norte no panorama do desenvolvimento econômico do país, mas também a inserção desta região na matriz energética brasileira que movimenta toda a economia do país, e resgatando uma importante vocação histórica da região: a logística portuária” (CBH – Litoral Norte, 2017, pág. 9).

Em 1931, o Coronel da polícia militar, Edgard Armond, idealiza a construção de uma rodovia ligando o Vale do Paraíba ao litoral norte. Quase trinta anos se passam até a pavimentação do caminho aberto pelo Departamento de Estradas de Rodagem/DER-SP, em 1957. Em 1978, a rodovia será batizada oficialmente como Rodovia dos Tamoios⁸ (SP-99).

Os acessos rodoviários impulsionaram a urbanização desta região que era composta até então por aldeias e vilarejos tradicionais, que passa a receber um novo tipo de exploração voltado para o setor do turismo.

Em 1961, uma verba de 600 milhões de cruzeiros é destinada para a construção de uma estrada de porte nacional, chamada na época de Estrada do Turismo. Esta estrada deveria ligar pelo litoral o Rio de Janeiro a Santos e Joinville. O projeto inicial sofreu vários atrasos na transferência de verbas e, já na década de 1970 a estrada passou a ser chamada de “rodovia do turismo nacional”, tendo sido pensada a princípio para se distanciar suficientemente da orla, permitindo a implantação de loteamentos e que os municípios se transformassem em cidades turísticas. A própria Petrobras entregou em 1972 o trecho da estrada que ligava Bertioga a Boracéia,

⁸ Atualmente, o litoral norte paulista está interligado com outros estados e municípios através de uma viária composta pela Rodovia Presidente Dutra (BR-116 e SP-60 no trecho paulista), Rodovia dos Tamoios (SP-99), Rodovia Rio-Santos (BR- 101 e Rodovia Doutor Manuel Hypolito Rego no trecho paulista SP-55), Rodovia Carvalho Pinto (SP-70), Rodovia Oswaldo Cruz (SP-125) e Rodovia Dom Paulo Rolim Loureiro, conhecida como Rodovia Mogi-Bertioga (SP-98).

assegurando a manutenção do oleoduto que margeia a estrada até os dias de hoje. A movimentação da economia local proporcionada pelo término das obras de pavimentação da hoje nomeada Rodovia Rio-Santos é devida também ao aumento do número de turistas de veraneio, atraídos pela beleza das praias da região e pela recente facilidade de acesso.

As Figuras 5, 6 e 7 retratam cenários das épocas das construções das rodovias do Litoral Norte.

Figura 5: Represa de Santa Branca, estrada para Caraguatatuba, 1960.



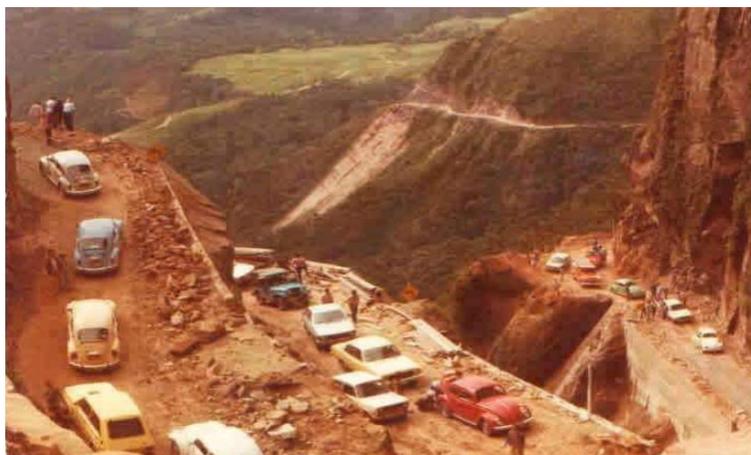
Fonte: IBGE

Figura 6: Construção da SP-99 (ca.1933)



Fonte: Concessionária Tamoios

Figura 7: Construção da SP-99 (ca.1970)



Fonte: Concessionária Tamoios.

Hoje, parte da Rodovia Rio Santos foi absorvida como avenidas dos municípios, possuindo usos (residenciais e comerciais) e equipamentos (cruzamentos, retornos, paradas de ônibus) conflitantes entre o fluxo de veículos e velocidade que se espera de uma rodovia e aqueles do trânsito local. A resposta do governo do estado de São Paulo para esta situação é o projeto Nova Tamoios Contornos, que prevê que o trânsito rodoviário seja:

deslocado para uma via perimetral, reduzindo o tempo de percurso para 20 minutos. Com 33,7 km de extensão, a nova via vai facilitar muito a vida de quem mora ou acessa o Litoral Norte. (...) Os Contornos não terão cruzamentos em nível ou rotatórias. A larga faixa de domínio (80m) impede a ocupação lateral e favorece viagens de longas distâncias. Curvas abertas e rampas suaves trarão conforto e segurança, enquanto a fluidez do tráfego será garantida pelos mais de 19 Km em pista dupla e terceiras faixas. (...) A rodovia afastou-se de áreas urbanas, evitando que mais de 800 famílias fossem atingidas pelas obras e poupando gastos de R\$ 115 milhões em desapropriação e reassentamento. Para ficar mais próxima à serra, seus túneis e viadutos ficaram mais longos. Agora, a rodovia percorre mais túneis (20%) e pontes ou viadutos (17%). O desenho dos túneis foi revisto e todos serão duplicados, o que aumenta a segurança operacional e evita impactos em futuras ampliações. (LOURENÇO, s/d).

Com a descoberta do pré-sal, o desenvolvimento nacional na área petrolífera implica na construção da Unidade de Tratamento de Gás Monteiro Lobato de Caraguatatuba (UTGCA) em Caraguatatuba, em 2011, trouxe novas levas de trabalhadores migrantes e promoveu a continuidade do alto ritmo de crescimento populacional (Tabela 01). Segundo Alisson Cardoso, gerente da UTGCA: “além de ter um papel relevante para a oferta de gás natural ao mercado brasileiro, a UTGCA

movimenta a economia local desde o início, com geração de empregos diretos e indiretos, formação de cadeia de fornecedores, impostos e royalties. Em fevereiro de 2016, o efetivo da unidade era de 920 profissionais, entre empregados próprios e prestadores de serviço" (PETROBRAS, 2016).

Tabela 1: Aumento populacional do Litoral Norte de São Paulo

	CARAGUATATUBA	%	UBATUBA	%	SÃO SEBASTIÃO	%	ILHABELA	%
1960-1970	5503	35,9	7262	47,8	4909	39,6	4909	83,8
1970-1980	19162	55,6	11958	44,0	7784	38,6	2875	36,0
1980-1991	12638	26,8	20237	42,7	10049	33,3	2265	18,9
1991-2000	31799	40,3	19050	28,7	27820	47,9	17771	85,3

Fonte: PANIZZA, 2004. p. 82

Outra política nacional de vetorização do crescimento econômico, associada à criação da Rodovia Rio-Santos, realizada durante os anos da ditadura militar, foi o Projeto TURIS – Plano de Aproveitamento Turístico elaborado pela empresa francesa Scet International e apresentado pela Empresa Brasileira de Turismo/EMBRATUR em 1973. Este projeto:

Pretendia equacionar o problema turístico do litoral Rio/Santos, propondo um plano diretor para a região. Este projeto propugnava “um planejamento normativo global, com estudos e normas de ocupação que integrassem as construções aos ambientes e às destinações turísticas, visando à maximização da rentabilidade de toda a região aliada a uma implantação adequada”. (SIQUEIRA, s/d, pág. 62)

O projeto da empresa francesa alertava sobre questões de preservação ambiental, já que a rodovia devia cortar a estreita faixa da planície litorânea em toda sua extensão e que, para o efetivo desenvolvimento turístico, os cuidados para com o patrimônio ambiental deveriam ser máximos, pois “a matéria-prima da indústria turística é a natureza” (SIQUEIRA, s/d, pág. 63). Mesmo assim, o traçado da estrada aterrou 70 praias do litoral. Segundo Siqueira, os 500 quilômetros de caminhos da estrada deveriam ser segredo de estado, no entanto, o então presidente do estado da Guanabara, Carlos Lacerda, soube do contorno da estrada e, já na época da inauguração do trecho entre Santa Cruz no Rio de Janeiro e Ubatuba em São Paulo,

boa parte das terras desse trecho estavam em poder de empresas estrangeiras⁹, impactando cruelmente os moradores tradicionais das terras afetadas.

No limite entre Caraguatatuba e Ubatuba, as terras tradicionalmente pertenciam aos Barra Seca (SANTOS, s/d), na Praia da Tabatinga, remanescentes da Vila de Santo Antonio (Fazenda dos Ingleses), e a outros moradores que povoavam o Sertão de Maranduba. Durante a construção da rodovia, os mangues e caxetais foram aterrados e a herança mais drástica desse período é a presença do condomínio de residências temporárias de alto padrão a beira mar, pé na areia, Costa Verde Tabatinga (Figura 8).

Figura 8: Condomínio Costa Verde, Tabatinga, s/d.



Fonte: CCVT

O modelo logístico rodoviário para atendimento do fluxo bidirecional de carga está definitivamente associado à expansão urbana da região e à pressão urbana contínua sobre o patrimônio natural e sobre o patrimônio humano, no caso de nossa pesquisa, a cultura caiçara, gerando assim, desde a metade do século XX, profundas transformações da paisagem humana nos municípios do litoral norte paulista. Para Marcílio:

Em 1940, quando o turismo ainda não havia descoberto Ubatuba, sua população havia regredido para os níveis do final do século XVIII: ou seja, 3227 no total. Nessa época, Ubatuba conservava-se, ainda, como uma coletividade de roceiros-pescadores, que plantavam para o gasto. Trinta anos depois, se processava o implacável movimento de destruição da economia caiçara, e da expulsão dos posseiros tradicionais, numa ação concertada pelo grande capital paulista de especuladores e das transnacionais do turismo. Juntando-se a isso o controle em massa das epidemias e endemias do litoral, a queda brusca da mortalidade, ocorre um

⁹ Em O Genocídio Caiçara, Siqueira (1984) nos apresenta dois conflitos territoriais: S.A. White Martins e o grileiro industrial paulista Gibrail Nubile Tannus e comunidade da Praia Grande, e o conflito entre os moradores tradicionais da região de Trindade com a holding Atlantic Development Group for Latin America (ADELA), composto por 227 empresas multinacionais, com sede em Luxemburgo.

crescimento acelerado da população. Em 1970, o município já contém uma população de fato, contada em 15.203 habitantes. A partir de então, a estrutura e posse da terra deixa de ser aquelas típicas de uma economia camponesa, do sistema de queimada e da roça de alimentos, desmanteladas cruelmente pelo capitalismo selvagem. (MARCÍLIO, 1986, pág. 67 e 68).

2.7 O turismo no litoral norte

A partir de 1970 o setor imobiliário do litoral norte paulista está em plena ascendência. A classe média paulista, desejosa por ter “a casa na praia” como segunda residência, escolhe o litoral norte como destino: “para se ter uma ideia desse fenômeno, dos loteamentos aprovados, em Caraguatatuba, entre 1945 e 1990, 50% deles foram entre 1974 e 1982” (SOUZA, 2010, pág. 42).

A Rodovia Rio-Santos (BR-101), imaginada pelo governo militar como a rodovia do turismo, transformou-se, na prática, num eixo que estimulou a especulação imobiliária, o turismo predatório e a expulsão dos caiçaras de suas terras, gerando, por sua vez, drásticas alterações sociais, culturais e ambientais (PAES, 1999).

Quando o primeiro trecho da estrada ligando o Rio de Janeiro a Ubatuba é inaugurada em 1974, o litoral entra na lei 6.513 de 1977 como uma das áreas especiais de interesse turístico.

Nas Figuras 9 e 10 trazem fotos que retratam o afluxo de turistas na década de 70.

Figura 9: Turistas em Ubatuba, s/d.



Figura 10: Fluxo de turistas nas descida da Rodovia Tamoios, s/d.



Fonte: O Ubatubense.

A consequência colateral do interesse do turismo e do capital sobre o litoral norte verifica-se no crescimento demográfico, que para o litoral norte na década de 1990 é o maior do Estado de São Paulo, que acaba por se traduzir no crescimento urbano desordenado, que acaba gerando grande pressão nos sistemas naturais:

Esse processo de transformação da paisagem tornou-se extremamente grave nessa região do país em específico, por se tratar da área onde se encontra a maior área remanescente de Mata Atlântica e ecossistemas associados do país (quase 17 mil quilômetros quadrados), aproximadamente 7% da cobertura original. Entre esses remanescentes, concentrados principalmente no litoral do estado e na Serra do Mar (83,6% do remanescente se encontra nessa região) (DINIZ, 2011, pág 03)

Outro agravante trata-se da população flutuante, representada por turistas que vem para o litoral especificamente nas viradas de ano. Em 2018, juntas, quatro cidades da região, estimam ter recebido 1,3 milhão de turistas para a virada. :

A região é um dos destinos turísticos mais procurados do Estado de São Paulo. Em Caraguatatuba, o município aguarda 500 mil turistas para as festas de Réveillon. Ao todo, 1 milhão de pessoas devem visitar a cidade entre o Natal e o Carnaval. Hoje, os hotéis já beiram 90% de ocupação. Já para a primeira quinzena de janeiro, quando os preços de hospedagem costumam ser menores, o índice chega a 50%. Já em São Sebastião, a Prefeitura estima que 300 mil turistas visitem a cidade no feriado. Segundo a Secretaria de Turismo, estima-

se em aproximadamente 100% o índice de ocupação na rede hoteleira da cidade durante as festas de fim de ano. Na cidade de Ubatuba, a expectativa é que cerca de 500 mil visitantes cheguem para o Réveillon. (O VALE, 2018).

O lixo gerado por este fluxo de pessoas no litoral exacerba a produção de resíduos sólidos:

A estimativa com menor margem de erro, segundo a Prefeitura, é com relação ao lixo. Em 1º de janeiro de 2018, um total de 80 toneladas de lixo foram retirados na limpeza de praias e orlas da cidade. Estima-se que 500 mil turistas tenham visitado o município para celebrar a chegada do ano – número maior que o dobro da população atual, que é de cerca de 100 mil habitantes. Durante os demais meses do ano, a coleta de lixo recolhe 70 toneladas de lixo por dia – número que aumenta para 270 toneladas/dia nos meses de temporada de verão. A estimativa só para a virada 2017/2018 foi de 500 mil turistas - número que, no mínimo, será mantido. Nessa conta, temos uma média de 400 mil turistas/mês na temporada, o que resulta em 1,2 milhão durante o período. (O VALE, 2018).

São justamente os atributos naturais da paisagem do litoral norte que passa a ser valorizado agora não mais pelos recursos que se pode extrair dela, mas aquilo que é mais preservado e intocado, característica da ação do caiçara sobre seu *habitat*, passando a ter alto valor econômico. No entanto, a forma de ação do capital sobre o território é de espoliação:

Os "grileiros" cercavam terras, colocavam placas ("proibida a entrada" ou "propriedade particular") e vendiam espaços próprios dos caiçaras. Um verdadeiro roubo às claras e com a conivência dos políticos locais. (...) Muitos caiçaras foram ameaçados e obrigados a vender ou deixar suas casas à beira mar, pois se sentiam coagidos por grandes especuladores imobiliários, grandes empresários do turismo. (PAES, 1999, pág. 139).

2.8O caiçara do Litoral Norte de São Paulo

Já agora era uma visão no descampado, que emocionava a moça. Mariposas sem conta se desprendiam, do chão. A terra fervia de mariposas, que se desatavam do verde, como flores a cobrar vida. — Que lindeza! Mas o índio, atrás de Cristina, assinalou as mariposas: — Terra mole; não presta. Afunda, acaba tudo! Mais adiante, Cristina perguntou a Aimbé: — Piratininga... Piratininga é agradável, é bela de se ver? Tem boas casas? — Boas casas. Piratininga... bela — respondeu o índio com entusiasmo A noiva de Tiago apontou a enorme muralha verde-escuro barrando o horizonte. — Fica muito

longe, Piratininga? — Longe! — ecoou o escravo. Com as sombras da tarde, e a aproximação daquele desfile tenebroso de montanhas, que se encostavam eretas umas às outras, numa procissão de guardas gigantescos, insinuava-se na alma da moça uma desconfiança torturante: — Longe? Ao pé da serra? — perguntou. — Mais alto. — Alto?... Como aqueles pássaros que ali voam? Tão alto assim? Mas eu nada vejo! — Mais alto do que passarinho pode voar! — Mais alto? Deus meu! Onde? Onde está aquela grossa nuvem? — Piratininga... depois de passarinho... depois de serra, lá longe... Já era quase a noite, quando o caminho abriu mais, numa rampa. De longe — fresca surpresa — um galo mandou seu canto de coragem atravessando os ares. Começou uma larga cerca de taipa, em breve alta como os muros de um convento. E veio logo o portal, guardado por um índio. (QUEIROZ, 1954, pág. 14. grifo nosso).

Dinah Silveira de Queiroz descreve a Serra do Mar e sua cobertura de Mata Atlântica, do ponto de vista de quem a vê do mar em direção ao continente como “A Muralha”: “daquele desfile tenebroso de montanhas, que se encostavam eretas umas às outras, numa procissão de guardas gigantescos”. Vinda de Portugal, a heroína desta história, Cristina, acostumada ao continente europeu, com recursos naturais e paisagens longamente modificadas e humanizadas, ao se deparar com a paisagem litorânea de São Vicente, sente o estranhamento, o temor e o fascínio por aquilo jamais antes visto. A autora talvez tenha se inspirado nos relatos de Pero Vaz de Caminha ou Hans Staden, cujas narrativas e descrições “são permeadas não apenas pelo sentimento de perturbação, mas também pelo fascínio e pela curiosidade com aquilo que é ‘estranho’” (OLIVEIRA e DOSSIN, 2013, pág. 1).

E é diante da muralha que se dará um tipo de povoamento não organizado e disperso, comum à faixa litorânea do estado brasileiro:

“roças pequenas, abertas nas clareiras da mata, produtoras de alimentos básicos para a família, e com algum excedente para o mercado local, combinadas por umas poucas fazendas voltadas primordialmente para produtos de exportação, e secundariamente para o cultivo de alimentos destinados a seus grupos domésticos. Sítios de alimentos e fazendas justapõem-se na paisagem agrícola, de maneira desorganizada e bastante dispersa. Não existe cercamento das explorações agrícolas; por vezes, ao longo das praias ou dos rios e veredas, aparecem alguns marcos, denunciando propriedades tituladas e demarcadas devidamente. Mas elas são raras. (MARCÍLIO, 1986, pág. 29).

A população que se reúne em pequenos aglomerados de posses nos interstícios das áreas das grandes cidades litorâneas é resultante das interações sociais entre as populações nativas, as diversas levas de europeus que chegaram às

terras brasileiras por via marítima e aquelas populações provindas do continente africano para o trabalho escravo nas várias fases econômicas da lavra e lavoura extensiva ao longo de nossa história (cana-de-açúcar, ciclo do ouro e café).

Esta população é identificada como “caiçara”, termo que abrange as diversas particularidades que expressam a especificidade de cada trecho do litoral brasileiro. Segundo Abirached, a palavra caa-içara é de origem tupi-guarani, termo que reúne as definições “caa”, que significa galhos, paus, mato, e “içara” significando armadilha, uma referência à arte de pesca indígena (ABIRACHED, 2011, pág. 41). Já Adams faz uma retrospectiva da transformação do termo, desde suas origens tupis-guaranis, compiladas pelo tupinólogo Theodoro Sampaio, até sua acepção atual:

O termo caiçara tem origem no vocábulo Tupi-Guarani caá-içara (Sampaio, 1987), que era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Com o passar do tempo, passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores e, mais tarde, para identificar o morador de Cananéia (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1992). Posteriormente, passou a ser o nome dado a todos os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (Diegues, 1988). (ADAMS, 2000, pág. 146)

Existem também, em semelhança com definições para o caipira paulista, sentidos preconceituosos e pejorativos para o termo caiçara:

O “caiçara” era, segundo a última definição, o sujeito “sem brio”, isto é, avesso ao trabalho regular, aos hábitos de consumo e ao tempo do relógio – valores caros à cultura urbana que o definia de longe. No Aurélio acham-se também definições de “caiçarada”: conjunto de caiçaras; dito ou ato de caiçara. Há também um sentido pejorativo aplicado ao termo caiçarada, como ocorre ao popular baianada, este definido pelo mesmo dicionário como “fanfarrice, impostura de baiano” (SILVA in DIEGUES, 2004, pág. 58).

Cada expressão caiçara desenvolvida ao longo da costa brasileira é resultante dos citados processos de aglutinação cultural e do isolamento geográfico, propiciador da formação de práticas culturais, de uma religiosidade sincrética e das economias de subsistência que resultaram num modo de vida bastante peculiar intimamente relacionado à biodiversidade local:

As populações caiçaras, por se tratarem de populações que se formaram e se consolidaram em áreas de acesso dificultado, próximas ao litoral, entre irregularidades montanhosas de expressiva

declividade, em alguns casos em ilhas ou ainda entre os fragmentos da floresta atlântica efetivamente explorados pelas sociedades urbanas apenas recentemente, são populações que constroem e praticam territorialidades singulares, condizentes com a sua cultura e com o território por elas utilizados. (CAMARGO, 2016, pág. 545).

Assim, as culturas caiçaras são estruturas sociais complexas e de características múltiplas, baseadas no isolamento de seu território, sendo este o meio que lhes proporciona subsistência, trabalho, produção e “os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais” (ABIRACHED, 2011, pág. 42). Para os caiçaras, a transmissão das práticas culturais para as novas gerações se dá pela oralidade:

A tradição caiçara é constantemente realizada e transmitida às novas gerações pela oralidade. Ela se constitui de valores, de visões de mundo e simbologias, de tecnologias patrimoniais, de relações sociais marcadas pela reciprocidade, dos saberes associados à natureza, das músicas e danças associadas à periodicidade das atividades de terra e de mar. (ABIRACHED, 2011, pág. 41-42)

A oralidade como forma de transmissão cultural é característica das comunidades tradicionais, onde a escrita não predomina como sistema de registro e comunicação. Estas comunidades possuem sociabilidades e um linguajar particulares que refletem padrões culturais, posicionando o caiçara como comunidade tradicional, refletindo processos entre forças de mudanças e de permanências. Segundo Diegues, “tradição é entendida não como algo imutável, mas como um processo histórico pelo qual elementos da cultura chamada moderna são continuamente reinterpretados e incorporados ao modo de vida” (Diegues, 2004, pág. 23).

Vivendo em áreas contíguas às praias, os caiçaras produzem tecnologias de pesca artesanal, voltadas aos ciclos de vida dos peixes e outros animais marinhos, como a tainha, o camarão e a lula, por exemplo, principalmente voltada para a subsistência dos grupos familiares.

As técnicas de pesca¹⁰ oriundas das tradições indígenas como a rede de espera, o cerco flutuante, a tarrafa, o pesqueiro, o covo, o mergulho, o tresmalho, o

¹⁰ Atualmente, são reconhecidos os seguintes núcleos de pesca artesanal e maricultura de pequeno porte no litoral norte de São Paulo: Associação dos Maricultores de Picinguaba/São Sebastião; Associação dos Maricultores da Praia da Cocanha/Caraguatatuba; Associação de Pescadores da Enseada/São Sebastião; Associação de Pescadores Artesanais da Zona Sul/Caraguatatuba; Colonia de Pescadores Senador Vergueiro/Ilhabela; Colonia de Pescadores Benjamin Constant/Caraguatatuba; Colonia de Pescadores Almirante Tamandaré/São Sebastião;

currico, o puçá são largamente utilizadas pelos caiçaras (BEGOSSI, 2011, pág. 803), que “detêm conhecimento sobre as condições do tempo, tais como tipos de vento, nuvem, das marés e das correntes marítimas, e das fases e da posição da Lua, que são fundamentais para a pesca” (FERRAZ, s/d, pág. 05).

Na Figura 11, uma cena referente à atividade do pescador é retratada.

Figura 11: Pescador caiçara da praia da Tabatinga, Caraguatatuba, pintando sua canoa de voga



Foto: RMG, Julho/2018.

Complementarmente à pesca, o caiçara pratica o cultivo de pequenas roças nos quintais contíguos às moradias. Essa disposição é característica da economia camponesa que visa a atender as necessidades de subsistência do grupo doméstico (MARCÍLIO, 1986), com os eventuais excedentes destinados para um sistema de escambo com vizinhos, onde os alimentos são trocados por produtos externos, tais como vestimentas, combustível para lâmparinas, sal, pólvora, e utensílios como ferramentas para o roçado e para a casa.

Os modos de vida caiçaras, consolidados ao longo dos séculos de ocupação da costa e desenvolvidos praticamente à margem dos centros urbanos, sofrerão drásticos impactos espaciais e culturais no decorrer do século XX.

Colônia de Pescadores Ministro Fernando Costa/Ubatuba; Associação de Pescadores/Ubatuba; Cooperativa de Pesca/São Sebastião; Colônia de Pescadores José Bonifácio; Associação do Pescador Artesanal/Ilhabela; Colônia de Pescadores Vicente de Carvalho; Associação de Pescadores da Barra da Maranduba/Ubatuba; Associação de Pescadores/Ubatuba; Associação dos Pescadores do Saco da Ribeira/Ubatuba; Associação dos Pescadores da Praia do Camaroeiro/Caraguatatuba; Associação dos Pescadores da Tabatinga/Caraguatatuba; Associação dos Maricultores/São Sebastião; Associação dos Pescadores Artesanais/Ilhabela. (Fonte: Diagnóstico Técnico – Meio Socioeconômico/APALMNL, s/d, pág. 45 e 46)

Quando, a partir dos anos 1950 e notadamente após os anos 1970, o litoral é definitivamente “descoberto” como destino, o que os turistas encontram são comunidades tidas à época como rústicas e “atrasadas”. Para França:

o litoral da mais rica das unidades da Federação Brasileira é, em conjunto, por um dos chocantes contrastes em que costuma ser fértil a nossa Geografia Humana, a mais atrasada, a mais pobre e despovoada das grandes regiões paulistas ... Por outro lado, novas construções, pertencentes a veranistas atraídos pela sedução das tranquilas praias emolduradas pelas montanhas da Ilha de São Sebastião, vieram a substituir algumas das miseráveis habitações praianas (FRANÇA, 1951, pág. 64 e 68).

Este pensamento do turista provindo dos centros urbanos, ao se deparar com as comunidades caiçaras, mal interpreta as relações de vida dos moradores locais com a paisagem:

Creemos que a rusticidade do caiçara, mais do que atraso e miséria, é resultado dos seus sistemas referenciais e valores que estabelecem sua ordem social e moral. Seu modo de vida e sua expressão material são rústicos, resultantes não só da pobreza econômica que lhes permeava, mas também dos seus valores que não eram dotados de grandes ambições, o que pode ser verificado pela ausência de acumulação de terras, pela ausência de acumulação do produto do trabalho e pela ausência do lucro. Para o caiçara não interessava acumular bens, mas sim ter aquilo que precisava para viver de acordo com os valores estabelecidos pelo seu grupo social, se alimentando bem, participando das festas, com uma casa que lhe oferecesse proteção das intempéries do meio e com condições de transmitir aos filhos os seus conhecimentos e valores. (CAMARGO, 2016, pág. 37)

É a chegada desse movimento turístico direcionado ao litoral que vai transformar não apenas a paisagem, mas também as relações e formas de vida da população caiçara, a ponto da eliminação quase que completa das tradições e das comunidades.

À necessidade de expandir a urbanização no sentido da capital do estado de São Paulo para o litoral norte, encarado como mais “atrasado” em relação ao litoral sul, corresponde à abertura de vias de acesso e ao desenvolvimento de atividades econômicas ligadas ao turismo de sol e mar¹¹, muitas vezes negativamente

¹¹ “O “Turismo Sol e Mar”, como o nome indica, está presente em destinos turísticos que permitem a possibilidade de realizar atividades balneárias em praias atrativas num ambiente natural e por isso é um tipo de turismo que se limita apenas às zonas litorais de um determinado território”. (ARAÚJO, 2016, s/ pág.)

impactantes sobre a paisagem, os ecossistemas e sobre as comunidades residentes nos locais de destino:

Apesar do interesse manifestado no Turismo de Sol e Mar por vários atores do setor, não se traduziu necessariamente numa gestão e ordenamento do território eficazes para estes destinos, mas em alguns casos acabou por potenciar os impactos negativos provenientes do turismo, ou seja, os destinos de sol e mar na sua grande maioria apresentam: altos níveis de concentração turística; elevado grau de sazonalidade; deterioração ambiental e paisagística de boa parte das zonas costeiras (especialmente por excesso de edificação); massificação turística que conduziu a um serviço turístico mais ineficiente (emprego precário; recursos humanos pouco qualificados; alta rotação de recursos humanos; entre outros). (ARAÚJO, 2016, s/p.)

Já no início do século XX se consolida-se no Brasil um tipo de turismo que privilegia os banhos de mar como uma forma terapêutica para o tratamento de algumas enfermidades. Assim, são criados balneários termais e estâncias climáticas baseados no potencial curativo dos recursos naturais. Os municípios do Litoral Norte de São Paulo (Tabela 2) são classificados como Estâncias¹² ainda na primeira metade do século XX.

Tabela 2: Datas e Leis de criação das Estâncias no Estado de SP.

Município	Lei	Ano	Tipologia
Caraguatatuba	Nº 38	1947	Balneária
São Sebastião	Nº 163	1948	Balneária
Ubatuba	Nº 163	1948	Balneária
Ilha Bela	Nº 163	1948	Balneária

Fonte: RAIMUNDO et al, 2010, p.4.

Este impulso turístico que se estabelece no litoral norte de São Paulo tem origens na industrialização do estado que permitiu o crescimento populacional e urbano da capital e que, por sua vez, tem por consequência ondas de crescimento imobiliário como, por exemplo, o movimento de segundas residências (TULIK, 2001). O paulista, turista de fim de semana, migra em seus tempos de folga para aqueles locais que, mais tarde, o poder público vai justamente eleger como estância, porque este trabalhador deseja escapar do ambiente urbano, formando em seu imaginário a

¹² Desde 1945 o estado de São Paulo estabelece as leis que respaldam a criação de estâncias, sendo este ano da expedição do primeiro diploma legal que versava sobre esse assunto: o Código de Águas Minerais (Decreto Lei 7.841), editado pela União, que estabeleceu requisitos mínimos para a instalação e funcionamento de uma estância hidromineral. As estâncias hidrominerais, climáticas e balneárias, pela Lei 10.426/71 e as estâncias turísticas, pela Lei 1.457/77. Estas leis definiram e complementaram a legislação da década de 1940 (RAIMUNDO et al, 2010, pág. 02).

ideia de que o litoral, rústico e pouco povoado, proporcionará uma experiência paradisíaca única:

O deslocamento de pessoas para o litoral norte para vivenciarem paisagens diferenciadas é reforçado pelo cinema. O filme “Caiçara”, que retrata o cotidiano dos pescadores artesanais em Ilhabela é uma produção da Vera Cruz de 1950, com forte apelo às paisagens naturais e culturais da ilha. O lançamento de "Caiçara" é feito com grande publicidade reforçando o imaginário das pessoas em querer conhecer localidades litorâneas paulistas ainda sem uma urbanização pujante. Os demais municípios litorâneos se nutrem desses fatos e desse simbolismo e imaginário que permeia a ideia do mar, da praia e do sol, consolidando nesses municípios um forte apelo turístico (de balneário). A chancela de “estância” reforçava esse apelo e, nesse sentido, justificam as estâncias balneárias como as primeiras a serem criadas no Estado de São Paulo. (RAIMUNDO et al, 2010, pág. 07).

Este conjunto de esforços para tornar o litoral norte atrativo e acessível tem como consequência a exploração imobiliária dessa paisagem anteriormente exclusiva do caiçara:

Então entendi também que aquela população residente na Vila Oratório, um dia viveu e se organizou como a população da Praia do Sono, alterando completamente a sua maneira de viver após ter sido desapropriada para a implantação de um condomínio de luxo de segunda residência. Esse condomínio, Laranjeiras, se implantou naquela região na década de 1970, desapropriando os caiçaras que foram afastados para a Vila Oratório, construída para abrigá-los. Hoje, o resultado, de um lado, é de praias de uso privativo realizado por turistas condôminos e, de outro, caiçaras desapropriados que perderam quase todas as possibilidades de se reproduzirem socialmente segundo a sua cultura e os seus desejos. Essas perdas trazem, para as populações caiçaras vizinhas, o temor de possíveis desapropriações, proibições, coibições. (CAMARGO, 2016, pág. 03).

A reboque do apelo turístico são lançados grandes empreendimentos imobiliários, tanto para a construção de segundas residências (quadro 02) nos diversos bairros dos municípios quanto para a construção de condomínios de luxo exclusivos.

Quadro 1: Total de domicílios segundo tipo de ocupação 2010.

município	Total de domicílios particulares	Particulares ocupados	Particulares não ocupados			Total de domicílios coletivos
			Uso ocasional	fechados	vagos	
CARAGUATATUBA	64578	31858	27902	138	4680	27902

ILHABELA	14540	8983	4130	61	1366	4130
SÃO SEBASTIÃO	43013	23385	16628	223	2777	16628
UBATUBA	59705	24823	30036	308	4538	30036

. Fonte: Censo Demográfico. IBGE, 2011 apud APALMNL, s/d, p.09.

Vende-se a ideia de que o turismo traz consigo o desenvolvimento e que este acabará por refletir na qualidade de vida dos caiçaras num “contexto do consumo, do dinheiro deixado para a comunidade”, sem considerar os impactos, como o lixo e o trânsito e, sobretudo, a transformação do modo de vida local. Souza e Loureiro (2018), estudando as demandas escolares após as transformações das comunidades caiçaras da Península Juatinga em Paraty/RJ, afirmam que a chegada da “hegemonia capitalista” exerce sobre os territórios tradicionais uma pressão que os converte em “terras mercantilizadas ou mercantilizáveis” sendo os caiçaras expropriados de seus meios de produção e dos seus territórios, servindo assim, como mão de obra abundante e barata para as classes dominantes. Segundo os autores:

As expropriações remetem ao processo histórico denominado por Marx (2015) de acumulação primitiva ou originária, no qual houve a separação do produtor do seu meio de produção, levando a grandes concentrações de recursos nas mãos de poucos e a formação de um grande contingente de indivíduos despossuídos dos seus meios de produção, passando estes a serem detentores apenas de sua força de trabalho para garantirem a sua própria existência. Fontes (2010, p.45) explica que “as expropriações constituem um processo permanente, condição da constituição e expansão da base social capitalista e que, longe de se estabilizar, aprofunda-se e generaliza-se”. (SOUZA e LOUREIRO, 2018, pág. 56).

O caiçara, que vê seu território ser transformado em área de lazer do outro, agora deixa seu modo de vida baseado na subsistência e na tradição para trabalhar na estrutura de suporte à atividade turística: ele é o segurança, o porteiro, o jardineiro, o limpador de piscinas, o faxineiro, o cozinheiro, o guarda, o varredor de rua, o ambulante, o pedreiro, etc. Calvente declara que esta nova situação advinda do turismo divide as opiniões dos caiçaras, ora tida como negativa porque existe o abandono das atividades de subsistência, piorando as condições da vida cotidiana, ora tida como positiva, porque agora o caiçara tem trabalho nas atividades econômicas decorrentes da implantação de quiosques, restaurantes, hotéis e campings, gerando renda e inflacionando também o preço dos pescados durante a temporada (CALVENTE et al in DIEGUES, 2004, pág. 270).

É diante do processo de proletarização que as populações tradicionais, dentre estas a dos caiçaras vem perdendo suas marcas mais essenciais, em termos de reprodução material e imaterial, bem como se adaptando a uma cultura marcada pelas regras do mundo moderno. (SUSUKI et al, 2009, pág. 03).

Ainda hoje é possível observar nas comunidades caiçaras a utilização de remanescentes de terra para a tentativa de continuidade das antigas práticas de cultivo e de agricultura de subsistência, como a formação de pequenas roças e hortas em terrenos, quintais, beira de rios e mangues. Tais práticas vão de encontro ao entendimento das pessoas sobre a posse da terra e às políticas públicas de preservação e conservação ambientais e ainda de urbanismo.

Observa-se que as leis e regulamentos se aplicam, muitas vezes, aos integrantes destas comunidades, favorecendo, no entanto, condomínios e outras propriedades particulares, expressões do poder econômico.

Pudemos observar junto à comunidade caiçara remanescente da Praia da Tabatinga em Caraguatatuba um morador, patriarca de uma tradicional família caiçara local, que utilizou uma pequena faixa de terra junto a uma das margens de um braço do Rio Tabatinga para o plantio de hortaliças, árvores frutíferas da região, como bananeira e laranjeira, e outras plantas ornamentais típicas. Para preservar o plantio, o morador cercou com tela de arame, porém com fácil acesso para colheita e replantio, numa área de poucos metros quadrados que fica em frente a sua moradia.

Figura 12: Margem do braço do rio Tabatinga, Caraguatatuba. Antes da intervenção. Intervenção na margem feita pelo condomínio. Intervenção pelo caiçara, após denúncia.



. Fonte: RMG, 2019.

Após semanas de cuidados constantes e dedicação com a plantação, esta vingou e começou a produzir temperos, frutas e verduras. Contudo, após denúncia anônima junto à ouvidoria, o poder público municipal agiu multando o morador e obrigando-o a retirar a cerca. O olhar da lei e da ordem, porém, fechou seus olhos

para o condomínio que fica na margem oposta do rio, a menos de cinco metros da pequena horta. Nesta propriedade particular, observa-se que a margem toda está fechada com tela de arame avançando por vários metros rio afora. A pequena faixa de terra de que se utilizou o morador não se apresentava como posse mesmo porque beiras de rios e mananciais são áreas de preservação ambiental protegidas por lei. Para Marcílio, o caiçara não considera a terra como um bem em si, mas como o lugar do seu trabalho e do seu sustento, a madeira para a construção de suas casas, ferramentas, utensílios e canoas, sem a preocupação sobre o registro legal das terras ou a intenção de propriedade (MARCÍLIO, 1986, pág. 37)

O que podemos questionar é a mão da lei sobre o caiçara tradicional e seus costumes e a mão branda sobre o condomínio privado, caracterizando um abandono do poder público junto às comunidades caiçaras que sequer são ouvidas e compreendidas, despojadas de sua cultura de subsistência e hábitos sociais.

O desmantelamento do território de vida do caiçara, um componente de desagregação cultural, se dá por sua transformação em área de lazer do outro:

A apropriação dos turistas se dá pelo uso do território como área de lazer, trazendo as suas práticas sociais para o seio da comunidade, em que se verifica uma relação de imposição cultural sobre a comunidade caiçara, a qual, mesmo com reações ocasionais, aceita o que não lhe é comum, no que se refere a um *ethos* e a um *habitus* caiçara. As práticas sociais, comuns entre os turistas, corroboram para a construção de novas formas dos jovens caiçaras negarem a sua própria origem, como população tradicional, marcadamente camponesa, na qual estava presente, sobretudo, a busca pela fartura, fruto do trabalho na terra e no mar. Muito distante da sociedade moderna, pautada no consumo, nas novas tecnologias, como também nas formas diferenciadas de lidar com o outro (SUSUKI et al, 2009, pág. 07).

O jovem caiçara compartilha com o jovem de qualquer outra região do país as preocupações, anseios e desejos sobre seu futuro e suas possibilidades concretas:

Por mais que a sua origem esteja na sua identidade caiçara, as facilidades que são encontradas na cidade, como as novas tecnologias, e outras formas sociais e econômicas são incorporadas a sua forma de ver a vida como algo necessário. ... Nesse contexto de mudança do modo de vida, não é possível identificar um único padrão do jovem caiçara em relação à sua identidade com o grupo ou com a manutenção de práticas socioespaciais caiçaras. (SUSUKI, et al, 2009, pág. 12).

Considerando-se que o conhecimento das tradições é repassado oralmente e que poucos registros existem do cancionero e expressões caiçaras, exceto por aquelas feitas por estudantes universitários e pesquisadores, é de se imaginar que muito tenha se perdido. A linha do tempo entre o descobrimento do Brasil, as miscigenações culturais e genéticas e as recentes transformações geográficas que liberaram acesso fácil às regiões chamadas paradisíacas pelos turistas empreendedores e capitalistas, passa pelo olhar transformado de uma cultura, de um modo de vida, que não possui preocupação com o “ter”, mas sim com o “viver”.

O caiçara se apresenta através de um conjunto de ações e costumes desapegados de senso de propriedade e com valores diferentes das populações urbanas. São rústicos e possuem sua própria ordem social e moral. A oralidade permite aos mais experientes repassar o conhecimento sobre a natureza, épocas de plantio e de pesca, sobre os ventos e correntes marítimas, sobre tipos de madeira mais convenientes para a fabricação de embarcações, sobre os remédios e os venenos, entre outros saberes, usando um linguajar expressivo e pouco legível para o observador urbano, que mescla a forma cotidiana do falar com o volume de todo o saber.

A maneira de falar caiçara muitas vezes é estigmatizada, por ser uma linguagem que nem sempre se apresenta em consonância com a norma que se aprende na escola. O falante caiçara é visto como quem não sabe usar os recursos linguísticos da norma padrão, a de maior prestígio, pelo fato de a maioria dessas pessoas não ter frequentado a escola; por isto cultivam o que há de mais precioso em suas comunidades, uma maneira própria de se comunicar.

Mesmo com as influências sofridas, os caiçaras nascidos até a década de 1960, ainda preservam em sua fala a singularidade do passado, não podendo ser simplesmente caracterizados como maus falantes da língua por praticarem uma maneira própria de falar. As diferenças gramaticais em relação à norma padrão que seu linguajar apresenta são decorrentes do isolamento e apresenta estratégias linguísticas adequadas às situações de comunicação em que se inserem seus falantes e lhes conferem expressividade.

A perda de elementos culturais veiculados pela comunicação oral que as comunidades caiçaras apresentam é devido às influências tecnológicas e à

necessidade do jovem caiçara de se inserir na sociedade atual globalizada, urbana e industrial. O discurso que o jovem precisa adotar, utilizando um vocabulário mais formal, para poder se relacionar nos dias de hoje e se inserir no mercado de trabalho, afasta-o das características regionais. Essa necessidade entra em choque com as formações discursivas de agrupamentos de pessoas mais velhas que tentam preservar a fala, mesmo com algumas interferências da mídia e da sociedade globalizada atual.

O linguajar caiçara agrega à base da língua portuguesa expressões e modos de falar das populações nativas, das diversas levas de europeus que chegaram às terras brasileiras por via marítima e aqueles das populações provindas do continente africano, entremeando-os com o desconhecimento das normas da língua.

Paulo Portes Filho recorreu a estudos já realizados sobre glossários mais sumarizados de outras áreas litorâneas paulistas, como Ubatuba, São Sebastião, Ilha de Búzios e Guaraqueçaba no Paraná, indicando que muitas palavras são de uso comum a todas as comunidades caiçaras, provavelmente em virtude de sua origem comum, mas enfatiza também a existência de muitas palavras típicas de cada uma dessas localidades. O que há de comum e o que há de específico em cada parte do litoral caiçara, no entanto, deveria ser estudado com maior profundidade. Como afirmou Paulo Fortes Filho, seu trabalho não é o de um linguista, mas de alguém que convive, há muitos anos, com os caiçaras do litoral sul paulista e conhece seu modo de vida (FORTES in DIEGUES, 2005, pág. 10 e 11).

Estas particularidades do linguajar caiçara, por vezes, não são registradas pelos próprios pesquisadores que se debruçam sobre o modo de vida caiçara como tema de estudo:

A transcrição das entrevistas trouxe importantes questões metodológicas. Optei em não registrar as diferenças sintáticas e fonéticas. Penso que as comunidades de tradição oral, pouco letradas na expressão escrita, não gostariam de ser reconhecidas por falas que, para nós, conhecedores dos meandros da língua escrita, poderiam ser julgadas como “erradas”. Considerando que os “s” e os “r” finais não são mesmo pronunciados por todos e que as “e” e “i” também são indiferentemente pronunciadas no coloquial oral, tais letras foram corrigidas na transcrição. (CAVALIERI, 2003, pág. 13)

A correção feita por Cavalieri corrompe aquilo que faz o linguajar caiçara ser único e peculiar, um marcante traço cultural, e se refere ao modo como o caiçara profere as palavras.

A maneira de se expressar tanto vocalmente quanto gestualmente reflete o ambiente em que a comunidade caiçara se insere. Há referências sobre essas particularidades na literatura sobre o falar caiçara:

A peculiaridade do falar caiçara não está só assentada na originalidade dos seus termos, mas, sobretudo, no gestual, na entonação da voz que acompanha o seu falar, na sua postura, nas nuances do olhar. O caiçara não apenas fala, ele fala e, ao mesmo tempo, representa. O seu falar obedece a um ritual elaborado e desempenhado nos mínimos detalhes. As palavras, quase sempre, são proferidas, ora escandindo na primeira sílaba, ora escandindo na última, produzindo variações *sui generis* na entonação da fala. O falar do caiçara é um falar cantado, melódico e harmonioso, em sintonia com a natureza, fazendo contraponto com o barulho das ondas e a musicalidade do sussurro da brisa, numa suave canção de ninar. (FORTES in DIEGUES, 2005, pag. 15 a 16).

Podemos afirmar que o caiçara não se tornou caiçara somente pelo fato de ainda morar na região costeira, no litoral das cidades. Não é caiçara por saber pescar e fazer redes de pesca, pelo plantio da mandioca, por fazer cestos, cantar nas procissões religiosas da folia de reis e fandango nem por ainda preservar algumas tradições familiares. É o conjunto de todas estas práticas, e outras tantas que sobreviveram e sobrevivem ao longo dos anos e das transformações geográficas, históricas e culturais, que alicerçam as características sociais e de desenvolvimento em meio às diversas interferências e ingerências sofridas e absorvidas.

...o presente, assim como tudo o que é espacialmente próximo, aparecerá corroído por um processo de perda oposto àquela situação original - distante no tempo ou no espaço – definida por coerência, integridade e continuidade. Os efeitos desse esquema de pensamento em termos de práticas envolvendo os chamados patrimônios culturais será o de desenvolver um interminável trabalho de resgate, restauração e preservação de fragmentos visando a restabelecer uma continuidade com aquela situação originária. Embora haja um lamento constante em relação a esse processo de fragmentação e perda, ele, na verdade, não é apenas um fato exterior ao discurso, mas algo que coexiste com o esforço de preservação tal como aparece nos discursos sobre patrimônio cultural. (GONÇALVES, 1996, pág. 23).

As culturas caiçaras são vivas, em constante processo de reelaboração, perda e permanência. Esse processo é encarado pela concepção moderna de história como um processo inexorável de destruição (GONÇALVES, 1996) em que tudo relacionado

à cultura, à tradição, à identidade e à memória está em processo de desaparecimento:

Os remanescentes do passado, assim como as diferenças entre culturas, tenderiam a ser apagadas e substituídas por um espaço marcado pela uniformidade. Esse processo é considerado de modo unívoco, reificadamente, sem que se leve em conta, de modo complementar, os processos inversos de permanência e recriação das diferenças em outros planos. O efeito dessa visão é desenhar um enquadramento mítico para o processo histórico, que é equacionado, de modo absoluto, à destruição e homogeneização do passado e das culturas. (GONÇALVES, 1996, pág. 22)

As culturas caiçaras estão em pleno processo de transformação. Formadas num tempo distante dos meios urbanos e dos valores modernos, hoje estão imbricadas no contato com o mundo contemporâneo e globalizado. O contato por si só não será capaz de fazer desaparecer estas culturas, porque suas tradições, costumes e modos de vida estão em pleno processo de mudanças, internas e externas. Sua capacidade de assimilar os elementos culturais externos será ditada pela dinâmica de seus atores.

O caiçara tem tradições culturais muito ricas, que contemplam também a arquitetura. Tem métodos arquitetônicos com matérias-primas retiradas da natureza, como é o caso da casa caiçara ou de pau-a-pique.

A casa é parte do homem e por isso ela reflete seu cotidiano e uma arquitetura que não se contrapõem a natureza mais sim faz parte do seu contexto social. A seguir, na figura 30, temos a foto de uma casa caiçara tradicional mais atual, esta que já possui telhas de barro e parte da casa de alvenaria.

A seguir, as Figuras 13 e 14 ilustram cenas da comunidade caiçara.

Figura 13: Construção tradicional caiçara, s/d.



Fonte: Acervo da Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.

Na figura abaixo, temos a casa caiçara de pau-a-pique, esta construída com bambu, barro, madeira e palha de coqueiro para o telhado.

Figura 14: Casa de pau-a-pique e sapê, s/d.



Fonte: Acervo da Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.

Fornecido um panorama sobre a comunidade caiçara neste capítulo, passamos no próximo capítulo a abordar tópicos relativos ao escopo da sociofonética.

3 A ABORDAGEM SOCIOFONÉTICA DA FALA CAIÇARA

Neste capítulo, abordamos a questão da variação linguística e os fundamentos da sociofonética. Constituem objetos de nossa reflexão: os aspectos sociais, regionais, históricos e de estilo das comunidades de fala.

3.1 A variação linguística

Sabemos que as mudanças das línguas não acontecem de forma instantânea, são mudanças a longo prazo, que se constituem gradualmente. Segundo Naro (2008, p. 17):

Basta compararmos o português com o latim, ou até com o próprio português da época medieval, para notarmos diferenças em todos os níveis, desde a semântica até a sintaxe, passando pela fonologia, pelo léxico, pela morfologia, etc.

A língua é viva, é como um ser que nasce, cresce e se desenvolve, e morre, em alguns aspectos. Morre quando algum sotaque ou variedade é apagada de sua comunidade, morrendo com seus falantes mais antigos, não sobrevivendo nas novas gerações, que devido a condições pessoais, sociais ou de estilo não a consideram usual.

Não são as regras da gramática normativa que definem o uso da língua, mas sim a própria linguagem em suas interações. A linguagem muda com a sociedade, com a história e varia conforme a interação das pessoas. As formas como indivíduos se comportam, pensam e convivem acarretam uma variação na língua.

Questões históricas e sociais trazem transformações linguísticas, alterando o modo de falar de um determinado grupo social em um determinado momento. Por isso, é possível apontar variações em qualquer língua.

Thomas (2012) ressalta a natureza interligada da variação linguística e do significado social e a descoberta da função social como objetivo dos estudos da variação.

“Em vez de se focar em como a variação da linguagem e a construção dos estilos de fala são um meio de construir significado social, a sociofonética aborda como os estilos de fala, com seus significados sociais inerentes, são o caminho para entender como a linguagem é

estruturada, e assim vê o significado social como um aspecto crucial da cognição da linguagem. (THOMAS, 2012, p. 8, tradução nossa)¹³

A variação afeta os diversos níveis linguísticos, ou seja, o fonético, o sintático, o semântico, o morfológico e o estilístico.

Em relação ao estilístico há de se ressaltar a influência de Hymes (1974) que ressalta que os modos de falar refletem os estilos de fala que podem ser usados em situações e eventos diversos. A língua em uso adquire características de acordo com sua comunidade, num certo tempo, espaço e relação entre falantes.

Escolhas linguísticas são recursos simbólicos na construção e manutenção da identidade de uma comunidade. A liberdade que os falantes têm de definir uso, mudança e movimento entre diferentes dialetos mostram os riscos que foneticistas podem incorrer em não levar em conta a variação social da fala quando postulam explicações funcionais de padrão baseadas em uma variedade de prestígio. Naro (2008, p. 43) aponta:

Nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam a preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do sexo feminino de maneira geral, ou das pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma apresentação para o público.

Ao se deparar com estudos de falares é preciso considerar a heterogeneidade da fala, considerar aspectos físicos, sociais e históricos que demandam a compreensão de como a fala foi construída.

A linguística, ao longo da história, tem investigado as razões e o modo com que a língua muda, focalizando as complexidades referentes às mudanças sonoras. Segundo Thomas (2012), a partir do século XX, o estudo da mudança linguística gradualmente passou a abranger o exame do contato linguístico, e não se concentrar apenas em investigar a evolução dos fenômenos linguísticos no tempo.

Essa nova orientação se deve à influência da sociolinguística laboviana que questiona como e o porquê a linguagem varia e muda:

¹³ No original: Instead of focusing on how language variation and the construction of speaking styles are a means of constructing social meaning, sociophonetics addresses how speaking styles, with their inherent social meanings, are the path to understanding how language is structured, it thereby views social meaning as a crucial aspect of the cognition of language.

Labov (1975) popularizou "o uso do presente para entender o passado" na mudança lingüística. Essa abordagem é uma instanciãção do princípio do Uniformitarismo, amplamente reconhecido em biologia, geologia, física e outras ciências, que afirma que processos observáveis hoje são os mesmos processos que sempre ocorreram. (THOMAS, 2012, p. 4, tradução nossa)¹⁴

Com isso, a problematização do estudo de como ocorre a mudança foi em parte resolvida com a sociolinguística laboviana. A mudança é inseparável da variação, e vice-versa.

Sob uma perspectiva mentalista, a pesquisa em variação linguística compreende, também, o estudo da variação neurolinguística.

Chomsky (1988) levantou questões corcenes a esse tipo de variação ao perguntar: O que está na mente de diferentes falantes de regiões distintas?

3.2 A variação da fala e o enfoque sociolinguístico

A linguística, enquanto ciência da linguagem, se debruça sobre as questões de natureza sintática, semântica, fonológica, fonética, discursiva, pragmática, entre outras. A sociolinguística, por sua vez, enfoca a variabilidade linguística nesses domínios da ciência da linguagem, tendo como objeto de estudo a variação e a importância social da linguagem, dos grupos socioculturais e de suas comunidades. É o estudo da língua que falamos e da sociedade em que vivemos.

A sociedade e a língua estão interligadas. Como forma principal de comunicação, a língua é um meio de expressão de cultura que cada sociedade manifesta. Por meio da interação entre pessoas se constroem características particulares, falares diversificados. Se analisarmos os falares de um país, de uma região ou de comunidades serão encontradas plurilinguagens, línguas e diferentes sotaques. Segundo Mollica (2008, p. 10):

Um país pode conviver com mais de uma língua, como é o caso do Brasil: somos plurilíngues, pois, além do português, há em nosso território cerca de 180 línguas indígenas, de comunidades étnico-culturalmente diferenciadas, afora as populações bilíngues que

¹⁴No original: Labov (1975) popularized 'the use of the present to understand the past' in linguistic change. This approach is an instantiation of the uniformitarian principle, a widely recognized principle uses in biology, geology, physics and other sciences, which asserts that process observable today are the same processes that have always operated

dominam igualmente o português e línguas do grupo românicos, anglo-germânico e eslavo-oriental, como em comunidades multilíngues português/italiano, português/espanhol, português/alemão, português/japonês.

As pessoas em nossa volta falam diferentemente, pois os falares refletem o enraizamento dos falantes em suas comunidades, sua influência social e sua adequação ao estilo de contextos sociais específicos. Alguns falares podem apresentar diferenças segmentais ou prosódicas. As diferenças segmentais se referem a variações em relação às características das vogais e consoantes, enquanto as variações prosódicas abrangem diferenças de *pitch*, *loudness*, tempo ou de qualidade vocal.

Quando o falante faz uso da língua, ele não só aplica as regras desse sistema organizado de linguagem, mas também faz uso de normas de adequação na sua cultura. Esse uso se modificará conforme a região, questões sociais e de estilo em que ocorre essa interação. A língua está ligada a nossa personalidade e comportamento, quanto mais à vontade estiver na interação, mais se fará uso da variabilidade e menos controle se terá às regras normativas da língua.

Para se entender o escopo da sociolinguística, é essencial considerar a variabilidade na língua, seja ela por variação estável, por mudança em progresso, ou por transformações referentes ao uso da língua nas comunidades de fala, considerando fatores como faixa etária, sexo, contexto social e educacional, localização geográfica e aspectos psicológicos.

Labov (1972, p. 120, tradução nossa)¹⁵ esclarece o que constitui uma comunidade de fala:

A comunidade da fala não é definida por um acordo explícito no uso de elementos da linguagem, mas sim pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas normas podem ser observadas em tipos evidentes de comportamento avaliativo e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis particulares de uso.

Labov não foi o primeiro a considerar os aspectos sociais no cenário linguístico, porém foi quem mais ressaltou os aspectos de variação em suas pesquisas sobre

¹⁵ No original: The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage.

linguagem e sociedade, e, por essa razão, é considerado o fundador da sociolinguística.

Segundo Tarallo (1990), Labov reagiu ao modelo gerativo por notar a falta de componentes sociais nas análises. Tarallo ainda cita diversas pesquisas de Labov que decorreram de aspectos sociais:

Desde seu primeiro estudo em 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), vários outros se seguiram: estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque 1966; a língua do gueto: estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros do Harlem, Nova Iorque, e estudos sociolinguísticos da Filadélfia, entre outros. (TARALLO, 1990, p. 7)

A sociolinguística se beneficiou de uma profusão de teorias e de técnicas de análise de várias disciplinas. Entre elas, a linguística, a sociologia, a psicologia social, a antropologia e a etnografia. Entre as técnicas de análise, análise metódica das relações sociais que utilizam a teoria de redes e a técnica de análise sociométrica foram muito utilizadas.

Em contraste com o grande crescimento de análises de natureza sociológica, poucas pesquisas abordam diretamente a cognição, sendo essa abordagem utilizada apenas na análise do discurso e na pragmática, como evidenciado em publicações da revista *Pragmatics cognition*.

As áreas da sociolinguística que lidam com pronúncia estão ainda começando a dirigir o seu foco para o estudo dos aspectos cognitivos. Uma sociofonética plenamente desenvolvida deve explorar como o processamento fonológico/fonético, cognitivo e neurológico está vinculado à indexação social.

A sociolinguística relaciona a variação linguística a categorias sociais, que podem variar de grandes entidades, como idiomas, dialetos regionais, gêneros ou grupos étnicos, até pequenas entidades, como grupos específicos de amigos.

É difícil quantificar e classificar a classe social, uma vez que qualquer escala para classificá-la será subjetiva. Diferentes grupos sociais têm sua maneira própria de ver o mundo. Cada estudo tem que encontrar e justificar sua forma de quantificar os critérios para avaliar determinada classe ou classes em análise.

Sociolinguistas tem utilizado em suas pesquisas uma ampla variedade de escalas e critérios para a avaliação de classes sociais. Porém essas escalas são artificiais, já que cada comunidade tem características específicas e únicas.

Uma alternativa mais defensável é se concentrar em uma classe social específica, ou reduzir a análise à comparação de apenas duas classes. “Alguns estudos substituem um correlato chave de classe, como o nível de escolaridade, por uma escala de classe social mais geral. Essas reduções geralmente são sensatas e defensáveis” (THOMAS, 2011, tradução nossa)¹⁶. Contudo há a preocupação com representações erradas das classes sociais.

Os fatores demográficos considerados em estudos sociolinguísticos podem incluir classe social, nível educacional, tipo de moradia, faixa etária, tempo de residência na comunidade, sexo, etnia, entre outros. Labov (1966) foi pioneiro no uso desse tipo de protocolos com esses fatores demográficos.

Quanto à relação de variação linguística e os fatores gênero/sexo, Labov (2001) afirma que as mulheres lideram as mudanças linguísticas conscientes e inconscientes. Thomas (2012) acrescenta que, a partir de numerosos estudos conduzidos, foi observado que a liderança em mudanças sonoras é feminina, com as mulheres sendo responsáveis por nove em cada dez mudanças.

Do mesmo modo, as pesquisas labovianas apontaram as classes médias-baixas e altas como grupos mais inovadores em mudanças linguísticas. A classe alta, no estudo de Baranowski (2007), liderou entre as outras classes sociais a mudança da pronúncia na vogal da palavra GOAT.

A abordagem sociolinguística quantitativa é uma maneira um tanto indireta de se chegar a significados sociais. Essa abordagem indica o grau em que grupos diferentes apresentam variantes específicas, mas não informa o quão proeminente a variante está na comunidade. Tampouco informa se os falantes são conscientes dessa mudança.

Mesmo que seja complexa a quantificação social, há resistência em classificar as variantes linguísticas com fatores como classe, gênero, faixa etária, etnia, localização geográfica. Labov (1972) propôs uma classificação de grupos, variantes de acordo com a sua saliência dentro de uma comunidade. As variantes jovens são menos salientes e tendem a ser típicas de algum segmento da sociedade, e são inconscientes.

Quando uma variante passa a demonstrar um condicionamento estilístico, significa que as pessoas passam a ter consciência, chamado marcador (LABOV,

¹⁶ No original: Some studies substitute one key correlate of class, such as education level, for a more general social class scale. These kinds of reductions are often reasonable and defensible.

1972). Assim, as pessoas desenvolvem uma impressão negativa da variante, que se torna um estereótipo.

Na sociolinguística, o estilo do falante se refere aos diferentes falares que o indivíduo apresenta em situações diversas em que está inserido. Uma das maneiras de classificar estilo é pela formalidade. Segundo Thomas (2012, p. 292, tradução nossa)¹⁷:

Em seu estudo do *East Side* de Manhattan, Labov descobriu cinco tipos de estilos de fala - discurso casual, discurso de entrevista, discurso de trechos de leitura, discurso de lista de palavras e discurso de pares mínimos, em nível crescente de formalidade. Ele considerou o nível de auto-monitoramento como o principal fator que traduz a formalidade da situação em diferenças reais na fala.

Essa perspectiva ficou conhecida como o modelo de atenção para a fala. A técnica de classificação de Labov ainda é muito útil, ficando claro que a formalidade e o automonitoramento são apenas dois de vários fatores que influenciam o estilo.

O comportamento oral do falante varia de acordo com o grupo com o qual interage. Por exemplo, no local de trabalho costuma-se usar maior formalidade, o que geralmente não acontece quando há uma reunião de amigos ou familiares. Variações referentes ao sotaque e à prosódia também são possíveis, quando o falante interage com pessoas de outras regiões ou de outras comunidades. Por isso o automonitoramento é um fator importante, pois altera a expressividade de acordo com as condições de interação.

Outro exemplo de estudo sobre variação estilística é o modelo de design de audiência proposto por Bell (1984). Nesse modelo, os palestrantes precisam fazer algumas suposições prévias e adaptar seu falar de acordo com o público, como uma forma de aproximar dele.

Para a pesquisa sociofonética, uma comunidade de fala não é propensa a seguir as mesmas regras quantitativas.

Segundo Holmes (1999), certos fatores distinguem a comunidade de fala de outras maneiras de definir uma população de estudo.

Primeiramente, normas são críticas. Membros de uma comunidade as

¹⁷ No original: In his study of the East Side of Manhattan, Labov elicited five kinds of speaking styles – casual speech, interview speech, reading passage speech, word list speech and minimal pair speech, in increasing level of formality. He regarded the amount of self-monitoring as the primary factor translating the formality of the situation into actual speech differences

adquirem (elas normalmente não são criadas por um membro dessa comunidade), e a crítica se comporta de maneira semelhante em relação às normas, mostrando um condicionamento estilístico. Segundo a identificação individual de um falante não é importante na definição de uma comunidade. E terceiro, os membros não são da comunidade para um propósito em comum, e sua associação pode ser definida por não-membros, talvez até pelo pesquisador.

Uma segunda abordagem para a investigação de uma população de estudo é a rede social. Os indivíduos são perguntados com quem se associam e são observados interagindo com outras pessoas. Assim, sua rede de interações pode ser mapeada sociometricamente.

Na análise de redes sociais, de acordo com Holmes e Meyerhoff (1999 *apud* THOMAS 2011), identificações compartilhadas e normas não compartilhadas são essenciais. A associação ao grupo é determinada por meio de contraste com outros grupos. A análise linguística mais simples envolvendo redes examina se variáveis linguísticas estão correlacionadas com redes particulares ou com não membros.

Vários estudos foram desenvolvidos com o propósito de investigar a abordagem de redes sociais. Labov (2001) utilizou a análise sociométrica de maneira diferente em um estudo na cidade Filadélfia, no estado norte-americano da Pensilvânia. Ele construiu escalas indicando quantos amigos íntimos um palestrante tinha e como eram localizados regionalmente os amigos. Labov correlacionou essas escalas com várias mudanças de som. Pessoas com mais amigos de diferentes localidades tendem a apresentar mudanças de som mais avançadas. A análise dos componentes principais revelou que os indivíduos que eram avançados nas mudanças de som eram pessoas mais centrais nas redes sociais.

Segundo Fernandes et al. (2016, p. 1):

[...]As CoPs são formadas por pessoas que voluntariamente compartilham de um mesmo interesse ou paixão, interagem regularmente, trocam informações e conhecimento, buscam sustentar a comunidade e compartilham do aprendizado, de maneira que podem ser caracterizadas por apresentarem as seguintes dimensões: empreendimento conjunto, envolvimento mútuo e repertório compartilhado (Wenger, 2010). Terra (2005) acrescenta que os interesses comuns de aprendizado e desenvolvimento pessoal são o que mantêm as pessoas conectadas.

Os autores ainda acrescentam:

Uma COP depende da força de três pilares: domínio, comunidade e prática (Snyder, Wenger, & de Sousa Briggs, 2003), entendidos como:

1. Domínio: o grupo compartilha de uma paixão ou interesse em comum;
2. Comunidade: constrói-se com as relações e interações baseadas no aprendizado conjunto e o compartilhamento de informações;
3. Prática: os membros desenvolvem seu repertório próprio recorrente da prática compartilhada. (FERNANDES et al., 2016, p. 2)

Um apelo da teoria de comunidades de práticas é o foco nos falantes individuais. As pessoas decidem com quais grupos querem se relacionar e que características de cada grupo elas incorporam ao construir sua própria identidade. Juntamente com todo o grupo, os indivíduos moldam a identidade da comunidade.

Em outras abordagens, as características da identidade são impostas aos falantes por circunstâncias sociais. Mesmo na abordagem da COP, a identidade ainda está ligada aos grupos sociais.

Os indivíduos negociam características de sua identidade, porém o fazem dentro dos grupos com os quais se identificam. O que não é contabilizado é o potencial de originalidade dos indivíduos. Thomas (2011) aponta algumas questões que a sociolinguística geralmente evitou, como: Até que ponto um indivíduo pode desenvolver sua identidade sem os grupos sociais? As variáveis linguísticas podem ser construídas e indexadas por um indivíduo?

O estudo de Johnstone (1996) sobre a variação do discurso demonstra que os indivíduos podem construir identidades únicas na maioria das áreas da linguagem, o mais difícil é provar que uma variante fonética representa origem.

Uma variante discursiva única é fácil de se reconhecer; devido ao grande número de palavras em uma língua, novas combinações únicas são possíveis. Para a fonética não, a inovação de uma pessoa é provavelmente a inovação de outros indivíduos também.

As variáveis linguísticas podem ser correlacionadas com muitos fatores: características demográficas dos sujeitos, interação em determinados grupos sociais, e estilos de fala.

De fato, a divisão de variáveis de Labov (1972) em indicadores, marcadores e estereótipos implicam apenas isso: os indivíduos têm pouca ou nenhuma relação de indicadores com categorias sociais. Sua consciência, porém, aumenta conforme as variantes se tornam marcadores, e por fim, estereótipos.

É importante salientar que a percepção consciente é apenas uma parte da análise, pois ouvintes muitas vezes possuem associações latentes e subliminares de variantes linguísticas com grupos de falantes ou com estilos de fala.

Grande parte de estudos de sociolinguística cognitiva têm se concentrado principalmente na semântica, pragmática e sintaxe. No entanto variantes fonéticas e fonológicas devem constituir uma parte crucial da sociolinguística.

A sociolinguística cognitiva repousa sobre a noção de que as pessoas associam variantes linguísticas a categorias sociais e demográficas, e que os falantes usam a linguagem para expressar sua identidade.

Essa teoria ainda nos convida a examinar as associações psicológicas entre variantes linguísticas e categorizações sociais. Em última análise, as associações cognitivas poderiam ser complementadas com o exame das conexões neurológicas entre linguagem e conhecimento social.

Quando sociolinguistas estudam a linguagem, eles se voltam primeiro para a produção da fala, e se esquecem de outra vertente importante, a percepção da fala. Esse viés tem origem no ensino da fonética e nas aulas introdutórias de linguística, onde os sons da fala são definidos em termos articulatórios e a percepção é pouco mencionada.

3.3 A sociofonética e a importância da fonética acústica e perceptiva

O termo fonético deriva do adjetivo grego *φωνητική*, que significa “relativo aos sons da linguagem”. Partindo desse pressuposto, em que a fonética se relaciona com os sons da linguagem, podemos iniciar a discussão sobre o escopo da sociofonética.

Falar é a capacidade humana que singulariza o homem de outros animais, e esse não dispõe de um órgão específico para falar.

Segundo o Dicionário de Linguística de Dubois (1993, p. 282), “a fonética estuda os sons da língua em sua realização concreta, independentemente de sua função linguística”. Ou seja, cabe à fonética estudar as diferenças físicas desses sons, de um ponto de vista concreto e independente da função desses sons num determinado idioma.

A fala aparece como uma modificação do funcionamento de certas partes do corpo que resulta na produção de sons, expressando uma linguagem. Essa linguagem oral é uma função secundária desempenhada por vários órgãos cujas funções

principais são outras, como pulmões, laringe, faringe, cavidades oral e nasal.

Para exemplificar a função principal da linguagem, a comunicação, o seguinte esquema pode ser considerado: o falante (fonte), aparelho fonador (transmissor), ar atmosférico (canal), aparelho auditivo (receptor), o ouvinte (alvo). Com esse esquema conseguimos entender o processo de produção e percepção da fala.

Como uma ciência que estuda as propriedades físicas dos sons de uma língua (articulatórias, acústicas e perceptivas), a fonética se torna importante para a análise de como esses sons produzidos e percebidos possam ser analisados e estudados.

Segundo Cagliari (2007, p. 19), “a fonética pode descrever qualquer som de qualquer língua, baseando-se fundamentalmente nas características de produção e percepção da fala, além de poder comparar sons de uma língua com sons de demais línguas”.

As características de produção dos sons da fala são elucidadas pela Teoria Acústica de Produção da Fala ou Teoria da Fonte-Filtro, desenvolvida por Gunnar Fant (1960), considerada um marco nos estudos da fala. O pioneirismo dessa pesquisa fundamentou o estudo científico da fala por explicar como as vogais e consoantes adquirem suas propriedades acústicas, viabilizando uma descrição acurada e consistente sobre como o sinal da fala é produzido.

O principal postulado da Teoria da Fonte-Filtro é o de que os sons da fala são gerados a partir de uma fonte de voz ou de uma fonte de ruído contínuo ou transiente que sofre modificações conforme a corrente de ar vinda dos pulmões passa por um filtro, o trato vocal, que se situa entre a glote e os lábios/narinas, e que age como um ressoador, intensificando ou atenuando frequências.

Segundo Barbosa e Madureira (2015, p. 53):

Como todo som, objeto de estudo da Acústica, o som da fala tem por origem uma fonte sonora. O padrão sonoro gerado por essa fonte em algum ponto do aparelho fonador entre a glote e os lábios é habitualmente modificado por efeito de ressonância no trato vocal e escapa pelos lábios. Ao ganhar o meio exterior, o som da fala assim obtido provoca uma perturbação no meio elástico circundando o falante (normalmente o ar) e estimula o aparelho auditivo do ouvinte. Essa perturbação pode ser vista sob a perspectiva de sua produção material, objeto da Fonética Acústica, bem como da sensação auditiva que provoca, objeto da Fonética auditiva.

Com o foco na variabilidade da fala e nos fatores psicossociais que a determinam, fez surgir um campo de investigação que Deschaises-Lafontaine (1974)

denominou sociofonética. A sociofonética é um campo que conjuga princípios da fonética e da sociolinguística, considera uma perspectiva de linguagem inerentemente instável, pelo fato de os falantes podem ajustar e adaptar seus falares às situações sociais diversas.

A sociofonética é uma área que vem atraindo grande interesse nos últimos anos. Segundo Thomas (2011, p.1), “em meados da década de 1990, o termo sociofonética era virtualmente desconhecido”.

Atualmente, o termo é ouvido entre trabalhos de natureza sociolinguística e fonética. Segundo Thomas (2011), não foi tão fácil definir o termo sociofonética, que conjuga teorias da fonética e da sociolinguística.

O autor ainda esclarece sobre a sociofonética:

Seus aspectos fonéticos geralmente se limitam às práticas da fonética moderna, incluindo análises acústicas e articulatórias, e experimentos de percepção da fala. Essa circunscrição exclui a transcrição fonética impressionista tradicional, embora algumas autoridades possam incluí-la. O escopo dos temas sociolinguísticos que ele abrange inclui qualquer tipo de variação - estilística, geográfica, geracional, étnica, baseada em classes sociais, gênero e grupos sociais. (THOMAS, 2011, p. 1, tradução nossa)¹⁸

Para Almeida e Rodrigues (2011, p. 3), o campo da sociofonética passou a integrar o campo da sociolinguística variacionista:

[...] o termo sociofonética, como esclarece sua própria etimologia, descreve trabalhos que relacionam a área da sociolinguística à da fonética. O termo foi primeiramente usado por foneticistas para designar a ocorrência de variações fonéticas e fonológicas em certos dialetos e estilos de falas individuais e/ou comunitárias. A expressão, contudo, na atualidade, tem sido empregada por pesquisadores, como Paul Foulkes, para se referir a trabalhos que privilegiam questões de investigação dos sons da linguagem no campo da sociolinguística variacionista.

Com o crescimento do campo, foneticistas vêm debatendo sobre trabalhos de cunho sociofonético e reivindicando que o campo seja tratado como uma disciplina independente, ainda que a união de duas disciplinas tão tradicionais seja uma questão

¹⁸ No original: Its phonetics aspects are usually limited to practices of modern phonetics, including acoustic and articulatory analysis and speech perception experiments. That circumscription excludes traditional impressionistic phonetic transcription, though some authorities might include it. The scope of sociolinguistic topics that it covers includes any kind of variation - stylistic, geographical, social class-based, gender-based, generational, ethnic and social clique-based.

problemática. Foulkes, Scobbie e Watt (2010) explicitam essa questão:

De fato, dado o crescimento recente do campo e os caminhos díspares que ele tomou, chegar a uma definição adequada da sociofonética não é uma tarefa simples.

A disciplina baseia-se em um rico corpus empírico, gerado por meio de um amplo conjunto de métodos e usado para abordar uma ampla gama de questões teóricas. A circunscrição do campo é igualmente problemática. Os limites da disciplina tornaram-se cada vez mais porosos, de modo que a pesquisa sociofonética agora une teorias e métodos não apenas da fonética e da sociolinguística, mas também de áreas relacionadas, incluindo psicolinguística, linguística clínica, aquisição da primeira língua (L1) e segunda língua (L2), teórica fonologia e linguística computacional. Ao mesmo tempo, porém, o ecletismo da sociofonética pode ser mal interpretado como uma falta de foco da disciplina. (FOULKES; SCOBBIE; WATT, 2010, p. 704, tradução nossa)¹⁹

Na visão de Foulkes, Scobbie e Watt (*op.cit*), o tema unificador do trabalho sociofonético é a identificação da variação na fala, explicando as fontes, os parâmetros e as funções comunicativas da variação socialmente estruturada na fala.

Gonçalves e Brescancini (2014) retomam a definição de sociofonética de Foulkes, Scobbie e Watt (2010):

A Sociofonética é um campo de investigação linguística que faz uso dos princípios e técnicas da Sociolinguística e da Fonética a fim de identificar, e por fim, explicar a variação socialmente estruturada da fala. Seu escopo de atuação envolve questões referentes ao aprendizado da variação sociolinguística (a compreensão de seu armazenamento cognitivo e a avaliação subjetiva) e de seu processamento, tanto na fala quanto na percepção. Nesse sentido, considera-se como sociofonético qualquer aspecto da variação fonética sistemática na qual o fato indexado é ao menos em parte o produto da construção social. (GONÇALVES; BRESCANCINI, 2014, p. 71)

Os objetivos da pesquisa em sociofonética incluem a compreensão de como a

¹⁹ No original: Indeed, given the recent growth of the field and the disparate paths it has taken, providing an adequate definition of sociophonetics is far from straightforward.

The discipline draws upon a rich empirical corpus which is generated through a wide set of methods and which is exploited to address a diverse range of theoretical questions. Circumscription of the field is similarly problematic. The boundaries of the discipline have become increasingly porous, such that sociophonetic research now amalgamates theories and methods not only from phonetics and sociolinguistics but also from related fields including psycholinguistics, clinical linguistics, first language (L1) and second language (L2) acquisition, theoretical phonology, and computational linguistics. At the same time, though, the eclecticism of sociophonetics may be misinterpreted as indicating a lack of clear focus.

variação socialmente estruturada no sistema de som é aprendida, armazenada cognitivamente, subjetivamente avaliada, e processada para ser falada e ouvida. Tal trabalho contribui para o desenvolvimento de modelos teóricos de fonética e da sociolinguística, abrangendo a produção e percepção da fala, com foco claro na origem e disseminação da variação.

Segundo Thomas (2011), a sociofonética considera a variação e a mudança como as propriedades mais fundamentais das línguas. Ainda para Foulkes, Scobbie e Watt (2010), a pesquisa em sociofonética utiliza um rico *corpus* empírico, métodos diversificados e focaliza uma ampla gama de questões teóricas.

Para Baranowski (2013), a sociofonética refere-se à interface da sociolinguística e fonética, especificamente para o uso de métodos fonéticos modernos na análise quantitativa da variação linguística e mudança.

Baranowski ainda acrescenta que a sociofonética desenvolve-se como uma disciplina separada, com regras próprias ou continua a marcar uma abordagem metodológica dentro da sociolinguística variacionista.

A vantagem dessa abordagem é que as mudanças em um fonema particular geralmente fazem parte de uma mudança envolvendo outras vogais no mesmo subsistema. Em outras palavras, a vogal na qual estamos interessados pode ser afetada por alterações a outras vogais e ela própria pode afetar outras vogais.

Olhar para todo o sistema de vogais possibilita uma melhor compreensão dos mecanismos dessas mudanças.

Isso é visto com mais clareza em mudanças fonéticas encadeadas (*chain shifts*), como o *Northern Cities Shift* (ANAE; Gordon, 2001) ou o *Southern Shift* (ANAE, Fridland 2001; Labov, 1994), onde não se pode compreender completamente uma mudança em uma vogal sem observar as mudanças no restante do sistema. (BARANOSWKI, 2013, p. 3, tradução nossa)²⁰

Os seguimentos fônicos tem sido objeto de um grande número de estudos sociofonéticos.

Estudos sociofonéticos de qualidade de voz continuam sendo escassos, uma área pouco pesquisada, de maior interesse aos sociolinguistas. Os poucos estudos

²⁰ No original: This is seen most clearly in chain shifts, such as the Northern Cities Shift (ANAE; Gordon, 2001) or the Southern Shift (ANAE, Fridland 2001; Labov, 1994), where one cannot fully understand a change in one vowel without looking at changes in the rest of the system.

que foram conduzidos sugerem que a qualidade da voz pode mostrar correlações com fatores sociais (ESLING, 1978) e pode ter um papel na mudança de som. Segundo Baranowski (2013, p. 19, tradução nossa)²¹:

Stuart-Smith (1999), por exemplo, descobriu em seu estudo de Glasgow que os ajustes de língua e outros parâmetros de qualidade de voz estavam significativamente correlacionados com idade, classe social e sexo. Verificou-se que as diferenças de fonação desempenham um papel na distinção entre /u/ tenso e não-tenso antes /l/ (*fool - full*, etc.) no inglês falado em Utah, onde as duas vogais se sobrepõem em F1-F2; a medida utilizada (Índice de Qualidade da Voz) foi a diferença entre as amplitudes de F0 e F1 (Di Paolo e Faber, 1990). Finalmente, há um crescente corpo de pesquisa investigando correlações entre o uso de recursos de qualidade da voz, como falsete, voz soprosa ou crepitância na voz e identidade de gênero (Henton e Bladon, 1988; Podesva, 2007; Yuasa, 2010).

Incluir trabalho smith

Para a sociofonética, a unidade sonora comporta simultaneamente as representações linguística e social, ou seja, a variável sociolinguística possui representação plena (BIASIBETTI, 2017).

A pesquisa em sociofonética é eclética, pois utiliza métodos da fonética, da sociolinguística e também de outras disciplinas, como a psicolinguística, linguística clínica, Aquisição de L1 e L2, Fonologia teórica e Linguística computacional.

Foneticistas e sociolinguistas tendem a divergir em termos de escopo da sociofonética.

Os foneticistas tendem a vê-la como compreendendo estudos fonéticos que envolvem qualquer tipo de variação dialetal, mas não necessariamente examinando aspectos sociais da linguagem. A sociolinguística, por outro lado, costuma vê-la como incluindo qualquer estudo sociolingüístico que utilize técnicas fonéticas modernas, particularmente análises acústicas ou experimentos de percepção da fala, mas não considera nenhuma das questões teóricas de interesse da fonética essenciais para ela. Além disso, muitos em ambos os campos frequentemente vêem a sociofonética como uma construção metodológica, enquanto outros também reconhecem um lado teórico.

²¹ No original: Stuart-Smith (1999), for example, found in her Glasgow study that tongue settings and other voice quality parameters were significantly correlated with age, social class, and gender. Phonation differences have been found to play a role in maintaining a distinction between tense and lax /u/ before /l/ (*fool-full*, etc.) in Utah English, where the two vowels overlapped in F1-F2; the measure used (Voice Quality Index) was the difference between the amplitudes of F0 and F1 (Di Paolo and Faber 1990). Finally, there is a growing body of research investigating correlations between the use of voice quality features such as falsetto, breathy voice, or creaky voice, and gender identity (Henton & Bladon 1988; Podesva 2007; Yuasa 2010).

THOMAS (2012, p. 1, tradução nossa)²²

Tais olhares e pontos de vista vêm mostrar que esta área está em evolução e emergindo nas pesquisas acadêmicas. Por mais que a sociofonética venha crescendo, somente o tempo que poderá defini-la com mais precisão.

Estudos de produção e percepção de fala foram impulsionados a partir do surgimento do computador digital e da instrumentação eletrônica, em estudos de âmbito sociolinguístico e psicolinguístico.

Segundo Madureira (2006, n.p):

A variação na fala é motivada por fatores de natureza linguística e extralinguística e decorre da extrema plasticidade do aparelho fonador, e que é justamente essa plasticidade que permite a implementação de inúmeras estratégias de produção na dinâmica da fala.

De grande importância para a pesquisa em sociofonética são os estudos sob a perspectiva da Fonética Acústica (THOMAS, 2011), a qual, segundo Barbosa e Madureira (2015, p. 28):

[...] visa ao estudo do som da fala enquanto material de análise, restringindo a gama de estudos da Fonética, que se debruça também sobre a maneira como os sons são produzidos (Fonética Articulatória), como são percebidos (Fonética Auditiva) e como também são organizados para a produção e percepção da fala no sistema cognitivo (Fonética Cognitiva).

Segundo Baranowski (2013), embora a pesquisa sociofonética tenha se concentrado principalmente no lado da produção de variação, estudos de percepção da fala têm desempenhado um papel cada vez mais importante na iluminação tanto dos mecanismos de mudança sonora em progresso como da construção do significado social da variação (ver Drager, 2010; Thomas, 2002).

Há uma quantidade considerável de pesquisas explorando a relação entre as

²² No original: Phoneticians tend to view it as comprising phonetic studies that involve any kind of dialectal variation, but not necessarily examining social aspects of language. Sociolinguistics, conversely, often see it as including any sociolinguistics studies that utilize modern phonetic techniques, particularly acoustic analysis or speech perception experiments, but they don't consider any of the theoretical issues of concern to phoneticians to be essential to it. Furthermore, many people from both fields often view sociophonetics as a methodological construct, whereas other recognize a theoretical side to it as well.

variáveis fonéticas e as características sociais dos falantes, e como essas são percebidas por ouvintes.

Sobre as pesquisas na sociofonética, Thomas (2011) comenta que “o que surpreende é que os estudos sociofonéticos da percepção de fato prosperaram, ainda que um tanto fora do centro das atenções”. Porém mesmo com essa prosperidade de pesquisa são poucas as pesquisas sociofonéticas no âmbito nacional.

O autor ainda aponta:

Outros temas ganharam atenção apenas esporadicamente, e muitos outros foram ignorados. Todos eles merecem atenção e oferecem incursões para a abordagem de questões cognitivas pela sociolinguística. Você não deve pensar que aqueles de nós que estudam variação da linguagem estão apenas tomando teorias e métodos da fonética perceptiva e aplicando-os à variação. A variação da linguagem também pode oferecer grandes contribuições para o nossa compreensão sobre a percepção da fala. O estudo sócio-perceptivo é um campo aberto, com inúmeras oportunidades para os pesquisadores. (THOMAS, 2011, p. 55, tradução nossa)²³

É nesse âmbito da sociofonética perceptiva que a presente pesquisa se insere.

Dois conceitos

Neste trabalho, adotaremos a conceituação de atitude linguística e percepção de sotaque.

Entende-se por atitudes linguísticas “uma resposta incorporada ao indivíduo, resposta esta que tende a mediar ou conduzir as respostas avaliativas mais abertas de um sujeito em relação a um objeto ou conceito” (RAMOS, 1997, p. 104).

O sotaque traz uma marca na enunciação oral e no ritmo das construções, somadas por uma característica: o léxico diferenciado de um falar para o outro. O que também o diferencia do conceito de dialeto, por ser tratar de características linguísticas numa determinada região e que abrange mudanças na língua, sendo uma variação geográfica/regional de uma língua nacional.

A linguagem é uma força social poderosa, que faz mais do que transmitir o referencial pretendido em formação. Nossa visão dos outros, suas supostas

²³ No original: Other topics have garnered only sporadic attention, and many others none at all. They all deserve attention, and they offer inroads for sociolinguistics to address cognitive issues. You shouldn't think that those of us who study language variation are merely taking theories and methods from perceptual phonetics and applying them to variation. Language variation has a great deal to contribute to what we know about speech perception, too. Socio-perceptual study is a wide-open field with numerous opportunities for researchers.

capacidades, crenças e atributos são determinados, em parte, por inferências que fazemos a partir das características da linguagem que eles adotam.

Por exemplo, um americano pode pensar que um estranho seja "culto" e "refinado" simplesmente por causa de seu particular sotaque britânico. A percepção e atitude linguística partir do que ouvimos se torna comum no âmbito das interações.

Segundo Côté e Clement (1994), uma compreensão desse processo, juntamente com os diferentes tipos de avaliação de perfis que surgem de tal variação de linguagem em diferentes contextos e culturas sociais, é o coração do estudo das "atitudes linguísticas".

Esta área de pesquisa pode agora ser caracterizada como uma tentativa de compreender o processamento e as disposições das pessoas em relação à linguagem situada e comportamentos comunicativos.

O estudo das atitudes linguísticas não é novidade no âmbito das ciências. As disciplinas como a Sociologia e a Psicologia vêm se dedicando à investigação do efeito das atitudes sobre a realidade social há muito tempo. As áreas que fornecem contribuições para o estudo desse tema são, principalmente, a Psicologia Social, a Sociolinguística, a Sociologia da Linguagem e a Etnografia da Comunicação (CORBARI, 2013).

A relação psicológica com a atribuição de características ao falante é bem saliente, uma vez que o ouvinte atribui impressões a partir de sua percepção. A tarefa de percepção e julgamento traz um resgate psicológico ao indivíduo, no qual o mesmo atribui suas emoções e suas considerações ao grupo analisado.

Os processos psicológicos, incluindo a maneira como as pessoas fazem atribuições e desenvolvem atitudes em relação aos outros, tornam-se centrais para o entendimento das relações intergrupais.

Segundo Corbari (2013, p. 62):

A importância do estudo das atitudes linguísticas reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para melhor entendimento de uma comunidade, influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a eleição de uma língua em detrimento de outra e o ensino-aprendizagem de línguas nessa comunidade (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

Lambert e Lambert (1966) atribuem três componentes à atitude: a crença, a

valoração e a conduta, todos situados no mesmo nível. Partindo dessa perspectiva, a atitude linguística considera o pressuposto de que o ouvinte acredita, valoriza, das suas emoções e do seu comportamento frente à língua ou variação.

As atitudes dependem do componente social, da forma como o homem pensa, interage, se comporta e sente em relação aos seus pares.

Bem (1973) acrescenta os atributos que correspondem aos quatro fundamentos psicológicos das crenças e atitudes – cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais.

Para estudos perceptivos, é essencial considerar que o ouvinte tem papel ativo na tarefa de percepção. Nittorouer (2002 apud Madureira, 2006, n.p) acrescenta:

Ele integra a informação temporal e espectral do sinal acústico para fazer julgamentos sobre a estrutura fonética da fala encadeada, os quais são influenciados, entre outros fatores, por efeitos da sincronização no tempo dos movimentos dos articuladores, pela frequência de ocorrência dos sons na língua, pela natureza das informações espectrais, pelo inventário de sons de uma língua, pelo contexto linguístico e por aspectos situacionais.

A sociofonética é empírica, e é derivada a partir de dados de experiência. A teoria sociofonética é intimamente ligada a métodos experimentais, e as hipóteses dessa teoria são acompanhadas pela coleta de dados.

No trabalho em sociofonética há a necessidade de ir ao campo de pesquisa, assim como em trabalhos de cunho apenas sociolinguístico. A escolha do *corpus* de pesquisa exige cuidado metodológico e soluções prévias para garantir a qualidade dos dados.

A montagem do *corpus* é uma das etapas mais importantes do desenho experimental em uma pesquisa de natureza fonético-acústica. O *corpus* destinado à análise fonético-acústica pode ser composto por materiais gravados previamente ou ser elaborado pelo próprio pesquisador especificamente para o seu trabalho (BARBOSA; MADUREIRA, 2015).

Barbosa e Madureira (2015, p. 216) destacam três tipos de *corpora*:

- Espontâneo: coleta de dados sem o conhecimento por parte dos falantes - princípios de ordem ética. Interferência nula do pesquisador.
- Laboratório semiespontâneo: Elaborar estratégias que levem o sujeito da pesquisa a produzir aqueles eventos que o pesquisador deseja analisar.

- Laboratório *stricto sensu*: o pesquisador exerce algum tipo de controle sobre a fala dos sujeitos da pesquisa. Frase-veículo: frases nas quais as palavras-chave são inseridas.

Sociolinguistas se preocupam com a comunidade de fala que estão estudando. Suas pesquisas refletem um estudo histórico e de estrutura social, e tendem a priorizar falantes nativos como sujeitos.

Para que o informante fique à vontade, é necessário que o pesquisador visite mais de uma vez a localidade de pesquisa, para conhecer, situar a pesquisa, realizar o perfil sociolinguístico do falante e criar um ambiente íntimo entre o ele e o seu informante. Assim, esse será mais espontâneo em sua fala e sua produção sem maiores contenções e interferências. Se o interesse da pesquisa for de caracterização da fala de um grupo social, o pesquisador precisa exercer cuidado para não interferir no momento da gravação.

Uma diferença prática entre os estudos de produção e percepção é que em estudos sobre a produção, o trabalho árduo da pesquisa se dará ao final, durante as análises. Por sua vez, em trabalhos sobre a percepção, os desafios se apresentam ao projetar a pesquisa, quando se está interagindo com os sujeitos.

Docherty et al. (1997 apud THOMAS, 2012) discutem a problemática entre duas abordagens de pesquisa linguística: “*top-down*” e “*bottom-up*”.

A primeira abordagem, que ser traduzida como “de cima para baixo”, é baseada numa pesquisa com pouca coleta de dados. A segunda abordagem, “de baixo para cima”, traz uma pesquisa com muita coleta de dados, o que leva à criação de hipóteses que melhor correspondem aos dados. Por essa razão, foneticistas e sociolinguistas preferem a abordagem “*bottom-up*” para as hipóteses de pesquisa.

Os estudos de percepção de fala, no que se refere à variação da linguagem, têm se concentrado em uma ampla variedade de questões de pesquisa. Segundo Thomas (2012), estudos de identificação de dialetos mais recentes, como de Bezooijen e Gooskens (1999), tornaram-se bastante sofisticados, tanto nas técnicas fonéticas quanto nas análises estatísticas.

Estudos relacionados às atitudes linguísticas também tem um grande trajeto histórico, como pode ser visto em Lambert et al. (1960). No trabalho “*Synthetic manipulation of stimuli*” (Brown et al., 1972), os autores forneceram um meio de controlar estímulos em experimentos.

Vários outros pontos, como a inteligibilidade da variante dialetal Labov e Ash

(1997), também foram abordados em diferentes experimentos (THOMAS, 2012).

3.4 Trabalhos em sociofonética acústica e perceptiva

Como sabemos, variedades linguísticas causam efeitos perceptivos divergentes nas pessoas, provocando atitudes e julgamentos em relação a essas variedades e seus falantes.

Segundo Baranowski, há um considerável corpo de pesquisa que explora a relação entre variáveis fonéticas e as características sociais dos oradores atribuídos pelos ouvintes:

Um grupo de estudos trata da identificação do dialeto dos falantes, ou seja, quão precisos são os ouvintes e em que pistas fonéticas eles se baseiam na percepção de diferentes regiões de dialetos (por exemplo, Clopper e Pisoni, 2004; Preston, 1999). Outros estudos exploram as pistas fonéticas envolvidas na identificação da etnia dos falantes (Graff, Labov e Harris, 1986; Purnell, Idsardi e Baugh, 1999; Preston e Niedzielski, 2010), sexualidade (Levon, 2006) e gênero das crianças (Foulkes et al., 2010). (BARANOWSKI, 2013, p.19, tradução nossa)²⁴

O trabalho intitulado “*Linguistic opinions and attitudes in Tuscany: verbal guise experiments on the varieties of Arezzo and Florence*”, realizado por Biliotti e Calamai em 2010, teve como objetivo investigar a percepção da variedade falada em Arezzo, na Toscana, em termos de opiniões abertas e atitudes secretas, bem como a provar que tal variedade goza de prestígio secreto entre os jovens em Arezzo.

A Toscana é uma região conhecida como “o berço da língua italiana”, por apresentar muitas variedades linguísticas. Mesmo com esse título e com variantes evidenciadas (como o chamado ‘georgia toscana’, consistindo na espirantização de consoantes de parada intervocálicas, que são mais presentes na periferia), estudos de caráter sociofonético na região ainda são muitos escassos.

O trabalho combinou metodologias emprestadas da Dialetoлогия Perceptual com técnicas tomadas a partir da Psicologia Social da Linguagem. O método de pesquisa utilizado incluiu perguntas diretas e o teste de diferencial semântico,

²⁴ No original: One group of studies deal with the identification of speakers’ dialect, i.e., how accurate listeners are and what phonetic cues they rely on in their perception of different dialect regions (e.g. Clopper & Pisoni 2004; Preston 1999). Other studies explore the phonetic cues involved in the identification of speakers’ ethnicity (Graff, Labov, & Harris 1986; Purnell, Idsardi & Baugh 1999; Preston & Niedzielski 2010), sexuality (e.g. Levon 2006), and children’s gender (Foulkes et al, 2010).

comparando vozes de Arezzo e vozes de Florença. Enquanto o primeiro visa descobrir e analisar crenças sobre a língua a partir da coleta e análise de comentários abertos dados por não linguistas, o último tem como objetivo investigar as atitudes provocadas por uma língua ou variedade, por meio de métodos indiretos, que não revelam o objeto de análise para os informantes.

A principal metodologia utilizada nessa pesquisa foi o teste de disfarce verbal, uma variação da técnica de correspondência de disfarce desenvolvido na década de 1960 por Wallace Lambert, a fim de obter as atitudes secretas relacionadas à grupos francófonos e anglófonos no Canadá.

Com esse método, um único falante bilíngue é gravado lendo uma passagem uma vez em cada uma das variedades. As passagens gravadas são organizadas como se fossem ditas por diferentes falantes, e indivíduos bilíngues da mesma comunidade são convidados a ouvir a fala e avaliá-la segundo algumas características. Assim, os sujeitos acreditam que estão ouvindo pessoas diferentes falando em suas "vozes normais", e não estão cientes do fato de que estão classificando diferentes variedades, e não diferentes falantes.

Com a técnica de disfarce verbal, as diferentes vozes podem ser dadas por diferentes falantes nativos, a fim de evitar o problema de encontrar falantes nativos perfeitos. Segundo Biliotti e Calamai, somente alguns pesquisadores da Itália fizeram uso dessa técnica.

A pesquisa envolveu 43 estudantes entre 18 e 19 anos vivendo e estudando em Arezzo ou nas mediações da cidade. Esses foram instruídos a responder a um questionário, dividido em três partes.

As partes do questionário se constituíam em:

1. Responder perguntas diretas e indiretas, a fim de suscitar opiniões linguísticas quanto à variedade de Arezzo. Ex: se gosta da variedade, se pode julgar agradável, rude, feio, musical, divertido, etc.

2. Indicar num mapa de Toscana as áreas onde as pessoas falam de maneira semelhante.

3. Dedicar-se a técnica de obtenção de dados das atitudes relacionadas às variedades de Arezzo e Florença por meio da técnica de disfarce verbal. Os sujeitos são convidados a julgar considerando condição socioeconômica, personalidade, distância e aproximação social entre os falantes.

Os resultados da pesquisa mostraram uma diferença entre as percepções a

respeito da fala do idoso e da fala do jovem. A primeira, em sua maioria, foi percebida como menos clara, mais antiga e grosseira (58,1%).

Dos indivíduos questionados, a maioria (72%) não acredita que a variedade de Arezzo está passando por um processo de extinção, principalmente porque ela é falada não só pelo idoso, mas também pelas novas gerações. A maioria dos indivíduos (72%) também não acredita que seria importante para um empregado do escritório de Arezzo saber o dialeto do lugar.

Mais da metade dos indivíduos questionados (53,4%) afirmaram gostar dessa variedade, que é frequentemente descrita como grosseira (60,4%), agradável e divertida (55,8%). Quanto às semelhanças com outras variedades, 46,2% dos sujeitos afirmaram que o dialeto de Arezzo é similar a outro dialeto italiano.

A terceira parte do questionário foi analisada mais detalhadamente. As questões foram agrupadas em cinco categorias principais, cada uma correspondendo a um aspecto diferente da percepção da variedade de Arezzo, que foi investigada no teste de aparência verbal.

Quanto ao reconhecimento da variedade de cada local, a voz de Arezzo foi reconhecida como originária do mesmo local por 97,6% dos juízes. Apenas 46,5% dos juízes reconheceram e relacionaram a voz de Florença ao seu lugar de origem, o restante deles atribuiu a voz à cidade de Siena.

Quanto à agradabilidade, 55,8% dos alunos julgaram a voz de Arezzo negativamente, enquanto 41,8% deles responderam positivamente à voz. O mesmo padrão é percebido nas respostas referentes à voz de Florença, com um rebaixamento do percentual relacionado às respostas negativas (46,5%), e um leve aumento relacionado às respostas positivas (44,1%).

Os alunos julgaram também que Florença tem um nível de escolaridade superior a Arezzo, e que as vozes de Florença pertencem a sujeitos mais bem-sucedidos, em um nível socioeconômico melhor, que são mais comprometidos no trabalho, podendo ocupar cargos como de gerente e trabalhando em escritórios. As vozes de Arezzo foram relacionadas a sujeitos menos educados, que possuem carro econômico, e que não poderiam dar entrevista a um repórter.

Os resultados de traços de personalidade também trouxeram uma avaliação mais positiva para as vozes de Florença. Os alunos julgaram que as amostras de fala de Florença são de pessoas mais confiáveis, mais inteligentes, autoconfiantes, elegantes, humildes, sociáveis, arrumadas, boas e também afeminadas. As amostras

de Arezzo foram relacionadas a características mais hostis como: viril, rude, confuso, não muito inteligente e nem muito confiável. Entretanto os sujeitos de Arezzo foram considerados bons e humildes.

Quanto à proximidade e distância social, os sujeitos de Arezzo foram considerados mais amigáveis do que os de Florença, porém ambos foram julgados como pessoas que não se querem na família.

Segundo as conclusões da referida pesquisa, os resultados de disfarce verbal mostraram que as vozes de Arezzo são julgadas de forma mais negativa, exceto quanto ao quesito simpatia/sociabilidade. As vozes de Florença, por outro lado, receberam julgamentos mais favoráveis, porém foram percebidas com maior distanciamento social.

Considerando a “dimensão de solidariedade”, Arezzo é julgada de forma mais positiva do que nos quesitos relacionados à condição socioeconômica.

Florença é vista como detentora de uma variedade de maior prestígio porque esta está associada à origem da língua italiana, e carrega também uma importante tradição literária.

Em seu trabalho “*Sociophonetics*” (2013), Baranowski tem uma visão mais modesta da sociofonética como uma ferramenta que contribui para a nossa compreensão da natureza da variação e mudança da linguagem. Assumindo um conhecimento básico de fonética acústica, ele se concentra na metodologia sociofonética, com especial atenção para a prática da análise acústica de vogais.

As fundações do que hoje é chamado de sociofonética foram colocadas por Labov, Yeager e Steiner [LYS] (1972) em seu estudo seminal de variação e mudança nas vogais do inglês americano.

Segundo Baranowski (2013), o termo sociofonética tem sido até recentemente associado à análise acústica de vogais. Embora seja agora mais amplo e inclua a análise instrumental de outros tipos de som da fala, a análise acústica da variação das vogais continua sendo seu foco central.

O autor afirma ainda que estudos de caráter sociofonéticos foram conduzidos em sua maioria nos Estados Unidos após a fundação LYS.

Nas primeiras décadas após a LYS, estudos acústicos de variação de vogais foram conduzidos quase exclusivamente nos Estados Unidos, primeiro na Universidade da Pensilvânia, como os estudos de Hindle (1980), Labov (1991, 1994), Ash (1996), Fought (1999), e

posteriormente em outros lugares: Fridland (2001), Thomas (2001). Na última década, houve um rápido crescimento no número de estudos acústicos de vogais, tanto no inglês norte-americano, entre eles os estudos de Baranowski (2007), Boberg (2008), Yaeger-Dror e Thomas (2010), como em outras variedades de inglês, por exemplo: inglês australiano (Cox, 1999), inglês de Cingapura (Deterding, 2003), inglês da Inglaterra (Kerswill, Torgersen e Fox, 2008), inglês de Brunei (Sharbawi, 2006) e inglês da Nova Zelândia (Maclagan e Hay, 2007). O Atlas de inglês norte-americano [ANAE] de Labov, Ash e Boberg (2006) merece menção especial como o estudo sociofonético mais abrangente, e possivelmente o mais importante sobre a variação e mudança de vogais desde o LYS. (BARANOWSKI, 2013, p. 2, tradução nossa)²⁵

A maioria dos estudos sociofonéticos de vogais tem investigado variações e mudanças na posição das vogais no espaço fonético, medidas em termos de diferenças entre F1 e F2, e ocasionalmente F3 (ver Bowie, 2008), ao longo do tempo, e através de diferentes dialetos ou grupos sociais.

Muitos outros estudos, no entanto, investigam os sistemas de vogais completos dos informantes. Entre eles estão LYS (1972); Labov, Ash e Boberg (2006); Baranowski (2007); Dinkin (2009); Thomas (2001). Esses estudos incluem a medição de todos os fonemas vocálicos em todos os ambientes fonológicos relevantes em um dado dialeto.

Outro caso em questão é a fusão cotada mencionada acima. Muitas vezes, essa fusão é parte de uma mudança maior, co-ocorrendo com uma mudança na posição de outras vogais, como o apoio de /æ/ e o apoio e abaixamento de /E/ e /I/:

É uma característica do inglês canadense conhecido como mudança fonética canadense (ver Boberg, 2005), mas desenvolvimentos semelhantes foram encontrados recentemente em estudos sociofonéticos da Califórnia (Eckert, 2004), Charleston, Carolina do Sul (Baranowski no prelo) e Illinois (Bigham, 2009). Essas ocorrências não teriam sido observadas se o foco estivesse exclusivamente nas duas vogais posteriores abertas. (BARANOWSKI, 2013, p. 3, tradução

²⁵ No original: For the first few decades following LYS, acoustic studies of vowel variation were conducted almost exclusively in the United States, first at the University of Pennsylvania, e.g. Hindle (1980), Labov (1991, 1994), Ash (1996), Fought (1999), and then elsewhere, e.g., Fridland (2001), Thomas (2001). The last decade has seen a rapid growth of acoustic vowel studies, both of North American English, e.g. Baranowski 2007, Boberg 2008, Yaeger-Dror and Thomas (2010), and of other varieties of English, e.g. Australian English (Cox 1999), Singapore English (Deterding 2003), English English (Kerswill, Torgersen, and Fox 2008), Brunei English (Sharbawi 2006), and New Zealand English (Maclagan & Hay 2007). The Atlas of North American English [ANAE] by Labov, Ash, and Boberg (2006) deserves special mention as the most comprehensive and arguably most important sociophonetic study of vowel variation and change since LYS.

nossa)²⁶

Baranowski destaca ainda uma abordagem intermediária que, enquanto se concentra em um fonema específico, pode incluir medições de formantes de outras vogais ocupando as posições mais periféricas no espaço acústico (a vogal mais alta, mais frontal, mais baixa ou mais retraída) que são conhecidos por serem estáveis na comunidade de fala, isto é, não estão sofrendo alterações. Essas vogais são tratadas como pontos de ancoragem que podem ser usados para estudar a posição relativa de outras vogais e sua mudança no tempo aparente.

Esta abordagem foi adotada com sucesso por Fought (1999) em seu estudo de /uw/ - frontal no inglês chicano/mexicano. E segundo Baranowski (2013, p.4), “Where the vowel of seat and the vowel of cot and father (merged in the dialect) were used as anchor points. Fought took the ratio of the speakers’ mean F2 of /uw/ to the mean F2 of the two anchor vowels as the measure of the extent of the fronting.”

A dificuldade aqui é saber se as vogais usadas como pontos de ancoragem são realmente estáveis na comunidade. Para o estudo de uma comunidade de fala cujo sistema de vogal não foi estudado sistematicamente antes, olhar para o sistema completo de vogais é a melhor opção.

Crianças, mulheres e homens têm diferentes comprimentos do trato vocal e, portanto, diferentes valores de formantes para os mesmos fonemas vocálicos.

As medidas de seus formantes não podem ser diretamente comparadas, a menos que sejam ajustadas através da normalização. O objetivo principal da normalização da vogal em estudos sociofonéticos é eliminar a variação devido às diferenças físicas entre falantes enquanto preserva as diferenças dialetais ou sociolinguísticas presentes na comunidade de fala.

Quanto ao ritmo prosódico, os estudos sociofonéticos observaram os efeitos por medidas e comparações do ritmo em inglês, uma língua fortemente marcada pela acentuação, com variedades influenciadas por línguas mais próximas do final do espectro de ritmo silábico. Segundo Baranowski (2013):

Low, Grabe e Nolan (2000) estabeleceram grande parte da metodologia atual de medição de ritmo e testaram suas fórmulas para

²⁶ No original: It is a feature of Canadian English known as the Canadian Shift (see Boberg 2005), but similar developments have recently been found in sociophonetic studies of California (Eckert 2004), Charleston, South Carolina (Baranowski in press), and Illinois (Bigham 2009). This insight would have been lost if the focus had been exclusively on the two low back vowels.

o VPI (*Pairwise Variability Index*) normalizado comparando o ritmo do inglês britânico e do inglês de Cingapura. Thomas e Carter (2006) comparam o ritmo na fala dos afro-americanos nascidos em meados do século XIX com o discurso dos sulistas americanos de descendência europeia nascidos nesse mesmo período e com os sulistas de ambas as etnias nascidos no século XX. White e Mattys (2007) comparam o inglês britânico padrão do sul com o inglês galês, o inglês das ilhas Orkney e das ilhas Shetland, onde as influências do substrato resultaram em discursos com mais características de ritmo silábico. Comparações semelhantes foram feitas para outros idiomas, por exemplo, dialetos árabes (Ghazali, Hamdi e Barkat, 2002) e francês parisiense de origem europeia e norte-africana (Fagyal, 2010). (BARANOWSKI, 2013, p.18, tradução nossa)²⁷

Baranowski também cita estudos sociolinguísticos de entoação, centrando-se na variação dialetal:

Eles tendem a ser estudos de dialetos únicos, cujo objetivo não era considerar a variação entre falantes, por exemplo, Manchester (Cruttenden, 2001) e Belfast (Wells e Peppe, 1996), embora vários estudos tenham analisado a variação entre falantes em um dialeto, como o trabalho de Peppé, Maxim e Wells (2000) sobre o inglês de Londres. Recentemente, vários projetos compararam diferentes dialetos, por exemplo, o projeto Variação Intonacional em Inglês (Grabe, 2004), explorando a variação entoacional em nove dialetos do inglês falado nas Ilhas Britânicas, com base em diferentes falantes, sendo dialeto, idade, grupo de pares e gênero as variáveis de controle. (BARANOWSKI, 2013, p. 8, tradução nossa)²⁸

Em sua pesquisa, Baranowski (2013) afirma que estudos sociofonéticos de qualidade de voz são poucos pesquisados e que merecem atenção. E aponta ainda que a qualidade da voz pode mostrar correlações com fatores sociais (ESLING, 1978) e pode desempenhar um papel na mudança de som.

²⁷ No original: Low, Grabe, and Nolan (2000) established much of the current methodology of measuring rhythm and tested their formulas for the normalized Pairwise Variability Index by comparing rhythm in British and Singaporean English. Thomas and Carter (2006) compare the rhythm of African Americans born in the mid-19th century with the speech of European American Southerners born in that period and with Southerners of both ethnicities born in the 20th century. White and Mattys (2007) compare Standard Southern British English with Welsh, Shetland, and Orkney English, where substrate influences have resulted in more syllable-timed characteristics. Similar comparisons have been made for other languages, e.g., Arabic dialects (Ghazali, Hamdi, and Barkat, 2002), and Parisian French of European and North-African origin (Fagyal, 2010).

²⁸ No original: They tend to be studies of single dialects, whose goal was not to look at inter-speaker variation, e.g. Manchester (Cruttenden 2001) and Belfast (Wells and Peppe 1996), though a number of studies have looked at inter-speaker variation in one dialect, e.g., London English (Peppé, Maxim, & Wells 2000). There have also recently been a number of projects comparing different dialects, e.g., the Intonational Variation in English project (Grabe 2004), exploring intonational variation in nine dialects of English spoken in the British Isles, based on different speakers controlled for dialect, age, peer group and gender.

Outro estudo de Flynn (2010) apresenta resultados de uma pesquisa com 12 adolescentes em duas áreas da cidade de Nottingham, na Inglaterra. Por ser uma cidade na região central do país, Nottingham é potencialmente suscetível às influências de fala das regiões norte e sul, e também à recente mudança socioeconômica demográfica. Com essas considerações sociais, criam-se condições favoráveis às variações e mudanças linguísticas.

Nessa pesquisa, as gravações foram realizadas em campo, sem ambiente acusticamente tratado. Essas foram gravações semi-espontâneas, realizadas por meio de uma entrevista com duração de 30 a 50 minutos, com adolescentes entre 12 e 19 anos, moradores das localidades de Clifton e West Bridgford.

Essa investigação encontrou uma variação sociofonética considerável entre falantes vivendo em áreas socioeconomicamente diferentes e falantes de diferentes sexos.

Em primeiro lugar, os adolescentes de West Bridgford fizeram maior uso das variantes que podem ser consideradas padrão, da região sul. Os adolescentes de Clifton, por sua vez, usaram as variantes do norte mais tradicionais.

Outra observação importante é que as diferenças na utilização de variantes entre adolescentes do sexo feminino das duas áreas foram maiores do que aquelas entre adolescentes do sexo masculino.

Trabalhos periciais em fonética forense também são objeto de estudo sob a perspectiva sociofonética. Como no estudo “Considerações sobre o papel da sociofonética na comparação forense de locutores” (GONÇALVES; BRESCANCINI, 2014), com ênfase na comparação de falantes.

Esse estudo apresentou uma proposta de contribuição para a qualificação da produção técnica, laudo pericial e/ou parecer técnico. Segundo as autoras, o artigo procurou identificar os aspectos que aproximam a pesquisa científica em Linguística e a aplicação forense.

O artigo contribuiu para a reflexão sobre a utilização da descrição linguística na Comparação de Locutores, e justificou a importância do desenvolvimento de estudos sociofonéticos empregados às comunidades de prática, alvos desse tipo de perícia.

Outro trabalho sociofonético com enfoque em identificação de falantes é de Vieira (2017), “Contribuições dos Estudos Sociofonéticos para a identificação de falantes”, que apresenta as relações da sociofonética com a identificação de falantes.

Segundo a autora:

O perito, utilizando os fundamentos da Fonética articulatória, acústica e perceptiva, é capaz de analisar uma série de parâmetros com o objetivo de obter informações sobre as amostras de fala analisadas para a identificação de um sujeito. (VIEIRA, 2017, p. 12)

O trabalho supracitado mostrou que é necessário que peritos obtenham conhecimentos em sociofonética para que possam realizar uma descrição de falantes mais precisa e mais sólida a partir das amostras de fala.

Estudos sociofonéticos relacionados ao ritmo da fala são novos no Brasil, e vêm sendo desenvolvidos de forma pioneira pelos pesquisadores Barbosa e Meireles. Com bases em parâmetros duracionais associados a parâmetros sociais, temos o artigo intitulado “Estudo sociofonético do ritmo da fala capixaba” (SILVA; MEIRELES, 2011).

Esse estudo sistematizou percepções linguísticas formadoras do ritmo e suas possíveis relações com questões sociolinguísticas.

A análise de dados sociofonéticos deu nova perspectiva à área, incorporando a influência de dados sociais na organização rítmica da fala. Segundo os autores:

A principal contribuição a ser dada por nosso experimento reside na interface e no cruzamento de dados fonético-acústicos (duração e desvio-padrão do VV e do GA, número de VVs por GA) com variáveis sociais: idade e gênero. O trabalho ocupou-se, de forma geral, em analisar detalhadamente a leitura de 11 frases lidas por quatro informantes divididos em dois grupos etários (13 a 16 e 17 a 22) e em dois gêneros (masculino e feminino). Além da inovação da inclusão de dados sociais nos estudos do ritmo da fala, observamos neste trabalho uma possível correlação de habilidade avançada de leitura com isocronismo acentual e/ou silábico no português brasileiro. (SILVA; MEIRELES, 2011, p. 10)

Biasibetti (2017), investigou o *status* da variável sociolinguística sob as perspectivas da sociolinguística variacionista e da sociofonética. A autora destaca a importância de se pensar a variação linguística sob a perspectiva da percepção da fala e desvendar o comportamento linguístico relacionado à variação.

Hay e Drager (2007) afirmam em seus estudos sobre sociofonética que recentemente pesquisadores vêm tendo progressos significativos nas áreas fonéticas e etnográficas.

As autoras, partindo do pressuposto que a língua varia e que a variação existe em todos os níveis de representação linguística, afirmam que esse estudo socialmente

condicionado se concentra mais na fonética do que em qualquer outra área linguística. As autoras ainda apontam:

Como resultado, agora está bem documentado que a realização fonética de qualquer palavra específica pode variar de acordo com o falante, o contexto linguístico e social, o tópico, o destinatário, a postura intencional adotada pelo falante e uma infinidade de outros fatores. As identidades sociais são transmitidas e construídas simultaneamente com o conteúdo linguístico. (HAY; DRAGER, 2007, p. 2, tradução nossa)²⁹

O texto ainda apresenta as informações de que pesquisadores começaram a considerar na variação, a importância da produção e percepção da fala, como chave para um melhor entendimento sobre a mudança.

Hay e Drager ainda salientam o fator tempo nas variações de fala e relembram a pesquisa de Harrington et al. (2000, 2005), com a análise as vogais do discurso da rainha Elizabeth durante suas mensagens anuais de Natal. Mesmo que a hipótese de tempo seja notável, estudos dessa relevância subestimam a velocidade da mudança.

Maekawa (2007), em seu artigo sobre produção e percepção da informação paralinguística, examina seis tipos de informações paralinguísticas usando o japonês.

Falantes japoneses da região de Tóquio foram convidados a ler de dez a quinze sentenças semanticamente neutras para a transmissão de informação paralinguística. As informações paralinguísticas especificadas nessa pesquisa foram: admiração, suspeita, desapontamento, indiferença, neutralidade e foco.

Todos os falantes foram treinados para a realização das gravações, depois receberam fichas com a sentença e a informação paralinguística. Todas as fichas foram gravadas pelo menos dez vezes, de forma aleatória. A metodologia de gravação de dados difere de um experimento ao outro, mas foi realizado o mesmo procedimento.

O estudo procurou mostrar que as informações paralinguísticas são importantes, mas pouco exploradas na ciência, e que as informações paralinguísticas não são um processo independente do processo da informação linguística.

²⁹ No original: As a result, it is now well documented that the phonetic realization of any particular word can vary according to the speaker, the linguistic and social context, the topic, the addressee, the intentional stance taken by the speaker, and a myriad of other factors. Social identities are transmitted and constructed simultaneously with linguistic content.

A realização fonética das informações paralinguísticas é planejada no contraste linguístico fonológico, e envolve manipulação tonal do enunciado. Assim, as informações paralinguísticas dependem da linguagem, o que torna difícil para aqueles que não conhecem a língua identificar características paralinguísticas. O autor ainda faz uma observação sobre sua pesquisa, alertando ser um estudo preliminar.

Preston e Robinson (2005) realizaram um estudo na Universidade do Estado de Michigan sobre percepção de dialetos e atitudes nas variações. Esse estudo traz um vínculo entre as atitudes em relação às línguas e as atitudes em relação às pessoas, e aponta que podemos tirar conclusões sobre grupos de pessoas a partir de suas vozes.

Os autores dão como exemplo os alemães, que são creditados como durões devido à pronúncia de suas consoantes. Outro exemplo são os sulistas dos Estados Unidos, que devido às vogais arrastadas em sua fala, são vistos como preguiçosos.

Ainda segundo os autores, pesquisadores da área de patologias vêm utilizando vários métodos para determinar a taxa de dialeto:

Esses métodos dependem totalmente da percepção do ouvinte para identificação do grupo ou apenas da identificação pelo pesquisador de "*tokens*" linguísticos. Esses tokens são adicionados e divididos por alguma unidade lingüística (por exemplo, cláusula independente e seus modificadores, sentença, palavra, etc.) e geralmente consistem em *tokens* sintáticos em vez de *tokens* fonológicos. Esses métodos são muito diferentes de pesquisas semelhantes sendo conduzidas atualmente por sociolinguistas. (PRESTON; ROBINSON, 2005, p. 5, tradução nossa)³⁰

Além disso, sociolinguistas deixam claro que as atitudes podem ser relacionadas com características linguísticas individuais, que não são compartilhadas pelo grupo.

Quando objetos linguísticos são percebidos por não linguistas, o julgamento passa a ser pela "consciência" gradual de mudanças na fala. Preston (1996a apud

³⁰ No original: These methods either rely totally on listener perception for group identification or they rely solely on researcher identification of linguistic "tokens". These tokens are added together and divided by some linguistic unit (e.g. C-unit, sentence, word, etc.) and usually consist of syntactic tokens rather than phonological tokens. These methods are very different from similar research being conducted by sociolinguists.

PRESTON; ROBINSON, 2005, p. 7, tradução nossa)³¹ revisa possibilidades da linguística popular:

(1) *Disponibilidade*: A atenção dada às características linguísticas pelos entrevistados populares vai desde a completa desconsideração até a discussão frequente e até mesmo a preocupação com elas.

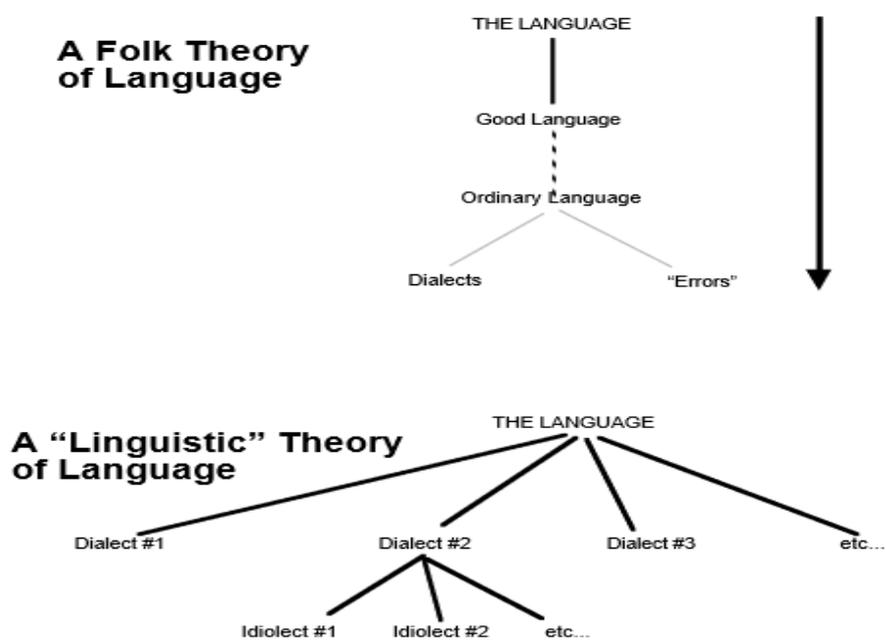
(2) *Precisão*: Os entrevistados populares podem representar total fatos lingüísticos (e sua distribuição) com exatidão, com precisão parcial ou com imprecisão total.

(3) *Detalhe*: As caracterizações dos entrevistados populares podem variar de *global* (refletindo, por exemplo, apenas um conhecimento geral de uma variedade) a *detalhada* (em que os entrevistados citam detalhes específicos).

(4) *Controle*: Os entrevistados populares podem ter controle completo, parcial ou nenhum controle "imitativo" sobre os recursos linguísticos.

Preston e Robison (2005) discutem a diferença essencial entre a teoria popular e a teoria linguística da linguagem, demonstrada na figura a seguir.

Figura 50: Teoria popular (*folk*) e teoria linguística ("*linguistic*") da linguagem



Fonte:(PRESTON; ROBINSON, 2005)

³¹ No original: (1) *Availability*: Folk respondents range in their attention to linguistic features from complete disregard for to frequent discussion of and even preoccupation with them.

(2) *Accuracy*: Folk respondents may accurately, partially accurately, or completely inaccurately represent linguistic facts (and their distribution).

(3) *Detail*: Folk respondents' characterizations may range from *global* (reflecting, for example, only a general awareness of a variety) to *detailed* (in which respondents cite specific details).

(4) *Control*: Folk respondents may have complete, partial or no "imitative" control over linguistic features.

Os autores acreditam que grande parte dos dados ligados às atitudes são relacionados às noções de correção e prazer, referente às respostas das variações do inglês dos Estados Unidos.

Crenças populares e ideologias chegam a desvalorizar as variações, pois tendem a considerar que correções são necessárias nessas variações, e não as identificam como dialetos.

Quanto mais entendemos sobre teorias populares de linguagem, mais podemos esperar compreender as origens de fala relacionadas ao comportamento como “atitude da linguagem”, e para resolver estes problemas, podemos encontrar casos dentro de profissões clínicas, a fim de corrigir a linguagem (PRESTON; ROBINSON, 2005).

Em um artigo intitulado “O efeito de experiências sobre a percepção e representações de variantes dialetais” (SUMNER; SAMUEL, 2009), publicado no *Journal of Memory and Language*, foi examinada a questão da variação dos dialetos em relação ao reconhecimento de palavras faladas, e também o papel da experiência na percepção e representação.

Segundo a pesquisa, o papel da experiência no reconhecimento de dialetos é fundamental. Participantes americanos mostraram dificuldades em processar formulários fora do seu dialeto. Os sujeitos demonstraram dificuldade em realizar julgamentos claros e consistentes sobre falantes novos em um dialeto no qual não são nativos.

A falta de comunicação entre os dialetos regionais é custosa quanto ao reconhecimento e ativação lexical. O efeito mais interessante da experiência foi a comparação dos ambientes linguísticos dos participantes *Covert* e *Overt-NYC*. Os dois grupos apresentaram comportamentos linguísticos similares, porém divergiram fortemente na codificação das variantes.

No capítulo a seguir teremos os métodos e materiais usados para instrumentalizar este estudo.

4 METODOLOGIA

Este capítulo aborda os aspectos relacionados aos métodos e materiais de análise para as investigações que são apresentados nesta tese. Esses aspectos incluem a escolha do *corpus*, os sujeitos das tarefas de produção e percepção, os procedimentos de gravação e de segmentação, o procedimento de construção de formulário de perfil sociolinguístico dos falantes (os sujeitos da tarefa de produção) e do ouvinte (os sujeitos da tarefa de percepção), o procedimento de construção do teste de diferencial semântico, a aplicação do teste de percepção, o *script* de aplicação do teste de percepção, a construção do tutorial do *script* e por fim a exposição dos dados da aprovação do Comitê de Ética da PUC-SP.

4.1 Corpus

A pesquisadora selecionou como *corpus* de pesquisa amostras da fala de caiçaras do Litoral Norte de São Paulo.

O *corpus* da pesquisa compreende: gravações de fala semi-espontânea, em entrevistas conduzidas pela pesquisadora e amostras de fala extraídas de dois documentários do *youtube*:

- “Pés na Areia”, um retrato da resistência caiçara, documentário que aborda a quase extinção do povo nativo e das tradições culturais em praias badaladas do litoral norte de São Paulo, como Maresias, Cambury, Baleia, Barra do Sahy, Juquehy e Barra do Una, na costa sul de São Sebastião. O roteiro, edição e direção desse documentário é de Antônio Penedo. https://www.youtube.com/watch?v=4GA5kl_Fb4E
- “Terra Caiçara”, documentário que mostra as raízes do povo caiçara, seus costumes, seu cotidiano e sua história. Os entrevistados são pessoas das cidades do Litoral Norte Paulista e Sul Fluminense. Produção e Direção de Emilio Campi, apresentação de Ezequiel dos Santos e imagens de Luiz Tolosa. Foi produzido pela empresa Litoral Virtual Produções Multimídia. <https://www.youtube.com/user/terraicaicara>

4.2 Sujeitos da pesquisa

O estudo envolveu dois tipos de participantes: os sujeitos da tarefa de produção

(os caiçaras) e os sujeitos da tarefa de percepção (os juízes).

4.2.1 Sujeitos da tarefa de produção

Os sujeitos da tarefa de produção, 9 mulheres e 9 homens entre 40 e 91 anos de idade, são moradores nativos da região do litoral norte de São Paulo, os chamados caiçaras.

Desse número de falantes foram escolhidas 11 amostras de fala do sexo feminino e 11 amostras de fala do sexo masculino.

Todos os sujeitos da tarefa de produção são nascidos na localidade de pesquisa, distribuídos nas cidades de: Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba.

Foram considerados como fatores de exclusão: se têm contato com falantes de outras regiões brasileiras ou estrangeiros, se falam outras línguas, e se tem queixas relativas à produção de fala.

4.2.1.1 Perfis dos sujeitos da tarefa de produção

Apresento, abaixo, um quadro de amostras de fala, criada pela autora, com os dados dos perfis dos sujeitos, como: código, idade e localidade.

Quadro 2: Amostras de falas e perfis dos falantes do Litoral Norte do Estado de São Paulo

Código da amostra de fala	Idade do sujeito	Local de residência
EF01	87	Boiçucanga- São Sebastião
EF02	84	São Sebastião
EF03	76	Centro histórico- São Sebastião
EF04	79	Cambury -São Sebastião
EF05	84	São Sebastião
EF06	91	Boiçucanga- São Sebastião
EF07	68	Prumirim- Ubatuba

EF08	67	Sertão da Quina- Ubatuba
EF09	70	Sertão da Quina- Ubatuba
EF10	68	Prumirim- Ubatuba
EF11	69	Sertão da Quina- Ubatuba
EM01	40	Ilhabela
EM02	75	Cambury- São Sebastião
EM03	75	Cambury- São Sebastião
EM04	84	Maresias- São Sebastião
EM05	82	São Sebastião
EM06	82	São Sebastião
EM07	90	Ubatuba
EM08	75	Caçandoca- Ubatuba
EM09	75	Ubatuba
EM10	63	Ubatuba
EM11	70	Sertão da Quina-Ubatuba

Fonte: Criada pela autora, 2018.

Nesta tabela temos uma organização de dados dos falantes gravados, que os identificam e sua localidade.

Com esses dados observamos que os sujeitos selecionados são na maioria com faixa etária acima dos 70 anos.

Além dessa tabela foi organizado um formulário, a ser preenchido pelo falante, que retrata o perfil sociolinguístico dos sujeitos da tarefa de produção (falantes caiçaras).

4.2.1.2 Sujeitos da tarefa de percepção

Atuaram como sujeitos da tarefa de percepção juízes das localidades do Estado do Rio de Janeiro e do Estado de São Paulo (capital e litoral norte).

A caracterização dos juízes em termos do perfil sociolinguístico é apresentada no capítulo de resultados.

4.3 Formulários dos perfis sociolinguísticos dos sujeitos da pesquisa

4.3.1 Formulário de perfil sociolinguístico dos sujeitos da tarefa de produção

Com base no levantamento de campo exploratório, foi construído um formulário de perfil sociolinguístico (Apêndice1) para ser preenchido pelos sujeitos da pesquisa antes das gravações.

Esse formulário, construído pela pesquisadora, contém quesitos referente a: idade, sexo, tempo de moradia no local, queixa de fala e audição, profissão, sobre o que acha da sua região, escolaridade e perguntas sobre a região e o hábito de viajar.

4.3.2 Formulário de perfil sociolinguístico dos sujeitos da tarefa de percepção (juízes)

Foi construído um formulário do perfil do ouvinte (os juízes), Quadro 3, para que se atribuam características sociolinguísticas dos sujeitos de percepção.

Nesse formulário constam: nome, sexo, idade, local de nascimento, escolaridade, tipo de moradia, se falam outras línguas, se apresentam queixa de fala ou audição e profissão. Com esses dados do perfil do falante será feito um diagnóstico do perfil dos sujeitos da tarefa de percepção e discutido no capítulo de resultados.

Os sujeitos da tarefa de percepção são graduandos, professores e moradores das seguintes regiões: litoral e capital do Estado de São Paulo e Estado do Rio de Janeiro.

Quadro 3: Formulário de perfil sociolinguístico dos juízes da tarefa de percepção

NOME:	IDADE:
SEXO:	ESCOLARIDADE:
LOCAL DE NASCIMENTO:	TIPO DE MORADIA:
FALA OUTRA LÍNGUA:	QUAIS OUTRAS LÍNGUAS?
QUEIXA DE FALA OU AUDIÇÃO?	QUEIXA DE FALA OU AUDIÇÃO?
PROFISSÃO:	

Fonte: Criado pela autora, 2016

4.4 Procedimentos de gravação e segmentação

4.4.1 Procedimentos de gravação

As gravações foram feitas em campo, devido à dificuldade de levar os sujeitos da tarefa de produção para gravação em um ambiente com tratamento acústico. Como se trata de uma pesquisa sobre atitudes percebidas a partir das características de fala, antes das gravações, a pesquisadora orientou o informante a contar uma história que não retratasse a vivência dele na localidade de pesquisa, ou seja, a praia, pois o vocabulário poderia denunciar a origem do falante. Assim os falantes foram orientados a falar sobre assuntos diversos, como: família, política, “causos”, situações que não retratassem a vida na praia.

Os dados foram gravados com um gravador profissional TASCAM e um aplicativo de celular BSWSOFT APPS, digitalizados e armazenados em computador. Posteriormente, foram editados e segmentados, compondo um corpus de 11 enunciados femininos e 11 enunciados masculinos. Os dados foram digitalizados em 44,100 khz. E depois convertidos para formato “wav” pelo programa online Audio Converter.

A edição e segmentação do *corpus* foi feita com o *software* Praat, uma ferramenta para a análise de voz, desenvolvida por Paul Boersma y David Weenink, do *Institute of Phonetic Sciences*, Universidade de Amsterdã.

A primeira gravação foi realizada na praia de Barra Seca em Ubatuba/SP, num evento (corrida de canoa) que acontecia na cidade. Em primeiro contato a pesquisadora usou um aplicativo de celular “BSWSOFT APPS” para a realização das gravações.

Os sujeitos se mostraram bem à vontade e animados com a tarefa com que lhes foi dada. A dificuldade maior foi em manter um discurso sem que eles declarassem suas identidades regionalistas. Apresentam orgulho da identidade cultural e das experiências vividas na praia e roça, e apreciam gravar áudios, entrevistas e tirar fotos.

4.4.2 Procedimentos de segmentação

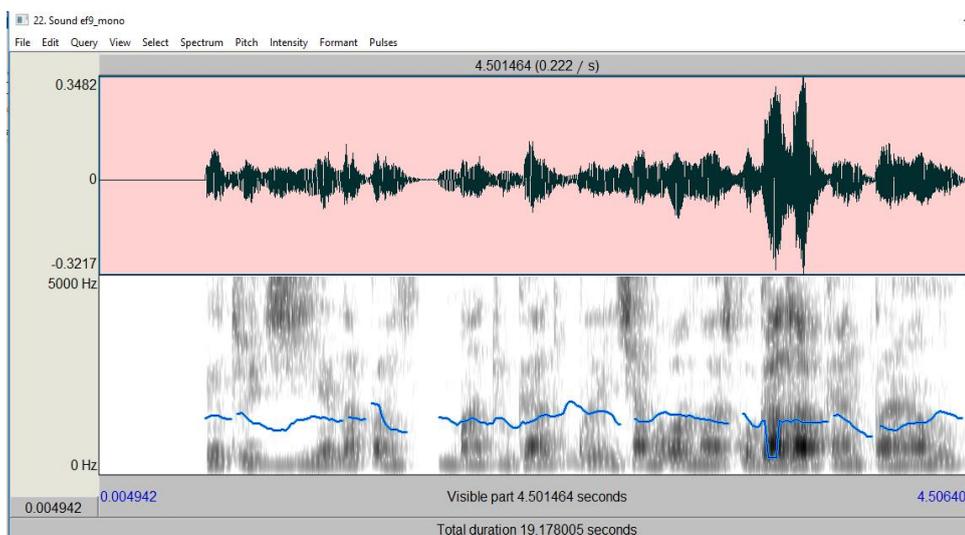
Algumas amostras de fala foram retiradas de documentários do *Youtube* em formato vídeo, precisaram ser convertidas para formato “wav” por meio de programa

online Áudio Converter e depois segmentadas pelo software Praat, estabelecendo média de tempo de 20 segundos.

Os arquivos de sons foram segmentados em espectrograma de banda larga considerando a forma da onda para realização do corte.

Foi incluído silêncio no início e no final da amostra de fala. Assim selecionada a amostra foi salva em formato “wav” compondo os estímulos para o teste de percepção.

Figura 15: Segmentação de amostra de fala caiçara



Fonte: Criado pela autora, utilização do software "Praat" 2019

4.5 Questionário de diferencial semântico

Foi realizada a construção de um questionário de diferencial semântico (Apêndice XX), contendo descritores que permitissem avaliar atitudes em relação ao falar caiçara. O questionário contempla a avaliação de atributos psicológicos, sociais, econômicos, foi inspirado em Billiotti e Calamai (2010) e testado em estudo piloto que tinha como objetivo verificar a adequação dos descritores selecionados.

Várias tentativas foram realizadas antes da aplicação oficial do teste de percepção. Foram aplicados e discutidos os descritores com grupo de alunos de mestrado e doutorado do LAEL- PUC/SP durante seminários de pesquisa do programa. O questionário de diferencial semântico foi ajustado e aprimorado para que não gerasse dúvidas ou tampouco confusão no momento de aplicação do teste.

Foi realizada a aplicação do questionário de diferencial semântico a grupos de juízes de três localidades brasileiras, mais precisamente, Litoral Norte de São Paulo,

capital de São Paulo e Rio de Janeiro. Será realizada a tabulação das respostas dos juízes ao questionário de diferencial semântico e realizados testes estatísticos com os resultados obtidos.

4.5.1 Questionário de diferencial semântico

O questionário de diferencial semântico foi organizado em cores para definir grupos de 5 variáveis: Característica de fala (**Gc1**), características psicológicas (**Gc2**), características físicas (**Gc3**), características sociais (**Gc4**) e características culturais (**Gc5**).

Dentro dos grupos de variáveis foram definidas siglas para seus descritores. As siglas referentes aos descritores estão relacionados no Quadro 4:

Quadro 4: Características de fala

“A” para Agradável/Desagradável
“C” para Compreensível/Incompreensível
“N” para Normalidade (Comum/Incomum)

Fonte: Criado pela autora 2019

As siglas referentes aos descritores do grupo de variáveis relativas às características psicológicas, estão apresentadas no Quadro 5.

Quadro 5: Características psicológicas

“AD” para Aborrecido/Divertido
“AH” para Arrogante/Humilde
“IE” para Ingênuo/ Esperto
“RG” para Rude/Gentil”

Fonte: Criado pela autora 2019

O grupo de variáveis relativas às características físicas, estão apresentadas no Quadro 6:

Quadro 6: Características físicas

“Al” para Altura (baixo/alto)

“Fo” para Força (Fraco/forte)
“Id” para Idade (jovem/idoso)
“MG” para Magro/gordo

Fonte: Criado pela autora 2019

O grupo de variáveis relativas às características sociais, estão apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7: Características sociais

“PT” para Preguiçoso/Trabalhador
“SF” para Situação Financeira (baixa/ média/ alta)
“SS” para Simplório/Sofisticado
“Su” para Sucesso (malsucedido/ bem sucedido)
“TT” para Tipo de Trabalho (manual/intelectual/administrativo)

Fonte: Criado pela autora 2019

O grupo de variáveis relativas às características culturais, estão apresentadas no Quadro 8.

Quadro 8: Características culturais

“Es” para Escolaridade (nehuma/fundamental-média/superior)
“Na” para Nacionalidade (brasileira/estrangeira)
“Re” para região do falante (capital/interior/litoral)

Fonte: Criado pela autora 2019

4.6 Parceria com a Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba (FUNDART) e colaboradores

A pesquisadora procurou o presidente da FUNDART Professor Pedro Paulo com o intuito de estabelecer uma parceria para conseguir acesso aos falantes nativos da região. O presidente mostrou grande interesse pela pesquisa, indicou o professor: Mário Gato, que é instrumentista, pesquisador e caçara de Ubatuba, um dos defensores de cultura caçara e guardião dos direitos de aprendizado dos jovens caçaras. Essa parceria teve registro na *internet*, no próprio *site* da Fundação.

Figura 16: Pesquisadora é recebida pela Fundart



Fonte: Site da Fundart <https://fundart.com.br/professora-pesquisadora-da-cultura-caicara-e-recebida-pela-fundart/>

4.7 Pesquisa de campo e gravações

4.7.1 Visita à Praia Grande do Bonete- Ubatuba

Em um primeiro momento, a pesquisadora realizou uma visita à comunidade da Praia Grande do Bonete em Ubatuba/SP a fim de fazer um levantamento de campo, estabelecer contato com os moradores e conseguir informantes com a fala preservada.

Essa praia é localizada a 50 minutos de caminhada a partir da praia da Lagoinha que dá acesso à estrada. Outro acesso é pelo mar, de barco. Existem vários pescadores e marinheiros que prestam serviço de locomoção.

A pesquisadora conversou com alguns moradores e marcou data para realizar as gravações.

Figura 17: Percurso de barco à praia do Bonete



Foto: Marta Tanuri

Figura 18: Percurso pela trilha à praia do Bonete



Foto: Marta Tanuri

4.7.2 Visita à Praia da Barra Seca (Colaborador: Mário Gato) - Ubatuba

Dando continuidade aos procedimentos de coleta, foi realizada a visita à praia da Barra Seca com indicação do professor Mário Gato.

A praia de Barra Seca fica localizada no norte de Ubatuba, é a primeira praia de Ubatuba, sentido Centro-Paraty.

O acesso principal fica na altura do KM43,5. Seguindo por aproximadamente 1 km. Outro acesso é por trilha a partir da praia Vermelha do Norte ou atravessando o

Rio Indaiá, a partir da praia do Perequê-Açú.

A distância da Barra Seca ao centro de Ubatuba, pelo bairro do Perequê-Açú, é de aproximadamente 5 km.

Neste dia de gravação havia um festival de corridas de canoas, o que preocupou em relação ao barulho e aos danos que isso acarretaria às gravações. Foram realizadas as respostas ao formulário de perfil sociolinguístico do falante, e as gravações dos sujeitos.

As gravações foram realizadas ao ar livre, por meio de gravador de celular BSWSOFT APPS. Os dados foram digitalizados em 44,100 khz. Em primeiro momento, foi estabelecida uma conversa com os informantes, explicou-se o objetivo da pesquisa e dadas orientações do que falar, já que se tratava de corpora semi-espontânea.

Assim os informantes contaram algo da sua vida ou situações locais. Foram realizadas sete gravações com sete sujeitos, seis do sexo masculino e um do sexo feminino. A pesquisadora deixou livre o tempo de gravação para que falassem sem interrupções e para que sentissem à vontade e fala ocorresse mais natural possível. Foram estabelecidos combinados de futuras gravações para este projeto de pesquisa como também coleta para o Projeto AMPER.

4.7.3 Gravações no bairro Sertão da Quina- Ubatuba

Mais uma etapa de gravação foi realizada no bairro Sertão da Quina na cidade de Ubatuba/SP, onde a pesquisadora conseguiu gravar 3 falantes masculinos e 2 falantes femininos.

O procedimento de gravação decorreu da mesma forma que nas outras localidades de coleta. Foram feitas gravações de fala semi-espontânea, pelo gravador profissional Tascam. Os falantes se sentiram à vontade, mas foram também orientados a não ressaltar seu modo de vida, cultura e região.

4.7.4 Gravações centro da cidade de Ubatuba

Em continuação às gravações, foram realizadas no centro da cidade de Ubatuba/SP. Dois falantes masculinos e 1 falante feminino foram convidados.

O local de gravação foi a Biblioteca Municipal, pois disponibilizaram uma sala para gravações. Esse apoio à pesquisadora foi dado pela FUNDART (Fundação de

Arte e Cultura de Ubatuba).

Os procedimentos de gravação seguiram as mesmas regras, mas com uma maior qualidade de gravação, devido ao espaço silencioso e reservado.

4.8 Aplicação do teste de percepção

4.8.1 Construção do *script*

A aplicação do questionário de diferencial semântico, que constitui o teste de percepção, foi desenvolvido um *script* pelo professor doutor: Mário Madureira Fontes.

Esse *script* roda no PRAAT, um *software* livre desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink do Instituto de Ciência Fonéticas da Universidade de Amsterdã, para fins de análise, síntese e edição de dados de fala.

O *script* compreende telas para cadastro dos juízes e para o registro de suas avaliações sobre os descritores do questionário de diferencial semântico. Nas figuras numeradas de 19 a 22, são apresentados os campos para inserção de dados.

Figura 19: Campo para inserir juiz



Fonte: Criado pela autora a partir do script, 2018.

Figura 20: Formulário para preenchimento do perfil sociolinguístico do ouvinte

The screenshot shows a software window titled "Pause: Cadastramento do Perfil" with a blue header bar. Below the header, there is a text prompt: "Importante! Preencher todo o perfil do ouvinte". The form contains several fields and dropdown menus:

- Nome: Marta Aparecida de Faria Tanu
- Sexo: Feminino
- Local de nascimento: (empty text field)
- Fala outra língua: choice
- Quais outras línguas: (empty text field)
- Queixa de fala ou audição: choice
- Quais queixas de audição: (empty text field)
- Profissão: (empty text field)
- Idade: (empty text field)
- Escolaridade: choice
- Tipo de moradia: choice

At the bottom of the window, there are four buttons: "Revert", "Stop", "Voltar", and "OK".

Fonte: Criado pela autora a partir do script, 2018

Numa próxima etapa roda-se o primeiro áudio e em seguida o questionário para ser respondido eletronicamente. Há a possibilidade de se ouvir a amostra de fala por duas vezes durante todo o teste.

Figura 21: Primeiro campo do questionário de diferencial semântico para registro de avaliação perceptiva do descritor

The screenshot shows a Praat interface with a "Pause: Parte 1/5" window overlaid. The Praat window has a menu bar with "Praat", "New", "Open", "Save", and "Help". Below the menu bar, there is a list of objects: "1. Strings SoundFiles" and "2. Sound in-so-hungry". The "Pause: Parte 1/5" window contains the following text and options:

Como você considera essa fala?

- Característica 1: choice
- Característica 2: Mais Desagradável, Menos Desagradável
- Característica 3: Neutro
- Característica 4: Menos Agradável, Mais Agradável

At the bottom of the "Pause" window, there are three buttons: "Revert", "Stop", and "Continue".

Fonte: Criado pela autora a partir do script, 2018.

Na última e quinta parte do questionário os arquivos sonoros são apresentados pela segunda vez. Após a apresentação de cada áudio, aparecem alternativas para o julgamento de mais cinco características do falante.

Figura 22: Último campo de resposta do teste de percepção

Percepção: Parte 5/5

Que nível de escolaridade tem esse falante?

Escolaridade do falante: choice

Esse falante demonstra qual situação financeira?

Situação financeira do falante: choice

Que tipo de trabalho esse falante tem?

Trabalho do falante: choice

De qual região você acha que esse falante é?

Região do falante: choice

Qual nacionalidade desse falante?

Nacionalidade falante: choice

Revert Stop Continue

Fonte: Criado pela autora a partir do script, 2018.

O *script* gera automaticamente uma planilha com todas as respostas, e pode ser enviado por e-mail facilitando o objetivo de obter respostas de juízes de várias localidades do Brasil.

4.8.2 Construção do tutorial para aplicação do teste com o *script*

Para auxiliar os sujeitos da tarefa de percepção, foi criado um tutorial (Apêndice 8.3) a fim de orientar o uso do *script*.

O tutorial mostra desde o passo a passo para a abertura do *script* no software *praat* até a finalização do teste de percepção resultando numa planilha Excel.

Esse tutorial foi enviado juntamente com os dados de pesquisa: *script*, arquivos sonoros, para os avaliadores de diferentes Estados do Brasil por *e-mail*.

4.9 Aplicação do teste de percepção aos juízes do Estado do Rio de Janeiro.

O teste de percepção com os demais dados: tutorial de *script*, *script*, arquivos de sons e software *praat* foram encaminhados por e-mail para um colaborador no Estado do Rio de Janeiro para a aplicação.

Com a facilidade do uso do *script*, 30 juízes responderam ao teste de percepção.

Todos os resultados foram tabulados automaticamente em planilha Excel, e enviados para a pesquisadora para a análise dos resultados.

4.10 Aplicação do teste de percepção aos juízes do Litoral Norte do Estado de São Paulo (Capital)

O teste de percepção foi aplicado por meio do *script* para 30 juízes moradores do mesmo local de pesquisa: Capital de São Paulo.

A pesquisadora aplicou a grupo de professores da rede Municipal de Ensino da cidade de Caraguatatuba e também a moradores da cidade de Ubatuba.

Os resultados foram automaticamente tabulados em planilha Excel e organizados para análise dos resultados.

4.11 Aplicação do teste de percepção aos juízes do Estado de São Paulo (Litoral)

O teste de percepção foi aplicado por meio do *script* para 30 juízes do litoral do Estado de São Paulo.

O teste de percepção foi aplicado por uma colaboradora a um grupo de graduandos da PUC/SP.

Os resultados foram automaticamente tabulados em planilha Excel e organizados para análise dos resultados.

4.12 Comitê de Ética

O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética PUC/SP sob o número 13702719.2.0000.5482. Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo), este que foi assinado por todos os falantes que realizaram gravações com a pesquisadora.

5 Resultados

Neste capítulo, são apresentadas as respostas dadas por juízes de três localidades distintas (Estado do Rio de Janeiro, Capital e Litoral do Estado de São Paulo) ao teste de percepção aplicado nesta pesquisa. Em primeiro lugar, são expostas, por meio de gráficos, as avaliações feitas pelos sujeitos do Estado do Rio de Janeiro. Em seguida, as da capital do Estado de São Paulo e, por último, as dos juízes do Litoral Norte de São Paulo. Reportados esses dados, relatamos os resultados da aplicação do método estatístico multivariado MFA (*Multiple Factor Analysis*) às variáveis qualitativas e quantitativas sob análise.

5.1 Respostas ao teste de percepção pelos juízes do Estado do Rio de Janeiro

Os resultados foram computados a partir das respostas de 30 juízes, 21 do sexo masculino e 34 do sexo feminino. Todos os juízes são nascidos e moradores do Estado do Rio de Janeiro. Apenas 12 juízes falam uma língua adicional: o inglês. Nenhum dos juízes relatou queixas de fala e audição. A maioria se identificou como estudante (23). Os demais (7) indicaram exercer profissões técnicas.

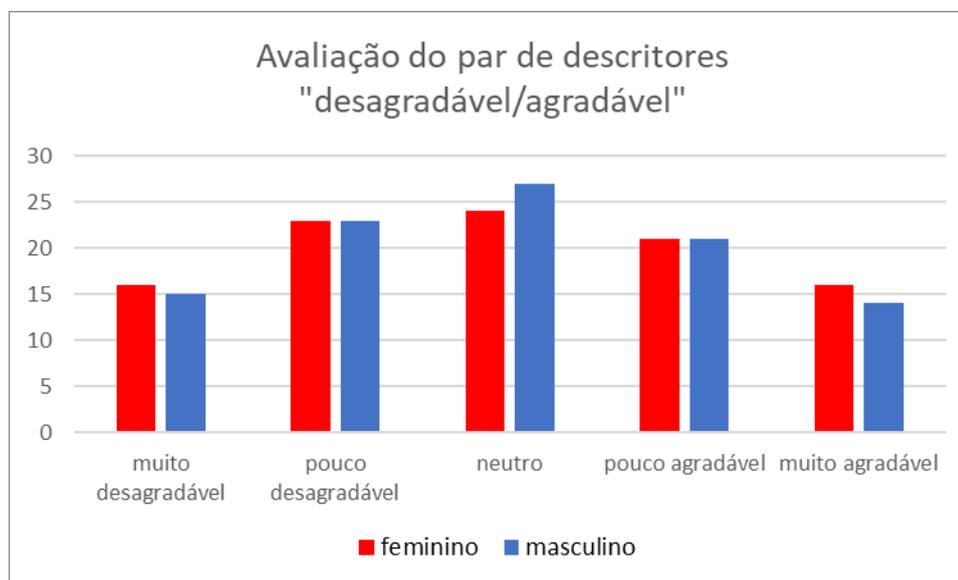
Em relação ao nível de escolaridade o levantamento indicou: ensino superior (03), ensino médio (23), ensino médio incompleto (04). Nenhum dos juízes têm formação em níveis de especialização, mestrado ou doutorado. Ao todo foram obtidas 660 respostas, sendo 330 para o sexo masculino e 330 para o sexo feminino.

Nas figuras numeradas de 23 a 41, são apresentados os gráficos de colunas agrupadas que mostram os graus de avaliação conferidos a cada descritor.

Na Figura 23, referente aos descritores “desagradável/agradável” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição simétrica em torno de um ponto máximo, o neutro. A fala feminina foi considerada agradável (37%) e desagradável (39%) e a masculina agradável (35%) e desagradável (38%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para a fala feminina: neutro (24%), muito desagradável (16%), pouco desagradável (23%); pouco agradável (21%) e muito agradável (16%) e para a fala masculina: neutro (27%), muito desagradável (15%), pouco desagradável (23%); pouco agradável (21%) e muito agradável (14%).

Figura 23: Avaliação do par de descritores "desagradável/agradável" - Estado do Rio de Janeiro



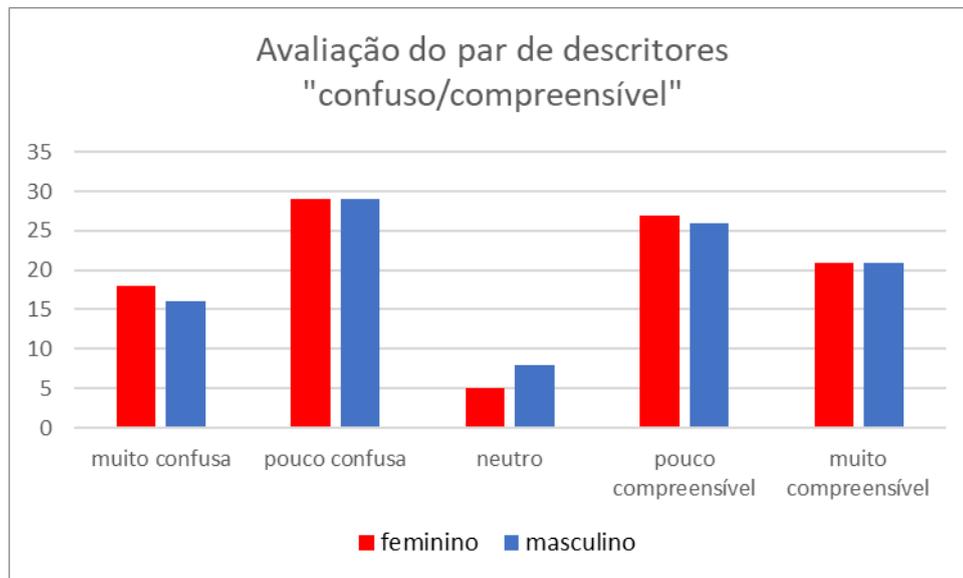
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 24, referente aos descritores “confuso/compreensível” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição bimodal, evidenciando dois picos distintos. A fala feminina foi considerada confusa (47%) e compreensível (48%) e a masculina confusa (45%) e compreensível (47%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para a fala feminina: neutro (5%), muito confusa (18%), pouco confusa (29%); pouco compreensível (27%) e muito compreensível (21%) e para a fala masculina: neutro (8%), muito confusa (16%), pouco confusa (29%); pouco compreensível (26%) e muito compreensível (21%).

Figura 24: Avaliação do par de descritores "confuso/compreensível" - Estado

do Rio de Janeiro



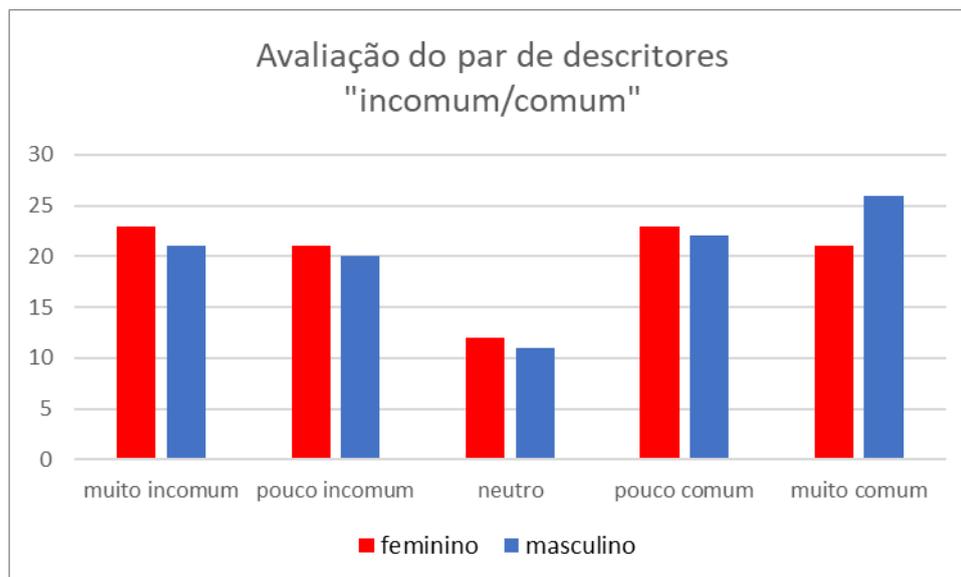
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 25, referente aos descritores “incomum/comum” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição com médias diferentes, evidenciando um platô. A fala feminina foi considerada incomum (47%) e comum (48%) e a masculina incomum (45%) e comum (47%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para a fala feminina: neutro (5%), muito incomum (18%), pouco incomum (29%); pouco comum (27%) e muito comum (21%) e para a fala masculina: neutro (5%), muito incomum (18%), pouco incomum (29%); pouco comum (27%) e muito comum (21%).

Figura 25: Avaliação do par de descritores "incomum/comum" - Estado do Rio

de Janeiro



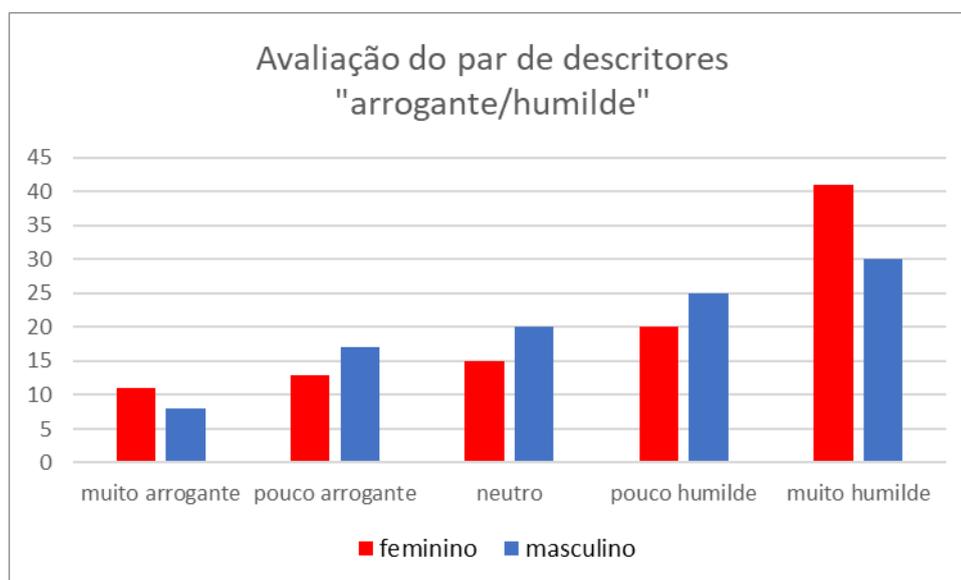
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 26, referente aos descritores “Arrogante/Humilde” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. O falante feminino foi considerado arrogante (24%) e humilde (61%) e o masculino, arrogante (25%) e humilde (55%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (15%), muito arrogante (11%), pouco arrogante (13%); pouco humilde (20%) e muito humilde (41%) e para o falante masculino: neutro (20%), muito arrogante (8%), pouco arrogante (17%); pouco humilde (25%) e muito humilde (30%).

Figura 26: Avaliação do par de descritores "arrogante/humilde"- Estado do Rio

de Janeiro



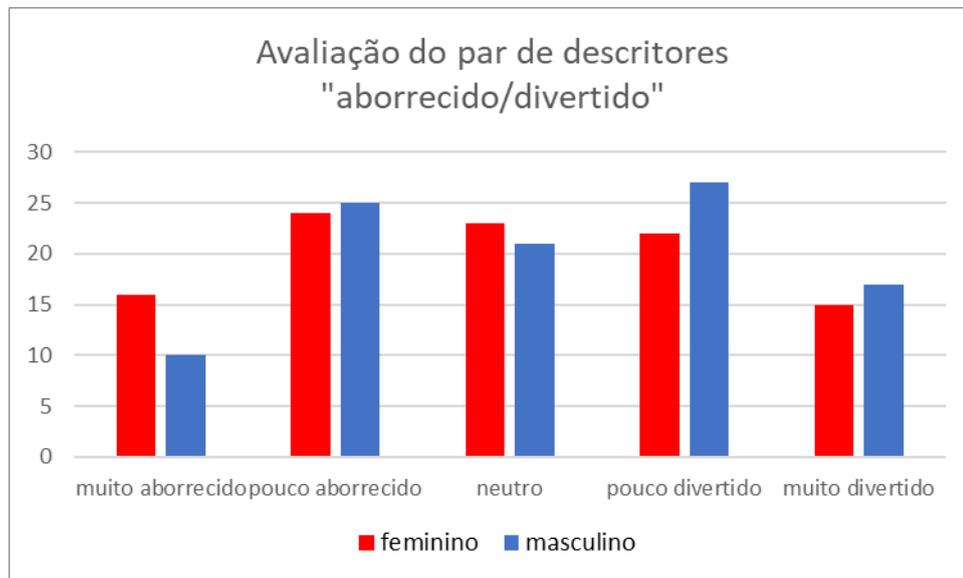
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 27, referente aos descritores “aborrecido/divertido” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta apresenta distribuição com médias diferentes, evidenciando um platô. O falante feminino foi considerado aborrecido (40%) e divertido (37%) e o masculino, aborrecido (35%) e divertido (44%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (23%), muito aborrecido (16%), pouco aborrecido (24%); pouco divertido (22%) e muito divertido (15%) e para o falante masculino: neutro (21%), muito aborrecido (10%), pouco aborrecido (25%); pouco divertido (27%) e muito divertido (17%).

Figura 27: Avaliação do par de descritores "aborrecido/divertido" - Estado do

Rio de Janeiro



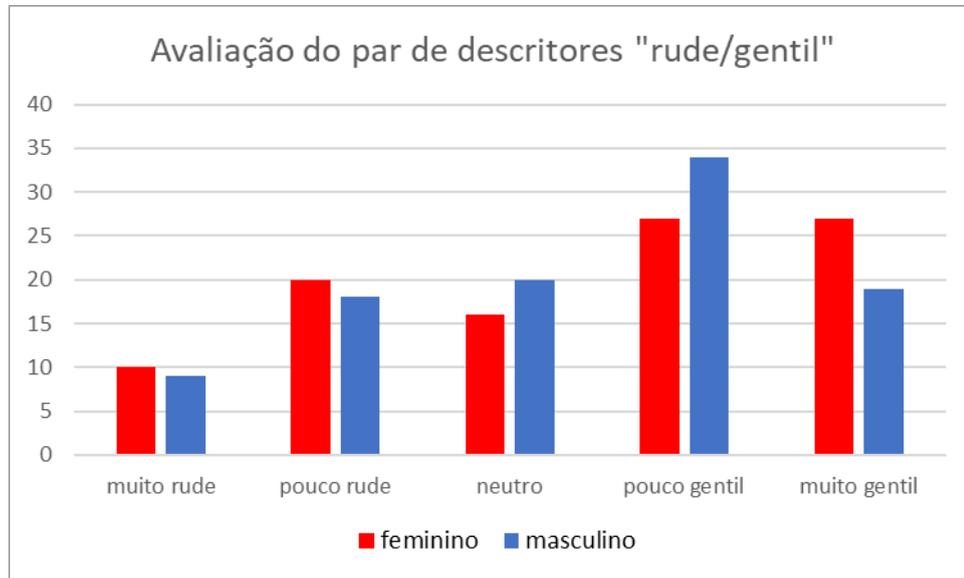
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 28, referente aos descritores “rude/gentil” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. O falante feminino foi considerado rude (30%) e gentil (54%) e o masculino, rude (27%) e gentil (53%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (16%), muito rude (10%), pouco rude (20%), pouco gentil (27%) e muito gentil (27%) e para o falante masculino: neutro (20%), muito rude (9%), pouco rude (18%); pouco gentil (34%) e muito gentil (19%).

Figura 28: Avaliação do par de descritores "rude/gentil" - Estado do Rio de

Janeiro



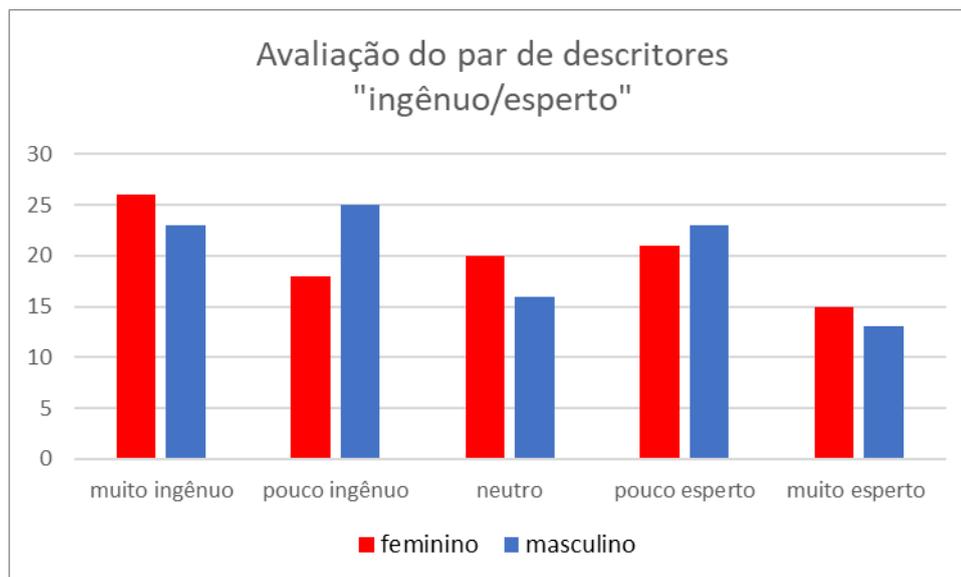
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 29, referente aos descritores “ingênuo/esperto” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica. O falante feminino foi considerado ingênuo (44%) e esperto (36%) e o masculino, ingênuo (48%) e esperto (36%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (20%), muito ingênuo (26%), pouco ingênuo (18%), pouco esperto (21%) e muito esperto (15%) e para o falante masculino: neutro (16%), muito ingênuo (23%), pouco ingênuo (25%), pouco esperto (23%) e muito esperto (13%).

Figura 29: Avaliação do par de descritores "ingênuo/esperto" - Estado do Rio

de Janeiro



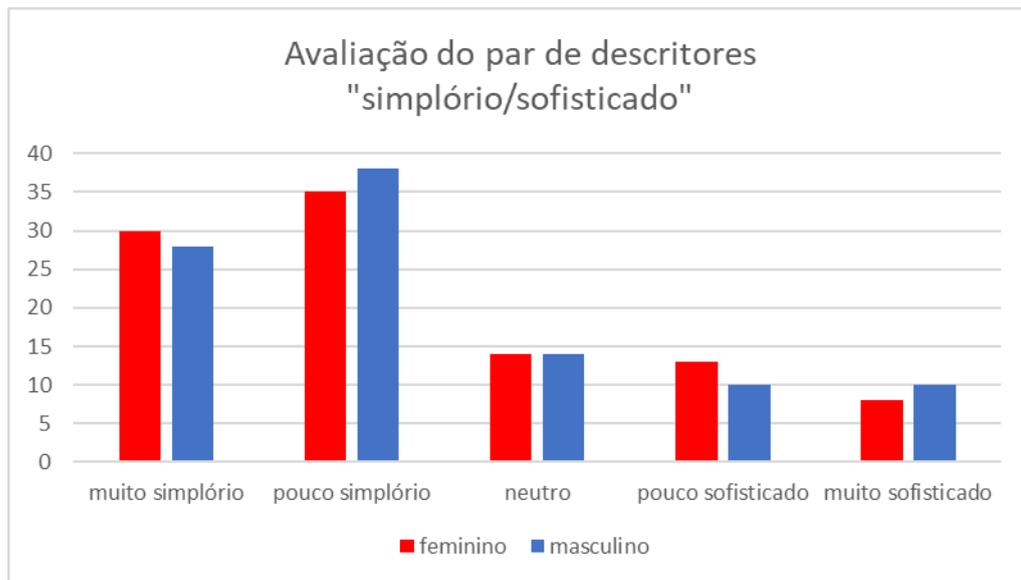
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 30, referente aos descritores "simplório/sofisticado" das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à esquerda. O falante feminino foi considerado simplório (65%) e sofisticado (21%) e o masculino, simplório (66%) e sofisticado (20%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (14%), muito simplório (30%), pouco simplório (35%), pouco sofisticado (13%) e muito sofisticado (8%) e para o falante masculino: neutro (14%), muito simplório (28%), pouco simplório (38%), pouco sofisticado (10%) e muito sofisticado (10%).

Figura 30: Avaliação do par de descritores "simplório/sofisticado"- Estado do

Rio de Janeiro



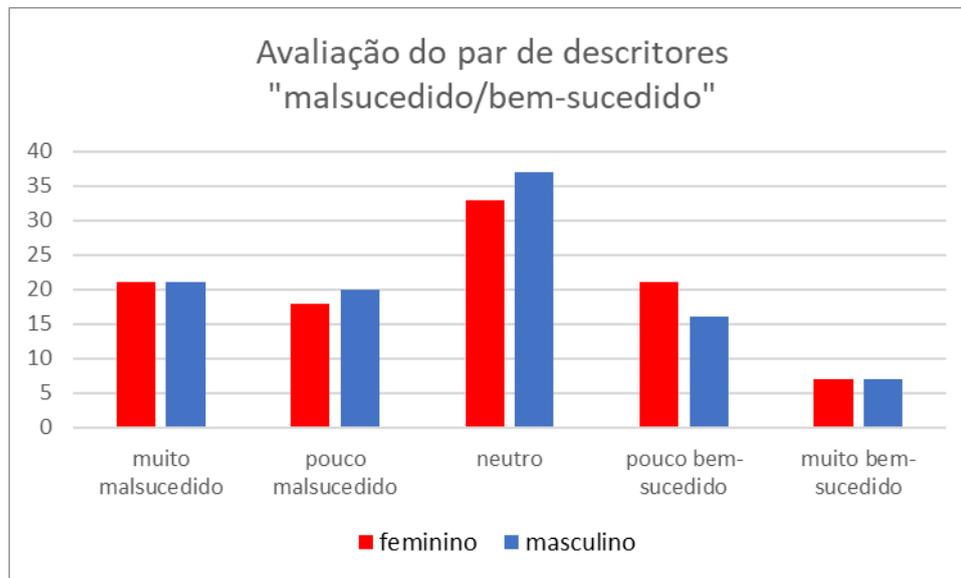
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 31, referente aos descritores “malsucedido/bem-sucedido” das produções de fala femininas e masculinas o gráfico apresenta distribuição simétrica em torno de um ponto máximo, o neutro. O falante feminino foi considerado malsucedido (39%) e bem-sucedido (28%) e o masculino, malsucedido (41%) e bem-sucedido (23%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (33%), muito malsucedido (21%), pouco malsucedido (18%), pouco bem-sucedido (21%) e muito bem-sucedido (7%) e para o falante masculino: neutro (37%), muito malsucedido (21%), pouco malsucedido (20%), pouco bem-sucedido (16%) e muito bem-sucedido (7%).

Figura 31: Avaliação do par de descritores "malsucedido/bem-sucedido" -

Estado do Rio de Janeiro



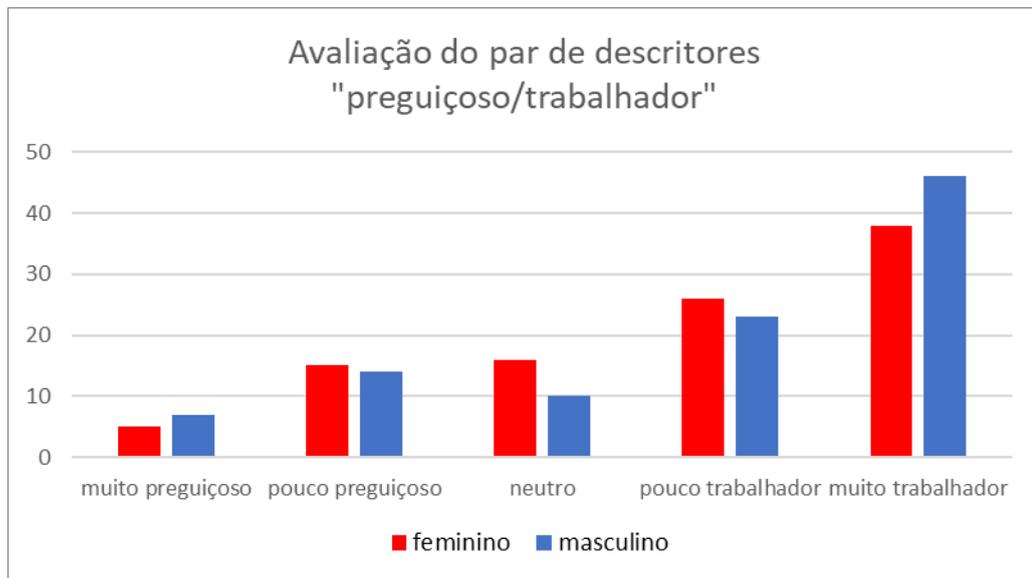
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 32, referente aos descritores “preguiçoso/trabalhador” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica direita. O falante feminino foi considerado preguiçoso (20%) e trabalhador (64%) e o masculino, preguiçoso (21%) e trabalhador (69%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (16%), muito preguiçoso (5%), pouco preguiçoso (15%); pouco trabalhador (26%) e muito trabalhador (38%) e para o falante masculino: neutro (10%), muito preguiçoso (7%), pouco preguiçoso (14%); pouco trabalhador (23%) e muito trabalhador (46%).

Figura 32: Avaliação do par de descritores "preguiçoso/trabalhador"- Estado

do Rio de Janeiro



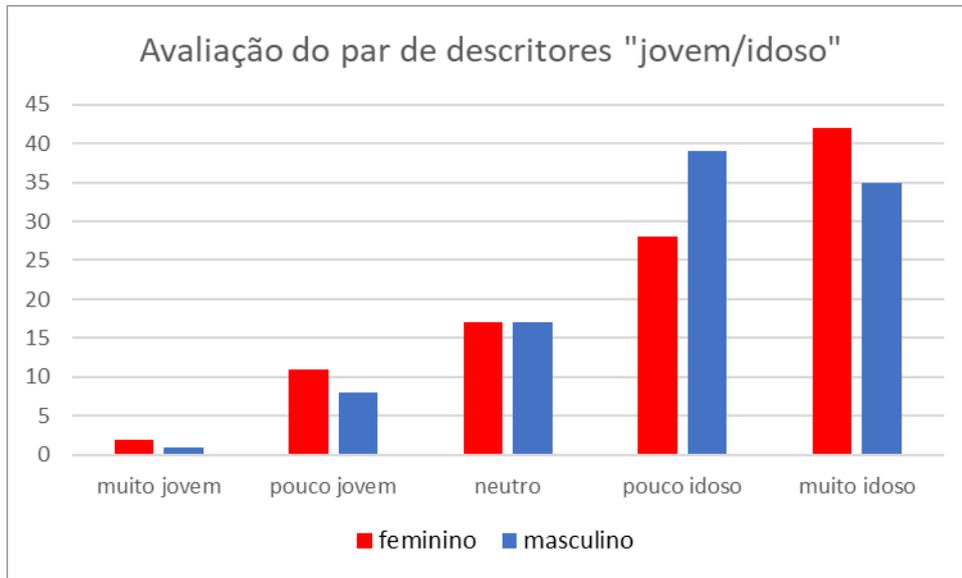
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 33, referente aos descritores "jovem/idoso" das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. O falante feminino foi considerado jovem (13%) e idoso (70%) e o masculino, jovem (9%) e idoso (74%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (17%), muito jovem (2%), pouco jovem (11%); pouco idoso (28%) e muito idoso (42%) e para o falante masculino: neutro (17%), muito jovem (1%), pouco jovem (8%); pouco idoso (39%) e muito idoso (35%).

Figura 33: Avaliação do par de descritores "jovem/idoso"- Estado do Rio de

Janeiro



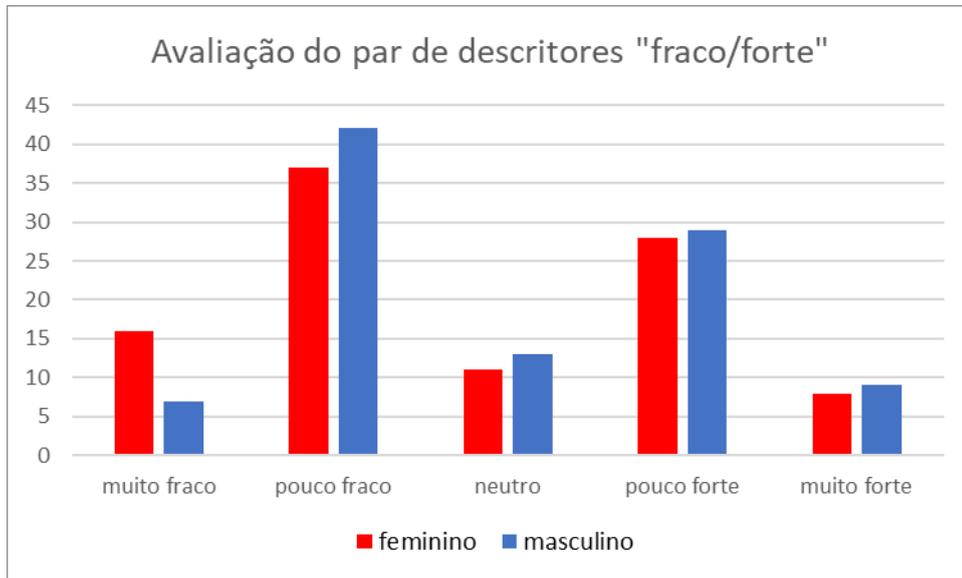
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 34, referente aos descritores “fraco/forte” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição bimodal. O falante feminino foi considerado fraco (53%) e forte (36%) e o masculino, fraco (49%) e forte (38%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (11%), muito fraco (16%), pouco fraco (37%); pouco forte (28%) e muito forte (8%) e para o falante masculino: neutro (13%), muito fraco (7%), pouco fraco (42%); pouco forte (29%) e muito forte (9%).

Figura 34: Avaliação do par de descritores "fraco/forte" - Estado do Rio de

Janeiro



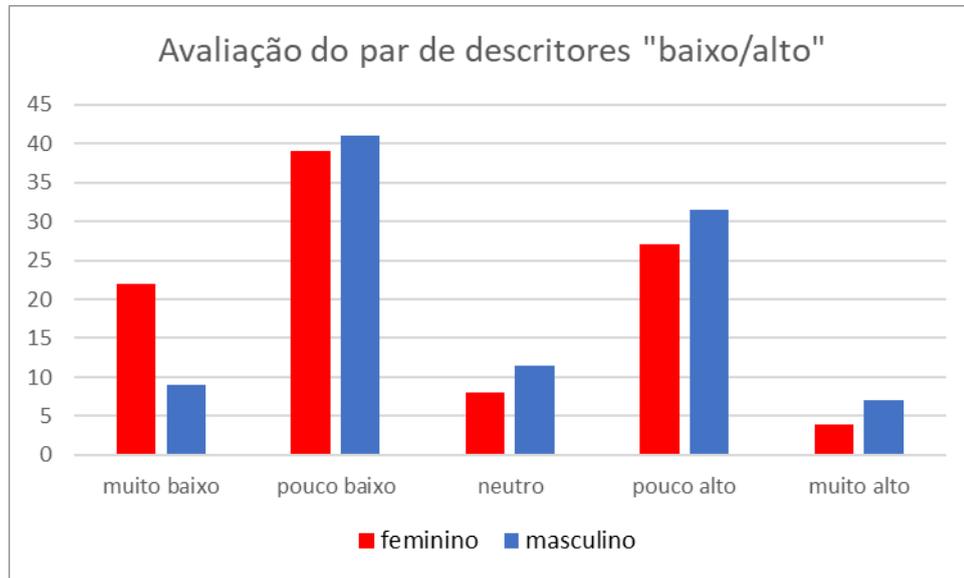
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 35, referente aos descritores “baixo/alto” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição bimodal. O falante feminino foi considerado baixo (61%) e alto (31%) e o masculino, baixo (50%) e alto (38,5%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (8%), muito baixo (22%), pouco baixo (39%); pouco alto (27%) e muito alto (4%) e para o falante masculino: neutro (11,5%), muito baixo (9%), pouco baixo (41%); pouco alto (31,5%) e muito alto (7%).

Figura 35: Avaliação do par de descritores "baixo/alto" - Estado do Rio de

Janeiro



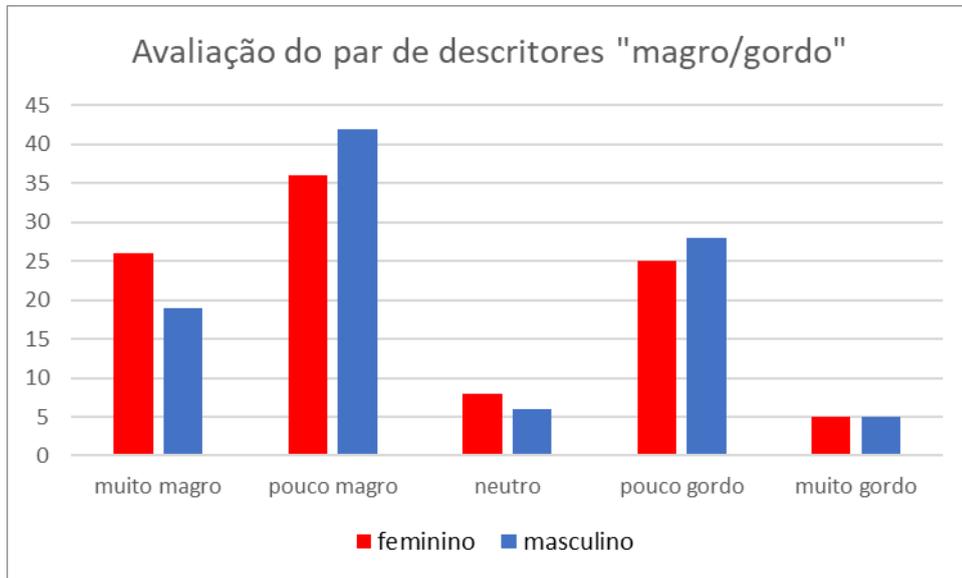
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 36, referente aos descritores “magro/gordo” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição bimodal. O falante feminino foi considerado magro (62%) e gordo (30%) e o masculino, magro (61%) e gordo (33%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (8%), muito magro (26%), pouco magro (36%); pouco gordo (25%) e muito gordo (5%) e para o falante masculino: neutro (6%), muito magro (19%), pouco magro (42%); pouco gordo (28%) e muito gordo (5%).

Figura 36: Avaliação do par de descritores "magro/gordo" - Estado do Rio de

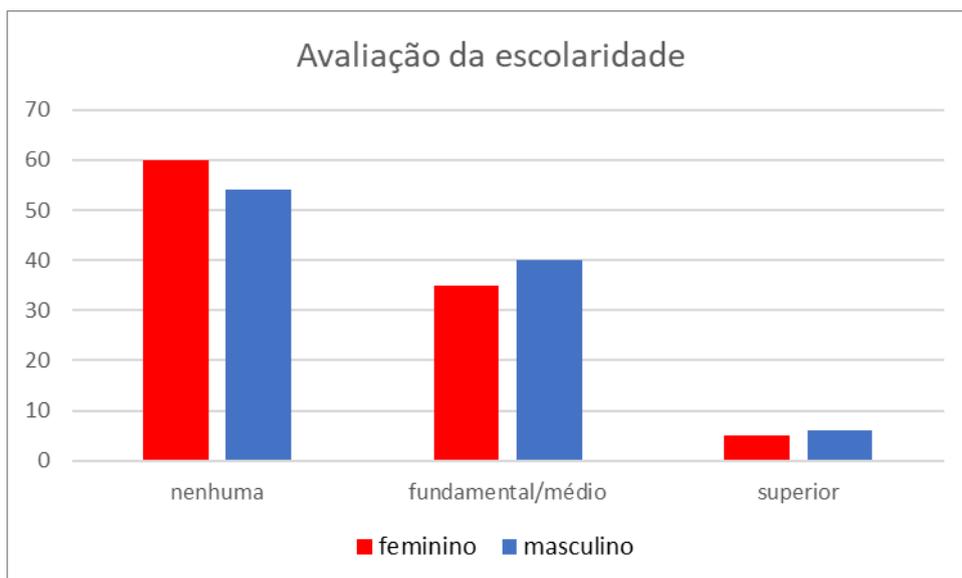
Janeiro



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 37, referente ao descritor “escolaridade” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à esquerda. Em relação à escolaridade do falante feminino foi considerada: nenhuma (60%), fundamental/médio (35%) e superior (5%); e o do falante masculino foi considerada: nenhuma (54%), fundamental/médio (40%) e superior (6%).

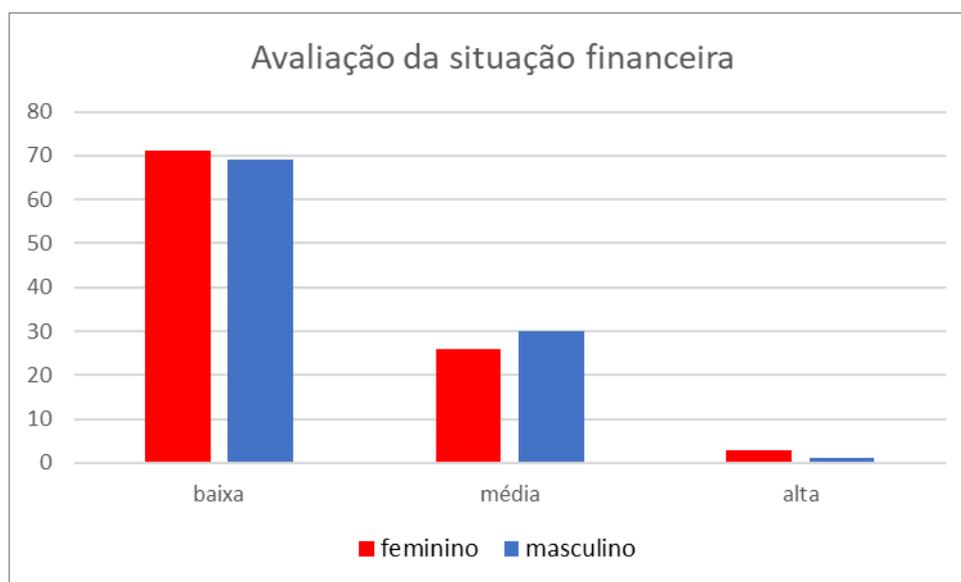
Figura 37: Avaliação da escolaridade - Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 38, referente ao descritor “situação financeira” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à esquerda. Em relação à situação financeira do falante feminino foi considerada: baixa (71%), média (26%) e alta (3%); e o do falante masculino foi considerada: baixa (69%), média (30%) e alta (1%).

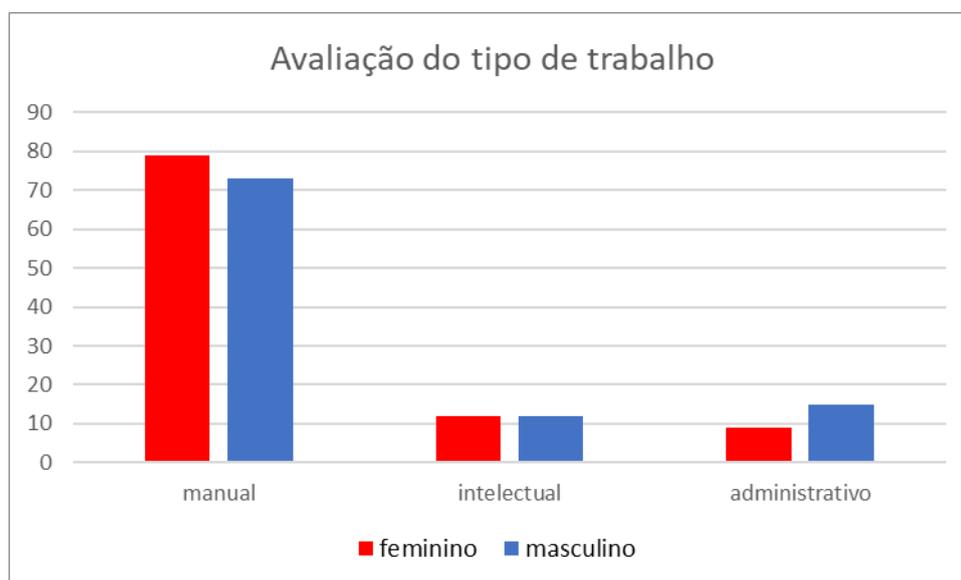
Figura 38: Avaliação da situação financeira- Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 39, referente ao descritor “tipo de trabalho” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à esquerda. Em relação ao tipo de trabalho do falante feminino foi considerado: manual (79%), intelectual (12%) e administrativo (9%); e o do falante masculino foi considerado: manual (73%), intelectual (12%) e administrativo (15%).

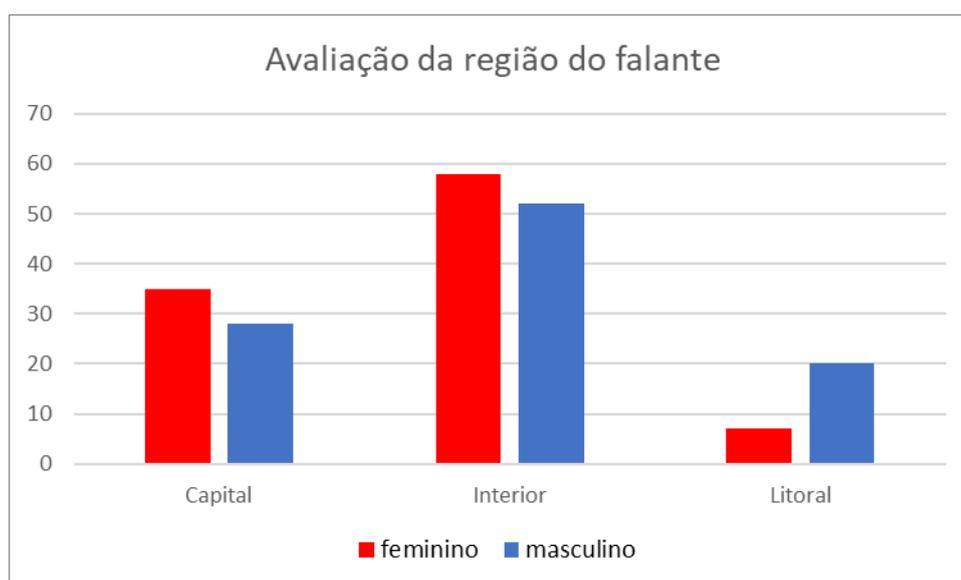
Figura 39: Avaliação do tipo de trabalho - Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 40, referente ao descritor “região do falante” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição simétrica em torno de um ponto máximo, o neutro. Em relação à região do falante feminino foi considerada: capital (35%), interior (58%) e litoral (7%); e a do falante masculino foi considerada: capital (28%), interior (52%) e litoral (20%).

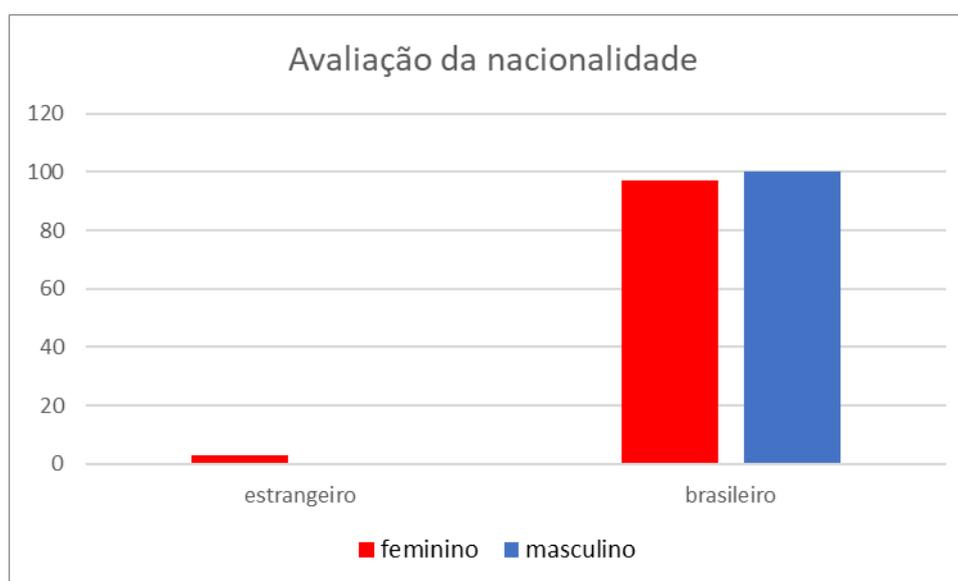
Figura 40: Avaliação da região do falante - Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 41, referente ao descritor “nacionalidade” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. Em relação à nacionalidade do falante feminino foi considerada: estrangeira (3%) e brasileira (97%); e a do falante masculino foi considerada: estrangeira (0%) e brasileira (100%).

Figura 41: Avaliação da nacionalidade- Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

5.2 Respostas ao teste de percepção pelos juízes do Estado de São Paulo (Capital)

Os resultados foram computados a partir das respostas de 30 juízes, 6 do sexo masculino e 24 do sexo feminino. Entre os juízes, 21 são nascidos e moradores da capital do Estado de São Paulo, 7 são nascidos em outras localidades do Estado de São Paulo, 2 em outro Estado (Rio de Janeiro), mas com residência na capital há mais de 4 anos. Apenas 13 juízes falam duas línguas adicionais: o inglês e o espanhol. Nenhum dos juízes relatou queixas de fala e audição.

Em relação à profissão dos sujeitos, 23 estão ligados a profissões na área da educação, entre elas, professores, auxiliares, analistas acadêmicos e estagiários. Os demais exercem diversas funções, entre outras: auxiliar administrativo, técnico de fotografia e vendedor. Em relação ao nível de escolaridade, o levantamento indicou:

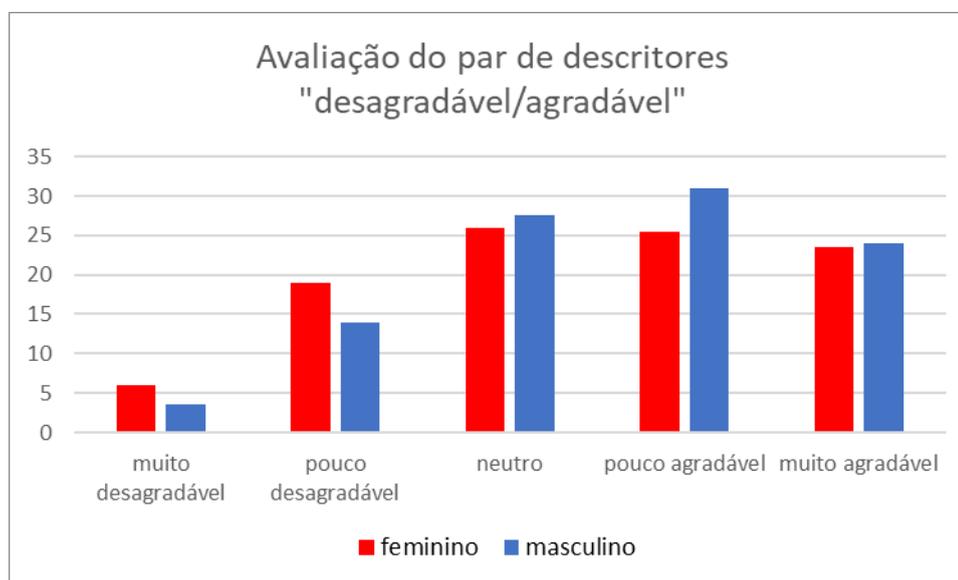
ensino superior (13), ensino médio (13), ensino médio incompleto (02) e especialização, mestrado ou doutorado (02). Ao todo foram obtidas 660 respostas, sendo 330 para o sexo masculino e 330 para o sexo feminino.

Nas figuras numeradas de 42 a 60, são apresentados os gráficos de colunas agrupadas que mostram os graus de avaliação conferidos a cada descritor.

Na Figura 42, referente aos descritores “desagradável/agradável” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. A fala feminina foi considerada agradável (49%) e desagradável (25%) e a masculina agradável (55%) e desagradável (17,5%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para a fala feminina: neutro (26%), muito desagradável (6%), pouco desagradável (19%); pouco agradável (25,5%) e muito agradável (23,5%) e para a fala masculina: neutro (27,5%), muito desagradável (3,5%), pouco desagradável (14%); pouco agradável (31%) e muito agradável (24%).

Figura 42: Avaliação do par de descritores "desagradável/agradável- Estado de São Paulo (capital)

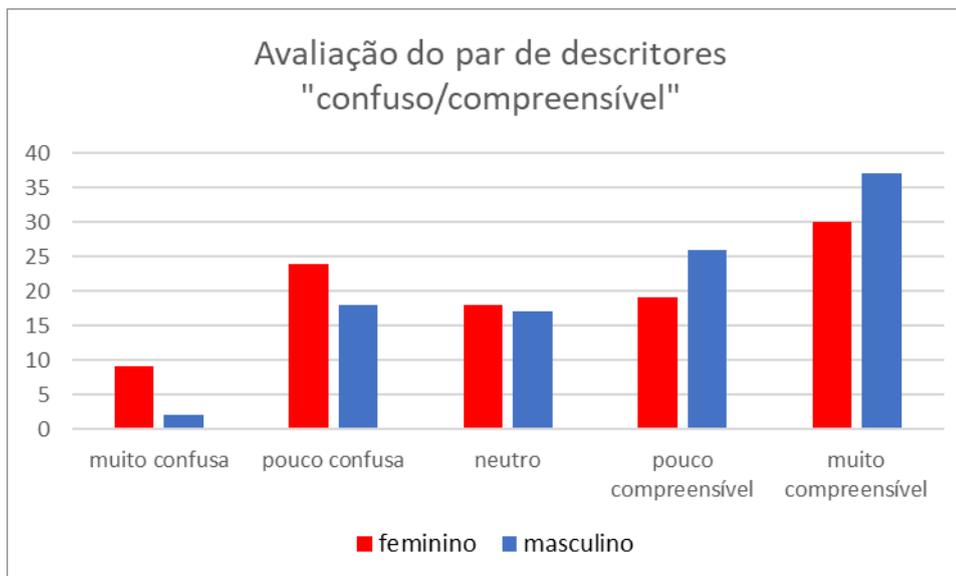


Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 43, referente aos descritores “confuso/compreensível” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição bimodal. A fala feminina foi considerada confusa (33%) e compreensível (49%) e a masculina confusa (20%) e compreensível (63%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para a fala feminina: neutro (18%), muito confusa (9%), pouco confusa (24%); pouco compreensível (19%) e muito compreensível (30%) e para a fala masculina: neutro (17%), muito confusa (2%), pouco confusa (18%); pouco compreensível (26%) e muito compreensível (37%).

Figura 43: Avaliação do par de descritores "confuso/compreensível"- Estado de São Paulo (capital)



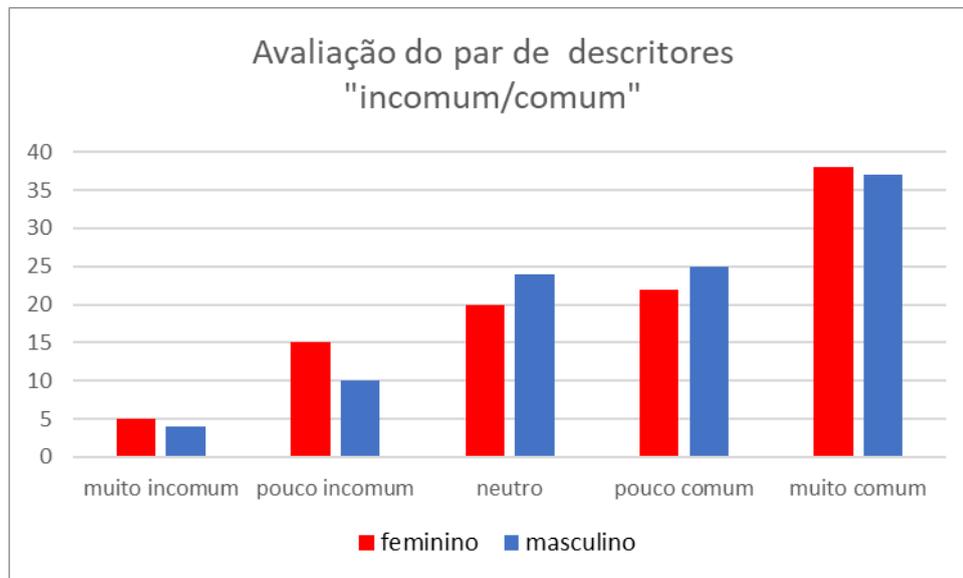
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 44, referente aos descritores "incomum/comum" das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. A fala feminina foi considerada incomum (20%) e comum (60%) e a masculina incomum (14%) e comum (62%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para a fala feminina: neutro (20%), muito incomum (5%), pouco incomum (15%); pouco comum (22%) e muito comum (38%) e para a fala masculina: neutro (24%), muito incomum (4%), pouco incomum (10%); pouco comum (25%) e muito comum (37%).

Figura 44: Avaliação do par de descritores "incomum/comum"- Estado de São

Paulo (capital)



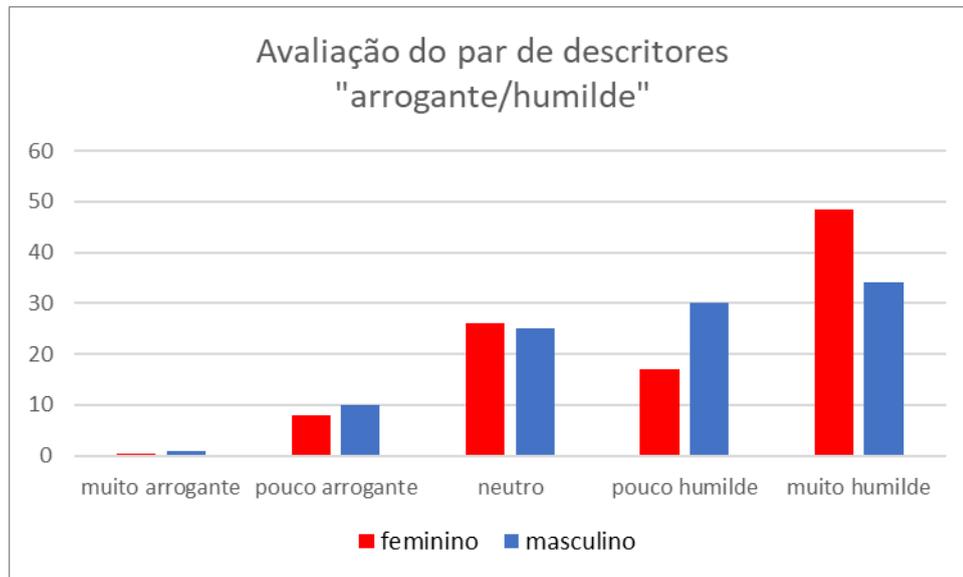
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 45, referente aos descritores “Arrogante/Humilde” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. O falante feminino foi considerado arrogante (8,5%) e humilde (65,5%) e o masculino, arrogante (11%) e humilde (64%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (26%), muito arrogante (0,5%), pouco arrogante (8%); pouco humilde (17%) e muito humilde (48,5%) e para o falante masculino: neutro (25%), muito arrogante (1%), pouco arrogante (10%); pouco humilde (30%) e muito humilde (34%).

Figura 45: Avaliação do par de descritores "arrogante/humilde"- Estado de São Paulo

(capital)



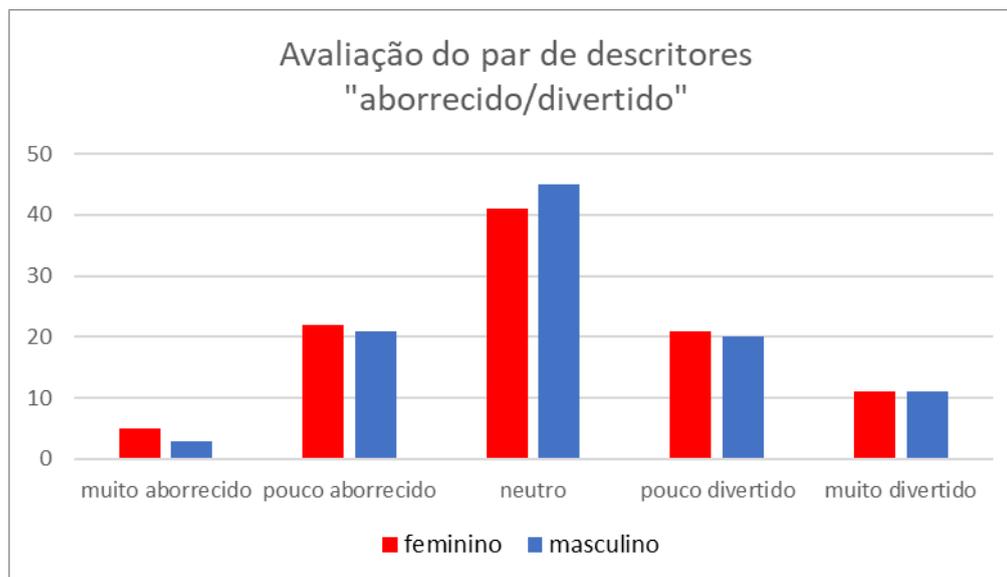
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 46, referente aos descritores “aborrecido/divertido” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta apresenta distribuição simétrica. O falante feminino foi considerado aborrecido (27%) e divertido (32%) e o masculino, aborrecido (24%) e divertido (31%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (41%), muito aborrecido (5%), pouco aborrecido (22%); pouco divertido (21%) e muito divertido (11%) e para o falante masculino: neutro (45%), muito aborrecido (3%), pouco aborrecido (21%); pouco divertido (20%) e muito divertido (11%).

Figura 46: Avaliação do par de descritores "aborrecido/divertido"- Estado de

São Paulo (capital)



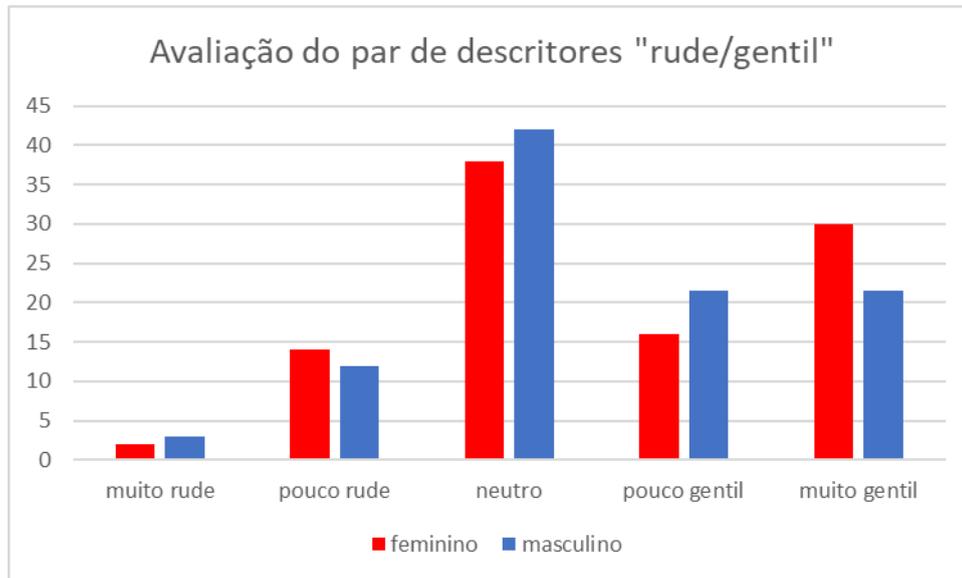
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 47, referente aos descritores “rude/gentil” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica. O falante feminino foi considerado rude (16%) e gentil (46%) e o masculino, rude (15%) e gentil (43%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (38%), muito rude (2%), pouco rude (14%), pouco gentil (16%) e muito gentil (30%) e para o falante masculino: neutro (42%), muito rude (3%), pouco rude (12%); pouco gentil (21,5%) e muito gentil (21,5%).

Figura 47: Avaliação do par de descritores 'rude/gentil'- Estado de São Paulo

(capital)



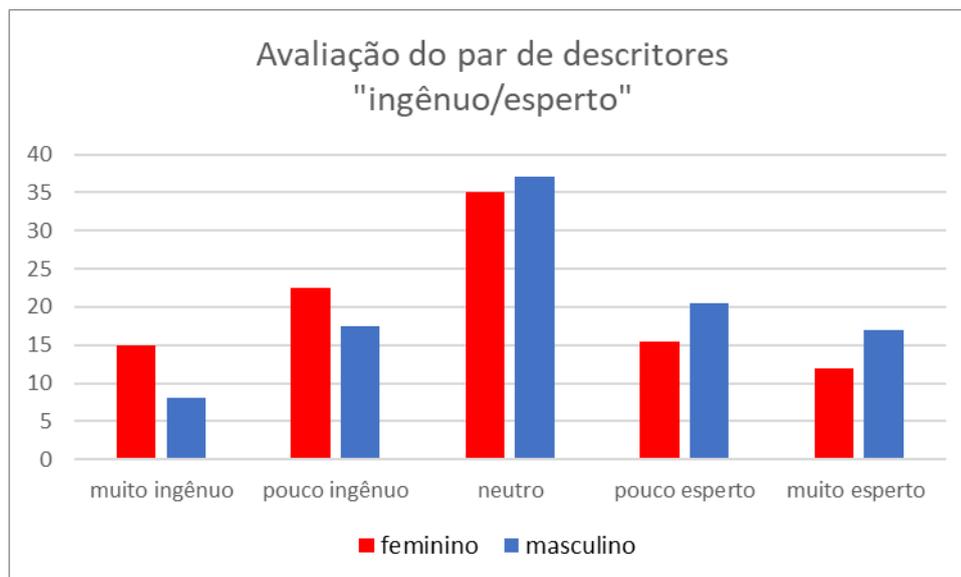
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 48, referente aos descritores “ingênuo/esperto” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição simétrica. O falante feminino foi considerado ingênuo (27,5%) e esperto (27,5%) e o masculino, ingênuo (25,5%) e esperto (37,5%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (35%), muito ingênuo (15%), pouco ingênuo (22,5%), pouco esperto (15,5%) e muito esperto (12%) e para o falante masculino: neutro (37%), muito ingênuo (8%), pouco ingênuo (17,5%), pouco esperto (20,5%) e muito esperto (17%).

Figura 48: Avaliação do par de descritores "ingênuo/esperto" - Estado de São

Paulo (capital)



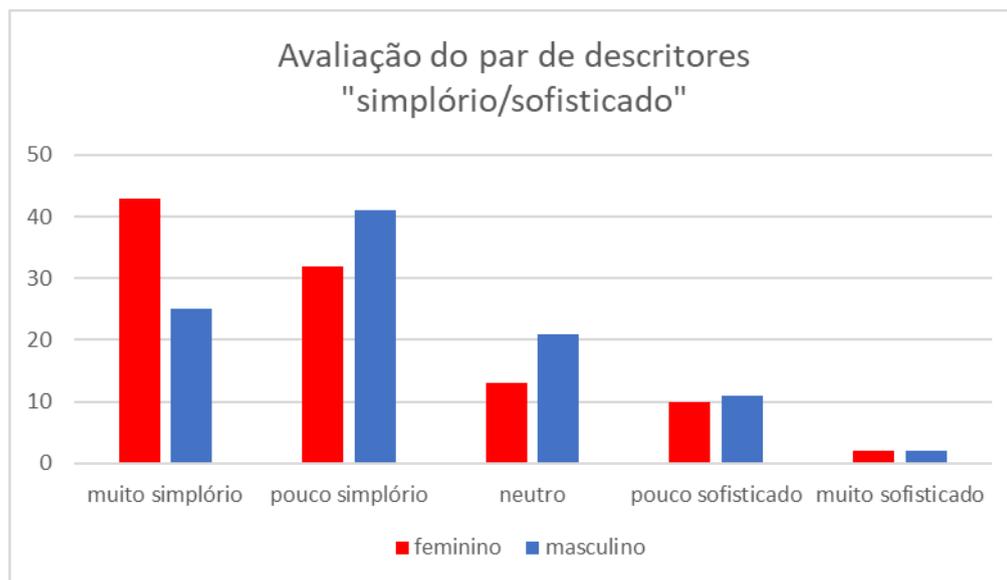
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 49, referente aos descritores "simplório/sofisticado" das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à esquerda. O falante feminino foi considerado simplório (75%) e sofisticado (12%) e o masculino, simplório (66%) e sofisticado (13%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (13%), muito simplório (43%), pouco simplório (32%), pouco sofisticado (10%) e muito sofisticado (2%) e para o falante masculino: neutro (21%), muito simplório (25%), pouco simplório (41%), pouco sofisticado (11%) e muito sofisticado (2%).

Figura 49: Avaliação do par de descritores "simplório/sofisticado"- Estado de

São Paulo (capital)



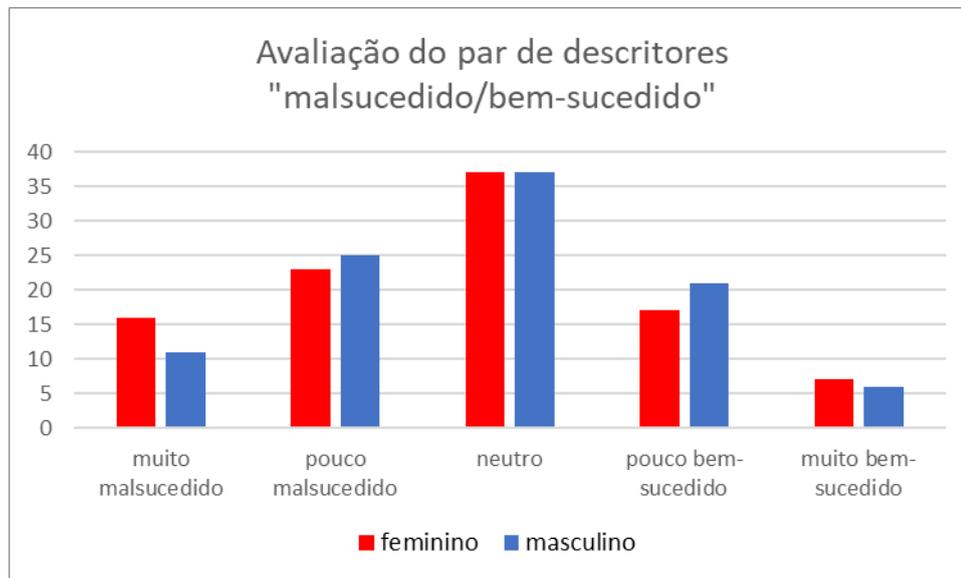
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 50, referente aos descritores “malsucedido/bem-sucedido” das produções de fala femininas e masculinas o gráfico apresenta distribuição simétrica em torno de um ponto máximo, o neutro. O falante feminino foi considerado malsucedido (39%) e bem-sucedido (24%) e o masculino, malsucedido (36%) e bem-sucedido (27%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (37%), muito malsucedido (16%), pouco malsucedido (23%), pouco bem-sucedido (17%) e muito bem-sucedido (7%) e para o falante masculino: neutro (37%), muito malsucedido (11%), pouco malsucedido (25%), pouco bem-sucedido (21%) e muito bem-sucedido (6%).

Figura 50: Avaliação do par de descritores "malsucedido/bem-sucedido"-

Estado de São Paulo (capital)



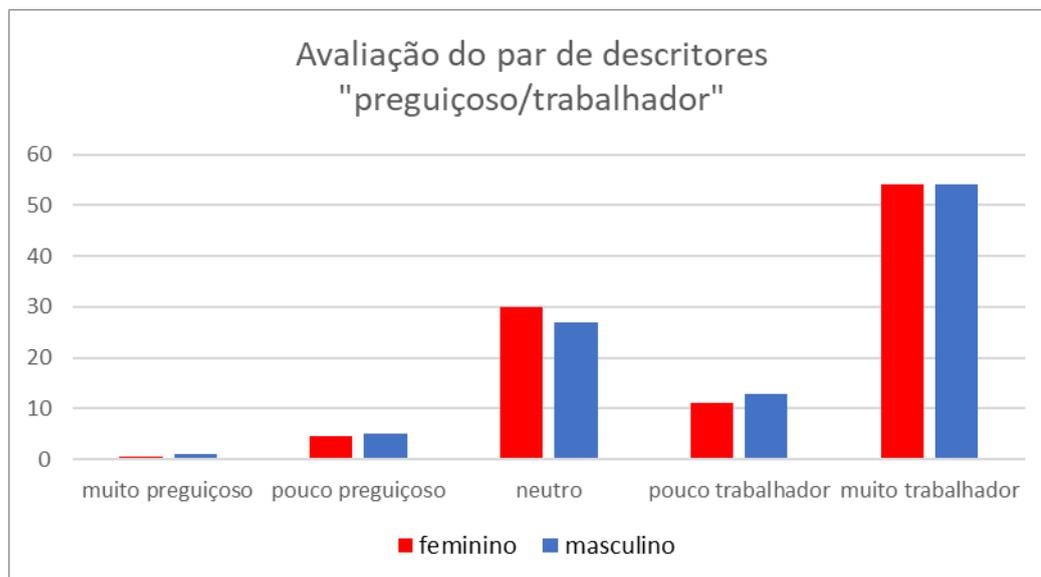
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 51, referente aos descritores “preguiçoso/trabalhador” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica direita. O falante feminino foi considerado preguiçoso (5%) e trabalhador (65%) e o masculino, preguiçoso (6%) e trabalhador (67%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (30%), muito preguiçoso (0,5%), pouco preguiçoso (4,5%); pouco trabalhador (11%) e muito trabalhador (54%) e para o falante masculino: neutro (27%), muito preguiçoso (1%), pouco preguiçoso (5%); pouco trabalhador (13%) e muito trabalhador (54%).

Figura 51: Avaliação do par de descritores "preguiçoso/trabalhador"- Estado de

São Paulo (capital)



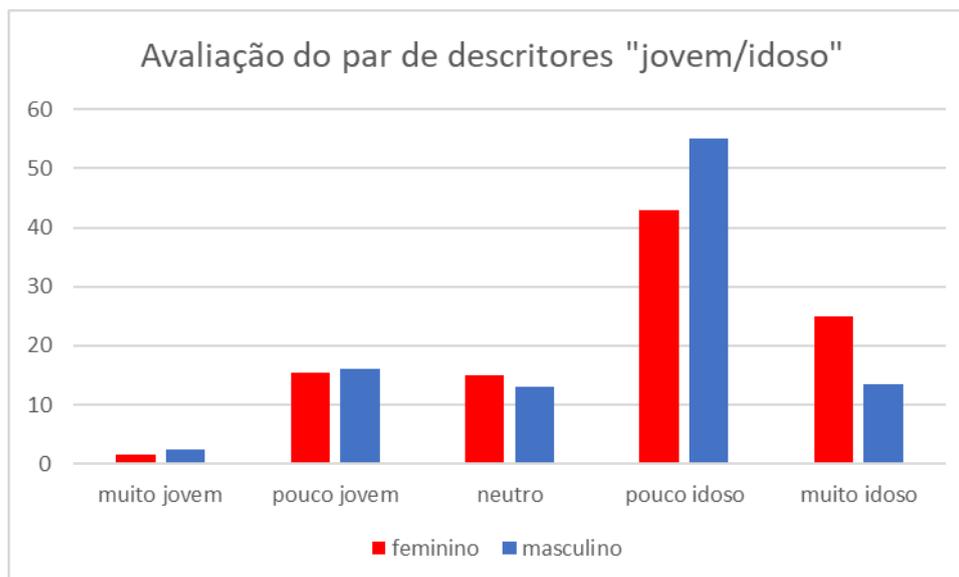
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 52, referente aos descritores “jovem/idoso” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. O falante feminino foi considerado jovem (17%) e idoso (68%) e o masculino, jovem (18,5%) e idoso (68,5%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (15%), muito jovem (1,5%), pouco jovem (15,5%); pouco idoso (43%) e muito idoso (25%) e para o falante masculino: neutro (13%), muito jovem (2,5%), pouco jovem (16%); pouco idoso (55%) e muito idoso (13,5%).

Figura 52: Avaliação do par de descritores "jovem/idoso"- Estado de São Paulo

(capital)



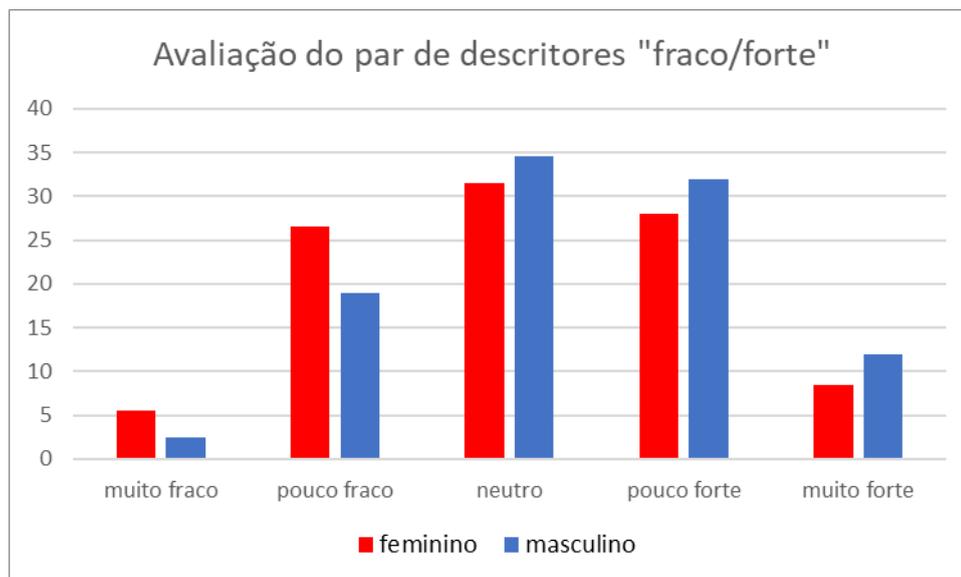
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 53, referente aos descritores “fraco/forte” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição simétrica. O falante feminino foi considerado fraco (32%) e forte (36,5%) e o masculino, fraco (21,5%) e forte (44%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (31,5%), muito fraco (5,5%), pouco fraco (26,5%); pouco forte (28%) e muito forte (8,5%) e para o falante masculino: neutro (34,5%), muito fraco (2,5%), pouco fraco (19%); pouco forte (32%) e muito forte (12%).

Figura 53: Avaliação do par de descritores "fraco/forte"- Estado de São Paulo

(capital)



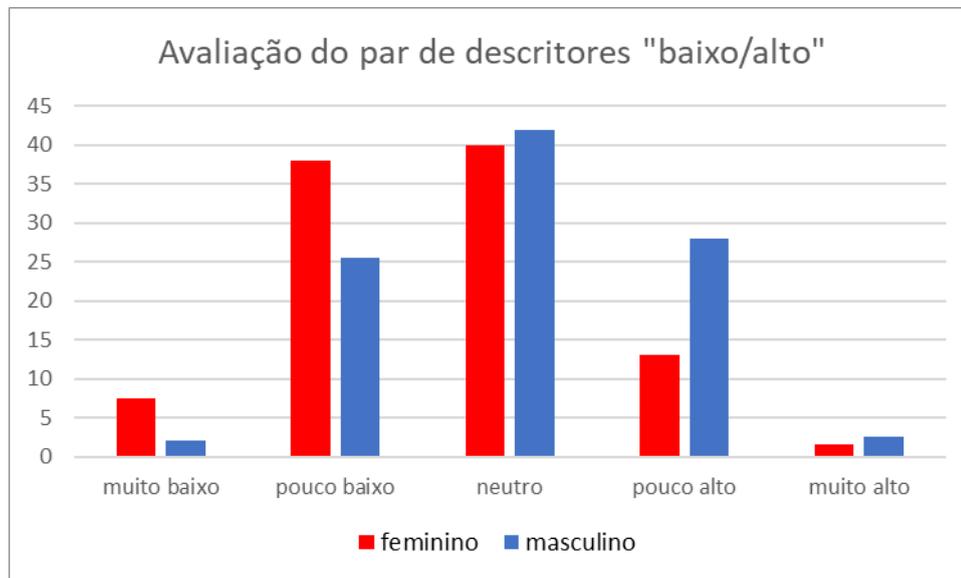
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 54, referente aos descritores “baixo/alto” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição simétrica. O falante feminino foi considerado baixo (45,5%) e alto (14,5%) e o masculino, baixo (27,5%) e alto (30,5%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (40%), muito baixo (7,5%), pouco baixo (38%); pouco alto (13%) e muito alto (1,5%) e para o falante masculino: neutro (42%), muito baixo (2%), pouco baixo (25,5%); pouco alto (28%) e muito alto (2,5%).

Figura 54: Avaliação do par de descritores "baixo/alto"- Estado de São Paulo

(capital)



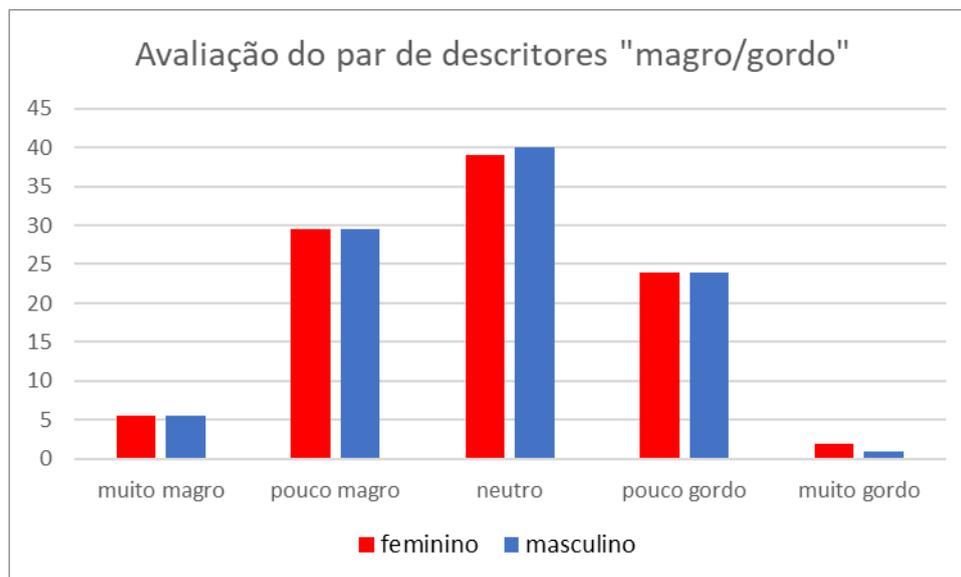
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 55, referente aos descritores “magro/gordo” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição simétrica. O falante feminino foi considerado magro (35%) e gordo (26%) e o masculino, magro (35%) e gordo (25%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (39%), muito magro (5,5%), pouco magro (29,5%); pouco gordo (24%) e muito gordo (2%) e para o falante masculino: neutro (40%), muito magro (5,5%), pouco magro (29,5%), pouco gordo (24%) e muito gordo (1%).

Figura 55: Avaliação do par de descritores "magro/gordo"- Estado de São Paulo

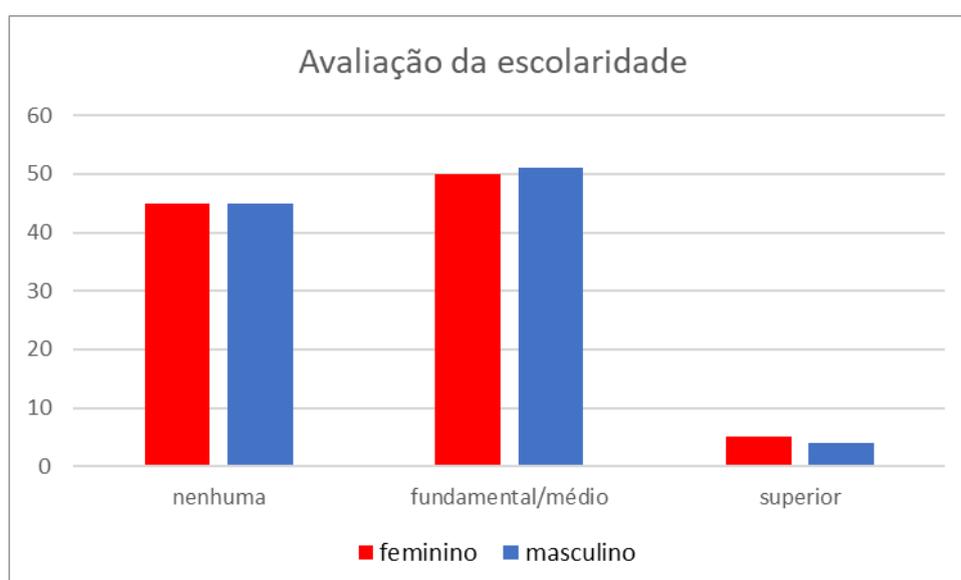
(capital)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 56, referente ao descritor “escolaridade” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica. Em relação à escolaridade do falante feminino foi considerada: nenhuma (45%), fundamental/médio (50%) e superior (5%); e o do falante masculino foi considerada: nenhuma (45%), fundamental/médio (51%) e superior (4%).

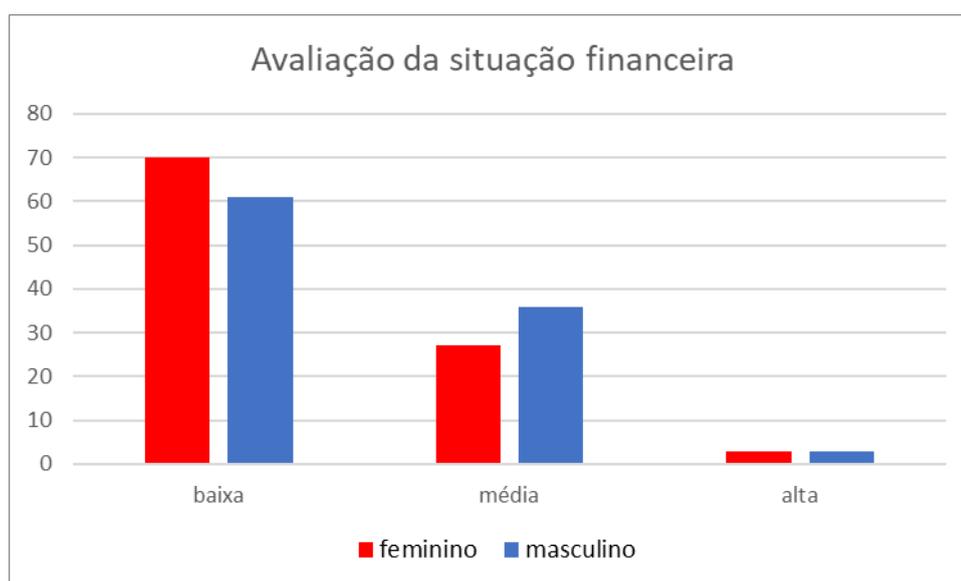
Figura 56: Avaliação da escolaridade- Estado de São Paulo (capital)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 57, referente ao descritor “situação financeira” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à esquerda. Em relação à situação financeira do falante feminino foi considerada: baixa (70%), média (27%) e alta (3%); e o do falante masculino foi considerada: baixa (61%), média (36%) e alta (3%).

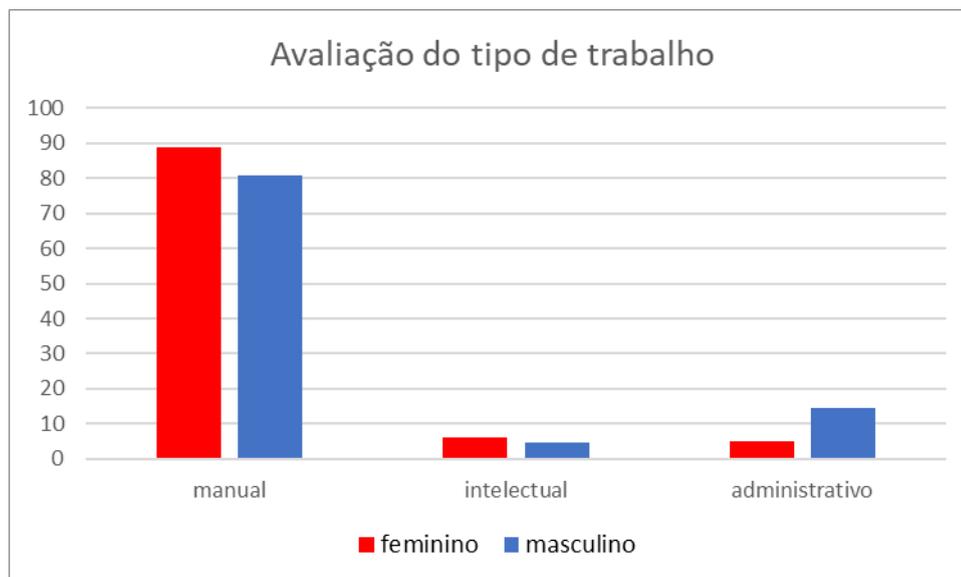
Figura 57: Avaliação da situação financeira- Estado de São Paulo (capital)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 58, referente ao descritor “tipo de trabalho” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à esquerda. Em relação ao tipo de trabalho do falante feminino foi considerado: manual (89%), intelectual (6%) e administrativo (5%); e o do falante masculino foi considerado: manual (81%), intelectual (4,5%) e administrativo (14,5%).

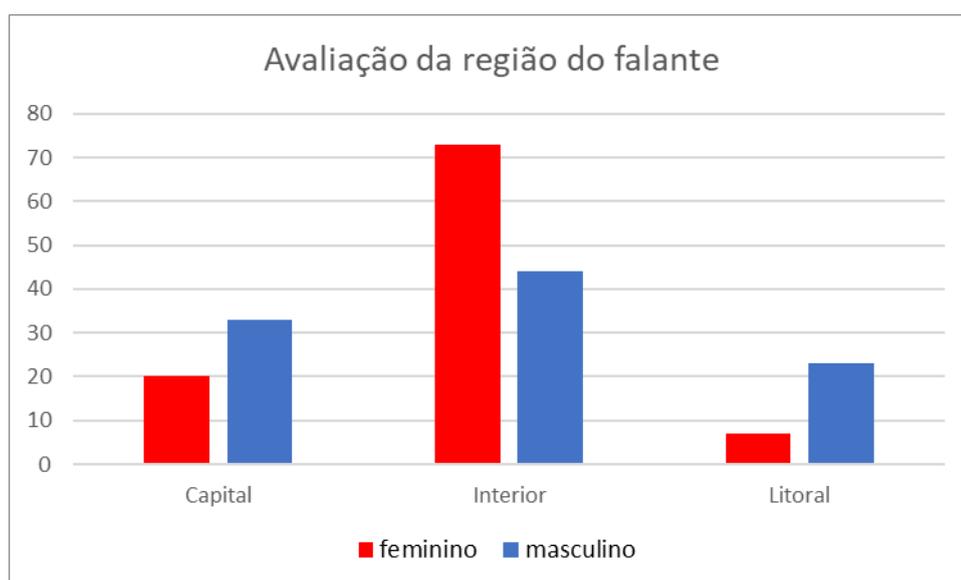
Figura 58: Avaliação do tipo de trabalho- Estado de São Paulo (capital)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 59, referente ao descritor “região do falante” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição simétrica em torno de um ponto máximo, o neutro. Em relação à região do falante feminino foi considerada: capital (20%), interior (73%) e litoral (7%); e a do falante masculino foi considerada: capital (33%), interior (44%) e litoral (23%).

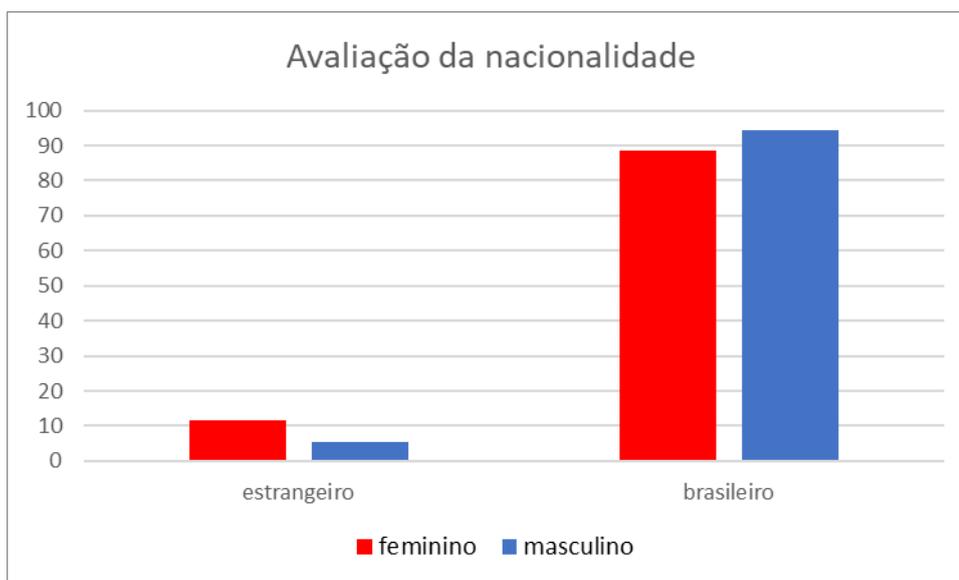
Figura 59: Avaliação da região do falante- Estado de São Paulo (capital)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 60, referente ao descritor “nacionalidade” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. Em relação à nacionalidade do falante feminino foi considerada: estrangeira (11,5%) e brasileira (88,5%); e a do falante masculino foi considerada: estrangeira (5,5%) e brasileira (94,5%).

Figura 60: Avaliação da nacionalidade- Estado de São Paulo (capital)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

5.3 Respostas ao teste de percepção pelos juízes do Estado de São Paulo (litoral)

Os resultados foram computados a partir das respostas de 30 juízes, 6 do sexo masculino e 24 do sexo feminino. Entre os juízes, 21 são nascidos e moradores do litoral do Estado de São Paulo, e 9 são nascidos em outras localidades do Estado de São Paulo, mas com residência na capital há mais de 4 anos. Apenas 7 juízes falam quatro línguas adicionais: o inglês, espanhol, italiano e japonês. Entre esses juízes (2) relataram perda leve de audição e 1 de fala (rouquidão).

Em relação à profissão dos sujeitos, 19 estão ligados a profissões na área da educação, entre elas, professores, auxiliares e estagiários. Os demais exercem diversas funções, entre outras: arquiteto, músico, dona de casa e vendedor. Em relação ao nível de escolaridade, o levantamento indicou: ensino superior (13), ensino médio (14), ensino médio incompleto (1) e especialização, mestrado ou doutorado

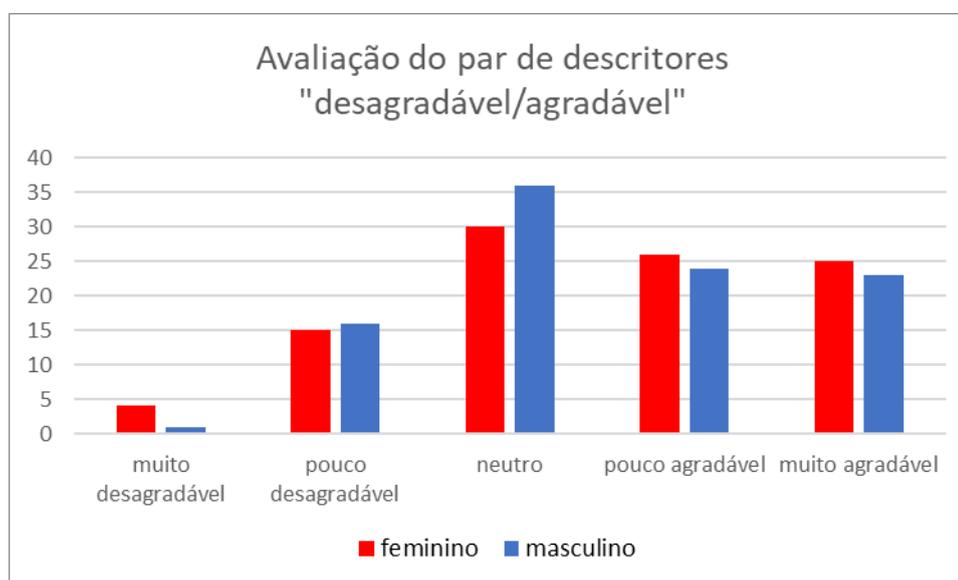
(02). Ao todo foram obtidas 660 respostas, sendo 330 para o sexo masculino e 330 para o sexo feminino.

Nas figuras numeradas de 61 a XXX, são apresentados os gráficos de colunas agrupadas que mostram os graus de avaliação conferidos a cada descritor.

Na Figura 61, referente aos descritores “desagradável/agradável” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição simétrica. A fala feminina foi considerada agradável (51%) e desagradável (19%) e a masculina agradável (47%) e desagradável (17%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para a fala feminina: neutro (30%), muito desagradável (4%), pouco desagradável (15%); pouco agradável (26%) e muito agradável (25%) e para a fala masculina: neutro (36%), muito desagradável (1%), pouco desagradável (16%); pouco agradável (24%) e muito agradável (23%).

Figura 61: Avaliação do par de descritores "desagradável/agradável"- Estado de São Paulo (litoral norte)



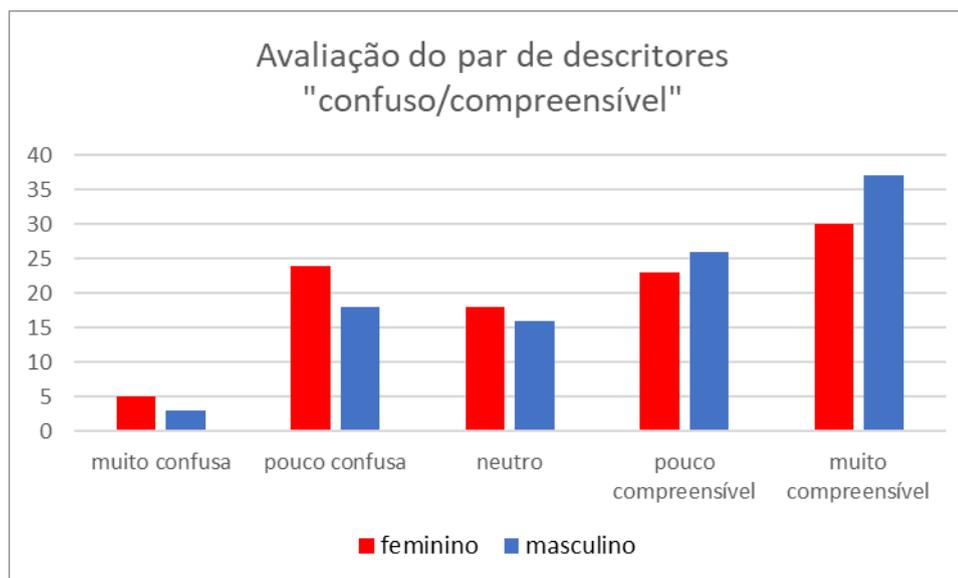
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 62, referente aos descritores “confuso/compreensível” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica. A fala feminina foi considerada confusa (29%) e compreensível (53%) e a masculina confusa (21%) e compreensível (63%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para a fala

feminina: neutro (18%), muito confusa (5%), pouco confusa (24%); pouco compreensível (23%) e muito compreensível (30%) e para a fala masculina: neutro (16%), muito confusa (3%), pouco confusa (18%); pouco compreensível (26%) e muito compreensível (37%).

Figura 62: Avaliação do par de descritores "confuso/compreensível"- Estado de São Paulo (litoral norte)



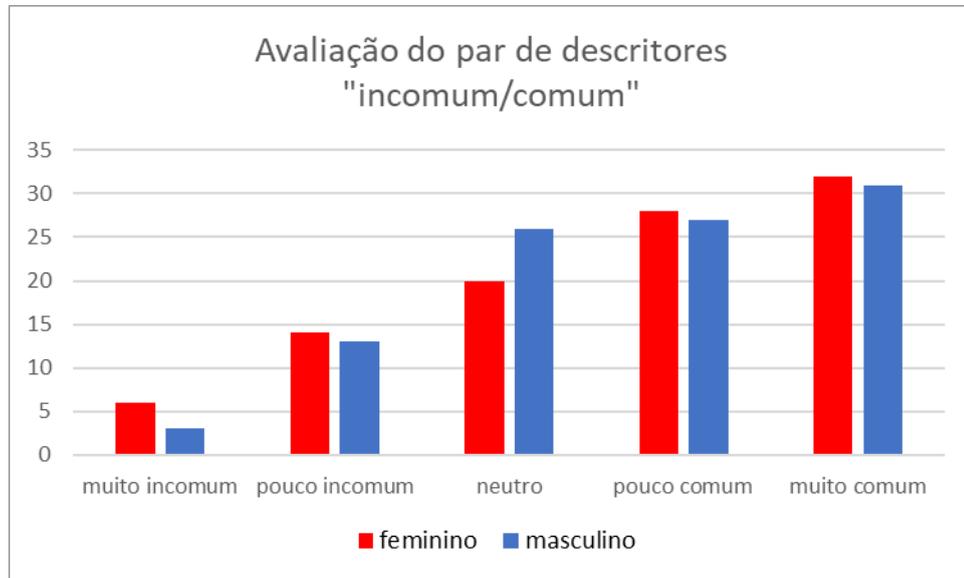
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 63, referente aos descritores "incomum/comum" das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. A fala feminina foi considerada incomum (20%) e comum (60%) e a masculina incomum (16%) e comum (58%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para a fala feminina: neutro (20%), muito incomum (6%), pouco incomum (14%); pouco comum (28%) e muito comum (32%) e para a fala masculina: neutro (26%), muito incomum (3%), pouco incomum (13%); pouco comum (27%) e muito comum (31%).

Figura 63: Avaliação do par de descritores "incomum/comum"- Estado de São

Paulo (litoral norte)



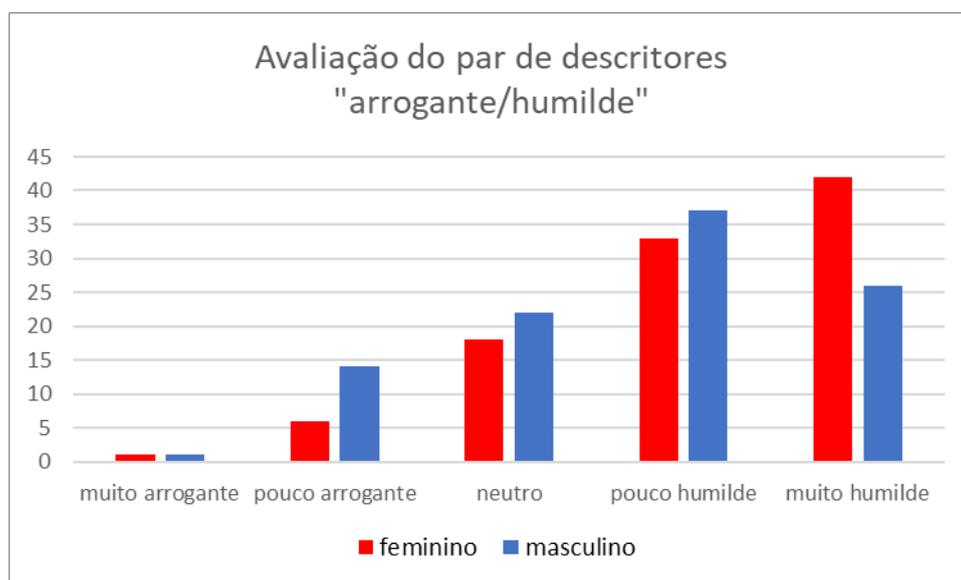
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 64, referente aos descritores “Arrogante/Humilde” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. O falante feminino foi considerado arrogante (7%) e humilde (75%) e o masculino, arrogante (15%) e humilde (63%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (18%), muito arrogante (1%), pouco arrogante (6%); pouco humilde (33%) e muito humilde (42%) e para o falante masculino: neutro (25%), muito arrogante (1%), pouco arrogante (14%); pouco humilde (37%) e muito humilde (26%).

Figura 64: Avaliação do par de descritores "arrogante/humilde"- Estado de São

Paulo (litoral norte)



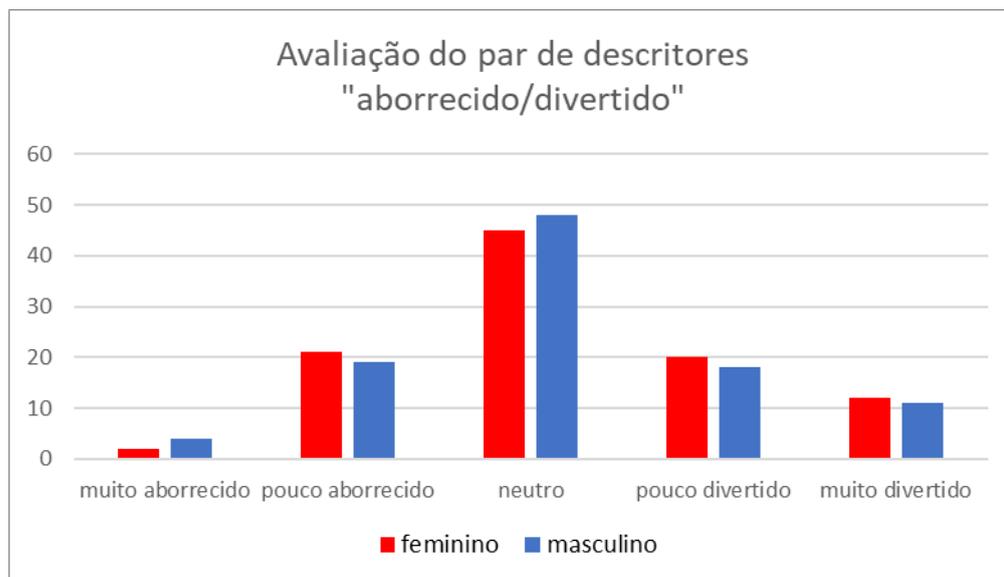
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 65, referente aos descritores “aborrecido/divertido” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta apresenta distribuição simétrica. O falante feminino foi considerado aborrecido (22%) e divertido (32%) e o masculino, aborrecido (23%) e divertido (29%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (45%), muito aborrecido (2%), pouco aborrecido (21%); pouco divertido (20%) e muito divertido (12%) e para o falante masculino: neutro (48%), muito aborrecido (4%), pouco aborrecido (19%); pouco divertido (18%) e muito divertido (11%).

Figura 65: Avaliação do par de descritores "aborrecido/divertido" - Estado de

São Paulo (litoral norte)



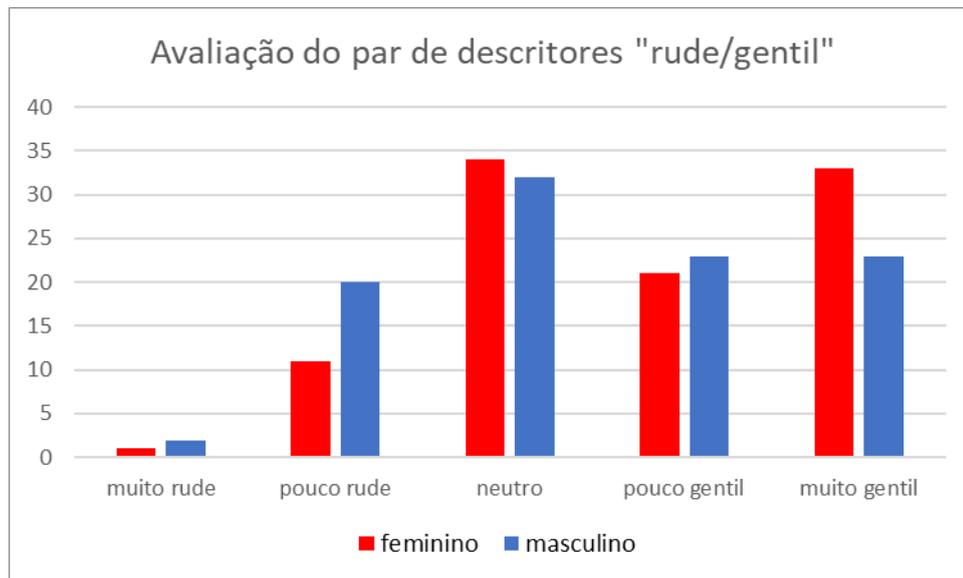
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 66, referente aos descritores “rude/gentil” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica. O falante feminino foi considerado rude (12%) e gentil (54%) e o masculino, rude (22%) e gentil (46%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (34%), muito rude (1%), pouco rude (11%), pouco gentil (21%) e muito gentil (33%) e para o falante masculino: neutro (32%), muito rude (2%), pouco rude (20%); pouco gentil (23%) e muito gentil (23%).

Figura 66: Avaliação do par de descritores "rude/gentil"- Estado de São Paulo

(litoral norte)



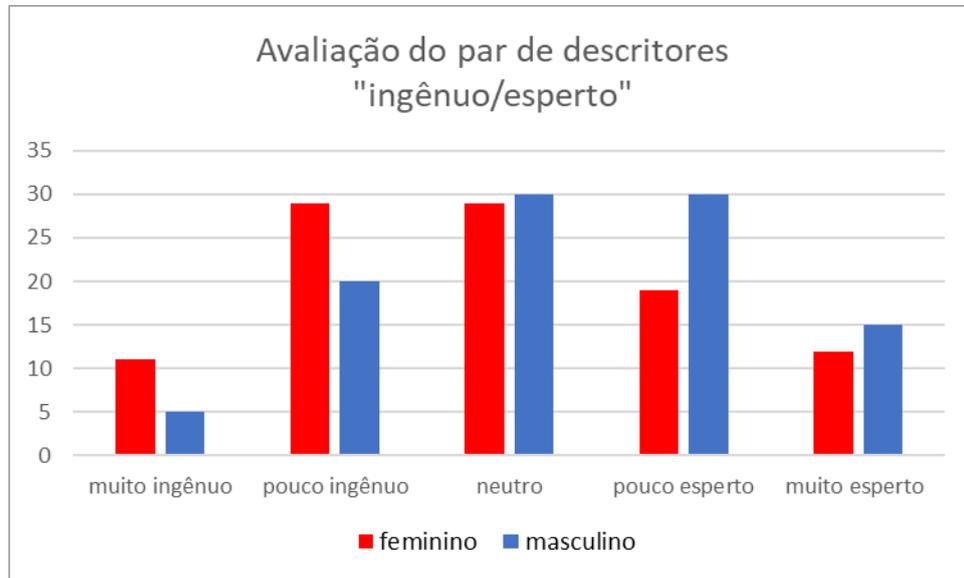
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 67, referente aos descritores “ingênuo/esperto” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica. O falante feminino foi considerado ingênuo (40%) e esperto (31%) e o masculino, ingênuo (25%) e esperto (45%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (29%), muito ingênuo (11%), pouco ingênuo (29%), pouco esperto (19%) e muito esperto (12%) e para o falante masculino: neutro (30%), muito ingênuo (5%), pouco ingênuo (20%), pouco esperto (30%) e muito esperto (15%).

Figura 67: Avaliação do par de descritores "ingênuo/esperto"- Estado de São

Paulo (litoral norte)



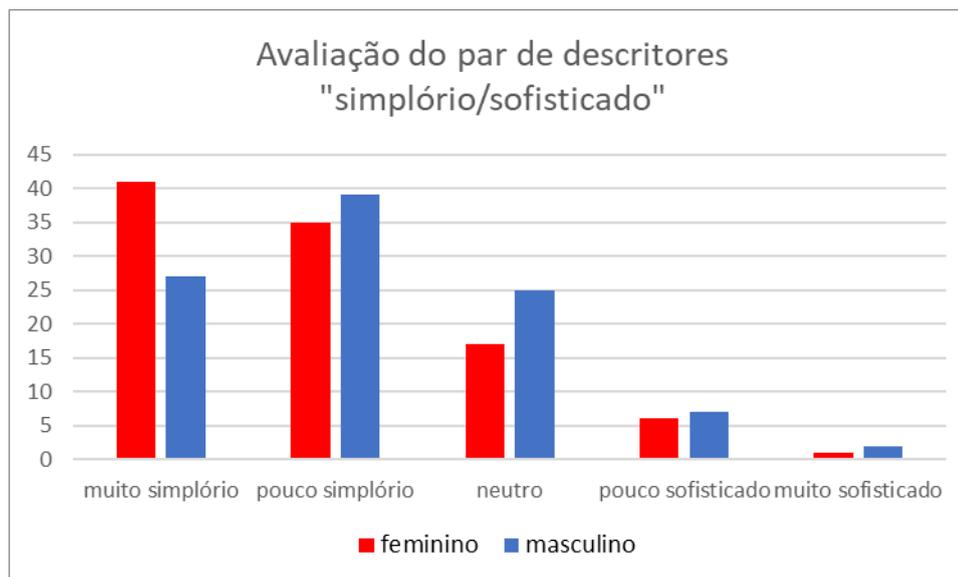
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 68, referente aos descritores "simplório/sofisticado" das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à esquerda. O falante feminino foi considerado simplório (76%) e sofisticado (7%) e o masculino, simplório (66%) e sofisticado (9%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (17%), muito simplório (41%), pouco simplório (35%), pouco sofisticado (6%) e muito sofisticado (1%) e para o falante masculino: neutro (25%), muito simplório (27%), pouco simplório (39%), pouco sofisticado (7%) e muito sofisticado (2%).

Figura 68: Avaliação do par de descritores "simplório/sofisticado"- Estado de

São Paulo (litoral norte)



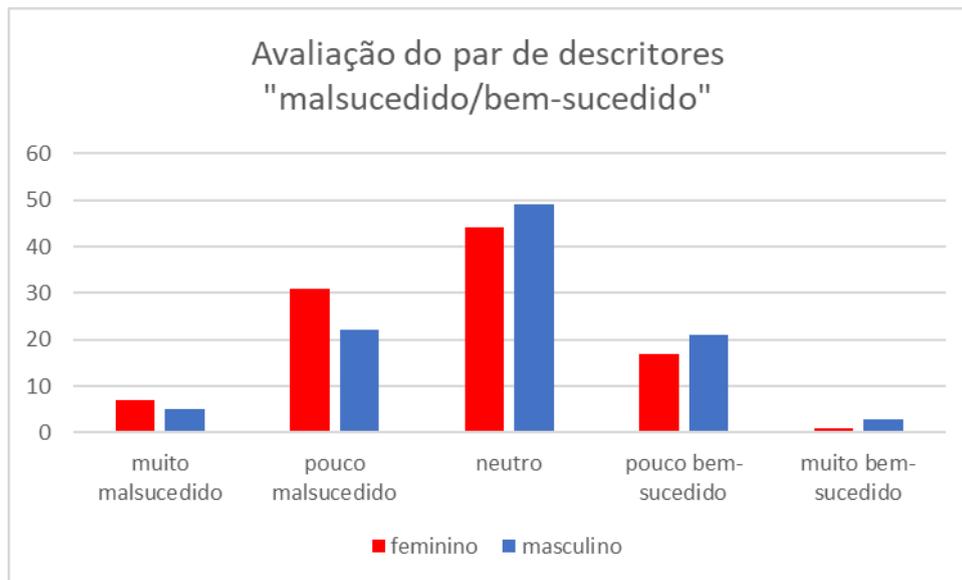
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 69, referente aos descritores “malsucedido/bem-sucedido” das produções de fala femininas e masculinas o gráfico apresenta distribuição simétrica em torno de um ponto máximo, o neutro. O falante feminino foi considerado malsucedido (38%) e bem-sucedido (18%) e o masculino, malsucedido (27%) e bem-sucedido (24%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (44%), muito malsucedido (7%), pouco malsucedido (31%), pouco bem-sucedido (17%) e muito bem-sucedido (1%) e para o falante masculino: neutro (49%), muito malsucedido (5%), pouco malsucedido (22%), pouco bem-sucedido (21%) e muito bem-sucedido (3%).

Figura 69: Avaliação do par de descritores "malsucedido/bem-sucedido"-

Estado de São Paulo (litoral norte)



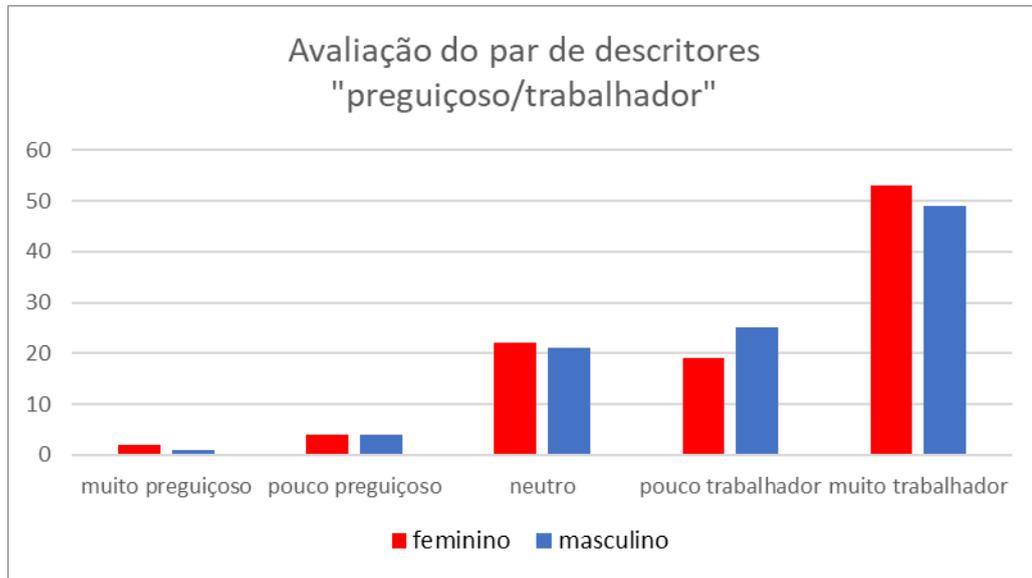
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 70, referente aos descritores “preguiçoso/trabalhador” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. O falante feminino foi considerado preguiçoso (6%) e trabalhador (72%) e o masculino, preguiçoso (5%) e trabalhador (74%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (22%), muito preguiçoso (2%), pouco preguiçoso (4%); pouco trabalhador (19%) e muito trabalhador (53%) e para o falante masculino: neutro (21%), muito preguiçoso (1%), pouco preguiçoso (4%); pouco trabalhador (25%) e muito trabalhador (49%).

Figura 70: Avaliação do par de descritores "preguiçoso/trabalhador"- Estado

de São Paulo (litoral norte)



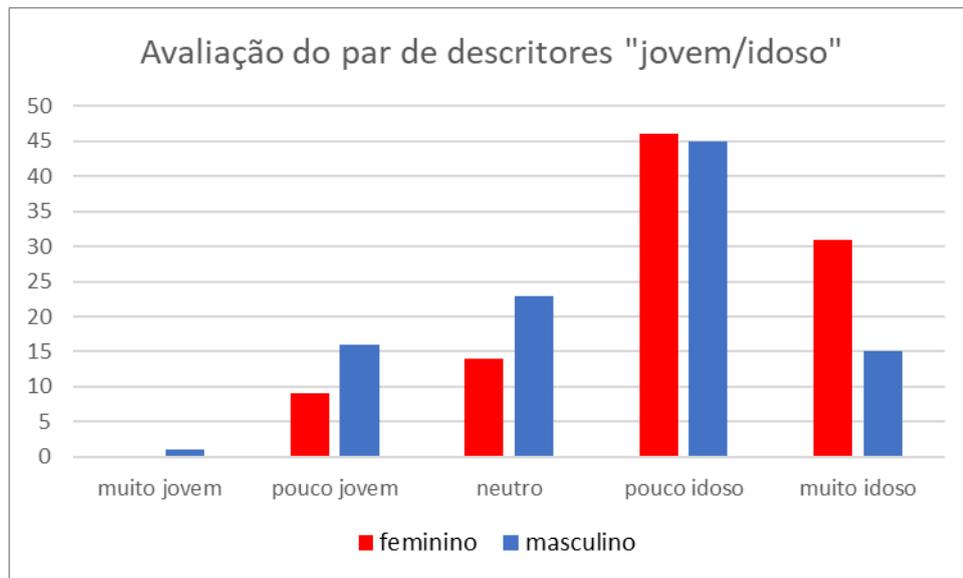
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 71, referente aos descritores “jovem/idoso” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. O falante feminino foi considerado jovem (9%) e idoso (77%) e o masculino, jovem (17%) e idoso (60%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (14%), muito jovem (0%), pouco jovem (9%); pouco idoso (46%) e muito idoso (31%) e para o falante masculino: neutro (23%), muito jovem (1%), pouco jovem (16%); pouco idoso (45%) e muito idoso (15%).

Figura 71: Avaliação do par de descritores "jovem/idoso"- Estado de São Paulo

(litoral norte)



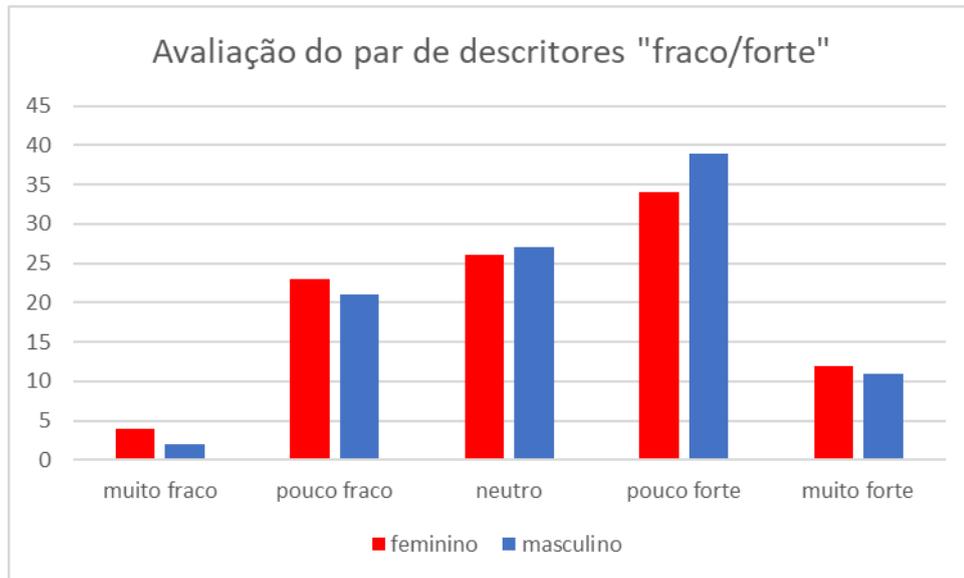
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 72, referente aos descritores “fraco/forte” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica. O falante feminino foi considerado fraco (27%) e forte (46%) e o masculino, fraco (23%) e forte (50%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (26%), muito fraco (4%), pouco fraco (23%); pouco forte (34%) e muito forte (12%) e para o falante masculino: neutro (27%), muito fraco (2%), pouco fraco (21%); pouco forte (39%) e muito forte (11%).

Figura 72: Avaliação do par de descritores "fraco/forte"- Estado de São Paulo

(litoral norte)



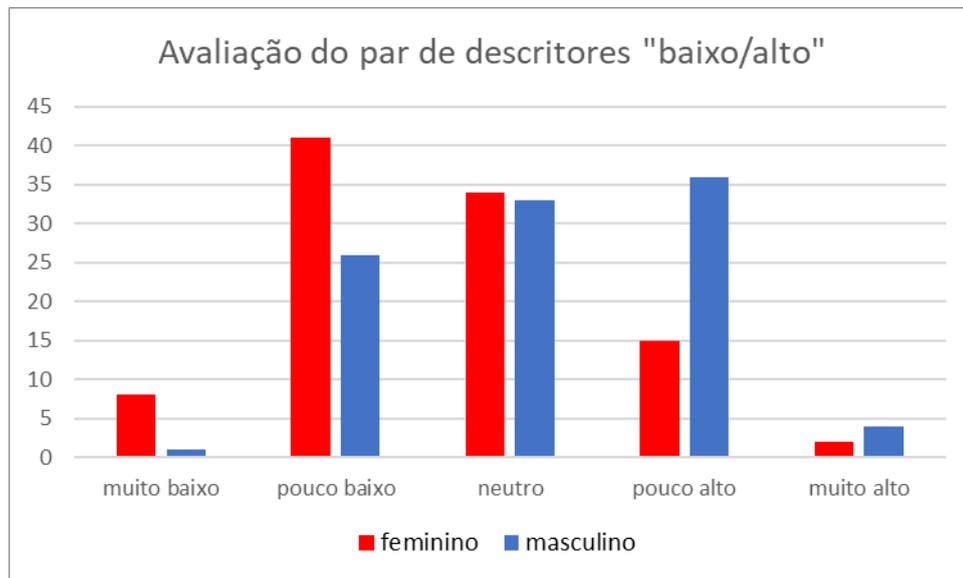
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 73, referente aos descritores “baixo/alto” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica. O falante feminino foi considerado baixo (49%) e alto (17%) e o masculino, baixo (27%) e alto (40%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (34%), muito baixo (8%), pouco baixo (41%); pouco alto (15%) e muito alto (2%) e para o falante masculino: neutro (33%), muito baixo (1%), pouco baixo (26%); pouco alto (36%) e muito alto (4%).

Figura 73: Avaliação do par de descritores "baixo/alto"- Estado de São Paulo

(litoral norte)



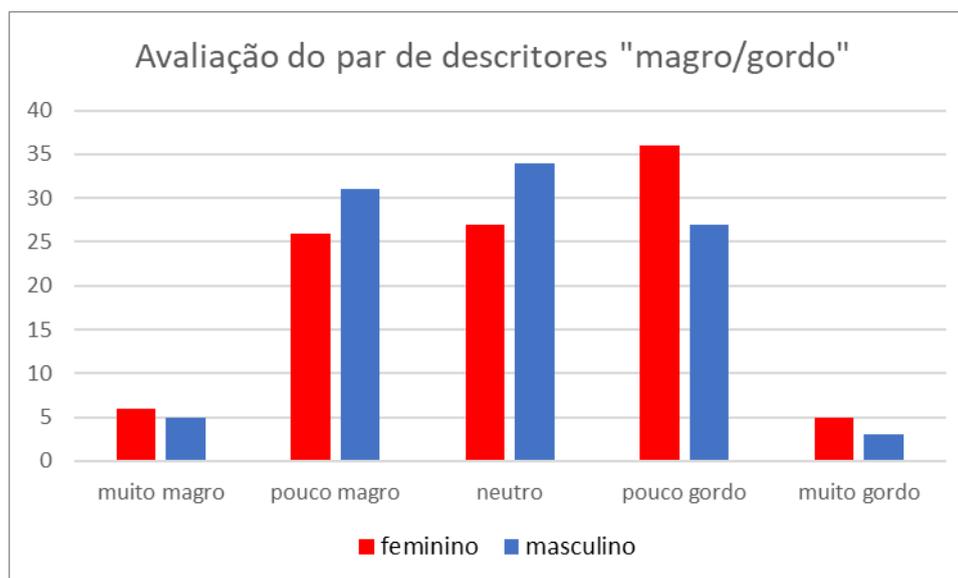
Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 74, referente aos descritores “magro/gordo” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica. O falante feminino foi considerado magro (32%) e gordo (41%) e o masculino, magro (36%) e gordo (30%).

Consideradas as porcentagens por cada um dos graus, temos para o falante feminino: neutro (27%), muito magro (6%), pouco magro (26%); pouco gordo (36%) e muito gordo (5%) e para o falante masculino: neutro (34%), muito magro (5%), pouco magro (31%), pouco gordo (27%) e muito gordo (3%).

Figura 74: Avaliação do par de descritores "magro/gordo"- Estado de São Paulo

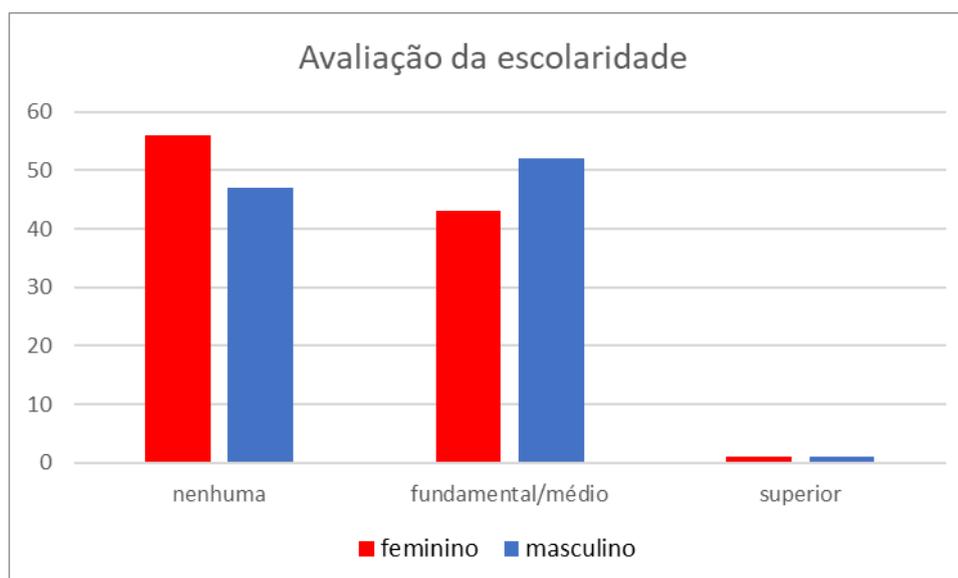
(litoral norte)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 75, referente ao descritor “escolaridade” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica. Em relação à escolaridade do falante feminino foi considerada: nenhuma (56%), fundamental/médio (43%) e superior (1%); e o do falante masculino foi considerada: nenhuma (47%), fundamental/médio (52%) e superior (1%).

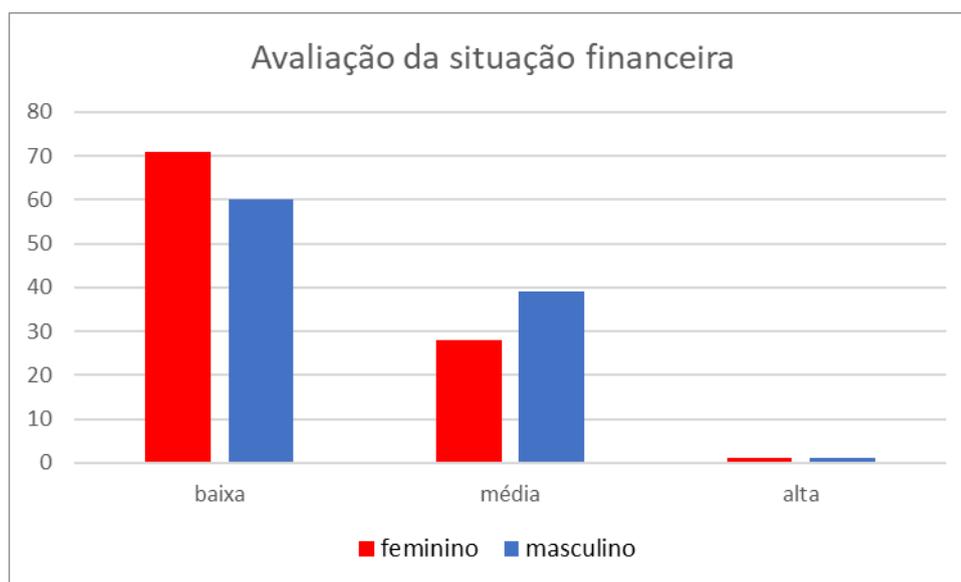
Figura 75: Avaliação da escolaridade- Estado de São Paulo (litoral norte)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 76, referente ao descritor “situação financeira” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à esquerda. Em relação à situação financeira do falante feminino foi considerada: baixa (71%), média (28%) e alta (1%); e o do falante masculino foi considerada: baixa (60%), média (39%) e alta (1%).

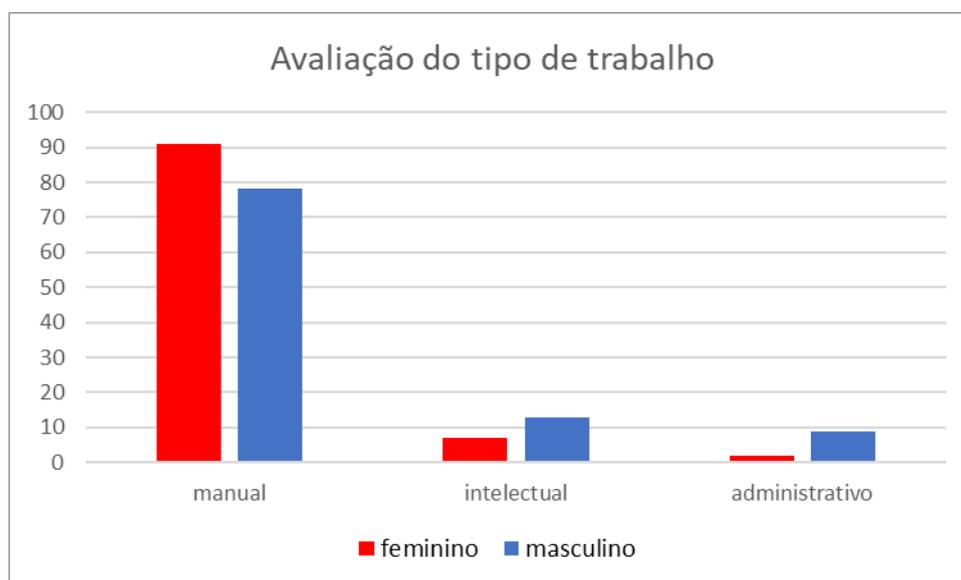
Figura 76: Avaliação da situação financeira- Estado de São Paulo (litoral norte)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 77, referente ao descritor “tipo de trabalho” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à esquerda. Em relação ao tipo de trabalho do falante feminino foi considerado: manual (91%), intelectual (7%) e administrativo (2%); e o do falante masculino foi considerado: manual (78%), intelectual (13%) e administrativo (9%).

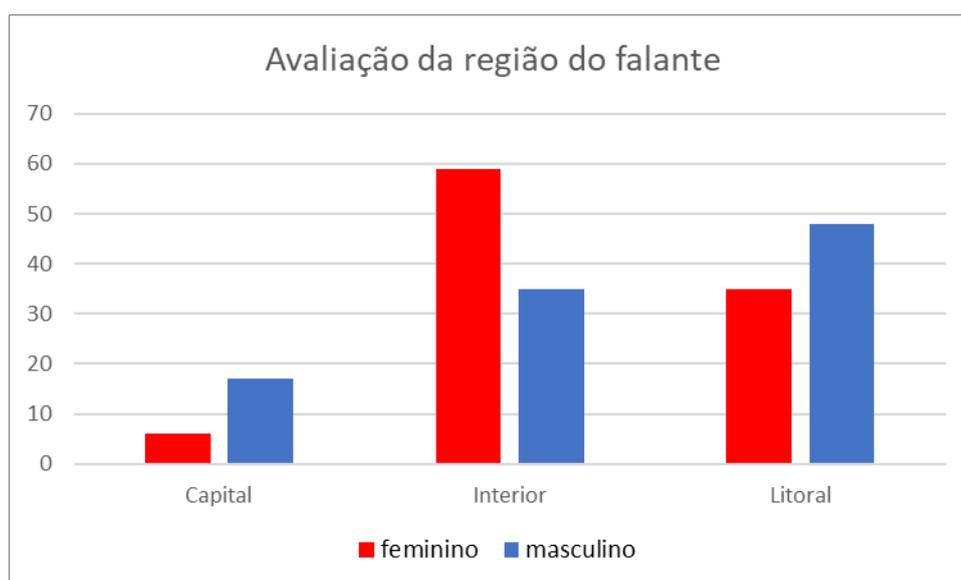
Figura 77: Avaliação do tipo de trabalho- Estado de São Paulo (litoral norte)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 78, referente ao descritor “região do falante” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica em torno de um ponto máximo, o neutro. Em relação à região do falante feminino foi considerada: capital (6%), interior (59%) e litoral (35%); e a do falante masculino foi considerada: capital (17%), interior (35%) e litoral (48%).

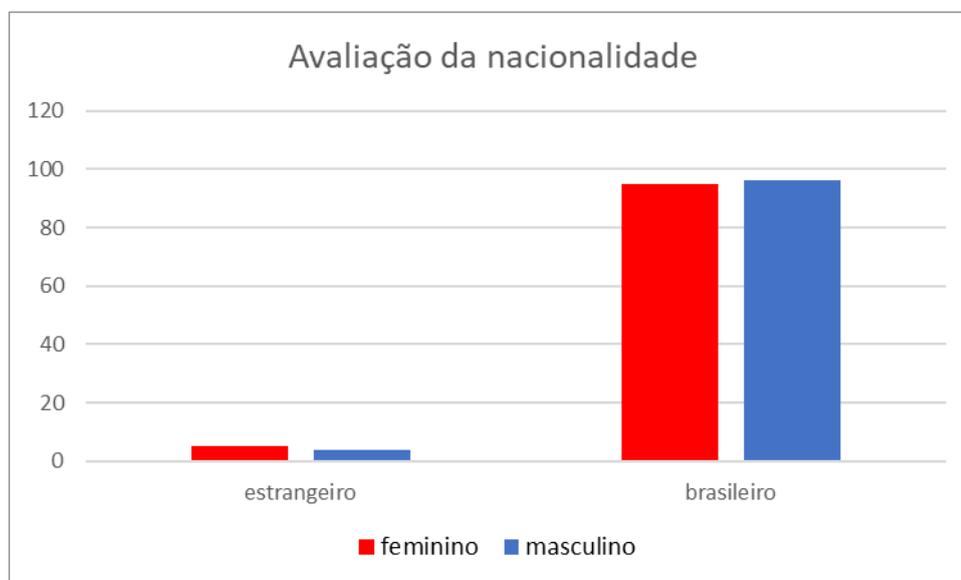
Figura 78: Avaliação da região do falante- Estado de São Paulo (litoral norte)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

Na Figura 79, referente ao descritor “nacionalidade” das produções de fala femininas e masculinas, o gráfico apresenta distribuição assimétrica à direita. Em relação à nacionalidade do falante feminino foi considerada: estrangeira (5%) e brasileira (95%); e a do falante masculino foi considerada: estrangeira (4%) e brasileira (96%).

Figura 79: Avaliação da nacionalidade- Estado de São Paulo (litoral norte)



Fonte: Gráfico criado pela autora a partir do Excel

5.4 Comparações entre os resultados do Estado de São Paulo (capital e litoral) e os resultados do Estado do Rio de Janeiro.

Nesta seção é apresentado um quadro comparativo dos resultados dados pelos juízes das três localidades (Estado do Rio de Janeiro, Estado de São Paulo (capital) e Estado de São Paulo (litoral), apontando o grau do descritor que recebeu a maior porcentagem.

Quadro 9: Comparação de respostas entre localidades de aplicação do teste de percepção

Descritores	Avaliação dos juízes do Estado do Rio de Janeiro	Avaliação dos juízes do Estado de São Paulo (capital)	Avaliação dos juízes do Estado de São Paulo (litoral)
Agradabilidade	Neutros (25,5%)	Pouco agradável (28%)	Neutros (33%)

Compreensibilidade	Pouco confusa (28%)	Muito compreensível (33%)	Muito compreensível (34%)
Normalidade	Muito comum (23%)	Muito comum (37,5%)	Muito comum (31,5%)
Arrogante/ humilde	Muito humilde (36%)	Muito humilde (41%)	Pouco Humilde (35%)
Aborrecido/divertido	Pouco divertido (25%)	Neutros (43,5%)	Neutros (46,5%)
Rude/gentil	Muito gentil (23%)	Neutros (40%)	Neutros (33%)
Ingênuo/ esperto	Muito ingênuo (25,5%)	Neutros (36%)	Neutros (30%)
Simplório/sofisticado	Pouco simplório (36%)	Pouco simplório (36,5%)	Pouco simplório (37,5%)
Sucesso	Neutros (35%)	Neutros (37%)	Neutros (47%)
Preguiçoso/trabalha dor	Muito trabalhador (42%)	Muito trabalhador (54%)	Muito trabalhador (51%)
Idade	Muito idoso (39%)	Pouco idoso (49%)	Pouco idoso (46%)
Força	Pouco fraco (41%)	Neutros (33%)	Pouco forte (36,5%)
Altura	Pouco baixo (40%)	Neutros (41%)	Pouco baixo (34%)
Magro/gordo	Pouco magro (40%)	Neutros (40%)	Pouco Gordo (32%)
Escolaridade	Nenhuma (57%)	Fund/médio (51%)	Nenhum (52%)
Situação financeira	Baixa (70%)	Baixa (65,5%)	Baixa (66%)
Tipo de trabalho	Manual (76%)	Manual (85%)	Manual (85%)
Região do falante	Interior (55%)	Interior (58%)	Interior (47%)
Nacionalidade	Brasileiro (98,5%)	Brasileiro (91%)	Brasileiro (95%)

Fonte: Criada pela autora 2019.

No quadro acima, temos as comparações entre as localidades em que o teste de percepção foi aplicado a partir dos descritores que receberam o maior valor de porcentagem.

A concordância de avaliação entre os juízes das três localidades ocorreu em relação a descritores referentes a características de fala (normalidade e nacionalidade) e a características do perfil psicológico e social (simplicidade, humilde, trabalhador, de baixa situação financeira, residente do interior, exercendo tipo de trabalho manual).

Houve divergência entre as avaliações dos juízes das três localidades em relação ao julgamento de outros descritores: agradabilidade, compreensibilidade, gentileza, ingenuidade, níveis de escolaridade e características físicas.

5.5 Resultados obtidos pela aplicação do teste estatístico multivariado

Como exposto no capítulo sobre o método de pesquisa nesta tese, o teste de avaliação perceptiva, que foi utilizado para colher as impressões dos ouvintes sobre a fala dos caiçaras, compreendeu 5 grupos de variáveis: características da fala (**Gc1**), características psicológicas (**Gc2**), características físicas (**Gc3**), características sociais (**Gc4**) e características culturais (**Gc5**).

A seguir, no Quadro 10 relacionamos as variáveis (os descritores do teste de percepção) e as siglas utilizadas em cada grupo para descrevê-las.

Quadro 10: Siglas e descritores concernentes aos grupos de variáveis

Grupo de variáveis	Siglas	Variáveis/Descritores
Gc1	A	Agradável/Desagradável
Gc1	C	Compreensiva/Incompreensível
Gc1	N	Normalidade (Incomum/Comum)
Gc2	AD	Aborrecido/Divertido
Gc2	AH	Arrogante/Humilde
Gc2	IE	Ingênuo/Esperto
Gc2	RG	Rude/Gentil
Gc3	Al	Altura (baixo/alto)
Gc3	Fo	Força (fraco/forte)
Gc3	Id	Idade (jovem/idoso)
Gc3	MG	Magro/Gordo
Gc4	PT	Preguiçoso/Trabalhador
Gc4	SF	Situação Financeira (baixa/média/alta)

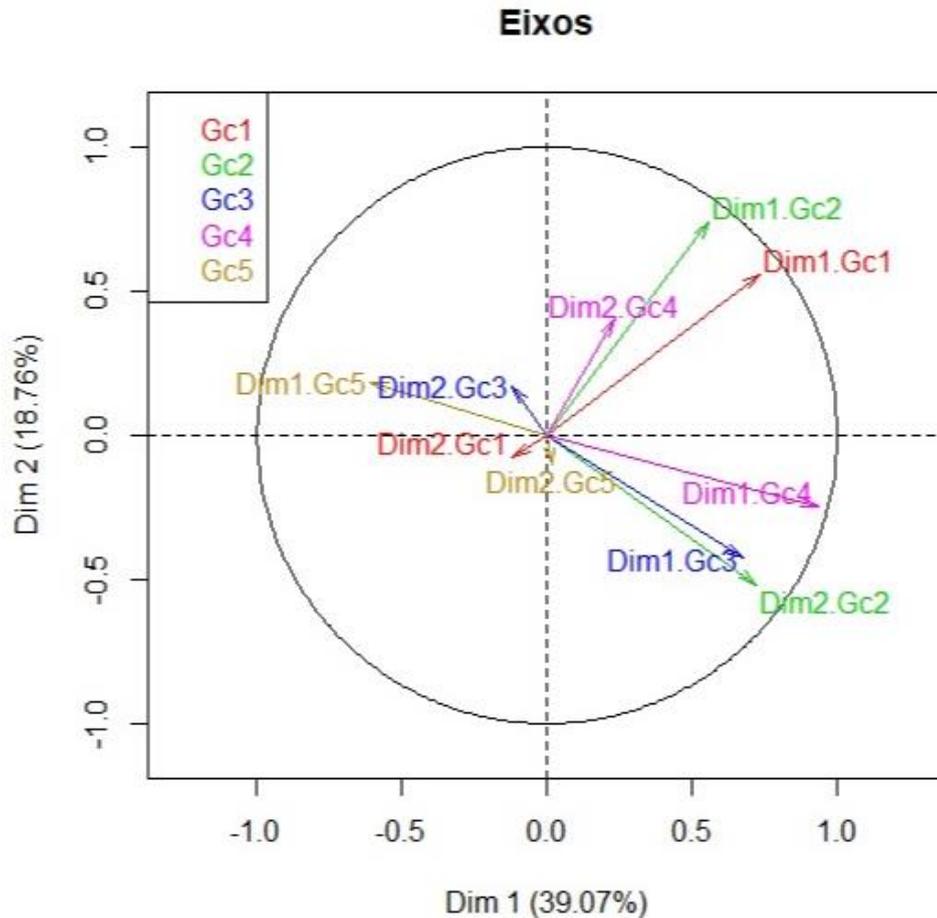
Gc4	SS	Simplório/Sofisticado
Gc4	Su	Sucesso (malsucedido/bem sucedido)
Gc4	TT	Tipo de Trabalho (manual/intelectual/administrativo)
Gc5	Es	Escolaridade (nenhuma/ fundamental-média/superior)
Gc5	Na	Nacionalidade (brasileira/estrangeira)
Gc5	Re	Região do falante (capital/interior/litoral)

Fonte: Craído pela autora, 2019.

Os grupos de variáveis foram tratadas pelo método estatístico multivariado MFA (Multiple Factor Analysis), o qual permite verificar a contribuição de todos os grupos de variáveis para explicar os fenômenos sob estudo. Todas as variáveis foram normalizadas, utilizando-se o z-score.

A aplicação do MFA revelou que na dimensão 1 do espaço vetorial todas as variáveis (**Gc1**, **Gc2**, **Gc3**, **Gc4** e **Gc5**) ficaram projetadas e que na dimensão 2 apenas a variável “psico” (**Gc2**) ficou projetada. Isso significa que essas duas dimensões são relevantes para a análise do objeto de estudo. Essas projeções podem ser verificadas no gráfico da Figura 80, a seguir. As duas dimensões têm 57,83% (39,01% na Dim1 e 18,76% na Dim2) de poder explanatório dos dados.

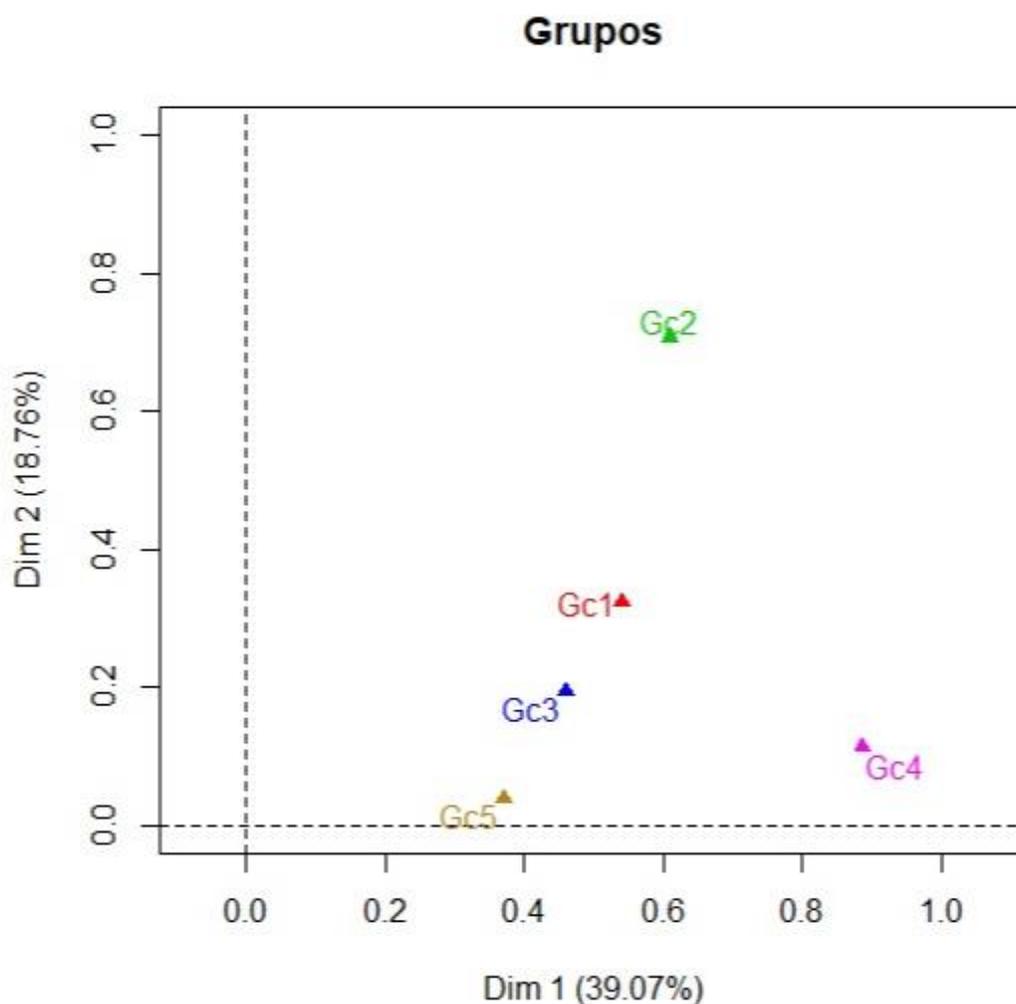
Figura 80: Grupos de variáveis e dimensões onde se projetam



Fonte:Gráfico gerado com a utilização do *software* de análise estatística "R"

Como se pode observar na Figura 81, a seguir, os grupos mais relevantes para explicar as impressões sobre a fala dos caiçaras foram o **Gc2** (psico) e o **Gc4** (social). A relevância do grupo no gráfico pode ser verificada a partir da distância do grupo em relação ao eixo zero: quanto mais distante, mais relevante. Essa distância dos grupos pode ser verificada no gráfico da Figura 81, a seguir.

Figura 81: Distribuição dos grupos de variáveis no espaço vetorial



Fonte: Gráfico gerado com a utilização do *software* de análise estatística “R”

O coeficiente Lg, que explicita o grau de projeção das variáveis no espaço vetorial, indicou que o grupo de variáveis com maior projeção (maior valor de Lg) neste estudo foi o **Gc2** (psico). Na tabela 3, a seguir, todos os valores de Lg são reportados.

Tabela 3: Valores de Lg referentes a cada grupo de variáveis estudadas

Lg						
Grupos	Gc1	Gc2	Gc3	Gc4	Gc5	MFA
Gc1	1,0819	0,7119	0,1157	0,3638	0,2223	0,7769
Gc2	0,7119	1,4783	0,4411	0,6122	0,3988	1,1339

Gc3	0,1157	0,4411	1,2064	0,5327	0,3804	0,8332
Gc4	0,3638	0,6122	0,5327	1,1298	0,8591	1,0888
Gc5	0,2223	0,3988	0,3804	0,8591	1,2388	0,9649
MFA	0,7769	1,1339	0,8332	1,0888	0,9649	1,4936

Fonte: Criado pela autora, 2019.

O coeficiente Rv, que explicita o grau de similaridade entre os grupos, indicou que o grupo de variáveis com maior índice de similaridade (maior valor de RV neste estudo foi o Gc4 (social). Na tabela 4, a seguir, todos os valores de Rv são reportados.

Tabela 4: Valores de RV referentes a cada grupo de variáveis estudadas

RV						
Grupos	Gc1	Gc2	Gc3	Gc4	Gc5	MFA
Gc1	1	0,5629	0,1013	0,329	0,192	0,6112
Gc2	0,5629	1	0,3303	0,4737	0,2947	0,7631
Gc3	0,1013	0,3303	1	0,4563	0,3112	0,6207
Gc4	0,329	0,4737	0,4563	1	0,7262	0,8382
Gc5	0,192	0,2947	0,3112	0,7262	1	0,7093
MFA	0,6112	0,7631	0,6207	0,8382	0,7093	1

Fonte: Criado pela autora, 2019.

As notas atribuídas pelos juízes aos descritores, cuja avaliação compreendeu valores em duas extensões de escala de diferencial semântico: de 1 a 5 nos grupos de variáveis “Gc1, Gc2 e Gc3” e aos descritores do grupo Gc4, com exceção do descritor “Tipo de Trabalho”; em escalas de 1 a 3 em relação ao descritor “Tipo de Trabalho” do grupo de variável Gc4 e à variável “Escolaridade” do grupo Gc5 e em

escala 1 a 2 em relação às demais variáveis do grupo Gc5. I Gc5.

As notas atribuídas por cada juiz foram tabuladas e foi feita uma média para cada um dos descritores. A seguir, na Tabela 05 apresentamos as abreviações das variáveis correspondentes aos descritores, a nomeação dos descritores, os valores médios a partir das notas atribuídas pelos juízes e a numeração dos grupos. Para caracterizar os falantes, considerou-se o valor médio na escala de 1 a 5, considerando até 3,5 a caracterização do primeiro descritor e de 3,6 a 5 a caracterização do segundo descritor no par de diferencial semântico e o número do descritor na escala de 1 a 2 ou na de 1 a 3.

A barra inclinada, colocada antes dos valores médios na Tabela 5, indica que os valores se referem ao segundo descritor do par de diferencial semântico, enquanto a barra inclinada, colocada depois dos valores médios, ao primeiro descritor do par de diferencial semântico. Dessa maneira, os descritores referentes à “**Normalidade (Incomum/Comum)**” cuja média é descrita como **3,5/** refere-se ao primeiro escritor no par de diferencial semântico, ou seja a “**Incomum**”, enquanto que o **/3,5** que aparece em relação aos descritores “**Rude/Gentil**” se refere ao segundo descritor do par de diferencial semântico ou seja, ao “**Gentil**”.

Tabela 5: Valores médios correspondentes aos valores atribuídos a cada descritor pelos juízes do teste de percepção

Abreviações	Descritores	Valores Médios	Grupos
A	Agradável/Desagradável	3,3/	Gc1
C	Compreensiva/Incompreensível	3,4/	Gc1
N	Normalidade (Incomum/Comum)	3,5/	Gc1
AD	Aborrecido/Divertido	3,1/	Gc2
AH	Arrogante/Humilde	/3,8	Gc2
IE	Ingênuo/Esperto	3,0/	Gc2
RG	Rude/Gentil	/3,5	Gc2
AI	Altura (baixo/alto)	2,8/	Gc3
Fo	Força (fraco/forte)	3,2/	Gc3
Id	Idade (jovem/idoso)	/3,8	Gc3
MG	Magro/Gordo	2,8/	Gc3
PT	Preguiçoso/Trabalhador	/4,0	Gc4
SF	Situação Financeira (baixa/média/alta)	1,4/	Gc4
SS	Simplório/Sofisticado	2,2/	Gc4
Su	Sucesso (malsucedido/bem sucedido)	2,8/	Gc4

TT	Tipo de Trabalho (manual/intelectual/administrativo)	1,3/	Gc4
Es	Escolaridade (nenhuma/ fundamental-média/superior)	1,5/	Gc5
Na	Nacionalidade (brasileira/estrangeira)	1,9/	Gc5
Re	Região do falante (capital/interior/litoral)	/2,0/	Gc5

Fonte: Tabela gerada com a utilização do *software* de análise estatística “R”

Entre as variáveis do conjunto **“fala” (Gc1)** as mais relevantes são **A** (agradabilidade) e **C** (compreensibilidade). A descrição dos falantes de acordo com a pontuação média atribuída pelos juízes em escala de 1 a 5, em relação a esses descritores caracteriza os falantes como agradável (3,3) e compreensível (3,4).

Entre as variáveis do conjunto **“psico” (Gc2)** as mais relevantes são **AH** (arrogante/humilde) **RG** (rude/gentil) e **IE** (ingênuo/esperto). A descrição dos falantes de acordo com a pontuação média atribuída pelos juízes das 3 regiões (RJ, SP e LN) na escala de 1 a 5 caracteriza os falantes como humildes (3,8), gentis (3,5) e ingênuos (3,0).

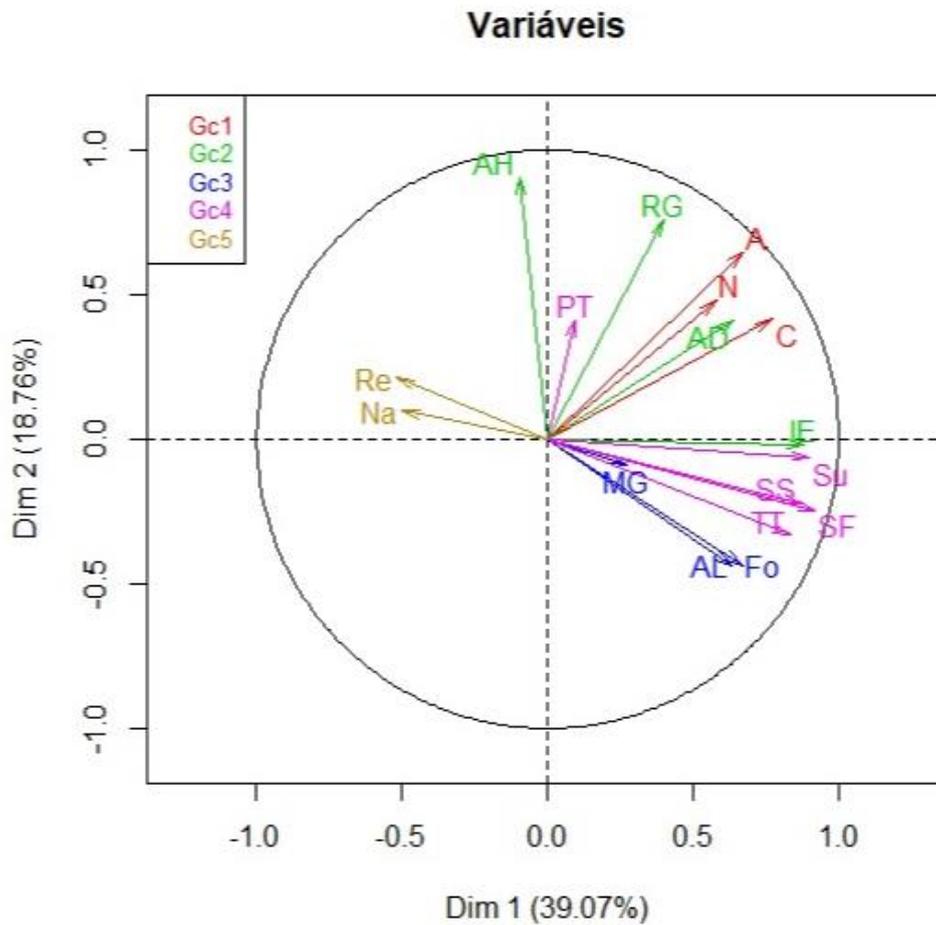
Entre as variáveis do conjunto **“físico” (Gc3)** as mais relevantes são **Fo** (força) e **AL** (altura). A descrição dos falantes de acordo com a pontuação atribuída pelos juízes em relação a esses descritores caracteriza os falantes como nem fortes nem fracos e nem altos e nem baixos (neutralidade).

Entre as variáveis do conjunto **“social” (Gc4)** as mais relevantes são **SF** (situação financeira), **Su** (sucesso), **TT** (tipo de trabalho) e **SS** (simplório/sofisticado). A descrição dos falantes de acordo com a pontuação atribuída pelos juízes em relação a esses descritores caracteriza os falantes como situação financeira baixa (1,4), tipo de trabalho manual (1), pouco simplório (2,2) e pouco mal sucedido (2,8).

As variáveis do conjunto **“cultura” (Gc5)** **Re** (região) e **Na** (nacionalidade) apresentaram menor projeção do que as variáveis dos demais conjuntos. A descrição dos falantes de acordo com a pontuação atribuída pelos juízes em relação a esses descritores caracteriza os falantes como brasileiros do interior.

Na Figura 82, a seguir, pode se observar a projeção das variáveis de cada grupo. Quando mais próximas da borda da circunferência, mais relevantes as variáveis.

Figura 82: Projeção das variáveis de cada grupo



Fonte: Gráfico gerado com a utilização do *software* de análise estatística “R”

As contribuições dos grupos em cada dimensão podem ser examinadas a partir dos valores mais altos que os diversos grupos apresentam em cada dimensão. Na tabela 6, a seguir, os valores relativos às contribuições de cada grupo estão reportados. Neste estudo, consideramos apenas as contribuições das dimensões 1 e 2, pois apresentam poder explanatório suficiente para entender o fenômeno sob estudo.

Tabela 6: Valores referentes às contribuições de cada grupo de variáveis estudadas

Grupo	Dim,1	Dim,2	Dim,3	Dim,4	Dim,5
-------	-------	-------	-------	-------	-------

Gc1	13,9603	27,5573	8,7286	16,2369	21,3172
Gc2	19,8186	43,0895	18,4699	18,5643	26,3183
Gc3	15,437	15,7792	34,5291	23,4192	17,8031
Gc4	28,716	7,9913	8,7362	13,4112	16,9209
Gc5	22,0681	5,5826	29,5362	28,3684	17,6406

Fonte: Tabela gerada com a utilização do *software* de análise estatística “R”

As variáveis que revelaram porcentagem acima de 80% foram: **SF**, **Su**, **IE**, **SS**, **TT** e **AH**, ou seja, variáveis dos grupos social (**Gc4**) e psico (**Gc2**). Na Tabela 7 a seguir, relacionamos todas as variáveis que apresentaram significância. A sigla correspondente a cada variável, a porcentagem de correlação e o nível de significância de cada uma delas é reportado.

Tabela 7: Variáveis com significância: Dimensão 1

Dim.1	Variable;	correlation;	p.value;
	SF ;	0.9179;	0;
	Su ;	0.9004;	0;
	IE ;	0.8786;	0;
	SS ;	0.8687;	0;
	TT ;	0.8322;	0;
	C ;	0.7707;	0;
	A ;	0.6694;	0.0007;
	Fo ;	0.6679;	0.0007;
	AD ;	0.6399;	0.0013;
	AL ;	0.6312;	0.0016;
	N ;	0.579 1;	0.0047;
	Na ;	-0.4998;	0.0179;
	Re ;	-0.5181;	0.0135;

Fonte: Tabela gerada com a utilização do *software* de análise estatística “R”

Tabela 8: Variáveis com significância: Dimensão 2

Dim.2	Variable;	correlation;	p.value;
	AH ;	0.9069;	0;
	RG ;	0.7596;	0;

A;	0.6472;	0.0011;
N;	0.4818;	0.0232;
Fo;	-0.4351;	0.043;
AL;	-0.4368;	0.0421;

Fonte: Tabela gerada com a utilização do *software* de análise estatística “R”

Considerando-se as variáveis significativas e com porcentagem de correlação acima de 80% e, também, as atribuições de notas pelos juízes, os caiçaras, a partir de suas produções de fala, foram julgados como pessoas que exercem trabalhos manuais, apresentam situação financeira baixa, são mal sucedidos, ingênuos, simplórios e humildes.

No capítulo a seguir, concluiremos os resultados e faremos uma reflexão a partir dos dados estatísticos, relacionando com questões históricas e sociais da vida caiçara.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou a investigar as impressões causadas pelo falar caiçara em ouvintes de dois estados do Brasil: São Paulo (litoral e capital) e Rio de Janeiro, a partir da aplicação de um questionário de diferencial semântico que contém descritores sobre atributos psicológicos, sociais, econômicos e culturais. Para a realização da análise, foram investigadas 660 respostas aos descritores em cada região supracitada.

Duas perguntas de pesquisa nortearam este estudo:

1. Como o falar caiçara influencia as atribuições de características sociais, psicológicas, econômicas e culturais por ouvintes de diferentes localidades?
2. Há divergência em termos de reação à escuta da fala caiçara entre comunidades de falantes caiçaras e de falantes de outras localidades, como o estado do Rio de Janeiro e a capital de São Paulo?

Para responder a essas perguntas foram analisadas 660 respostas do teste de percepção aplicado no estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Uma tentativa de compreender o processamento e as disposições das pessoas em relação à linguagem situada e comportamentos comunicativos.

Como hipótese de pesquisa, consideramos que a avaliação entre comunidades de falantes caiçaras seria mais positiva do que de falantes de outras localidades. Mesmo que a região do litoral norte de São Paulo venha sofrendo um apagamento do modo de falar caiçara e de suas características culturais, a comunidade busca sempre renovar suas manifestações artísticas e identidade, demonstrando orgulho por suas raízes sociais e culturais.

Quanto aos falantes de outras localidades acreditávamos que a fala caiçara causaria estranheza e pouca normalidade, devido às características prosódicas que a fala apresenta.

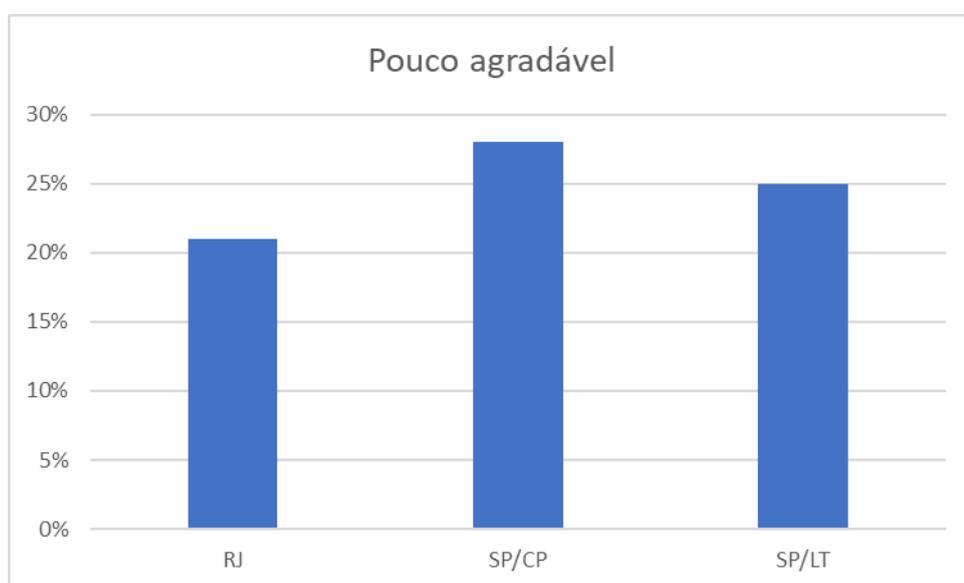
Com o desenvolvimento da pesquisa contribuímos com subsídios para a consideração da percepção da fala e papel comunicativo na atribuição de atitudes linguísticas à fala caiçara do Litoral Norte de São Paulo. Constatando a partir da produção e percepção da fala, características de fala, sociais, psicológicas, físicas e

culturais aos falantes.

De acordo com nossos dados, para responder à pergunta “Como o falar caiçara influencia as atribuições de características sociais, psicológicas, econômicas e culturais por ouvintes de diferentes localidades?”, seguem as atribuições gerais de características da fala caiçara.

A fala caiçara foi considerada pouco agradável, muito compreensível e muito comum. O que contraria às hipóteses de pesquisa levantadas.

Figura 83: Comparação entre localidades da característica pouco agradável



Fonte: Gráfico gerado a partir do Excel.

A região do Rio de Janeiro considerou menos agradável a fala caiçara, e mesmo que as respostas dos cariocas e moradores do litoral norte de São Paulo tenham sido a maioria neutralizadas, a avaliação que mais se destacou foi a “pouco agradável”.

A pouca agradabilidade não causou aos juízes uma confusão ou estranheza em relação à fala. Pelo contrário, a consideraram muito compreensível e muito comum. O que discordou das hipóteses de pesquisa.

Em relação aos aspectos psicológicos, as atribuições perceptivas descrevem um suposto sujeito muito humilde, pouco aborrecido, muito gentil, pouco ingênuo. O que vem de encontro com a literatura histórica desta tese, que retrata um homem simples de cultura regional riquíssima.

Observando a literatura histórica, temos um sujeito envolto em sua rusticidade,

descrito como um indivíduo malandro, desonesto, rude não só em literaturas acadêmicas mas também em definições em dicionários, como a seguir no dicionário Michaelis:

sm+f

1 Pessoa muito estúpida, bronca; inútil, sem serventia.

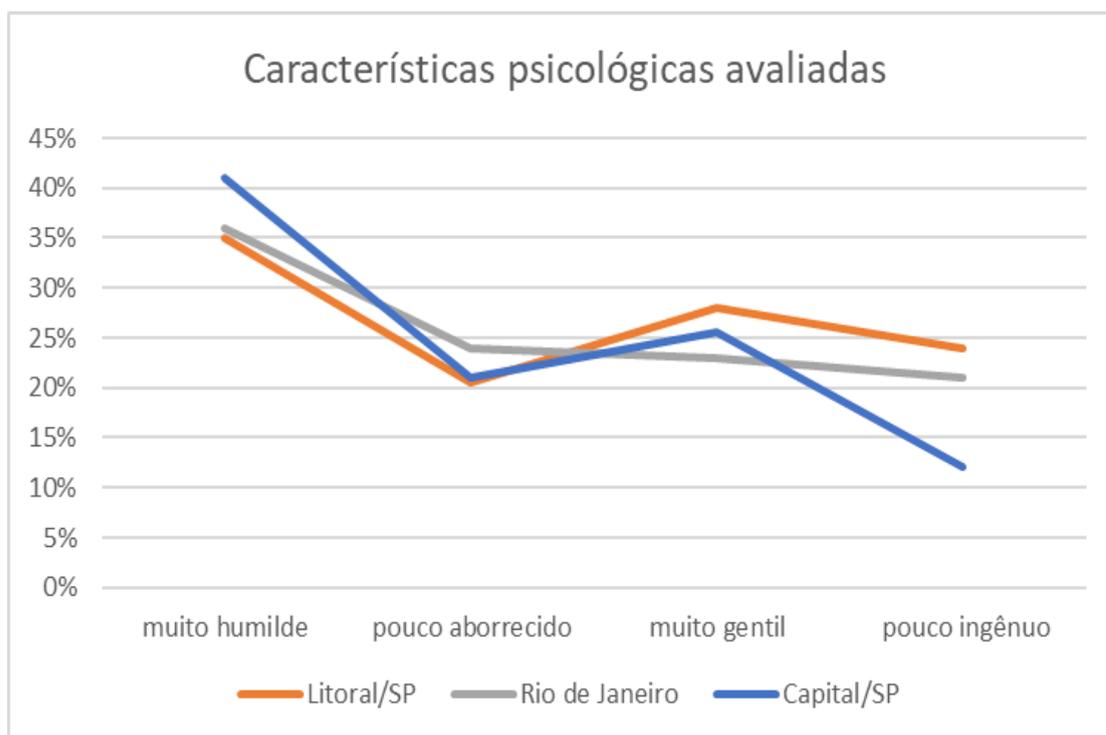
2 REG (RJ, SP) Caipira asselvajado; matuto bronco.

3 REG (RJ, SP) Nativo ou habitante do litoral, em especial pescador, que vive de modo rústico: “O que esses caiçaras liderados por aquele surfista arruaceiro de nome estranho querem é se beneficiar” (TB2).

4 REG (SP) Natural ou habitante do litoral; praiano. (Dicionário Michaelis)

A partir deste estudo de percepção de fala, o caiçara é considerado um sujeito muito gentil, o que contraria a maioria das literaturas históricas que tem a descrição deste falante como sujeito rústico, bronco. A característica que mais coincide com outros trabalhos científicos é a humildade.

Figura 84: Comparação das características gerais psicológicas



Fonte: Gráfico gerado a partir do Excel.

Comparando as localidades, de acordo com os dados, o estado do Rio de Janeiro considerou muito ingênuo o caiçara, enquanto estado de São Paulo, em suas duas regiões, consideraram neutra sua avaliação, ficando a segunda maior avaliação como pouco ingênuo, na soma dos totais percentuais, a avaliação a ser considerada

foi pouco ingênuo.

O estado Rio de Janeiro foi a única localidade que julgou todos os quesitos psicológicos sem neutralizar a maioria das respostas. Enquanto o estado de São Paulo já teve a maioria das respostas neutralizadas. Mas considerando como segunda maior opinião linguística, os estados tiveram percepções parecidas em relação às características psicológicas. Segundo Ramos (1997) “atitudes linguísticas, uma resposta incorporada ao indivíduo, resposta esta que tende a mediar ou conduzir as respostas avaliativas mais abertas de um sujeito em relação a um objeto ou conceito”.

Mas ainda assim desperta no ouvinte muito vezes um incômodo em fazer julgamentos. O que foi constatado nesta tese, por tantas incidências de neutralidade.

A humildade foi uma característica unânime. Todas as localidades consideraram o caiçara como um falante humilde, entre graus de pouco e muito.

Em relação às características aborrecido/ divertido, os cariocas avaliaram o caiçara como pouco divertido, e paulistas e paulistanos neutralizaram a maioria das respostas, tendo como segunda opinião linguística, a característica pouco aborrecido. Segundo os dados percentuais, a opinião geral de maior incidência foi a característica pouco aborrecido.

Em relação às características rude/gentil, o caiçara foi avaliado pelos cariocas como muito gentil. O estado de São Paulo neutralizaram suas respostas, mas tiveram um percentual considerável do grau muito gentil, caracterizando assim, o caiçara como um sujeito muito gentil.

Os descritores ingênuo/ esperto foram julgados e o estado do Rio de Janeiro considerou que os falantes do litoral norte de São Paulo são muito ingênuos, porém em São Paulo, a avaliação foi pouco diferenciada. Havendo divergência na reação de escuta entre os dois estados e pontuando a segunda pergunta que norteia esta pesquisa.

Embora as respostas, em sua maioria, foram neutralizadas, a segunda maior incidência de respostas foi ao grau pouco ingênuo. Somando estatisticamente, o caiçara foi considerado pela maioria, um falante pouco ingênuo.

É importante salientar a dificuldade dos paulistas e paulistanos em julgar os aspectos psicológicos, estes que neutralizaram a maioria das respostas. A relação psicológica com a atribuição de características ao falante é bem saliente, a tarefa de percepção e julgamento traz um resgate psicológico ao indivíduo, no qual o mesmo atribui suas emoções e suas considerações ao grupo analisado. Permanecerem-se

neutros, faz com que o sujeito da tarefa de percepção não se posicione ou tenha uma atitude em relação à fala ouvida.

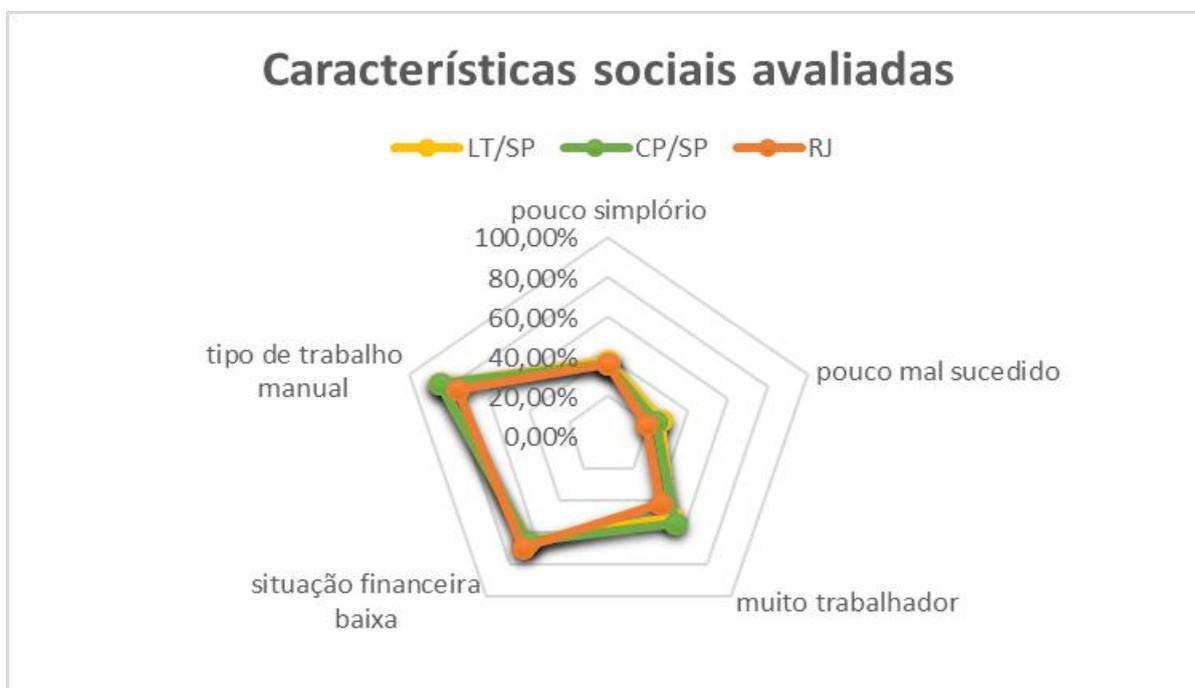
A natureza da variação linguística e o significado social estão interligados, por isso a tarefa de julgar uma voz pode se tornar tão difícil para o ouvinte. A sociofonética aborda como os estilos de fala, com seus significados sociais inerentes, são o caminho para entender como a linguagem é estruturada, e assim vê o significado social como um aspecto crucial da cognição da linguagem, Segundo Thomas (2012).

Em relação às características sociais, os percentuais avaliam o caiçara como um falante pouco simplório, muito trabalhador, pouco mal sucedido, de situação financeira baixa e que tem como tipo de trabalho o manual.

De acordo com a literatura histórica desta tese, o caiçara ao longo do tempo, se mostrou

Analisando o gráfico 105, veremos que as percepções não se divergiram muito, os percentuais permaneceram próximos. Em resposta a segunda pergunta de pesquisa, não houve divergências em termos de escuta da fala caiçara.

Figura 85: Características sociais gerais avaliadas



Fonte: Gráfico gerado a partir do Excel.

O estado de São Paulo assim como o do Rio de Janeiro ficaram próximos em todas as avaliações aos descritores de caráter social. Considerando o caiçara como

um sujeito pouco simplório como maior grau avaliado.

A respeito do descritor relacionado ao sucesso, as três localidades se mantiveram neutras em suas avaliações. Tendo como segundo maior percentual o grau pouco mal sucedido.

Em relação ao trabalho, o caiçara foi considerado muito trabalhador em mais de 50% das respostas e de realização de trabalho manual em mais de 75%.

Em discordância com a literatura histórica, a tarefa de percepção desta tese exemplificou um mesmo sujeito muito trabalhador. A partir da percepção da voz, juízes avaliaram um sujeito muito trabalhador que historicamente recebe sentidos preconceituosos e pejorativos em sua definição como termo caiçara. Diegues (2004) mostra claramente essas definições:

O “caiçara” era, segundo a última definição, o sujeito “sem brio”, isto é, avesso ao trabalho regular, aos hábitos de consumo e ao tempo do relógio – valores caros à cultura urbana que o definia de longe. No Aurélio acham-se também definições de “caiçarada”: conjunto de caiçaras; dito ou ato de caiçara. Há também um sentido pejorativo aplicado ao termo caiçarada, como ocorre ao popular baianada, este definido pelo mesmo dicionário como “fanfarrice, impostura de baiano” (SILVA in DIEGUES, 2004, pág. 58).

A situação financeira do falante foi julgado como baixa em mais de 65%.

O falar caiçara influenciou os sujeitos da tarefa de percepção em atribuir características sociais de baixa renda e muito trabalho manual desenvolvido.

Outra evidência encontrada em trabalhos de perspectiva histórica é a realidade do trabalho manual, homem que vive da pesca, da roça e de trabalhos artesanais, tem como ferramenta de trabalho atividades manuais de subsistência.

Segundo os resultados do teste estatístico multivariado, as dimensões mais relevantes que se destacaram foram as da característica psicológica e a da social e o grupo com maior projeção das variáveis no espaço vetorial foi o de características psicológicas, como vimos no subcapítulo 5.8.

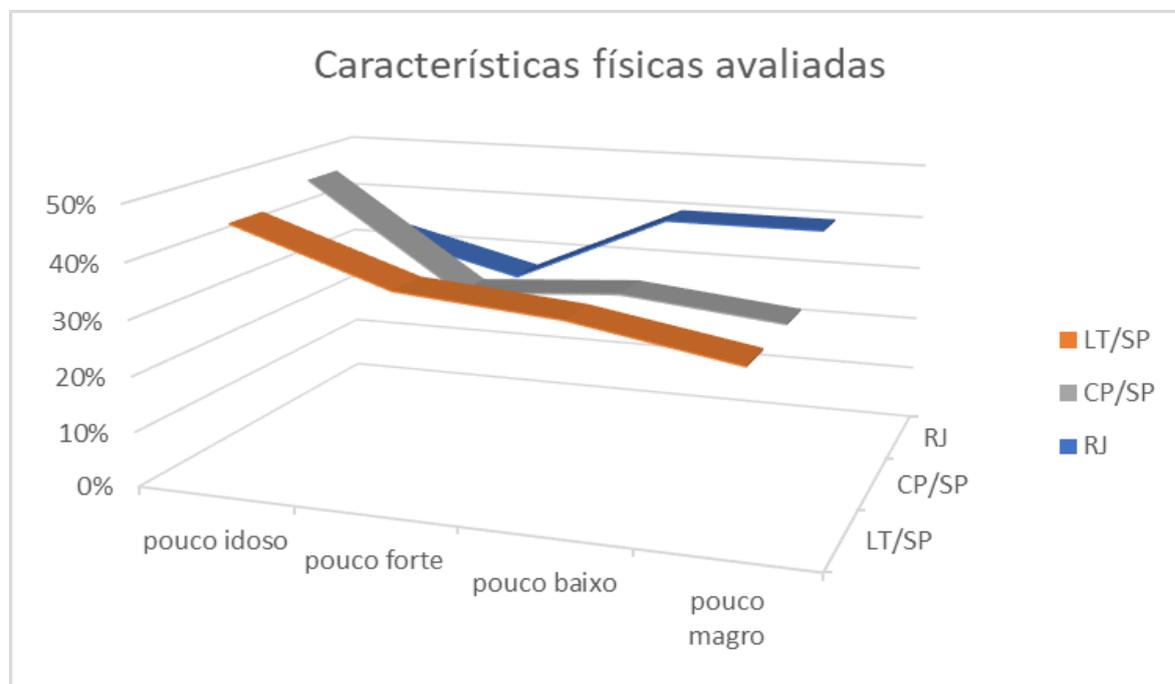
A unidade sonora comporta simultaneamente as representações linguística e social, ou seja, a variável sociolinguística possui representação plena (BIASIBETTI, 2017).

Sobre as características físicas os juízes tiveram a percepção de pessoas pouco idosas, pouco fortes, pouco baixas e pouco magras.

Outra informação preconceituosa terminológica da palavra caiçara foi encontrada no Dicionário Informal (SP) que retrata o termo caiçara como “matuto praieiro, vagabundo de praia e mulher gorda e feia. O que também difere dos dados

estatísticos a partir da percepção da fala nesta tese, que traz a avaliação de pessoas pouco magras.

Figura 86: Características físicas gerais avaliadas



Fonte: Gráfico gerado a partir do Excel.

Ao observar a figura 106, notamos que as considerações físicas tiveram divergências em suas opiniões nas diferentes localidades, mesmo que ao desconsiderar a neutralidade e considerar o segundo maior julgamento, serão pontuadas as divergências, a seguir, em resposta a segunda pergunta desta pesquisa.

No estado do Rio de Janeiro há a diferença do grau Muito idoso, enquanto nas duas localidades de São Paulo o falante foi considerado pouco idoso, mas somando os totais relevantes, o caçara acabou sendo considerado pouco idoso.

Em relação à força do sujeito, os cariocas julgaram ser pouco fraco e os paulistas e paulistanos pouco forte. Generalizando os dados, a partir da contagem estatística, o caçara foi considerado na maioria por pouco forte.

Paulistanos neutralizaram-se a respeito da característica altura, mas tiveram como segunda opinião, pouco baixo. Paulistas e cariocas tiveram a percepção de pouco baixo já na primeira consideração do sujeito.

Paulistanos neutralizaram-se novamente em relação às características magro/gordo, optando por não julgar esse quesito. Mas tiveram como segunda

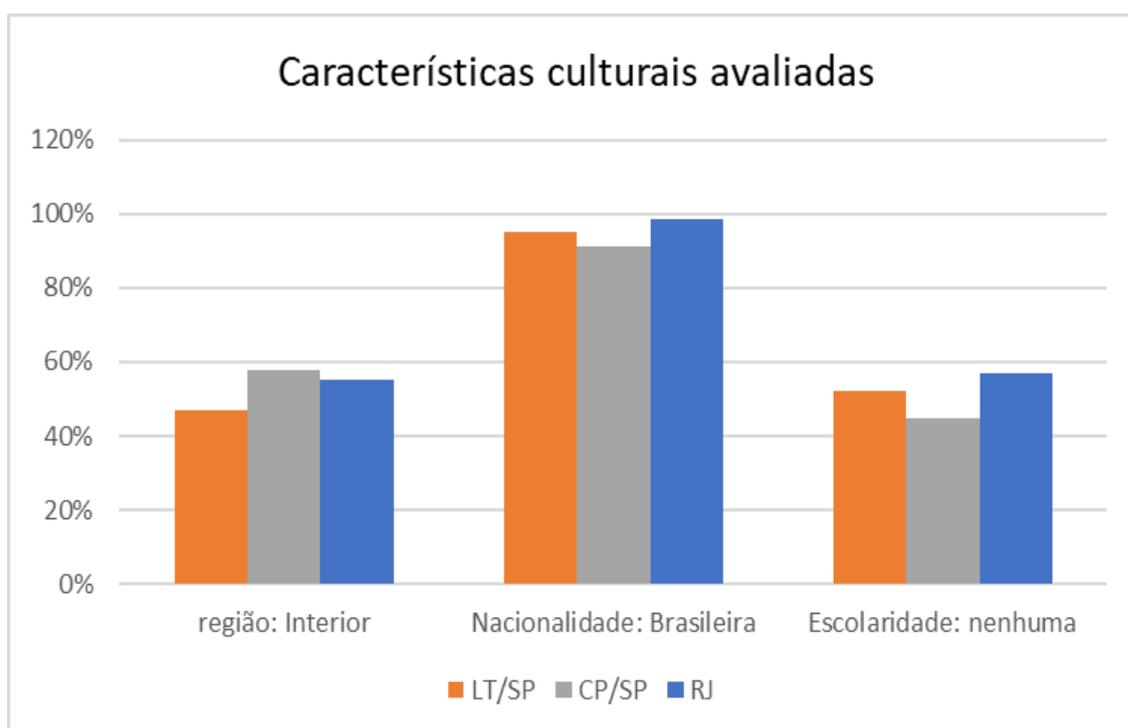
colocações de opiniões o descritor pouco magro.

Cariocas julgaram de início como um caiçara pouco magro, divergindo das opiniões paulistas que consideraram pouco gordo. Somando a segunda colocação de respostas da capital de São Paulo, tivemos o grau pouco magro com maior incidência entre as respostas das três localidades, caracterizando assim o suposto caiçara pouco magro.

É importante destacar a neutralidade nas respostas na região da capital do estado de São Paulo em relação aos aspectos físicos. Para que houvesse um julgamento, foi considerada a segunda maior incidência de respostas dessa região para a caracterização física do caiçara.

Em relação às características culturais temos os seguintes resultados:

Figura 87: Características culturais gerais avaliadas



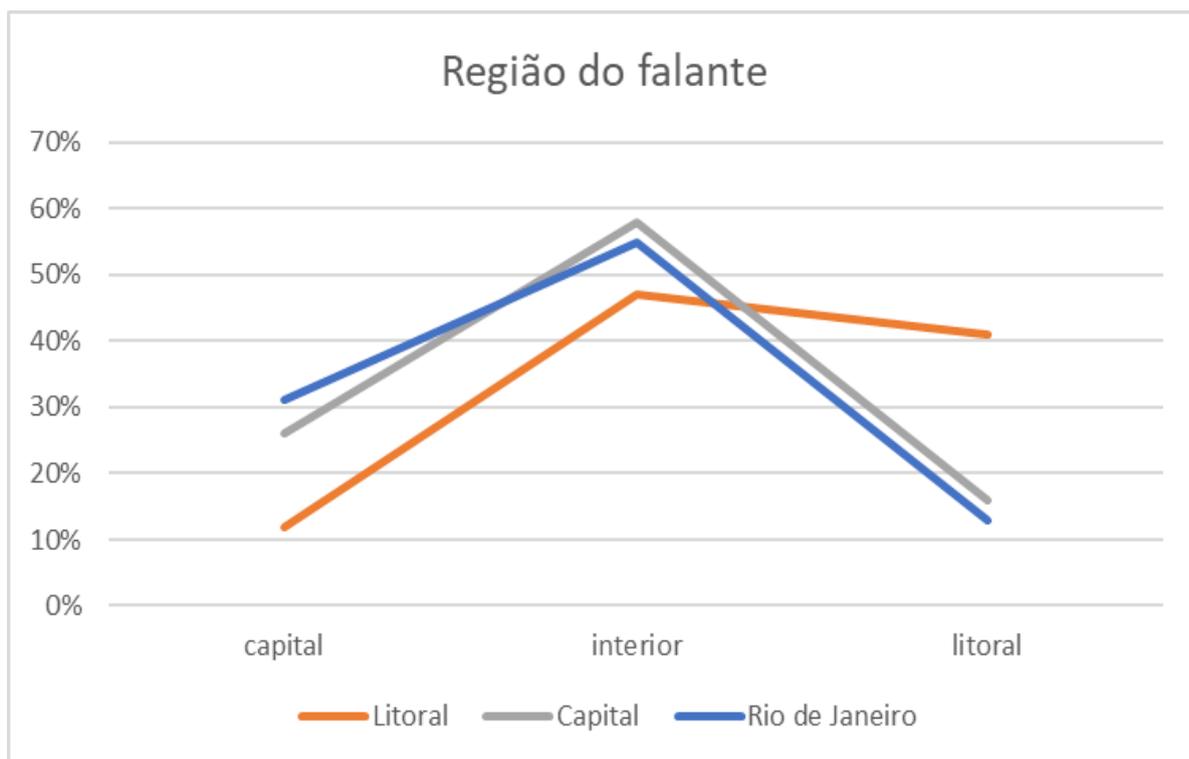
Fonte: Gráfico gerado a partir do Excel

Como visto no gráfico acima, a região que considerou a fala estrangeira foi a capital. Entre os paulistanos, 9% avaliaram como se fala fosse estrangeira, sendo que 6% dessa avaliação foi em relação à fala feminina. Apenas 3% da fala masculina foi considerada estrangeira. Mesmo com essa observação a fala caiçara foi avaliada nas três regiões como brasileira.

Outra curiosidade importante foi que a região do falante mais julgada foi interior e a menos julgada foi litoral, esta que de fato é a região natural do caiçara.

As pessoas, a partir da percepção, não identificaram o falante como ser do litoral, nem mesmo os próprios moradores do litoral norte de São Paulo.

Figura 88: Comparação de localidades: avaliação da região do falante



Fonte: Gráfico gerado a partir do Excel

Em resposta a segunda pergunta dessa pesquisa, a única discordância foi a avaliação dos moradores do litoral, que avaliaram a fala como do interior, mas a segunda maior avaliação foi considerada do litoral, enquanto as outras duas localidades: capital e Rio de Janeiro, teve o menor percentual a fala oriunda do litoral.

Em relação ao nível escolar, o caiçara foi avaliado sem nenhuma escolaridade em duas localidades: litoral e Rio de Janeiro. Na capital, a avaliação foi que o falante tenha ensino fundamental/médio.

A linguagem é uma força social poderosa, a visão dos outros, suas supostas capacidades, crenças e atributos são determinados, em parte, por inferências que fazemos a partir das características da linguagem que eles adotam. Segundo Corbari (2013, p. 62):

A importância do estudo das atitudes linguísticas reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para melhor entendimento de uma comunidade, influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a eleição de uma língua em detrimento de outra e o ensino-aprendizagem de línguas nessa comunidade (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

Segundo os resultados do teste estatístico multivariado, o grupo de variáveis das características culturais apresentaram menor projeção do que os demais grupos, e a avaliação retrata um falante brasileiro do interior.

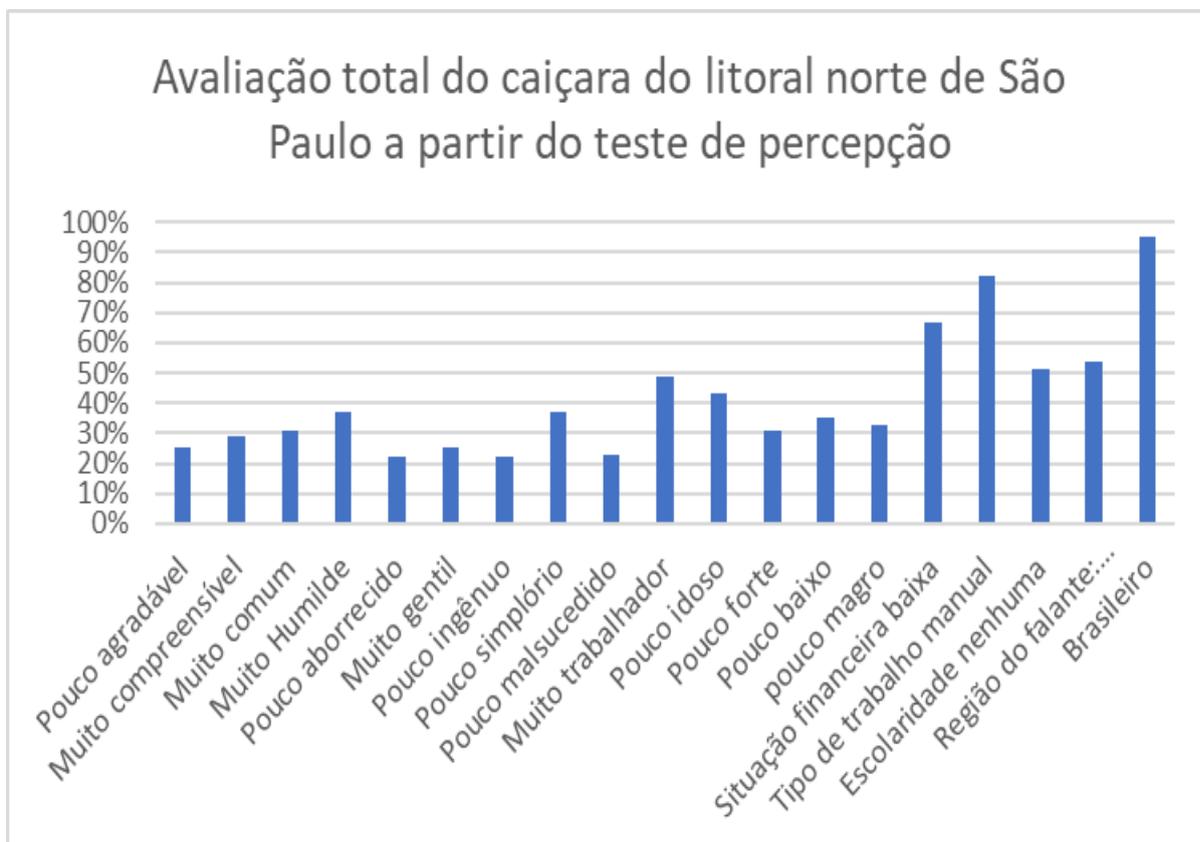
A partir dos resultados obtidos na análise de 1980 dados nesta tese, procuramos identificar atitudes em relação à variedade linguística do litoral norte de São Paulo: a fala caiçara. E também se haviam divergências de percepção entre as localidades em que o teste de percepção foi aplicado.

A divisão de variáveis de Labov (1972) em indicadores, marcadores e estereótipos implicam: os indivíduos têm pouca ou nenhuma relação de indicadores com categorias sociais. Sua consciência, porém, aumenta conforme as variantes se tornam marcadores, e por fim, estereótipos.

É importante salientar que a percepção consciente é apenas uma parte da análise, pois ouvintes muitas vezes possuem associações latentes e subliminares de variantes linguísticas com grupos de falantes ou com estilos de fala.

Em relação à hipótese de pesquisa levantada nesta pesquisa “a avaliação entre comunidades de falantes caiçaras será mais positiva do que de falantes de outras localidades. Quanto aos falantes de outras localidades acredito que a fala caiçara causará estranheza e pouca normalidade, devido às características prosódicas que a fala apresenta”, não foi como pensado.

Figura 89: Avaliação total do caiçara do litoral norte de São Paulo



Fonte: Gráfico gerado a partir do Excel

A fala caiçara foi considerada pouco agradável em todas as localidades, sendo a capital de São Paulo que mais se agradou com a fala. Nem mesmo os próprios moradores do litoral consideraram fala como muito agradável.

A fala caiçara não causou nenhuma estranheza ou incompreensão, tendo apenas os cariocas que a julgaram um pouco confusa, mas sem percentuais decisivos na somatória.

Portanto, a fala caiçara foi julgada como pouco agradável, muito compreensível e muito comum.

O falante caiçara foi considerado, a partir da percepção da fala, muito humilde, pouco aborrecido, muito gentil, muito ingênuo, pouco simplório, pouco malsucedido, muito trabalhador, pouco idoso, pouco forte, pouco baixo, pouco magro, renda baixa, tipo de trabalho manual, com nenhuma escolaridade, da região do interior e brasileiro.

Quanto mais entendemos sobre teorias populares de linguagem, mais podemos esperar compreender as origens de fala relacionadas ao comportamento como “atitude da linguagem” (PRESTON; ROBINSON, 2005).

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. Ateliê Editorial. São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/74490735-Aziz-ab-saber-os-dominios-de-natureza-no-brasil-1-potencialidades-paisagisticas-textos-basicos-1-tl-lli-i-tlll11il11l.html>>. Acessado em> 27/02/2019.

ABIRACHED, C. F. A. Ordenamento Territorial e Áreas Protegidas: conflitos entre instrumentos e direitos de populações tradicionais de Ubatuba-Paraty. Brasília: UnB, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/9568>>. Acessado em: 04/06/2019.

ADAMS, C. (2000). As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. Revista De Antropologia, 43(1), 145-182. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v43n1/v43n1a04.pdf>>. Acessado em 14/03/2019.

ADAMS, C. Caiçaras na mata atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental. São Paulo: FAPESP, 2000.

_____. Identidade Caiçara: exclusão histórica e socioambiental. In: Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia. IV Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002, p. 27-43. Disponível em: <http://arquivos.proderj.rj.gov.br/inea_imagens/downloads/pesquisas/RE_Juatinga/Adams_2002.pdf>. Acessado em: 08/05/2019.

ALMEIDA, A. GOBI, A. RODRIGUES, G. Caiçaras, o tradicional povo do litoral brasileiro. Reportagem, dossiê 193. Revista eletrônica de jornalismo científico-Comciência- 9 de novembro de 2017. Disponível em: <comciencia.br> acessado em: 23/09/19.

ALMEIDA, A. RODRIGUES, J. Estudo sociofonético do ritmo da fala capixaba. Journal of Speech Sciences 1(1): 3-13. 2011. Available at: <http://www.journalofspeechsciences.org> (2011) Laboratório de Fonética, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

ALMEIDA, A. P. São Sebastião. In: Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. Ano I, volume IV, São Paulo: Diretoria de Protocolo e Arquivo da Prefeitura, 1934. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/arquivo_historico/publicacoes/index.php?p=8312%22>. Acessado em: 02/04/2019.

ARAUJO, J. Turismo Sol e Mar. 2016. Disponível em: <<https://know.net/terraselocais/turismo/turismo-sol-e-mar/>>. Acessado em: 14/04/2019.

ARRUDA, K. GARCIA, M.G. DEL LAMA, E. (2017). Inventário Geológico do

Patrimônio Construído no Litoral Norte do Estado de São Paulo, Brasil. Boletim Paranaense de Geociências. 73. 15-33. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318507987_Inventario_Geologico_do_Patrimonio_Construido_no_Litoral_Norte_do_Estado_de_Sao_Paulo_Brasil>. Acessado em: 25/02/2019.

BARANOWSKI, M. 2013. Sociophonetics. Em Bayley, R., Cameron, R., & Lucas, C. (eds.) The Oxford Handbook of Baranowski, M. 2013.

BARBOSA, P. A. MADUREIRA, S. Manual de Fonética Acústica Experimental- Aplicações a dados do Português. São Paulo: Cortez, 2015.

BASSO, Leandro. Economia e corte de madeira no litoral norte paulista no início do século XIX. 2008. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-14042009-161906/pt-br.php>>. Acessado em: 02/04/2019.

BAYLEY, R., CAMERON, R., & LUCAS, C. Sociophonetics.(eds.) The Oxford Handbook of Sociolinguística. Oxford: Oxford University Press. 403-424

BENDAZZOLI, C. O panorama da ocupação sambaqueira no Arquipélago de Ilhabela, São Paulo. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-18112014-113324/pt-br.php>>. Acessado em 26/02/2019.

BIASIBETTI, A. P. C. S. O status da variável sociolinguística sob as perspectivas da sociolinguística variacionista e da sociofonética. (PUCRS/CNPq)

BILIOTTI, F. CALAMAI, S. Linguistic opinions and attitudes in Tuscany: verbal guise experiments on the varieties of Arezzo and Florence. Università degli Studi di Siena. Proceedings of the Workshop “Sociophonetics, at the crossroads of speech variation, processing and communication” Pisa, December 14th-15th, 2010.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acessado em: 29/01/2019.

CALAZANS, M. O. De restos a rastros: os sambaquis de Cubatão/SP e a construção de uma pré-história brasileira. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 6, n. 1, jan./jun. 2013, pp. 84-104. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/viewFile/12999/9469>>. Acessado em: 02/02/2019.

CALIPPO, F. R. O surgimento da navegação entre os povos dos sambaquis: argumentos, hipóteses e evidências. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 21, p. 31-49, 2011. Disponível em: <<http://www.nptbr.mae.usp.br/wp-content/uploads/2013/07/31-50-Calippo.pdf>>. Acessado em 15/01/2019.

CAMARGO, C. P. Territorialidades caiçaras, urbanização e turismo no município de Paraty, RJ. Boletim Campineiro de Geografia, v. 6, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletimcampineiro/article/view/301>>. Acessado em: 05/05/2019.

CANTERO, F. J. FONT-ROTCHÉS, D. The Intonation of Absolute Questions of Brazilian Portuguese. Applied Phonetics Laboratory, Faculty of Teacher Training, University of Barcelona, Spain

CAVALIERI, L. A comunidade caiçara no processo de reclassificação da reserva ecológica da Juatinga. (Dissertação). 2003. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://raizesefrutos.files.wordpress.com/2009/09/a-comunidade-caic3a7ara-no-processo-de-reclassificac3a7c3a3o-da-reserva-ecolc3b3gica-da-juatinga.doc>>. Acessado em: 10/04/2019.

Comunidades Quilombolas em Ubatuba. Curiosidades de Ubatuba. Disponível em: <<https://www.curiosidadesdeubatuba.com.br/comunidade-quilombola/>>. Acessado em: 23/04/2019.

Condomínio Costa Verde Tabatinga. CCVT. Disponível em: <<http://ccvt.com.br/>>. Acessado em: 14/05/2019.

CORBARI, C.C. Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA como requisito para obtenção do grau de Doutor em Letras. 2013

Datação por Radiocarbono e Arqueologia. In: Beta Analytic Testing Laboratory. s/d. Disponível em: <<https://www.radiocarbon.com/portugues/arqueologia.htm>>. Acessado em: 03/03/2019.

Diagnóstico Técnico – Meio Socioeconomico/APALMNL, s/d. Disponível em: <<https://www.sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam3/Default.aspx?idPagina=15387>>. Acessado em: 10/04/2019.

Dicionário de português online Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acessado em: 13/01/2020.

DIEGUES, A. C. (organizador). Enciclopédia Caiçara, vol. IV, História e Memória Caiçara. São Paulo: Editora HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2005.

DIEGUES, A. C. A mudança como modelo cultural: O caso da cultura caiçara e a urbanização, in: Diegues, Antonio Carlos. Enciclopédia Caiçara Volume I. Editora Hucitec: São Paulo, SP. 2004.

DINIZ, T. D. Urbanização, Turismo e seus impactos nos recursos naturais no município de Ilhabela/SP. 2011. Trabalho de Conclusão (Engenharia Ambiental. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. UNESP. Rio Claro. 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118892/diniz_td_tcc_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 04/05/2019.

FERNANDES, F. R. CARDOSO, T. A. CAPAVERDE, L. Z. SILVA, H. L. Comunidades de prática: uma revisão bibliográfica sistemática sobre casos de aplicação organizacional *Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, PR, Brasil Periódicos*, 2016 - revistas.ufpr.br.

FERRAZ, A. M. Direito Territorial Caiçara: Análise do caso da comunidade caiçara da Praia da Trindade. Universidade Federal Fluminense. s/d. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=03afdbd66e7929b1>>. Acessado em: 05/05/2019.

FIGUTI, L. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, S. Paulo*, 3: 67-80, 1993.

FILHO, P. F. O Cotidiano do Caiçara Sul Paulista. O Modo de Vida, Usos e Costumes. In: DIEGUES, Antonio Carlos (organizador). *Enciclopédia Caiçara*, vol. II, Falares caiçaras, Paulo Fortes Filho. São Paulo: Editora HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2005.

FLYNN, N. A preliminary investigation of the sociophonetics of Nottingham adolescents. University of York- Pisa, December 14th-15th, 2010

FOULKES, P. SCOBIE, J. M. WATT, D. Sociophonetics. Chapter 19. 2010.

FRANÇA, A. FLORENÇANO, P. Paisagens do Litoral Norte de São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia*. Março de 1951. Número 7. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletimpaulista/article/view/1384>>. Acessado em: 04/02/2019.

FRANÇA, A; FLORENÇANO, P. Paisagens do Litoral Norte de São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia*. Março de 1951. Número 7. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletimpaulista/article/view/1384>>. Acessado em: 04/02/2019.

GASPAR, M.D.; BUARQUE, A.; CORDEIRO, J.; ESCÓRCIO, E. Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo*, 17: 169-189, 2007. Disponível em: <<http://www.nptbr.mae.usp.br/wp-content/uploads/2013/06/169-1891.pdf>>. Acessado em: 22/03/2019.

GONÇALVES, C. S. BRESCANCINI, C.R Considerações sobre o papel da sociofonética na comparação forense de locutores. Instituto-Geral de Perícias/SSP-RS. Laboratório de áudio e Fonética Acústica-LAFA/PUCRS & PUCRS/CNPq. Vol. 1(2), 2014, p. 67-87.

GONÇALVES, J. R. S. A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996.

HAY, J. DRAGER, K. Sociophonetics -Department of Linguistics, University of Canterbury, Christchurch, 8141- 2009

História da Rodovia Tamoios. Concessionária Tamoios. s/d. Disponível em: <<http://www.concessionariatamoios.com.br/a-rodovia/historia>>. Acessado em 15/02/2019.

IHGSP. Terceiro Centenário de Ubatuba. Memorial descritivo das festas comemorativas realizadas nos dias 28, 29 e 30 do mês de Outubro de 1937. São Paulo: IHGSP, 1937.

INSTITUTO POLIS. Litoral Sustentável – Desenvolvimento com Inclusão Social. Diagnóstico Urbano Socioambiental Participativo do Município de Ubatuba. Resumo Executivo. São Paulo. 2012. Disponível em: <http://litoralsustentavel.org.br/wp-content/uploads/2013/04/1.-Ubatuba_19.03.13.pdf>. Acessado em: 29/02/2019.

LAVER, J. Principles of Phonetics. Cambridge Textbooks in Linguistics. University of Edinburgh. June 1994

Litoral Norte espera 1,42 milhão de pessoas para o fim do ano. O Vale. 2018. Disponível em: <https://www.ovale.com.br/_conteudo/2018/12/nossa_regiao/64113-litoral-norte-espera-1-42-milhao-de-pessoas-para-o-fim-do-ano.html>. Acessado em: 12/04/2019.

LOURENÇO, L. C. Uma Rodovia Ainda Melhor. Dersa. s/d. Disponível em: <<http://www.dersa.sp.gov.br/comunicacao/noticias/nova-tamoios/artigo-uma-nova-rodovia-ainda-melhor/>>. Acessado em: 14/02/2019.

MADUREIRA, S. EDITORIAL II Revista CEFAC, vol. 8, núm. 2, abril-junho, 2006 Instituto Cefac São Paulo, Brasil.

MAEKAWA, K. Production and Perception of ‘Paralinguistic’ Information Department of Language Research National Institute for Japanese Language Speech Prosody, 2004.

MARANDOLA, Ed. MARQUES, C; PAULA, L. T; CASSANELI, L. B. Crescimento urbano e áreas de risco no litoral norte de São Paulo. Rev. bras. estud. popul. [online]. 2013, vol.30, n.1, pp.35-56. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-30982013000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acessado em: 03/05/2019.

MARCÍLIO, M. L. Caiçara: Terra e População. Estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba. São Paulo: Edições Paulinas CEDHAL, 1986.

MARCÍLIO, M.L. Caiçara: Terra e População. Estudo de Demografia Histórica e da História Social de Ubatuba. São Paulo: Edições Paulinas, CEDHAL, 1986.

MELO, K. C. Geoecologia da Paisagem do Município de Ubatuba – SP. REVISTA GEONORTE, Edição Especial, V.3, N.4, p. 997-1009, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/revista-geonorte/issue/view/108>>. Acessado em: 25/02/2019.

MESQUITA, L. A. Autobiografia de ubatubanos e de ubatubenses e o silenciamento

da cultura caiçara: uma análise discursiva dos textos de alunos da EJA. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Taubaté, Taubaté, 2008.

MOLLICA, M.C. BRAGA, M.L. (orgs). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

NÉMETH, P. T. O modo de falar caiçara. In Canoa de Pau. 2012. Disponível em: <<http://canoadepau.blogspot.com/2012/09/o-modo-de-falar-caicara.html>>. Acessado em 09/05/2019.

OLIVEIRA, C. F. C. DOSSIN, F. R. Os “selvagens” do Novo Mundo: o Estranhamento nos relatos de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden. VI Congresso Internacional de História, 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/269064799 Os selvagens do Novo Mundo o Estranhamento nos relatos de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden](https://www.researchgate.net/publication/269064799_Os_selvagens_do_Novo_Mundo_o_Estranhamento_nos_relatos_de_Pero_Vaz_de_Caminha_e_Hans_Staden)>. Acessado em: 08/05/2019.

OLIVEIRA, W. Ubatuba – Documentário. São Paulo: Editora do Escritor, 1977.

PANIZZA, A. C; ROCHA, Y. T; DANTAS, A. Imagens orbitais, cartas e coremas: uma proposta metodológica para o estudo da organização e dinâmica espacial, aplicação ao Município de Ubatuba, Litoral Norte do Estado de São Paulo, Brasil. 2004. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-30092005-180603/pt-br.php>>. Acessado em: 30/03/2019.

PANIZZA, A. C; ROCHA, Y. T; DANTAS, A. O Litoral Brasileiro: Exploração, Ocupação, Preservação – um estudo comparativo entre regiões litorâneas dos estados de São Paulo e Rio Grande do Norte. Raega - O Espaço Geográfico em Análise, [S.l.], v. 17, jun. 2009. ISSN 2177-2738. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/10271>>. Acessado em: 03/04/ 2019.

PAZZINE, F. 1936 – Férias, Praia e Ubatuba. Taubaté, 2013. Disponível em: <<http://ubatubense.blogspot.com/2013/10/1936-ferias-praia-e-ubatuba.html>>. Acessado em: 14/03/2019.

PILAN, C. R. O Caiçara de Ubatuba. Transformações históricas de sua identidade coletiva e proposta de autotransformação como alternativa para sua sobrevivência. Dissertação (2006). PUC, São Paulo. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17149/1/O%20caicara%20de%20Ubatuba.pdf>>. Acessado em: 29/07/2019.

PRESTON, D.R. ROBINSON, C. Dialect Perception and Attitudes to Variation. Department of Linguistics, German, Slavic, Asian, and African Languages Gregory. Department of Audiology and Speech Sciences Michigan State University, 2005.

QUEIROZ, D. S. A Muralha. Brasília: EBRASA, 1971.

RAIMUNDO, S. ALMEIDA, M. V. SOLHA, K. T. ALDRIGUI, M. Análise da Cronologia

de Criação das Estâncias Turísticas no Estado de São Paulo. VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo 20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/28.pdf>>. Acessado em: 08/06/2019.

REIS, H. S. A relação porto-cidade em São Sebastião no contexto da sua evolução histórico-espacial. s/d Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal13/Geografiasocioeconomica/Geografiaespacial/18.pdf>>. Acessado em: 12/03/2019.

RIBEIRO, A. L. Zoneamento Geoambiental como subsídio ao Gerenciamento Costeiro do Litoral Norte do Estado de São Paulo. 2013. 134 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/286669>>. Acessado em: 24/03/2019.

ROSSI, D.M. Feriado de Páscoa deve atrair mais de 300 mil turistas ao Litoral Norte. Nova Imprensa. 17/04/2019. Disponível em: <<https://www.novaimprensa.com/2019/04/feriado-de-pascoa-deve-atrair-mais-de-300-mil-turistas-ao-litoral-norte.html>>. Acessado em 14/02/2019.

SAMPAIO, T. O Tupi na Geografia Nacional. Coleção Brasileira. Volume 380. São Paulo: Cia Nacional, 1987. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/429/1/380%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>>. Acessado em: 07/06/2019.

SANTOS, E. S. Praias da Tabatinga e das Galhetas: cenários atrativos e diferentes. Maranduba. s/d. Disponível em: <<https://maranduba.com.br/praiatabatingagalhetas.htm>>. Acessado em: 14/02/2019.

SÃO SEBASTIÃO (SP). Prefeitura. 2015. Disponível em: <<http://turismo.saosebastiao.sp.gov.br/pt/explorando-a-historia/sao-sebastiao-no-tempo/>>. Acessado em: 16/04/2019.

SOUZA, S.C. Elites Políticas em Caraguatatuba (1970 – 2000). 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/980/3326.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 02/05/2019.

SOUZA, V. M. LOUREIRO, C. F. B. Povos tradicionais caiçaras, educação escolar e justiça ambiental na Península da Juatinga, Paraty/RJ. In: Ambiente & Educação. Revista de Educação Ambiental Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Dossiê Conflitos; Injustiça, desigualdade e educação ambiental na América Latina Vol. 23, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/7214>>. Acessado em: 08/04/2019.

SUMMER, M. SAMUEL, A. G. The effect of experience on the perception and representation of dialects variants. Journal of memory and language 60 (2009) 487–

SUZUKI, J. C. LOPES, A. P. Vida do Jovem Caiçara na Prainha Branca: Modo de vida e representações sociais. Disponível em <http://egal2009.easyplanners.info/area08/8188_SUZUKI_Julio_Cesar.doc>. Acesso em: 18/06/2019.

TANURI, M. A. F Aspectos do discurso caiçara que se manifestam na entrevista de Dona Vanjelina de Ubatuba. (Dissertação). 2014. São Paulo: UNICSUL. Disponível em: <<https://www.cruzeirodosul.edu.br/wp-content/uploads/2015/10/MARTA-APARECIDA-DE-FARIA-TANURI-FINALIZADA-PDF-23-04-2015.pdf>>. Acessado em: 09/04/2019.

_____. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. Revista Intercâmbio, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/33524/23111>>. Acessado em: 09/04/2019.

TARALLO, F. A pesquisa sócio-linguística. Ática. 3ª edição. São Paulo, 1990.

THOMAS, E. Sociophonetics: An Introduction. Macmillan International Higher Education: 2010.

UBATUBA (SP). Prefeitura. 2016. Disponível em: <<http://www.ubatuba.com.br/sobre.asp>>. Acessado em: 16/04/2019.

Unidade de Caraguatatuba completa 5 anos com marca histórica de produção de gás. Petrobras. 2016. Disponível em: <<http://www.petrobras.com.br/fatos-e-dados/unidade-de-caraguatatuba-completa-5-anos-com-marca-historica-de-producao-de-gas.htm>>. Acessado em: 12/04/2019.

8 APÊNDICE

8.1 Questionário de diferencial semântico

TESTE DE PERCEPÇÃO DE FALA

Neste teste não há respostas corretas ou erradas. Você deve apenas indicar a sensação que teve ao escutar a fala. Após ouvir cada áudio você deverá escolher uma alternativa entre duas opções de características opostas. Após escolher a alternativa avalie o grau (POUCO /MUITO). Se considerar que as características não se aplicam ao áudio, escolha a opção NEUTRO.

Exemplo: Suponha que após escutar um áudio você encontre no questionário eletrônico a seguintes características para avaliar:

DESAGRADÁVEL		NEUTRO	AGRADÁVEL	
MUITO	POUCO		POUCO	MUITO

Em relação às características acima as opções de resposta são: Muito desagradável; Pouco desagradável; Pouco agradável; Muito agradável; Neutro (quando considerar que não é desagradável nem agradável).

CORES DOS DESCRITORES: **vermelho- Características da fala**, **verde-características psicológicas**, **rosa-características sociais**, **azul-características físicas** e **marrom-características culturais**.

PERFIL DO OUVINTE	
NOME:	IDADE:
SEXO:	ESCOLARIDADE:
LOCAL DE NASCIMENTO:	TIPO DE MORADIA:
FALA OUTRA LÍNGUA:	QUAIS OUTRAS LÍNGUAS?:
QUEIXA DE FALA OU AUDIÇÃO?:	QUEIXA DE FALA OU AUDIÇÃO?:
PROFISSÃO:	

ÁUDIO Nº:

QUESTÕES SOBRE A FALA	Nº	CARACTERÍSTICAS				
VOCÊ CONSIDERA ESSA FALA:	1.	DESAGRADÁVEL		NEUTRO	AGRADÁVEL	
		MUITO	POUCO		POUCO	MUITO
	2.	CONFUSA		NEUTRO	COMPREENSÍVEL	
		MUITO	POUCO		POUCO	MUITO
	3.	INCOMUM		NEUTRO	COMUM	
		MUITO	POUCO		POUCO	MUITO

QUESTÕES SOBRE O FALANTE	Nº	CARACTERÍSTICAS				
ASPECTO PSICOLÓGICO VOCÊ CONSIDERA ESSE FALANTE:	1.	ARROGANTE		NEUTRO	HUMILDE	
		MUITO	POUCO		POUCO	MUITO
	2.	ABORRECIDO(A)		NEUTRO	DIVERTIDO(A)	
		MUITO	POUCO		POUCO	MUITO
	3.	RUDE		NEUTRO	GENTIL	
		MUITO	POUCO		POUCO	MAIS
	4.	INGÊNUO(A)		NEUTRO	ESPERTO(A)	
		MUITO	POUCO		POUCO	MUITO

QUESTÕES SOBRE O FALANTE	Nº	CARACTERÍSTICAS			
ASPECTO SOCIAL VOCÊ CONSIDERA ESSE FALANTE:	1.	SIMPLÓRIO (A)		NEUTRO	SOFISTICADO (A)
		MUITO	POUCO		POUCO MUITO
	2.	MALSUCEDIDO (A)		NEUTRO	BEMSUCEDIDO (A)
		MUITO	POUCO		POUCO MUITO
	3.	PREGUIÇOSO (A)		NEUTRO	TRABALHADOR (A)
		MUITO	POUCO		POUCO MUITO

QUESTÕES SOBRE O FALANTE	Nº	CARACTERÍSTICAS			
ASPECTO FÍSICO VOCÊ CONSIDERA ESSE FALANTE:	1.	JOVEM		NEUTRO	IDOSO (A)
		MUITO	MENOS		POUCO MAIS
	2.	FRACO (A)		NEUTRO	FORTE
		MUITO	POUCO		POUCO MUITO
	3.	BAIXO (A)		NEUTRO	ALTO (A)
		MUITO	POUCO		POUCO MUITO
	4.	MAGRO (A)		NEUTRO	GORDO (A)
		MUITO	POUCO		POUCO MUITO

Instruções: Ouça o áudio e para cada item identificado abaixo, assinale com um X a característica que melhor combina com seu julgamento de qualidade.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO FALANTE:	NENHUM	FUNDAMENTAL / MÉDIO	SUPERIOR

SITUAÇÃO FINANCEIRA DO FALANTE:	BAIXA	MÉDIA	ALTA

TIPO DE TRABALHO DO FALANTE:	MANUAL	INTELECTUAL	ADMINISTRATIVO

QUAL REGIÃO DO FALANTE:	CAPITAL	INTERIOR	LITORAL

NACIONALIDADE DO FALANTE:	ESTRANGEIRO (A)	BRASILEIRO (A)

8.2 Formulário do perfil sociolinguístico do falante



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

PESQUISA “ A PERCEPÇÃO DE ATITUDES EM RELAÇÃO AO SOTAQUE CAIÇARA DO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO”

FORMULÁRIO- PERFIL DO FALANTE

PREENCHER OS DADOS ABAIXO

NOME:
IDADE:
SEXO:
ESCOLARIDADE:
LOCAL DE NASCIMENTO:
LOCAIS DE MORADIA:
FALA OUTRAS LÍNGUAS () SIM () NÃO QUAL (IS):
APRESENTA ALGUMA QUEIXA DE FALA? () SIM () NÃO QUAL (IS):
APRESENTA ALGUMA QUEIXA DE AUDIÇÃO? () SIM () NÃO QUAL (IS):
COSTUMA VIAJAR PARA OUTRAS LOCALIDADES? () SIM () NÃO ONDE:
PROFISSÃO:
O QUE ACHA DA SUA CIDADE E DA SUA REGIÃO? :

8.3 Tutorial desenvolvido para aplicação do script

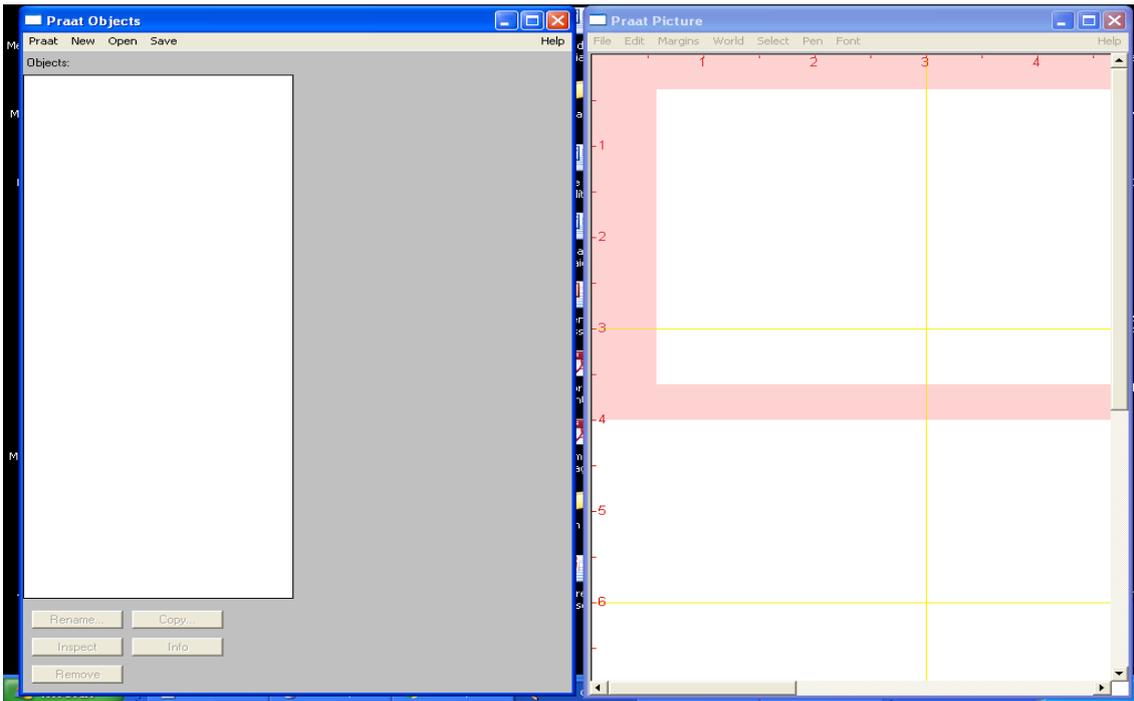


PUC-SP

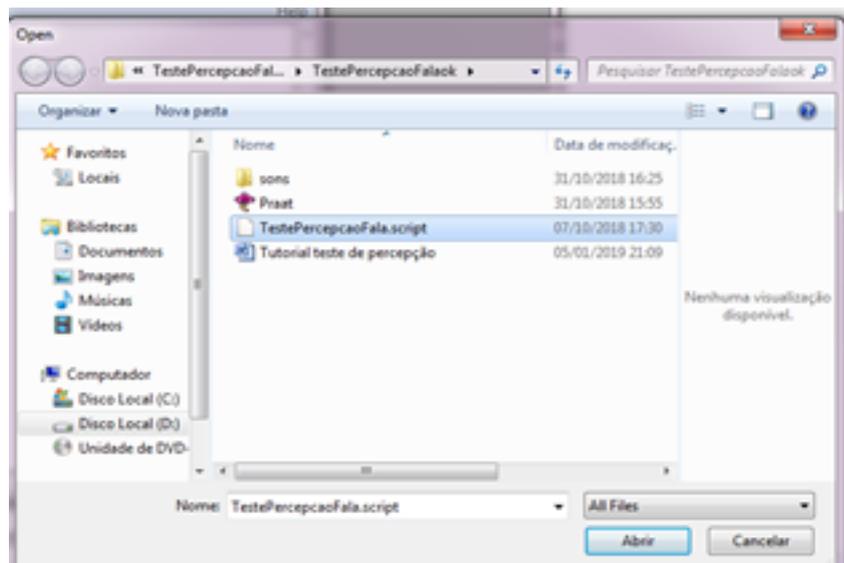
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Tutorial questionário de diferencial semântico

1. Baixe o arquivo rar TestePercepçãoFala (senha: 123456) em um diretório do seu computador. Sugestão pode ser no Desktop ou na pasta Documentos.
2. Caso não esteja na pasta TestePercepçãoFala o executável do Praat, baixe o PRAAT na página <http://www.praat.org> (há versões para Mac, Windows e LINUX). Baixe a versão para Windows adequada para o seu sistema se for Windows 64 bits, por exemplo, o arquivo praata6043_win64.zip.
3. Execute o programa praat.exe.
4. Ao iniciar o Praat serão abertas duas telas: Praat objects e Praat Picture.



5. Para aplicar o teste de percepção de fala devemos primeiramente abrir o script do teste. Para carregar o script no Praat devemos abrir o menu clique no “Praat” depois no submenu “Open praat script”.
6. Será aberta uma janela de seleção para escolher o arquivo do script. Procure na pasta TestePercepçãoFala o arquivo “TestePercepcaoFala.script” e clique em Abrir. Observe que se você o Praat na pasta TestePercepcaoFala o script deverá ser mostrado conforme a janela abaixo.



7. Com o script aberto selecione Run.

```

Script "C:\TestePercepcaoFala\TestePercepcaoFalascript"
File Edit Search Convert Font Run Help
# Variável global para
respostas$ = "";
#Inicio do script
@inicializarTestePercepcao
procedure inicializarTestePercepcao
    perfilOuvinte$ = ""
    respostasTeste$ = ""
    beginPause: "Teste de Percepção de Fala"
        comment: "Script Criado por Mario Madureira Fontes - Abril/2018"
        sentence: "Número do falante", ""
        escolhaMenu = endPause: "Sair", "Começar", 1
        if escolhaMenu = 1
            exitScript ()
        elsif escolhaMenu = 2
            respostas$ = número_do_falante$
            @cadastrarPerfil
        endif
    endproc
procedure cadastrarPerfil
    beginPause: "Cadastramento do Perfil"
        comment: "Importante! Preencher todo o perfil do ouvinte"
        sentence: "Nome", ""
        optionMenu: "Sexo", 0
            option: "Masculino"
            option: "Feminino"
        sentence: "Local de nascimento", ""
        optionMenu: "Fala outra língua", 0
            option: "Não"
            option: "Sim"
        sentence: "Quais outras línguas", ""
        optionMenu: "Queixa de fala ou audição", 0
            option: "Não"
            option: "Sim"
        sentence: "Quais queixas de audição", ""
        sentence: "Profissão", ""
        sentence: "Idade", ""
        optionMenu: "Escolaridade", 0
            option: "Ensino Médio Incompleto"
            option: "Ensino Médio"
            option: "Superior"

```

8. Aparece uma janela inicial do *script* com o texto “ Script Criado por Mario Madureira Fontes (2018)”. Nesta janela, insira um número para o falante e clique em Começar. Observação: o número inicial para os falantes é disponibilizado pela pesquisadora.



9. De início, abrirá uma página de cadastramento de perfil do ouvinte. Selecione de acordo com seu perfil e clique em OK.

Pause: Cadastramento do Perfil

Importante! Preencher todo o perfil do ouvinte

Nome:

Sexo:

Local de nascimento:

Fala outra língua:

Quais outras línguas:

Queixa de fala ou audição:

Quais queixas de audição:

Profissão:

Idade:

Escolaridade:

Tipo de moradia:

Revert Stop OK

10. O primeiro áudio será rodado para que iniciem as respostas do teste de percepção. O teste de percepção é composto por cinco partes de respostas. Para cada característica você poderá considerar uma impressão sobre a fala ouvida.

Parte 1: Como você considera essa fala? (Primeira escuta do áudio).

Pause: Parte 1/5

Como você considera essa fala?

Característica 1:

Característica 2:

Característica 3:

Revert Stop

Parte 2: Aspecto psicológico - Como voce avalia esse falante?

Pause: Parte 2/5

Qual aspecto psicológico você considera esse falante?

Característica 1: choice

Característica 2: choice

Característica 3: choice

Característica 4: choice

Revert Stop Continue

Parte 3: Aspectos sociais e econômicos - Como voce avalia esse falante?

Pause: Parte 3/5

Qual aspecto social você considera esse falante ?

Característica 1: choice

Característica 2: choice

Característica 3: choice

Revert Stop Continue

Parte 4: Aspecto físico - Como voce avalia esse falante?

Pause: Parte 4/5

Qual aspecto físico você considera esse falante?

Característica 1: Muito Jovem

Característica 2: Pouco Forte

Característica 3: Neuro

Característica 4: choice

Revert Stop Continue

Parte 5: Neste momento da aplicação do questionário, cada um dos arquivos sonoros será apresentado pela segunda vez. Após a apresentação de cada áudio, aparecerão alternativas para você julgar mais quatro características do falante. Após selecionar as alternativas que julgar adequadas, clique em Continue.

The screenshot shows a software window titled "Parte 5/5". It contains five questions, each followed by a choice-based input field:

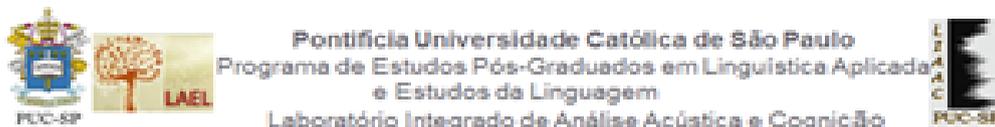
- Question 1: "Que nível de escolaridade tem esse falante?" followed by "Escolaridade do falante: choice".
- Question 2: "Esse falante demonstra qual situação financeira?" followed by "Situação financeira do falante: choice".
- Question 3: "Que tipo de trabalho esse falante tem?" followed by "Trabalho do falante: choice".
- Question 4: "De qual região você acha que esse falante é?" followed by "Região do falante: choice".
- Question 5: "Qual nacionalidade desse falante?" followed by "Nacionalidade falante: choice".

At the bottom of the window, there are three buttons: "Revert", "Stop", and "Continue".

11. Após serem ouvidos todos os áudios e respondido ao teste de percepção, o arquivo ColetaDados.csv será gerado automaticamente no seu computador. Obs: Caso o teste seja respondido por várias pessoas no mesmo dia, as respostas serão geradas na mesma tabela automaticamente. Com o término, favor encaminhar a planilha do Excel para martanativa@hotmail.com. Muito obrigada!

ANEXOS

9.1 Termo de consentimento livre e esclarecido



Termo de consentimento livre e esclarecido

Nome do(a) Participante:

Data: / /

Endereço:

Bairro:

Cidade:

Estado:

CEP:

Telefone: ()

RG:

CPF:

Nome do Pesquisador Principal: Maria Aparecida de Faria Tanuri Oliveira

Instituição: Laboratório Integrado de Análise Acústica e Cognição da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – LIAAC-PUCSP

Título do estudo: A percepção de atitudes em relação ao sotaque caipara do Litoral Norte de São Paulo.

Propósito do estudo: Procedimento: Gravação de áudios de fala semi-espontânea de falantes do Litoral Norte de Paulo.

1. **Riscos e desconfortos:** nenhum.
2. **Benefícios:** Minha participação é voluntária e não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento sobre as variações de produção de sons no Português Brasileiro, como também para futuros estudos na área das Ciências da Fala.
3. **Direitos do participante:** Eu posso me retirar deste estudo a qualquer momento, sem sofrer nenhum prejuízo e tenho direito de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas.
4. **Compensação financeira:** Não existirá despesas ou compensações financeiras relacionadas à minha participação no estudo.
5. **Incorporação ao banco de dados do LIAAC:** Os dados obtidos com minha participação, na forma de gravações em áudio e vídeo serão incorporados ao banco de dados do LIAAC, cujos responsáveis zelarão pelo uso e aplicabilidade das amostras exclusivamente para fins científicos, apenas consentindo o seu uso futuro em projetos que atestem pelo cumprimento dos preceitos éticos em pesquisas envolvendo seres humanos. Algumas amostras poderão ser usadas em publicação referente ao modelo, sem que haja identificação do falante e sem que seus direitos sejam atingidos.
6. **Em caso de dúvida quanto ao item 5, posso entrar em contato com os responsáveis pelo banco de dados do LIAAC (Profa. Dra. Sandra Medeiros, Profa. Dra. Zuleica Camargo, e Prof. Márcio Fontes) no telefone: (11)3070-8333.**
7. **Confidencialidade:** Compreendo que os resultados deste estudo poderão ser publicados em jornais profissionais ou apresentados em congressos profissionais, sem que minha identidade seja revelada.
8. **Se tiver dúvidas quanto à pesquisa descrita posso telefonar para o pesquisador Maria Aparecida de Faria Tanuri no número (12) 997377076 a qualquer momento.**

Eu compreendo meus direitos como um sujeito de pesquisa e voluntariamente consinto em participar deste estudo e em ceder meus dados para o banco de dados do LIAAC. Compreendo sobre o que, como e porque este estudo está sendo feito. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Assinatura do sujeito participante

Data: 18/02/17

Assinatura do pesquisador

9.2 Parecer do comitê de ética- PUC/SP



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A percepção de atitudes em relação ao sotaque caiçara do Litoral Norte de São Paulo

Pesquisador: MARTA APARECIDA DE FARIA TANURI OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 13702719.2.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.344.060

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Tese de Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PEPG em LAEL), vinculado à Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes (FAFICLA) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Marta Aparecida de Faria Tanuri Oliveira, sob a orientação da Profa. Dra. Sandra Madureira.

A proposta informa resumidamente que "(...) As populações que nasceram e vivem em regiões litorâneas, especificamente na região sudeste do litoral do Brasil, são chamadas de caiçaras. Apresentam tipicidade cultural que se manifesta, entre outros setores, na dança, no artesanato, na música e na culinária. Também apresentam vocabulário com características próprias. A população, caracterizada pelo sotaque caiçara, é muito reduzida. Este trabalho tem como objetivo analisar a atribuição de atitudes a partir da percepção de amostras de fala de caiçaras. O corpus da pesquisa compreende gravações de fala semiespontânea, frases do corpus brasileiro do projeto AMPER-POR e enunciados elaborados pela própria pesquisadora. Os sujeitos da tarefa de produção da fala são homens e mulheres entre 30 e 80 anos moradores do Litoral Norte de São Paulo. Foi realizado um perfil sociolinguístico dos sujeitos das gravações e construído um questionário de diferencial semântico, contendo descritores que permitam avaliar atitudes em relação ao falar caiçara. Tal



instrumento contempla a avaliação de atributos psicológicos, sociais, econômicos e físicos, identificação da região de origem dos falantes e de características de sua fala. Como juízes da tarefa de percepção, atuam falantes adultos de ambos os sexos oriundos de diversas regiões do Brasil (paulistanos, cariocas, paulistas) e os próprios caiçaras com residência em Ubatuba. Para a aplicação da tarefa de percepção será utilizada uma plataforma digital. Os quesitos constituintes do questionário de diferencial semântico serão apresentados e discutidos, bem como os resultados da aplicação da tarefa de percepção. Este estudo pretende contribuir para a divulgação da fala dos caiçaras, que é rica em estratégias interativas. Trata-se, portanto, de uma proposta de investigação sociofonética que enfoca a percepção da fala, a qual desempenha função fundamental na comunicação. Toda língua é um conjunto heterogêneo e diversificado, propensa a variações, porque as sociedades humanas têm experiências históricas, sociais, culturais e políticas diferentes e essas experiências se refletem no comportamento linguístico de seus membros.*

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Esta pesquisa tem como objetivo obter de ouvintes de diversas localidades brasileiras as impressões causadas pelo falar caiçara por meio da aplicação de um questionário de diferencial semântico que contém descritores que permitem avaliar as impressões dos ouvintes sobre atributos psicológicos, sociais, econômicos a partir da escuta da fala.

Objetivo Secundário:

Divulgar o falar caiçara do Litoral Norte de São Paulo

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado nas Resoluções CNS/MS n. 466/12 e CNS/MS n. 510/2016 que tratam das pesquisas que envolvem seres humanos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O trabalho encontra-se em boa fase de desenvolvimento; é bem estruturado e bem escrito; prenuncia resultados contributivos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa



Continuação do Parecer: 3.344.060

pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;
2. TCLE - OK;
3. Ofício de Apresentação - OK;
4. Projeto de Pesquisa - OK;
5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;
6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sitio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 486/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.



Continuação do Parecer: 3.344.060

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem Pendências e Lista de Inadequações, portanto, somos de parecer favorável à aprovação e realização do projeto de pesquisa em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1323245.pdf	15/04/2019 14:18:19		Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	15/04/2019 14:16:45	MARTA APARECIDA DE FARIA TANURI OLIVEIRA	Aceito
Parecer Anterior	martapareceracademico.docx	15/04/2019 11:28:28	MARTA APARECIDA DE FARIA TANURI OLIVEIRA	Aceito
Outros	oficio.docx	28/03/2019 15:26:57	MARTA APARECIDA DE FARIA TANURI OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcleok.doc	28/03/2019 15:26:23	MARTA APARECIDA DE FARIA TANURI OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	28/03/2019 10:52:20	MARTA APARECIDA DE FARIA TANURI OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 23 de Maio de 2019

Assinado por:
Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))